Lisboa Antiga

POR

JULIO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO

Consideravelmente accrescentada

LISBOA

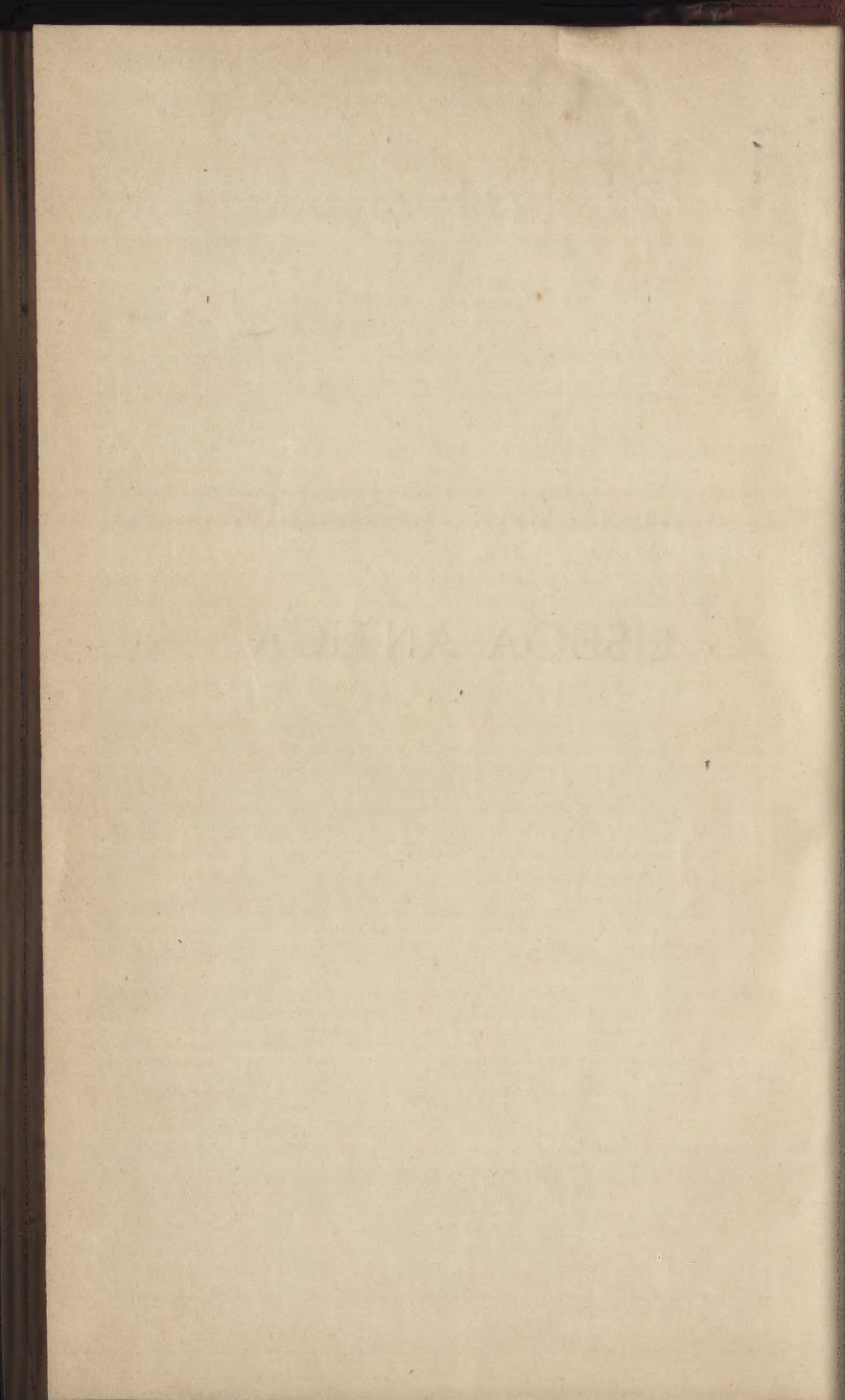
Antiga Casa BERTRAND — JOSÉ BASTOS

73 — Rua Garrett — 75

1903

Para o meu bom Amigo o
Dr. Antonio d'Ordaz
se entreter alguns pedaços, á
tarde, no seu terraço de Ca-
neças, pensando na velha Lis-
boa, e no seu velho amigo

Julio de Castilho

Lumiar 1 de Agosto de 1903

LISBOA ANTIGA

Lisboa Antiga

POR

JULIO DE CASTILHO

2.ª EDIÇÃO

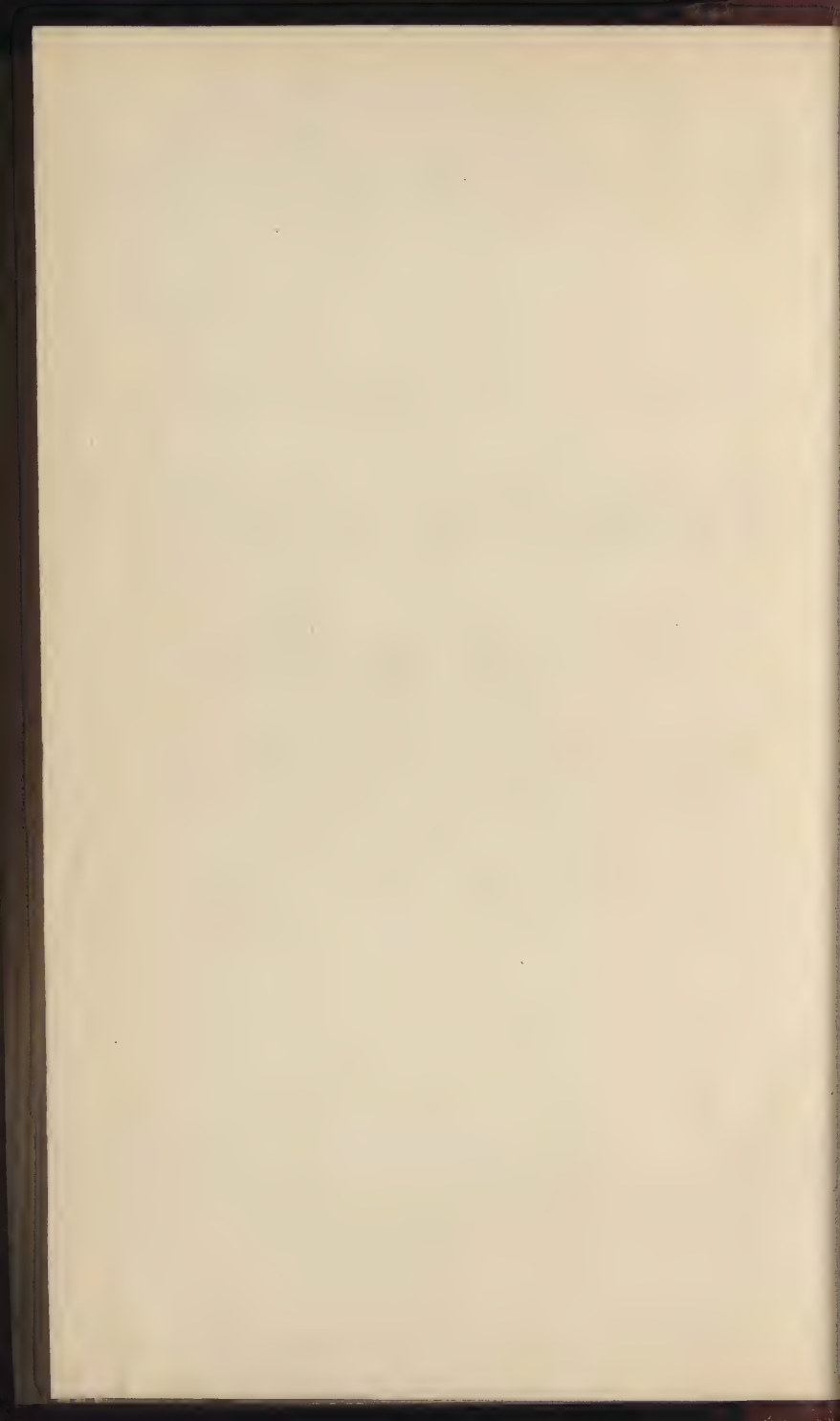
Consideravelmente accrescentada

LISBOA
Antiga Casa BERTRAND — JOSÉ BASTOS
73 — Rua Garrett — 75
1903

O BAIRRO ALTO

DE

LISBOA

VOLUME III

CAPITULO I

Abre-se-nos com este capitulo o largo estudo de um interessantissimo edificio, que todos conhecemos intacto até ha poucos annos, e que desappareceu por um incendio, e por uma reconstrucção peor ainda que o fogo.

Entremos em materia.

*

Defronte do palacio que pertenceu aos Marquezes de Vallada, e ao poente do que pertence aos Duques de Palmella, erguia-se a grande, muito regular, e muito elegante habitação urbana dos Condes do Sobral, herdeiros e representantes do fundador. Quem ali passava, notava sempre aquelle palacio grandioso, luxuoso, traçado no gosto mais apurado do seculo XVIII; quem entrava, achava um largo pateo interior, soberbas escadarias, magnificos salões, e azulejos de primeira ordem. Occupava este edificio todo um quarteirão.

Se bem que a varonia dos Condes do Sobral seja hoje Mello, da Casa de Ficalho, como o actual Conde representa seu 3.° avô Anselmo José da Cruz Sobral, e o benemerito irmão d'este, Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, dois homens a quem muito ficou devendo a civilisação portugueza, pelo commercio e pela industria, falemos dos fundadores antes de estudarmos o palacio.

*

A esta singular familia dos Cruzes coube na sociedade portugueza do seculo XVIII brilhantissimo papel; prova clara de quanto pode a perseverança unida á intelligencia e á honradez.

De modesta origem (como aliás todas as mais illustres raças do mundo) soube elevar-se de pressa aos cumes das honras sociaes, e deixar profundo rasto, que não tem de apagar-se nunca.

Comecemos pelo principio.

*

Na freguezia do Sacramento em Lisboa, na travessa *do Sacramento,* vivia nos fins do seculo XVII, e na primeira parte do seculo XVIII, um homem honrado e serio

I — João Francisco da Cruz, casado com Joanna Maria de Sousa. D'elles nasceram varios filhos, que, pelo seu comportamento, abonam o caracter dos paes. Um bom filho faz sempre o elogio dos seus educadores.

Foi primogenito:

2 — *Antonio José da Cruz*. Tomando Ordens, entrou muito moço na Congregação do Oratorio, ás Necessidades. Teve por irmãos:

2 — *José Francisco da Cruz*,

2 — *Joaquim Ignacio da Cruz*,

2 — *Anselmo José da Cruz*, que todos seguiram a carreira commercial, e duas irmans,

2 — *D. Agostinha Maria dos Prazeres*,

2 — *D. Theresa Perpetua de Jesus*, que ambas receberam o veo de Freiras no mosteiro de Chellas.

*

O Padre Antonio José, está-se a perceber que sahiu dotado pela Natureza com grande bondade, genio gazalhador e amigo de ajudar os esforços do trabalho; devorava-o uma ambição por conta alheia, e feita, por assim dizer, de caridade. Pelas relações que lhe soube grangear o seu caracter sizudo, teve ensejo de proteger os irmãos, e encarreiral-os, como se vai ver.

Ha sobre isso uma interessante versão, que alguns tratam de lenda, mas que me parece dever acceitar-se, por ser verosimil, por ser contemporanea, e por derivar de informador sizudo.

Conta o minucioso e palreiro Ratton, no livro das suas *Recordações*, que o sagacissimo Sebastião José de Carvalho e Mello, antes de vir a ser o grande Marquez, não desprezou qualquer meio licito que se lhe deparasse de chegar aos seus fins; e desejando ardentemente escalar a cadeira de Ministro, porque a sua consciencia lhe segredava talvez um

futuro assombroso, cultivava com assiduidade as relações de certo Oratoriano de S. Filippe Nery, o Padre Domingos de Oliveira, então valído d'el-Rei D. José, e muito familiar do Paço. Tomava Sebastião José o caminho mais curto; o seu talento, os seus grandes serviços diplomaticos, a sua sciencia administrativa, podiam valer muito; porém valeriam mais, se fossem opportunamente recommendados na presença do Rei.

Muita vez a azinhaga encurta a estrada Real.

Outro Oratoriano com quem se dava, nas suas idas ás Necessidades, foi o Padre Cruz, intelligencia fina e pratica, admirador do caracter e das luzes do futuro Estadista, aquelle homem singular e excepcional, que já então, no seu porte, no seu aspecto, na sua calculada reserva, nos seus relances de aguia, devia infallivelmente revelar a olhos perspicazes um gigante de talento.

Como o gosto maior do Padre Cruz era ser util, e como lhe pareceu que um sujeito d'aquella esphera, instruido, energico, prudente, e conhecedor da politica europêa, podia vir sem duvida a prestar altissimo serviço a Portugal, favoreceu-o no conceito do seu collega Domingos de Oliveira; e d'este sollapado conluio resultou ser em breve chamado para Ministro do Reino o homem, ainda relativamente obscuro, que se chamava Sebastião José de Carvalho e Mello.

Essas relações, e esses serviços indirectos, fizeram d'elle um amigo, o que é raro, e um amigo grato, o que é rarissimo. O Padre Antonio foi muito attendido sempre pelo Ministro, conseguiu n'aquelle

elevado espirito muita preponderancia, e empenhou-se em utilisal-a em favor dos seus.

*

O seguinte irmão do nosso Oratoriano

2 — *José Francisco da Cruz*, tinha ambicionado entrar no commercio, e tinha ido estabelecer-se na Bahia.

Pela probidade e pelo trabalho, tinha alcançado n'aquella praça a melhor reputação; o seu voto era attendido de todos; a sua palavra, um Evangelho. Aquelle theatro, porém, parecia-lhe pequeno; e instigado do Padre Antonio, que se fiava no seu bom empenho junto do Ministro, voltou para Portugal, ainda em vida dos paes, que de certo tiveram a antevisão dos brilhantes destinos dos descendentes.

Casou, e enviuvou; casou segunda vez, e teve tres filhos.

*

Fundára-se em 7 de Junho de 1755 a Companhia geral para plantação e arroteamento da Capitania do Gran-Pará e Maranhão, por iniciativa do eminente Ministro. Era o meio mais efficaz de desbravar vastissimas regiões, desaproveitadas até então, e d'onde a mão do Commercio ia sacar milhões em proveito de Portugal. O enthusiasmo que a fundação da esperançosa Companhia excitou em toda Lisboa, concebe-se bem; e a sahida das suas frotas embandeiradas, para a conquista pacifica do vellocino de oiro, inspirou a Domingos dos Reis Quita

o seguinte, que não é das obras mais somenos da sua lyra. Está-se a perceber a scena! ao lisboeta agradaram sempre as abaladas para longes terras. Como se espalhára a noticia, os altos e miradoiros espreitavam o Tejo; e á hora indicada, entre uma alluvião de catraios cheios de amigos saudosos, levantaram ferro as valentes barcas, abriram as azas, e com bom vento deslizaram em demanda da barra.

O enthusiasmo de Quita inspirou-lhe este

SONETO

Rompentes quilhas, que do Tejo undoso
as crystallinas aguas dividindo,
ides tanta riqueza conduzindo
ao ponto mais feliz, mais proveitoso,

tornae ao commerciante, que gostoso
da sêcca praia vos está seguindo,
sem que ás concavas vellas impellindo
vão os sopros do vento tormentoso.

Chegae pois ás correntes do selecto
Gran-Pará; consegui toda a victoria,
sem ver da desventura o horrendo aspecto

Novo assumpto dareis á larga Historia,
se render tanto fructo este projecto,
quanto a seu Fundador rende de gloria.

*

Progrediu a Companhia, sob a direcção de abalisados Directores. Passou tempo. Um dos Deputa-

dos d'ella, Domingos de Bastos, desagradou a Sebastião José, não sei dizer a rasão, e viu-se demittido; para esse logar vago foi pelo Padre Antonio recommendado ao Ministro José Francisco da Cruz, e nomeado, logo no segundo triennio. Como conhecedor do Brazil prestou tão bom serviço no seu cargo, que deu na vista, e mereceu chamado a Provedor da Junta do Commercio.

D'ahi em diante, não havia empreza em que elle não entrasse; vemol-o Director da Real Fabrica das sedas, Director da Fabrica de lanificios da Covilhan e Pombal, Vice-Provedor da Junta da Companhia geral de Pernambuco e Parahiba. Concorreu com o seu trabalho e os seus fundos para a instituição da Aula do Commercio, onde se ensinava Francez (pouco sabido então entre nós), e Geographia (inteiramente ignorada, segundo Ratton, «até mesmo dos Desembargadores»); e a sua enorme actividade empregou-se em collaborar na faina colossal da reedificação de Lisboa. Sob a direcção do omnipotente Ministro, e auxiliado por João Henrique de Sousa, organisou o plano para a fundação do Real Erario, e conseguiu ser elevado a Thesoireiro-mór do mesmo, e logo a Conselheiro effectivo da Real Fazenda.

Como se vê, era vasto o caminho percorrido desde o modesto lar de seus paes até ás eminencias da carreira. A influencia d'elle era já reconhecida. Ahi está o Tomo III do *Anatomico jocoso,* que em 1758 lhe é respeitosamente dedicado pelo auctor (fosse quem fosse), em termos que bem demonstram o alto conceito em que o tinha o publico portuguez.

*

Na guerra de 1762 foi creada uma Junta do provimento geral das Tropas, e ahi foi José Francisco Substituto do Marquez de Pombal. Deu tão acertadas providencias, portou-se com tanta actividade gerindo o complicado machinismo, e apresentou tão boas contas, que recebeu como premio o fôro de Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, por Alvará de 17 de Janeiro de 1763.

Por Carta de 7 de Fevereiro do mesmo anno foi-lhe doada de juro e herdade a Capella instituida pelo Conego Gonçalo Martins, e que constava da quinta da Alagôa e casas a ella annexas, etc., ficando a dita quinta em cabeça de morgado com o titulo de Alagôa; não é, parece, aquella onde está hoje o telegrapho submarino, mas sim a outra em Carcavellos, onde ha com effeito uma grande lagôa, comprada ha annos pelo snr. D. Vasco de Figueiredo Cabral da Camara, casado com a snr.ª D. Eugenia de Mello, filha dos actuaes Condes do Sobral.

Foi tambem José Francisco do Conselho d'el-Rei, e teve Brasão de Armas em 1765, creando appellido novo, e passando a denominar-se José Francisco da *Cruz Alagôa*.

*

Nada d'isto, porém, o tornava orgulhoso; tratava as partes com a mesma affabilidade, e applicava-se á tarefa com o mesmo zelo.

Por fallecimento do Desembargador Francisco

Xavier Porcille (1), Administrador da Alfandega grande, foi dado esse logar ao Morgado da Alagôa, ficando tambem Presidente de todas as Alfandegas do Reino.

*

Custa a crer como chegava um homem só para gerir tantos cargos; mas chegava; o exemplo vinha de mais alto; a força intellectual do primeiro Ministro era, por assim dizer, contagiosa.

---

(1) Estes Porcilles principiam ca em Francisco Xavier Porcille, que em 1727 foi nomeado Cavalleiro na Ordem de Christo (*Torre do Tombo, Habilitações, Lettra F, Masso 38, n.º 63*). O seu processo é interessantissimo. Era familia considerada de jurisconsultos, e subiu muito. O 1.º Visconde de Santarem casou em 1.as nupcias com D. Marianna Rita Xavier Porcille Okelli Ribeiro Rangel, filha herdeira de Antonio Bernardo Xavier Porcille, do Conselho de S. M., Desembargador, etc., e de D. Marianna Okelly. O palacio dos Porcilles, Porsili, ou Possilli (que assim, por estas variadas formas, se escrevia e pronunciava no publico esse appellido) ficava na freguesia do Soccorro. Ahi moraram e nasceram muitos membros da familia. É o actual palacio que pertenceu ao Barão da Folgosa, depois a sua filha a snr.ª Condessa de Geraz do Lima, e hoje ao 3.º viuvo d'esta senhora. Para este palacio, cuja entrada era por um portão defronte da egreja parochial do Soccorro, antes da abertura do 2.º lanço da rua Nova da Palma, foi transferido em 1813 o Collegio de Miguel Bourdiec, francez, que alardeava em publico as suas presumpções (talvez fundadas) de eminente calligrapho. As terras *de Porciles*, pertencentes ao mesmo casal, e situadas no termo de Alcacer do Sal, arrendavam-se tambem então. O *Collegio francez* mudou-se em Julho de 1819 para a rua direita de S. Paulo, n.º 5, e o palacio do Soccorro alugava-se ou inteiro, ou em quartos separados.

Além dos negocios officiaes, sobrava ensejo a José Francisco da Cruz Alagôa para auxiliar os amigos trabalhadores, e encaminhal-os. Jacome Ratton confessa que, tencionando estabelecer nos arredores da Capital uma grande fabrica de estamparia, se lhe difficultou nas regiões officiaes a concessão do privilegio. E quem lh'a difficultou? o seu amigo José Francisco; e porquê? por bem; por entender que o salvava da ruina aonde ia precipitar-se, segundo elle mesmo confessou ao interessado annos depois. Portanto, parecendo empecel-o, prestou-lhe valioso auxilio.

*

Era muito religioso o nosso Morgado da Alagôa, e tinha o seu nome inscripto em diversas Confrarias; pois comparecia a todas as sessões, e era apreciadissima a sua opinião e a sua influencia.

Para a edificação da nova parochia de Santa Isabel despendeu grosso cabedal; e achando-se a freguesia provisoriamente estabelecida na ermida de Santo Ambrosio, que ainda conheci, lá em baixo, na rua do mesmo nome, despojou-se Alagôa de 1:574 marcos de prata da sua riquissima baixella, e doou-os á Irmandade do Santissimo em 27 de Outubro de 1753 para se continuar a obra do novo templo.

*

Fundado o Collegio dos Nobres, a sua intendencia foi commettida a este homem notavel, cuja saude

abalada pelo trabalho diminuia a olhos vista, mas cujo zelo e enthusiasmo não sabia affrouxar. O mais que fez foi alcançar a nomeação de seu digno irmão Joaquim Ignacio, como serventuario dos seus varios empregos, e ir pedir aos ares de Mafra algum allivio aos seus padecimentos. Nada conseguiu, e tornando a Lisboa partiu para a sua quinta de Carnide, hoje pertencente á snr.ª Condessa de Carnide, e ahi falleceu pelas 2 horas da madrugada de 16 de Maio de 1768.

D'ahi o transportaram com um brilhante cortejo para a capella mór de Santa Isabel, padroado seu, onde jaz.

Assistiu-lhe a Irmandade dos Clerigos pobres, e viram-se no sequito funerario os Ministros de Estado, os Grandes, a Nóbreza, e o Povo que elle tanto amára.

*

José Francisco deixou o seu nome vinculado a todas as emprezas uteis do seu tempo, e despendeu largas sommas em alliviar a pobreza de Lisboa; mas (o que é honrosissimo para a sua memoria) deixou a casa em estado pouco prospero de fortuna, porque o seu tempo era empregado nos negocios publicos, não lhe chegando para a sua propria administração.

Transcreverei aqui o seguinte Decreto, que plenamente confirma o que digo:

«Sendo-me presentes os embaraços em que se acha implicada a casa de José Francisco da Cruz

Alagôa, em rasão de elle ter desamparado as suas particulares dependencias para melhor se empregar no meu Real Serviço;

«Attendendo a que Joaquim Ignacio da Cruz, testamenteiro do supracitado defunto, e tutor dos orphãos seus filhos, está actualmente tão occupado no mesmo Real Serviço, que não poderá concluir as ditas dependencias com a necessaria promptidão; e

«Querendo fazer mercê aos orphãos, em attenção aos serviços do referido seu pae:

«Hei por bem Nomear seu contutor, e administrador de sua casa, a Antonio José, seu tio, por esperar d'elle que bem desempenhará esta nomeação.

«A Meza do Desembargo, etc.— Ajuda, 3 de Setembro de 1768.—Rei.»

CAPITULO II

Feita a rapidos traços essa historia summarissima da vida do Morgado da Alagôa, falarei de seu irmão immediato.

Não merece menos

2 — *Joaquim Ignacio da Cruz*.

Nascido a 27 de Setembro de 1725, foi baptisado a 14 de Outubro. Reflexivo e applicado desde creança, deu mostras de sizudez precoce, e foi chamado para a Bahia por seu irmão José, que principiou a instruil-o nos segredos da vida commercial honesta. Em 1737 já lá se achava, e lá ficou depois da tornada de seu irmão para Lisboa.

A representação d'este na Capital, e a larga influencia sempre crescente do bom Padre Antonio, auxiliaram-n-o na obtenção da mão de uma rica herdeira bahiana, filha unica, D. Anna Joaquina Ignacia da Cunha, filha de um Brazileiro cujo nome ignoro, e de D. Maria da Encarnação Corrêa. A essa joven senhora ligou Joaquim Ignacio o seu destino, e os haveres d'ella auxiliaram-n-o de certo

no desenvolvimento do seu commercio. Parece que a fortuna da noiva se achava onerada de dividas passivas reputadas incobraveis. Conseguiu o activo Oratoriano um Decreto para seu irmão Joaquim poder cobrar executivamente dos seus devedores e dos da casa de sua mulher os seus creditos; realisou tudo, e retirou-se em 1765 para Lisboa, com sua mulher e sua sogra, ao chamamento de José Francisco, já então Fidalgo da Casa Real, do Conselho d'el-Rei, Conselheiro da Fazenda, etc.

Em 30 de Abril de 1767 foi nomeado Administrador da Alfandega, como substituto do irmão, e logo depois Provedor da Junta do Commercio e da Companhia do Gran-Pará, Inspector das Obras publicas, e Director das Fabricas; e por morte de Alagôa em 1768 succedeu na effectividade a todos os cargos d'elle.

Em 20 de Outubro de 1768 foi nomeado Conselheiro da Fazenda de capa e espada; em 21 teve a carta do Conselho; e por Alvará de 5 de Janeiro de 1769 obteve o fôro grande.

*

Segundo se está vendo, havia n'esta gente predicados excepcionaes, que chamavam desde todo o principio a attenção do grande Reformador; não attribuâmos tudo ao *empenho* do Padre, se bem que não possâmos duvidar de que a sua habil suggestão valesse de muito.

O Padre, como irmão mais velho, era tido pelos Cruzes, diz Ratton, «como pae, e ponto central da

familia». Deveu ter sido assim; mas é innegavel que o olhar de aguia do Marquez de Pombal descobriu o que valia esta irmandade, entre os mem-

Joaquim Ignacio da Cruz Sobral

bros mais conspicuos do alto commercio, e a pôz na sua luz verdadeira; é esse o segredo dos estadistas: aproveitar os servidores conforme as suas

aptidões. Ratton, apesar de parecer alguma vez pouco affeiçoado aos Cruzes, confessa «a influencia que a familia teve no estabelecimento de fabricas, adiantamento do commercio, e mesmo a sua representação pelos empregos que occuparam». N'outra parte declara a sua estreita amisade com elles, e diz que, sendo valídos do Marquez de Pombal, podiam considerar-se «chefes então do corpo do commercio, de que muito se honravam.»

Pombal teve dois irmãos: Francisco Xavier de Mendoça, Ministro da Marinha, e Paulo de Carvalho, Monsenhor e Presidente do Senado. A harmonia dos tres, a intelligencia dos tres, deviam lembrar-lhe a intelligencia, a laboriosidade, a harmonia dos tres Cruzes, e demonstrar-lhe que as riquezas accumuladas por estes eram garantia dos seus serviços. Lá esculpe Ratton esta sentença, de todo o ponto verdadeira:

«Promover um cidadão os seus interesses, sem ser á custa do Estado, é promover egualmente os interesses do mesmo Estado.»

*

Ha muitos exemplos, na nossa Historia, d'estes infatigaveis labutadores commerciaes e industriaes, nobilitados não pelo capricho dos Reis, mas pela justiça dos Governos. Bartholomeu Joannes, o amigo d'el-Rei D. Diniz, Fernão Lourenço, o navegador opulento, os Marchiones, poderosos armadores, Fernão Gomes da Mina, o arrematante dos contractos africanos, e ampliador de largas leguas

de costa, Antão Vaz de Crasto do Rio, o generoso argentario, Lucas Giraldes, que repartiu os seus celleiros com o povo em certa crise, Diogo Rodrigues do Alamo, os Bandeiras, os Machados Pintos, os Quintellas, são potentados financeiros da mesma laia d'estes Cruzes, cuja intelligencia, cuja actividade, e cuja bolsa, se transformavam em bem geral.

Quê! só os guerreiros é que valem? E estes luctadores da paz, estes valentes, que personificam o calculo commercial e a expansão da riqueza publica, não são tanto como elles?

*

Quiz o opulento Joaquim Ignacio da Cruz firmar em base estavel a sua preponderancia, e n'esse intento nada desprezou. Proventos e honras eram para elle os instrumentos da sua influencia proveitosa.

*

Morando em Lisboa, onde, pela sua elevada posição, tão nobremente conquistada, pelo seu trabalho e pela sua honradez, era consideradissimo, quiz fundar na Capital uma residencia digna de si, e ergueu n'aquelle concorrido sitio, na esquina opposta ao palacio dos Sousas Calharizes, uma habitação principesca. Só lhe faltou espaço para jardim.

No testamento de Joaquim Ignacio é designada esta casa (segundo me informa pessoa que o sabe) como palacio *da Cruz de pau.* Hoje a Cruz de pau não é precisamente ahi, mas vejo que era assim

chamado aquelle sitio até á calçada *do Combro* no seculo XVIII. «Á rua *da Cruz de pau,* junto ás casas do Monteiro mór» — são palavras de um annuncio da *Gazeta de Lisboa* de 3 de Novembro de 1729. E ainda no primeiro quartel do seculo XIX vejo que outro annuncio chama a essas mesmas casas dos Marquezes de Olhão, onde estava então o Correio geral, e esteve muitos annos, o «palacio *da Cruz de pau.*» (1)

No seculo XVII dizia-se *Cruz do pau,* segundo vi no requerimento de um tal Amaro de Barros para Familiar do Santo Officio, em 1672 (2).

*

A data da edificação do palacio, não a sei; mas póde talvez collocar-se entre 1770 e 1780. Sinto que se não usasse, e não comece a usar-se agora, por ordem da Camara, e de uma vez para sempre, gra-

---

(1) Esse Aviso publicado na *Gazeta de Lisboa* n.º 299 de 13 de Dezembro de 1820, diz assim:

«No dia 20 do corrente, pelas 3 horas da tarde, nas casas do Desembargador José Firmino Giraldes Quelhas, na travessa de José Vaz — (de José Vaz de Carvalho, ao Campo de Sant'-Anna) — se ha-de arrematar o palacio da Cruz de pau, onde se acha o Correio.»

Arrematar como, se elle hoje ainda subsiste na posse dos herdeiros da Casa de Olhão? seria para partilhas? entraria elle nos bens allodiaes da familia?

Para ver se podia preencher esses pontos de interrogação, dirigi-me a pessoa que podia esclarecer-me, ou pelo menos encaminhar buscas, mas não tive resposta.

(2) Torre do Tombo — *Familiares.*

var em qualquer esquina de todos os predios, grandes ou pequenos, e em lettras bem visiveis, o nome do architecto, com a data da conclusão da obra.

Que subsidio para a historia da Arte!

*

Ha quem diga, mas não conheço o fundamento, que este palacio foi reedificado sobre outro que ali existia, confiscado a um filippino no seculo XVII. Ignoro quem fosse o filippino, e tambem se os Cruzes foram reedificadores, ou, como me parece provavel, edificadores desde o alicerce. Ali tudo era seculo XVIII; tudo, desde o embasamento até aos torreões monumentaes das esquinas, revelava um traçado harmonico, e em parte nenhuma se viam os enxertos anachronicos de uma adaptação.

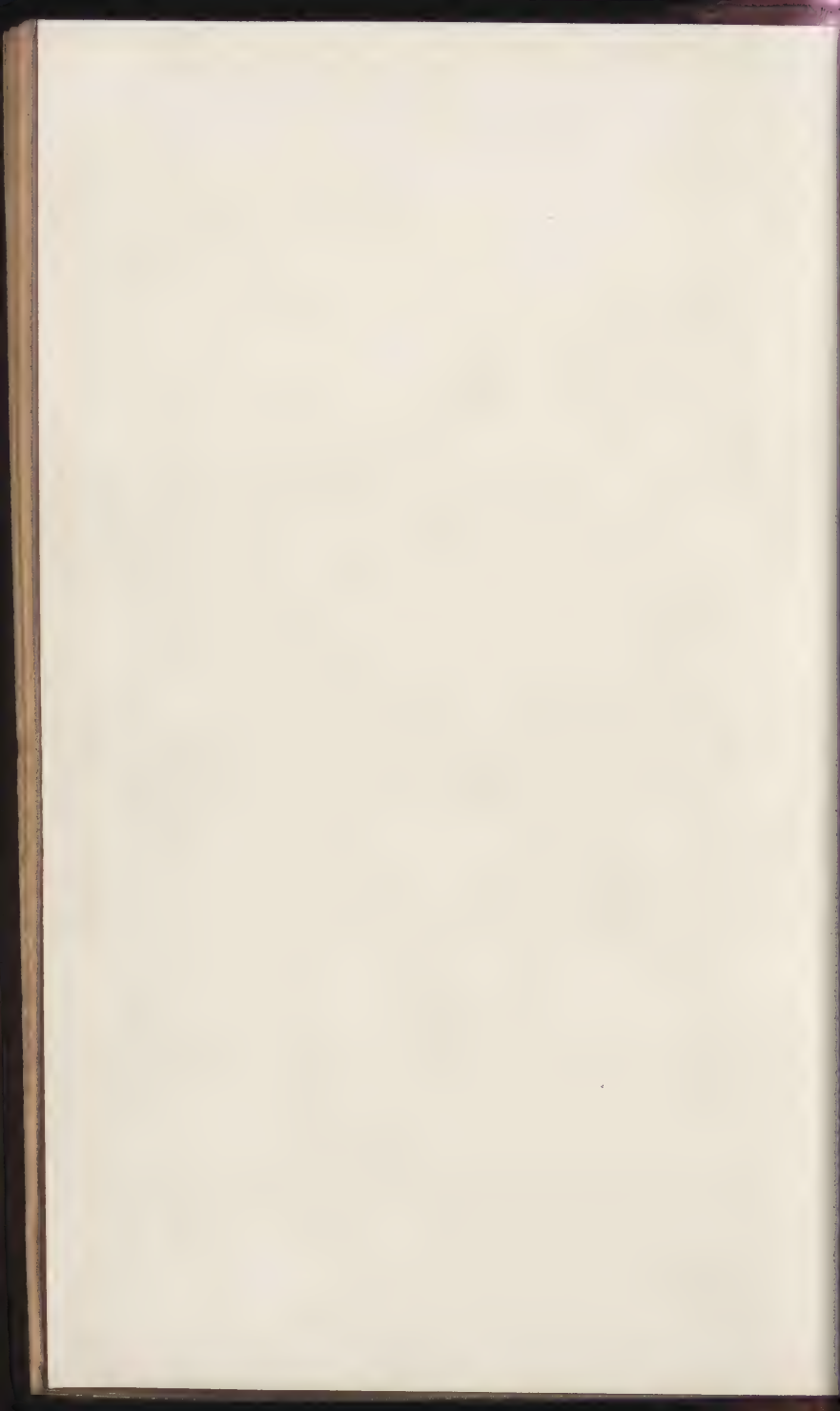
CAPITULO III

Formava o palacio um vasto paralellogrammo, com a frente principal de 130 palmos (uns 29 metros e tanto) sobre a rua Direita, ou largo *do Calhariz*, a opposta sobre a travessa *das Mercês,* a occidental sobre a rua *do Carvalho,* e a oriental sobre a *da Rosa.*

A fachada sobre o Calhariz era dividida em tres corpos, sendo os lateraes separados do central por pilastras correspondentes ás dos cunhaes, e terminando ambos em feitio de torres sobrepojadas de mirantes elegantissimos.

No corpo central dois grandes portões de entrada ornamentados, e por cima duas filas de sacadas, sendo mais nobres e altas as do andar superior.

Na aresta dos dois cunhaes viam-se as Armas, que eram: escudo cortado; o 1.º de azul, cinco estrellas de seis pontas, de oiro, postas em cruz; o 2.º de prata ondado de azul; bordadura de vermelho, com as palavras NOMEN HONORQUE MEIS em let-

Palacio Sobral, no Calhariz

tras de oiro. Elmo; timbre: cão de prata com colleira de vermelho, e chave de oiro na bocca.

Armas symbolicas e bem pensadas. A cruz de cinco estrellas determina o appellido; as aguas lembram a Alagôa; o cão é a fidelidade do caracter d'estes homens; a chave é o segredo que deve presidir ao negocio; o motto é a aspiração de fama e honra para a parentella. Não é, como outr'ora, um grito de guerra; é um brado de paz.

Os portões abriam para duas vastas lojas em forma de corredores, que ambas desembocavam no grande pateo, onde as carroagens davam volta, entrando por um portão e sahindo pelo outro.

Ao fundo d'esse pateo, no interior da parte do edificio que deitava para as Mercês, ficava a entrada monumental de quatro degraus conduzindo aos vinte e dois da escadaria, bifurcada para a direita e para a esquerda em dois outros lanços, que levavam ao andar nobre, onde eram as salas.

*

Gostaria de ser muito mais minucioso na descripção do palacio, hoje desapparecido; mas não posso. Contentemo-nos com esta visão rapida, que ahi deixo, de um especimen tão bem conservado, como todos o vimos, da architectura civil portugueza no tempo d'el-Rei D. José. O que em ponto menor fizeram os Machadinhos na antiga rua *do Acipreste,* realisou-o em ponto largo o benemerito Joaquim Ignacio.

Tudo ahi era afinado, e dizia seculo XVIII.

*

Havia porém n'um ponto um curioso anachronismo, pelo qual poucos transeuntes teriam dado.

Na esquina occidental da fachada sobre a rua *do Carvalho* descobri eu, que ando sempre á caça d'essas minucias, e descobriria qualquer pessoa que olhasse com a mesma attenção, umas lettras gothicas que me pareceram do seculo XV, mas que eu, ignorante como era (mais ainda do que hoje) não podia ler, por mais que o desejasse. Era culpa do meu pouco saber, mas tambem da altura em que se achava a pedra, talvez quatro ou cinco metros.

Um dia, em 1879, já depois de impressa a pagina 222 do meu livro sobre *O Bairro alto*, encontrei ahi perto o instruidissimo Academico Estacio da Veiga, muito versado na paleographia lapidar; falei-lhe na tal pedra; não a conhecia; quiz vel a. Vista, entrámos n'uma tenda proxima, o bom do merceeiro emprestou-nos uma escada de mão, um alguidar com agua, uma escova, um trapo, e vendeu-nos uns pedaços de papel pardo. Estacio da Veiga, com o seu denodo de sabio, e indifferente aos mirones, trepou á escada, começou por lavar e humedecer a lapide, applicou-lhe o papel, e fez um calco. Lia-se então perfeitamente: JHSAUAMTE *(Jesus avante)*. É incrivel a turba multa de rapasio e curiosos que ali se accumularam de repente; pareciam sahidos do chão.

Não podémos explicar a significação de tal phrase; e só passados annos pude eu ligar com isto o seguinte:

Em tempo d'el-Rei D. João I prégava muito pelas ruas e praças de Lisboa o virtuoso Dominicano Frei André Dias. Condoído das calamidades publicas, que não foram tão poucas, buscava na devoção geral o remedio para ellas, e tratava de a incutir por mil formas no animo do povo. Persuadia a todos que trouxessem sempre na bocca o nome de Jesus, e que o trouxessem escripto no peito, e até pintado nas portas das casas (1).

Pergunto: que relação tinham directa com o palacio aquellas palavras? provavelmente nenhuma. Tel-a-hiam com edificio anterior no mesmo sitio? seriam trazidas de outra parte para ali, e conservadas pela curiosidade dos novos proprietarios? Quem n-o sabe?

Pois na horrivel reedificação do palacio houve ha poucos annos a lamentavel descuriosidade de sumir essa interessante velharia, que, me parece, não fazia mal á Caixa geral dos depositos, nem ás Obras publicas. Estas nossas Obras publicas! são sempre assim!...

Em Sacavem existem tambem n'uma casa da *rua Direita*, á mão esquerda de quem vai de Lisboa, as mesmas palavras enigmaticas em caracteres redondos: *Jesus avante.*

---

(1) Isto diz Frei Luiz de Souza — *Hist. de S. Dom.*, P. I, L. III, cap. XXII.

CAPITULO IV

A riqueza não afrouxou em Joaquim Ignacio o zelo do bem publico e a docilidade de caracter. Exemplo:

Conta o sincero Ratton esta minucia interessante, que, apesar de parecer frivola, o não é: suggeriu elle proprio a Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, na qualidade de Administrador da Alfandega, a ideia de se numerarem os bilhetes de despacho da sahida das mercadorias, para se evitarem descaminhos e fraudes; e o Administrador, attendendo á lembrança, mandou adoptal-a. Outro qualquer rejeitava o *quinau*.

Outra vez, Ratton pintou-lhe em termos claros de homem experiente o que era o sitio de Thomar, proprio para toda a casta de fabricas; e que fez elle? foi lá em pessoa, convenceu-se da verdade, e adiantando fundos do cofre da Real Fabrica das sedas, promoveu em Thomar o estabelecimento de duas fabricas: uma de caixas de papelão enverni-

zadas, e a outra de meias de estambre. Assim faz quem tem o enthusiasmo do bem, quem quer os progressos da sua terra: ouve os praticos; e já essa prova de docilidade é prova de merecimento.

*

No intuito de firmar a sua riqueza em base estavel, segundo as Leis da sua era, arrematou o Reguengo do Sobral de Monte-agraço, e por concessão da Carta Regia de 18 de Abril de 1771, confirmada pela de 19 de Dezembro de 1776, instituiu ahi um morgado na importancia de duzentos mil cruzados (uns 120 contos de réis), com a clausula de, no caso de fallecer sem filhos, poder nomear successor no 1.º ou 2.º grau dos seus parentes. Por Carta de 22 de Fevereiro de 1773 foi nomeado Alcaide mór do Freixo de Numão. Teve mercê de Brasão de Armas (eguaes ás de seu irmão José Francisco), em 17 de Dezembro de 1776, e foi nomeado Senhor hereditario do Sobral, onde construiu do seu bolsinho casa da Camara, cadeia, um chafariz, duas pontes, estradas, e outras obras uteis, fez plantações de amoreiras, etc. (1). Foi-lhe, alem d'isso, permittido tomar appellido da villa do seu Senhorio, e ficou-se chamando Joaquim Ignacio da *Cruz Sobral*.

---

(1) *Resenha dos Titulares*, por Silveira Pinto e o Visconde de Sanches de Baêna — artigo *Sobral*, T. II, pag. 626, citando a Chancellaria da Senhora D. Maria I, L. 31, fl. 43.

*

No palacio Sobral deu o fastuoso Joaquim Ignacio, ainda no seculo XVIII sumptuosas festas á primeira sociedade, jantares, concertos, illuminações, auxiliando assim, com a elegancia do seu viver, o pensamento christão do grande Ministro: misturar as classes.

Deram brado as antigas reuniões do Calhariz. Ali se reuniu toda Lisboa; ali se ouviram grandes artistas, e os curiosos de mais nomeada. O que veio a realisar, nas suas phantasticas vivendas do Farrobo e das Laranjeiras, o Conde do Farrobo, tinha-o realisado em Lisboa esta familia dos Cruzes Sobraes.

*

Repito, se o não disse já: as honras e os haveres não alteraram o caracter d'este homem; continuou a ser, segundo memorias suas contemporaneas, o mesmo que sempre fôra: affavel, sério, cumpridor, altamente esmoler.

Conta um dos seus antigos biographos, que tinha entre os seus papeis intimos um livro, onde inscrevia a lista de muitas donzellas orphans e desamparadas, viuvas miseraveis, familias pobrissimas, communidades religiosas mendicantes, a quem mensal ou annualmente recorria com grandiosas esmolas. «Guardava este precioso monumento no seu gabinete — narra o biographo — e devem conserval-o os seus successores para que incite o exemplo á imitação.»

Se os numerosos e importantes negocios que desvelavam Joaquim Ignacio nos podessem dar ensejo de espreitarmos para dentro da sua alma, veriamos que era optima. Varios casos ficaram sobrenadando á corrente do esquecimento. Direi um:

*

Chegou do Brazil um pobre homem trazendo cartas de recommendação para Joaquim Ignacio; apresenta-se no Calhariz; é perfeitamente recebido. O que o trazia a Lisboa era certa pretenção dependente de uma secretaria. O homem, apesar de se considerar no caso de ser attendido, viu correr as semanas e os mezes sem despacho. Tinha esgotado os poucos meios que trazia, e na estalagem onde poisava instavam com elle para que sahisse ou pagasse. Soube d'isto o bom Sobral, e passou a dar-lhe uma grossa mezada em todo o tempo da espera.

*

Esbocei uma parte do papel civilisador e benefico de José Francisco da Cruz Alagôa, e de Joaquim Ignacio da Cruz Sobral; dois homens a quem Portugal deveu muito; duas potencias em Lisboa; caractéres honestos e largos; auxiliares dignissimos do immortal Reformador.

Junto d'elles, e como que presidindo á irmandade, apparece-nos o bom Padre Antonio José da Cruz. Ratton, que a todos conheceu de perto, diz-nos que, em quanto se conservou na Congregação

do Oratorio, sahia o Padre muita vez a residir ora n'uma ora n'outra das quintas dos irmãos, vigiando a cultura, dirigindo as plantações, determinando as obras, «com muito mais cuidado que os proprios donos, podendo dizer-se affirmativamente que foi elle quem as fez.»

Depois do fallecimento de Alagôa, foi nomeado Conego da Sé; em 1791 diz-me o *Almanach* que morava «a S. Martinho.» Seria talvez hospicio alugado, para se achar perto da Sé quando lá tivesse que fazer; a tradição da familia insiste em que o Padre morou habitualmente na companhia de Joaquim Ignacio, no palacio do Calhariz, e na de Anselmo em quanto viveu. Com quanto o seu papel seja menos brilhante que o dos seus protegidos, interessava-se por tudo quanto era progresso, e ajudava a quem queria trabalhar.

Foi por instancias de Ratton junto a Antonio José da Cruz, sendo ainda Padre Congregado, no seu convento das Necessidades, que se começou a Fabrica de rapé em Lisboa, no tempo do 1.º Contrato, de que eram chefes Anselmo José da Cruz e Polycarpo José Machado.

O que se fez! o que se luctou! O livro de Jacome Ratton é o triste sudario dos tormentos que passa um homem activo e emprehendedor, quando projecta implantar n'um paiz apathico e rotineiro, como o nosso, melhoramentos industriaes. Ora n'esses tormentos, e nas suas inherentes glorias, tiveram parte principalissima os Cruzes.

CAPITULO V

Havia tempo que o bom Joaquim Ignacio sentia um desusado acabrunhamento nas suas forças. Receitaram-lhe os medicos, não sei para que doença, os banhos das Caldas da Rainha; preparava-se para abalar. Foi ainda ao Erario despedir-se dos empregados, e o seu estado causou-lhes a maior impressão. Disse-lhes adeus em termos tão suaves e melancolicos, que mostravam n'elle uma aprehensão triste; abraçou-os, sahiu acompanhado por todos até á sege, deixando-os desanimados.

Em 12 de Maio (talvez n'esse mesmo dia) ainda foi á Ajuda procurar o Marquez de Pombal; foi introduzido, recebido com a mesma affabilidade, e sentados ambos a um bufete conferenciava Sobral com o grande Homem sobre assumptos do Real Erario, de que o Marquez era Inspector. Queria antes da sahida de Lisboa deixar aviados certos processos urgentes. De repente sentiu uma pontada lancinante; quiz ainda assim continuar o trabalho,

mas não poude. Suspendeu-se o despacho, e voltou ao Calhariz.

Chamaram-se logo os medicos, por ordem da angustiada dona da casa, mas a doença apresentava-se com pessima catadura. Reunida a familia, e os amigos, presenceavam hora por hora o progresso do mal. Quiz o enfermo fazer testamento, e fel-o.

Entre outras clausulas ha esta, que pinta o caracter de um homem:

«Declaro que eu tenho servido a el-Rei nosso Senhor desde o principio do anno de 1766 com a maior honra, efficacia, zelo, verdade, e desinteresse, que podia caber nas minhas forças, sem que a minha consciencia me accuse de ser responsavel de coisa alguma de commissão ao Real serviço. E porque a grandeza do mesmo Senhor, e do seu Ex.^mo^ Primeiro Ministro, me destinaram bem superabundantes ordenados, e além d'isso me honraram com tão distinctas mercês, que nunca podiam caber na minha esphera, seria vergonhoso que meus herdeiros pretendessem mais outra alguma remuneração dos meus insignificantes serviços; e assim lhes deixo positiva prohibição, não só de os pretenderem, mas ainda de os allegarem em requerimento algum; quando o unico pesar que levo d'este mundo, pela brevidade da minha vida, é faltar-me o tempo para mais e mais servir a el-Rei nosso Senhor com aquelle amor e zelo a que lhe fico obrigado, e que espero que os Morgados do Sobral concorram a desempenhar-me quanto em si podér caber.»

Como ainda os amigos, para o animarem, lhe manifestavam toda a esperança de tornar breve das Caldas, elle, que a tinha perdido, recommendou aos creados que se não esquecessem de levar n'algum bahu o seu manto branco de Cavalleiro. E perguntando-lhe alguem o motivo, respondeu:

— Sim, é conveniente levar para lá a mortalha, para poupar o trabalho de a mandar ir de Lisboa.

O mal accentuou-se; no dia 24, depois de mostrar algum allivio, perdeu os sentidos pelas 10 horas e meia da manhan; assim esteve o resto do dia, e no dia 25, pelas 3 horas e um quarto da tarde, acabou de padecer.

Morreu como um christão, depois de recebidos todos os Sacramentos da Egreja.

No dia seguinte um numerosissimo prestito acompanhou o seu cadaver para o jazigo em Santa Isabel.

*

Ratton accusa Joaquim Ignacio, em lettra redonda, de não ter sido grato para com a memoria de seu irmão José Francisco; porquê? por não ter deixado os seus bens aos filhos d'este, «cuja casa ficou pobre», legando tudo ao irmão Anselmo José.

A accusação parece-me leviana. Primeiro que tudo, não entendo como ficassem tão pobres os filhos do Morgado da Alagôa; em segundo logar, a Carta Regia de 19 de Dezembro de 1776 permittia a Joaquim Ignacio nomear successor no 1.º ou 2.º grau do parentesco. Preferiu o 1.º; estava no seu direito pleno.

O que não é só leviano, mas maligno, e não provado, é dizer-nos o auctor das *Recordações* (obra que ás vezes parece de uma senhora visinha a conversar de uma trapeira para outra na rua *das Gavias* ou na rua *dos Calafates),* o seguinte: que sendo José Francisco contratador do Tabaco, Anselmo seu irmão o fôra denunciar, «por ser prohibido por Lei a qualquer Conselheiro effectivo da Real Fazenda, como era José Francisco, ter parte em contratos Reaes», e ficára elle no logar do denunciado.

Esta versão, pouco verosimil, pareceria má lingua de despeitado, se não a ouvissemos da bocca de Ratton, que era um bom homem. É de certo baléla, que elle levianamente conservou no livro; destôa, da união que temos visto existia entre os quatro irmãos, e não parece ter base firme, desde que reflectirmos em que, no ponto de valimento e influencia a que todos elles tinham chegado, nunca precisariam recorrer a torpezas, quando mesmo o caracter lh'as consentisse.

O 2.º Morgado da Alagôa intentou demanda a seu tio Anselmo para reivindicação do vinculo do Sobral, que dizia pertencer-lhe por ser filho de irmão mais velho; como se o morgado proviesse de bisavós ou avós! e como se o instituidor não podesse nomeal-o no seu collateral mais proximo! O caso é que os Tribunaes decidiram, e bem, a favor de Anselmo, por sentença de 17 de Agosto de 1787.

Parece que Joaquim Ignacio era credor de avultada quantia á herança de seu irmão José Francis-

co; e para total pagamento se lhe adjudicaram varias propriedades, como a quinta e casas nobres de Carnide, e outras.

Basta de negocios.

*

A viuva de Sobral, ficando sem filhos, passou a 2.as nupcias com José Street d'Arriaga, Bacharel formado em Leis, Juiz de fora em Angra, e natural do Fayal, filho de Guilherme Street e de D. Barbara de Nodin d'Arriaga. José Street e sua mulher instituiram morgado em Carnide, e são avós do Conde de Carnide. A quinta de Carnide, que tinha sido adjudicada a Joaquim Ignacio por sentença de 17 de Maio de 1780, ficou á viuva, e entrou no novo vinculo.

Ainda, por morte de seu 2.º marido, D. Anna Joaquina Ignacia passou a 3.as nupcias com Rodrigo Victorino de Sousa e Brito, Tenente do regimento de Mecklemburgo; e fallecendo ella em 8 de Novembro de 1803 deixou-lhe os seus bens livres.

CAPITULO VI

Passo a dizer o que souber do ultimo dos irmãos d'esta notavel e privilegiada familia.

*

2 — *Anselmo José da Cruz* nasceu em Lisboa a 21 de Abril de 1728. Cursou os estudos que poude, dando sempre signaes de muito juizo prudencial desde a mais tenra mocidade.

Como seus irmãos tinham ido para o Brazil, o previdente primogenito entendeu dever mandal-o explorar outro campo, e enviou-o, ainda adolescente, para Genova praticar commercio, e enfronhar-se na lingua italiana. Empregou-se lá na casa commercial de Rollandelli e Basso, gente de inteira probidade e grande credito.

Nos annos em que ahi se demorou conheceu uma gentil Genoveza, Maria Magdalena Crocco, «a qual, — diz um coevo e seu conhecido — pela sua boa figura, juizo, polidez, e bom comportamento, soube

grangear o respeito e estimação de toda a familia, assim como de todas as pessoas que a frequentavam.»

Esta joven italiana era filha de Carlos Maria Crocco e de Clara Donati, filha de Gaspar Donati; neta paterna de Estevam Crocco e de Lepida Costa; bisneta paterna de Carlos Crocco, e de Clara de Ferrari; o que tudo consta de uma genealogia, que tenho á vista, da mão do conhecido Padre D. Thomaz Caetano de Bem, Oratoriano.

A festa do casamento em Genova foi brilhante, como competia a um negociante moço, ambicioso feliz, e já em caminho de fortuna.

*

Passados annos, entendeu o chefe da familia, aquelle amoravel irmão a quem todos consideravam pae verdadeiro, que os noivos se fixassem em Lisboa. Vieram com effeito, hospedaram-se n'uma parte do vasto palacio do Morgado da Alagôa, no sitio ainda meio campestre da Fabrica das Sedas, houve companhias muito agradaveis, aonde concorreram todas as relações, que já eram numerosas, e a formosa Genoveza conseguiu trazer ao lar de seus cunhados uma nota elegante e estrangeirada, até então desconhecida ali.

Chamo-lhe formosa, porque o era. Em casa do meu velho amigo Anselmo Braamcamp Freire conheço um bello retrato a oleo, em que esta senhora apparece em edade avançada, talvez mais de sessenta annos, com uma touca em feitio de capuz, e um trajo branco realçado de azul.

*

Depois da chegada de Anselmo falleceu o Administrador das Tabacos, Duarte Lopes Rosa; foi aquelle provido no logar, chegando a 1.º Caixa, com o privilegio de nomear os seus socios. Foi isto em 1764.

*

Em 1791 era Anselmo um dos arrematantes do rendosissimo Contrato do Tabaco, juntamente com Polycarpo José Machado e João Rodrigues Caldas.

A severidade do Contrato do Tabaco para com os seus empregados era muita; mas Anselmo sabia sempre temperar o rigor com a brandura; aos proprios contrabandistas se estendia a aza da sua commiseração; quando prezos ou perseguidos, soccorria-os, e pelo seu bom modo, e pela sua generosidade, revirava-lhes a indole, chegando algumas vezes a empregal-os no proprio Contrato.

*

Achando-se n'esse posto, foi nomeado Provedor da Real Junta do Commercio, e depois Fiscal das Obras publicas, logar que já seu irmão exercera. Inspector Geral das mesmas era o Marquez de Ponte do Lima, Mordomo-mór.

No cargo de Fiscal prestou Anselmo serviços importantes. Foi na sua gerencia que se construiu a estatua equestre d'el-Rei D. José; e a magnificen-

cia com que elle celebrou esse successo ficou lembrada.

Começou-se tambem sob a sua inspecção o grandioso theatro de S. Carlos de Lisboa, muito auxiliado pelo Intendente Pina Manique. Os socios fundadores do theatro foram Joaquim Pedro Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Jacintho Fernandes Bandeira, Antonio Francisco Machado, João Pereira Caldas, e Antonio José Ferreira Solla, reunidos em sociedade no anno 1792, inaugurando-se o theatro no anno seguinte (1).

*

Tambem presidiu á construcção da magnifica Basilica da Estrella.

Eram ahi numerosissimos os operarios de todos os officios e classes; mas policia e boa ordem reinava sempre nos trabalhos, graças á intelligente pericia do Inspector. Apparecia na obra muito antes do amanhecer, premiava, reprehendia, incitava, gratificando do seu bolsinho os zelosos, e preenchendo em tudo os desejos da Augusta Fundadora.

Concluida a tarefa antes do prazo esperado, seguiram-se as festas sumptuosas da sagração; e a Rainha tão satisfeita ficou pelo bom acabamento da sua empreza artistica e piedosa, que deu a Anselmo

---

(1) Consulte-se, que é sempre consultavel, o interessantissimo livro do meu antigo amigo o sr. Francisco da Fonseca Benevides *O Real Theatro de S. Carlos*; obra de perseverante, em quem sobram os conhecimentos technicos musicaes, que tanta auctoridade conferem áquellas paginas.

a Carta do Conselho e a Commenda de Christo, mais os materiaes sobejados da obra; e tão avultado foi o presente, que chegou para a construcção do enorme quarteirão enquadrado entre o *Chiado,* a rua *Nova do Almada,* a calçadinha, e a rua *de S. Francisco.*

*

Herdeiro de seu irmão Joaquim Ignacio, passou a chamar-se em 1781 Anselmo José da *Cruz Sobral,*

Anselmo Joze da Cruz Sobral

a ser 2.º Senhor donatario do Sobral, Alcaide-mór do Freixo de Numão, etc., e a gerir, além da sua, a grande fortuna do vinculo.

*

A magnificencia d'este homem era condigna da sua fortuna. De algumas das festas que elle deu no Calhariz ficou vestigio tradicional.

Exemplo:

Quando a 29 de Abril de 1793 nasceu a Princezinha da Beira, filha do Principe D. João e da Princeza D. Carlota Joaquina de Bourbon (depois Reis), esse acontecimento causou a mais agradavel sensação em todas as classes, por ser aquella Menina Real o fiador da Dynastia de Bragança.

As luxuosas solemnidades, com que Lisboa sahiu,

por varios dias e noites, da sua pacatez habitual, constam do minucioso opusculo de um Ignacio de Sousa e Meneses, intitulado *Memorias historicas dos applausos, com que a Côrte e Cidade de Lisboa celebrou o nascimento e baptismo da Serenissima Senhora Princeza da Beira* — Lisboa — 1793.

É interessantissima a circumstanciada relação de tantos festejos esplendidos, publicos e particulares, e bem merece o auctor todo o nosso agradecimento pela sua compilação. Recepções no paço, acções de graças nos templos, illuminações nunca vistas, fogos, bôdos, serenatas, versos latinos, versos portuguezes, taes foram as formas varias por que se expandiram os sentimentos monarchicos da Capital.

Anselmo José da Cruz Sobral foi talvez o que mais se assignalou no luzimento das ornamentações. O seu palacio appareceu ainda mais brilhante do que de costume com illuminações a côres, transparentes allegoricos, á moda do tempo, e mil galantes invenções, que adornavam de alto a baixo a frontaria, disfarçada na complicadissima fachada de um templo de Jano, com as suas columnatas compósitas, as suas cornijas, e as suas atticas enlaçadas de festões. Se eu quizesse descrever tudo isso aqui, teria de copiar inteira a parte correspondente do livro do meu guia.

Só direi, que o architecto decorador que transformou a frente do palacio n'um templo romano rutilante de luz, foi o conhecido artista Gaspar José Raposo, discipulo valído do afamado Simão Caetano Nunes.

*

Do mencionado folheto de Sousa e Meneses vou extrahir muito rapidamente alguns traços de descripção da serenata, ou concerto, para que o 2.º Senhor do Sobral convidou toda a Côrte, celebrando o mencionado nascimento Real.

Entremos. A franqueza de Anselmo, a graciosidade elegante da dona da casa, são fiadores de que havemos de ser bem recebidos.

Vamos correr as salas, onde se congregou tudo quanto Lisboa no fim do seculo XVIII contava mais illustre, e onde se apinhavam, entre um luxo oriental, todas as phalanges aristocraticas e diplomaticas, os membros do mais alto commercio, as corporações officiaes, o alto clero, a alta milicia.

Quando as seges, as traquitanas, os coches em fila paravam ao pé da escadaria do pateo interior, por baixo do alpendre, viam-se quatro creados com a libré da casa, e empunhando tochas accezas, acompanhando os Grandes até ao primeiro patamar. Ahi se achavam quatro escudeiros, tambem de tochas, que os comitivavam até cima.

As doze salas succediam-se fartamente illuminadas, e cheias de flores e arbustos.

A 1.ª, a de espera, tinha seis bancos de encosto nos intervallos das portas, e de duas janellas sacadas para a rua *da Rosa,* com banca por diante de cada um, tudo de pau santo lavrado e entalhado (1).

---

(1) O Conde do Sobral possue ainda hoje uma d'essas bancas.

A 2.ª sala, com outras duas sacadas sobre a mesma rua, tinha entre as janellas uma bella commoda de embutidos coberta de marmore, com seu relogio em cima. As paredes eram forradas de pannos de raz, assim como as doze cadeiras e o canapé; do tecto estucado pendia um rico lustre de crystal de vinte e quatro lumes; aos cantos da sala quatro talhas da China, de seis palmos de alto, pintadas e doiradas; nas janellas e portas cortinados de damasco carmesim (1).

A 3.ª tinha tres sacadas para a rua *da Rosa,* com vinte cadeiras, canapé, cortinas de portas e janellas, e as proprias paredes, de setim côr de goivo amarello, bordado a matiz, trabalho indiano. Nos intervallos, e aos lados das janellas, quatro magnificos tremós doirados; cada espelho tinha a meio da altura duas serpentinas de tres lumes cada uma. Ao meio da casa tres mezas com pedra marmore; na central um lustre-de-pé, ou candelabro enorme; nas lateraes, relogios. Do tecto primorosamente estucado pendiam dois lustres, cada um de dez luzes (2).

A 4.ª era na esquina da rua *da Rosa* para o Calhariz, com tres sacadas para este largo, duas para a dita rua *da Rosa,* e quatro portas para o interior do palacio. As dezasseis cadeiras e tres canapés, tudo era forrado de arrazes, assim como as paredes. Os cortinados dos vãos eram setim côr de goivo

---

(1) O actual Conde possue ainda a commoda de embutidos, o relogio, e duas tálhas.

(2) O Conde do Sobral ainda conserva uma das mezas d'esta sala n.º 3.

amarello bordado a matiz. Do tecto estucado pendiam dois lustres, de doze lumes cada um. Aos cantos da sala quatro aparadores, cada um com um lustre-de-pé em cima.

A 5.ª era armada de seda branca pintada na India; tinha tres janellas sacadas para o largo, e quatro portas para dentro, tudo ornado de cortinados da mesma seda.

A 6.ª era forrada de setim azul claro indiano; esta já tinha uma sacada para a rua *do Carvalho.*

A 7.ª era de damasco carmesim.

A 8.ª, de setim branco, e nos vãos de janellas e portas bambinellas do mesmo setim em logar de cortinas.

A 9.ª era seda esverdeada *(côr de bicho de couve)* com cortinas da mesma seda. Quarenta e dois preciosos quadros perfeitamente emmoldurados pendiam sobre a seda. Na parede fronteira á rua *do Carvalho* erguia-se um tremó com uma pintura no vidro do espelho, e sobre o marmore um lustre-de-pé.

A sala 10.ª era de seda indiana côr de oiro. Todas estas tinham tectos estucados e ricamente pintados, d'onde pendiam lustres de crystal.

A 11.ª era orlada de pilastras sobre pedestaes, corridas de cimalha sustendo o tecto, d'onde descia um lustre.

A 12.ª sala era tambem estucada, mas as portas e janellas de fino marmore; nos intervallos pinturas a fresco emmolduradas em caireis de estuque. No tecto um lustre.

Tal é a descripção que nos deixou Ignacio de

Sousa e Meneses, ou Ignacio de Sousa e Lima de Meneses e Mascarenhas (ou Magalhães), Bacharel em Leis, Professor de Rhetorica em Braga, sua terra, nascido em 1748, segundo Innocencio (1). Seria talvez um amigo e frequentador da familia Sobral, e em breve me referirei de novo a elle. As suas descripções são-me confirmadas pelo irrecusavel testemunho de actuaes descendentes dos notaveis Cruzes; haverá trinta ou quarenta annos, antes da desvinculação e das partilhas, ainda conheceram quasi tudo como ahi fica dito.

Póde affoitamente dizer-se que pouquissimas residencias senhoriaes se encontrariam em Lisboa no seculo XVIII, que pelo luxo e acabamento, gosto e apuro, podessem hombrear com esta.

*

Na 4.ª sala era a musica. Entre dois coretos, onde tocavam as orchestras, levantava-se um pequenino palco para os cantores; e ahi se representou um resumido *Dramma per musica*, obra de Gaetano Martinelli, *Il natale augusto*, com varios personagens, figurados por notaveis actores; a saber:

---

(1) Este infatigavel diccionarista collocou enganadamente o nome de Ignacio de Sousa Lima e Meneses a pag. 213 do Tomo I, preterindo o rigor alphabetico, segundo elle proprio confessa no Tomo X, pag. 57; o que fez com que me custasse a achal-o, e, se não fosse o Supplemento, não o encontrava. Menciona Innocencio o opusculo a que me refiro, e outro intitulado *Memorias historicas do Serenissimo senhor D. Antonio, Principe da Beira* — 1796.

O Tejo........................	Antonio Puzzi
O amor patrio..................	Ferracuti
Um Sacerdote, por nome Arsace..	Forlivesi
A Lusitania....................	Angelelli
A Inveja.......................	Violani

e emfim *A Gloria,* muito a proposito personificada pela brilhante, pela grande, pela adoravel Luisa Todi, então em todo o esplendor da mocidade e do talento, recem-chegada de Madrid.

Escreve o nosso fiel narrador:

«Não faltarei a dizer, que entre elles — (os artistas) — logrou particular attenção a senhora Todi. Cantou n'esta funcção, e satisfez completamente aos grandes desejos, e maiores empenhos, que havia de a ouvir.»

Está a perceber-se o enthusiasmo que tudo isto causou; a actividade nos preparos; o brilho d'aquelle memoravel serão de festa. A imaginação, acceza n'estas descripções, faz reviver aquella formosa noite de Maio, vê a longa fila das carroagens, lá desde o Loreto, adiantando de vagar, entre um apertão de populares curiosos, ouve o sussurro da turba, escuta lá dentro o alegre som das symphonias, e vê a frontaria

toda por dentro e fora illuminada,

reverberando no clarão das suas luminarias uma alegria grande, composta de muitas alegrias.

Luisa Todi era uma estrella admirada na Europa inteira; pois o bom gosto e a magnificencia de um

só homem chamaram-n-a ali, para realce de uma festa que celebrava o esplendor da Monarchia.

A ceia devia lembrar as de Versailles; serviu-se em mezas nas oito salas ultimas, por forma que só as quatro primeiras, a de espera (ou dos escudeiros), a dos panos de Arrás, a de setim amarello, e a da musica, já de si vastas, contiveram, até se abrirem as oito seguintes, o concurso dos convidados, que «logrou este divertimento a maior parte da noite — diz Sousa e Meneses — porque havia n'aquella casa todos os refrescos e regalos que podiam desejar-se, para demorar a sociedade, e a fazer commoda, gostosa, e memoravel.»

*

Costuma dizer-se que o dinheiro é uma Realeza. Não ha expressão mais servil nem mais inexacta. O dinheiro só por si nada vale; é um escravo, e só faz escravos.

Para se levantar á altura de uma potencia social, é indispensavel que o anime uma de tres coisas: ou o espirito largo da beneficencia intelligente, ou o arrojo nas grandes emprezas uteis e praticas, ou o alto pensamento artistico.

Accumular numerario só pelo gosto de accumular, é o mais ridiculo e improductivo dos entretenimentos egoistas; desfecha em mesquinhez, e produz, quando muito, colleccionadores de ninharias improfícuas. Os donos d'essas *nugas* pensam gosar; mas enganam-se; são apenas os servos da bagatella.

O argentario que sabe e quer gosar nobremente,

abre as azas á beneficencia, e felicita os desgraçados, se acaso tem coração; fomenta as emprezas uteis do seu paiz, se acaso tem patriotismo; alimenta as artes, e cria indirectamente maravilhas, se acaso tem intelligencia culta e grandeza de alma.

Tudo isso fizeram os Cruzes.

A sua caridade era proverbial. Que outra coisa foi, se não caridade christan, ó bem que elles espalhavam a plenas mãos pelos pobres?

Que outra coisa foi, se não patriotismo, a sua presença constante nas grandes companhias fabrís, nas grandes obras publicas do Reino, nos mais arrojados commettimentos industriaes?

Que outra coisa foi, se não alma, o auxilio que deram á Arte portugueza, edificando esplendidos solares no Sobral, em Carcavellos, e em Lisboa? mobilando-os á mais opulenta feição da sua era? encommendando quadros aos pintores, ornamentações aos estucadores, revestimentos aos azulejadores, congregando os primeiros musicos, animando a mortiça Lisboa com a vara magica da opulencia, e fazendo chegar ás classes medias e ao povo certos prazeres artisticos, até ali privilegio da Côrte e do Rei?

Se aquelles homens não foram benemeritos em Portugal, artistas na verdadeira accepção do termo, auxiliares efficazes de Pombal e Pina Manique, progressistas cuja influencia se sente ainda, digam-me o que é ser benemerito, expliquem-me a significação d'essa palavra.

Ratton escreveu:

«Em todas as occasiões de regosijo publico dava

Anselmo José da Cruz funcções, que mais pareciam de um Principe, que de um particular. O custo e bom gosto das illuminações, das orchestras, a profusão e delicadeza dos refrescos, das mezas, emfim de tudo o que podia satisfazer e agradar aos concorrentes, eram superiores a toda a exageração; e todos os annos festejava no Sobral o Orago d'aquella egreja com tamanha sumptuosidade, que ali acudiam todas as gentes d'aquelles contornos, e muitas de Lisboa, aonde achavam cama e meza por muitos dias.»

Fazer falar de si por tantas e tão variadas maneiras, não é ser egoista nem fanfarrão, é ser civilisador.

*

Por alvará com força de Lei de 4 de Novembro de 1800 mandou o Principe Regente abrir um emprestimo de 40 contos de réis a 5 por cento, a fim de se fundar, entre o presidio chamado da Trafaria e a torre do Bogio, um Lazareto onde fizessem quarentena os passageiros chegados de portos suspeitos (1).

Não tardaram muitos dias, sem que um grupo de negociantes lisbonenses tomasse a si o preenchimento dos 40 contos; e o Decreto de 19 de Novembro seguinte assim o faz saber ao Inspector geral do Terreiro publico. Á frente d'esses abastados homens viu se Anselmo José da Cruz Sobral, e seguiram

(1) Fernandes-Thomaz — *Repertorio,* e *Gazeta de Lisboa* n.º 47, de 28 de Novembro de 1800.

Joaquim Pedro Quintella, Jacintho Fernandes Bandeira, José Pinheiro Salgado, José Pereira de Sousa Caldas, Antonio Francisco Machado, Francisco Luiz Pereira de Castro, Manuel de Sousa Freire, Paulo Jorge e filhos, João Antonio de Amorim Vianna, Miguel Lourenço Peres, Manuel da Silva Franco, e José Pereira de Sousa Peres. Encarregaram-se de legalisar as apolices das acções, e nomearam entre si Jacintho Fernandes Bandeira e José Pinheiro Salgado para recebedores e clavicularios (1).

Todos estes homens, portanto, todos estes argentarios animosos, eram dedicados servidores do seu Paiz; entre elles (este é que é o meu ponto) viam-se sempre os Sobraes.

---

(1) *Gazeta* n.º 51, de 27 de Dezembro de 1800.

CAPITULO VII

Foi grande a caridade de Anselmo José da Cruz Sobral. Consta na tradição oral o seguinte caso:

*

Entre as pessoas a quem elle soccorria com subsidios, figurava um velho Ecclesiastico, doente e desvalido, que ia em cada dia 1.º dos mezes receber ao Calhariz, das mãos de um escudeiro, tres moedas. Uma tarde, achava-se Sobral jantando, chega o escudeiro a annunciar-lhe o Padre.

— Sei o que é — responde o dono da casa. — Vae lá a baixo ao meu escriptorio, e tira de cima da secretária um masso de trinta pintos que lá deve estar com outros, já embrulhado.

Dito e feito. Passa meia hora, torna o escudeiro.

— Está ali outra vez o Padre, que deseja falar a V. S.ª

— A mim? mas para quê? Não lhe entregaste o embrulho?

— Entreguei, sr. Conselheiro; mas elle insiste em falar a V. S.ª

Bem; pede-lhe o favor de me esperar na sala de entrada, e em acabando lá vou.

Quando terminou o repasto, dirige-se Sobral ao sitio onde o pobre velho o aguardava, e pergunta:

— Que temos, meu Padre? não lhe entregaram o costumado?

— Não, senhor...

— Não!? como assim?

— Eu digo a V. S.ª: entregaram-me em logar de trinta pintos, com que a sua bondade me auxilia, trinta peças.

— Devéras? houve então engano.

— Houve; e é facil havel-o; as peças são do tamanho dos pintos.

— Tem toda a rasão. Quer ter a bondade de esperar dois minutos?

E tomando o embrulho sahiu, e voltou pouco depois:

— Aqui está desfeito o engano; aqui estão dois embrulhos de trinta peças cada um, para mostrar ao Padre quanto gósto de gente honrada.

*

Outro caso, e será por agora o ultimo:

Vivia n'uma rua do Bairro alto, por onde Anselmo passava muita vez na sua sege, uma rapariga pobre, muito linda, filha de um operario. O visinho deu por ella, e achou-a encantadora. Atraz da sua vidraça, costurando e cantarolando com ar triste,

parecia a Madonna de algum quadro de Raphael. Ora os argentarios tambem teem coração; e Sobral, mimoso da sorte, habituado a conceder a si mesmo todos os caprichos, appeteceu conquistar aquella virtude juvenil.

Uma bella manhan manda em segredo uma creatura, uzeira e vezeira em officios tenebrosos, propondo á mãe uma quantia grande de contado, uma morada de casas, e uma mezada, se consentisse em *dar-lhe* a filha.

A mãe respondeu que muito agradecia os offerecimentos, mas que nem ella nem sua filha os podia acceitar, porque, sendo pobrissimas como eram, eram pessoas de bem. Conformou-se o Morgado com a recusa, e não pensou mais no assumpto.

Correm uns mezes, e morre o operario. As duas ficaram na maior miseria: a mãe doente e impossibilitada de trabalho; a filha tambem doente e afflictissima, e tendo de seu apenas a sua agulha! Ao cabo de tempo, entrou a fome na pobre casa; nem pão, nem com que pagar a renda. A desgraçada mãe procura Anselmo da Cruz Sobral, seu visinho, é admittida, e expõe-lhe a sua situação, accrescentando lavada em lagrimas:

— Muito me custa a dizer isto, meu senhor; mas se V. S.ª quer agora a minha filha... Valha-me Deus, e Nossa Senhora das Mercês me perdôe! se quer a minha filha... é sua.

E escondia o rosto entre as mãos.

Elle fel-a sentar, socegou-a, deu-lhe uma avultada esmola, e disse:

— Não; agora não. Hoje que sua filha é orphan

de pae, torna-se sagrada para mim. Fiz mal em propôr o que ha mezes lhe propuz. Acordou a minha consciencia. Devo respeitar sua filha.

E indagando se a rapariga gostava de alguem, casou-a, dotou-a, e nunca lhe tocou.

Isto é grande. Peccar é humano; arrepender se e parar á borda do abysmo... é divino.

*

No seu trato social era Anselmo extremamente polído, e naturalmente benevolo; esmoler, como apontei; e benigno sempre para com os empregados das varias repartições e companhias que superintendia. Quando era indispensavel admoestar ou reprehender alguem, fazia-o com doçura paternal, que aos proprios castigados encantava.

*

Casado, feliz, pae extremoso, chegou a 11 de Março de 1802, quando adoeceu gravemente; e tanto, que apenas teve tempo de tomar os Sacramentos e morrer, nos braços de mulher e filhos (1).

Foi sepultado na egreja de Santa Isabel, da qual fôra nomeado padroeiro por Provisão do senhor Patriarcha de 8 de Março de 1770.

---

(1) Um biographo escreve 10 de Março; mas a *Gazeta de Lisboa* de 26 d'esse mez diz 11.

*

Ficaram filhos:

3 — *Sebastião Antonio da Cruz Sobral,* 3.º Senhor do Sobral, Alcaide-mór, Conselheiro da Fazenda, Desembargador, do Conselho da Rainha, e Inspector das Obras publicas, nascido a 22 de Setembro de 1757, e uma senhora, a quem breve vou referir-me. Do Conselheiro Sebastião Antonio disse o sempre citado Jacome Ratton:

«Foi Desembargador, mas não gostava muito d'aquella vida. Por morte de seu pae foi incumbido da Inspecção das Obras publicas, no que desenvolveu muito zelo e actividade. A elle se deve a construcção do Theatro de S. Carlos, e foi incançavel no estabelecimento da Fabrica de papel em Alemquer, supprindo com o seu proprio dinheiro as despezas, para as quaes não podiam chegar as sommas de alguns outros accionistas.»

Falleceu moço e solteiro, no seu palacio, a 18 de Setembro de 1805.

*

Succedeu-lhe no vinculo sua unica irman,

3 — *D. Joanna Maria da Cruz Sobral,* 4.ª Senhora do Sobral, nascida em 9 de Junho de 1760.

Esta Morgada casou em 20 de Fevereiro de 1773, tendo treze annos incompletos, com Geraldo Venceslau Braamcamp de Almeida Castello-Branco. Vejamos quem era, e quem representava. Temos para isso que nos transportar em espirito á Hollanda.

Felizmente existem muitos documentos de irre-

cusavel veracidade; mais poderão ainda vir a encontrar-se no correr dos annos.

Por ora contentar-me-hei com o que me chegou, e que aos meus olhos pinta superabundantemente os lares hollandezes, serenos, affectuosos, amantes da tradição, e glorificados pelo trabalho honesto, pelo amor da Patria, e pelo culto das boas-Artes.

É a Hollanda um torrão abençoado, que, em parte furtado ao mar pela tenacidade dos habitantes, dá exemplo de cordura e dignidade a muitas nações. Faço votos ao Ceo, para que a joven Soberana Hollandeza, que ainda ha poucos mezes venceu enfermidade perigosissima, encontre sempre em si, e nos que a rodeiam e aconselham, a força e a luz, para encaminhar os seus respeitosos subditos na senda da moderna civilisação, não esquecendo nunca as tradições antigas, que são, e hão-de ser sempre, a base mais firme do progresso.

CAPITULO VIII

Valho-me de pesquizas cuidadosamente feitas na Hollanda por um homem notavel, o snr. Dr. Nicolau de Roever, Archivista da cidade de Amsterdam, a quem se refere, na *Revue des deux mondes* de 15 de Dezembro de 1889, Emilio Michel no seu curioso artigo *Amsterdam et la Hollande vers 1830.* Já se vê que não é um qualquer.

As buscas do snr. de Roever, emprehendidas nos archivos da sua patria, dão o seguinte resultado, que pela primeira vez sai a lume n'este livro; pude ver e compulsar os documentos no cartorio de Anselmo Braamcamp Freire.

Pereceram, por infelicidade, na maior parte, os archivos publicos da povoação de Ryssen por occasião das guerras de 1672; não apparecem registos matrimoniaes nem baptismaes anteriores a 1640; faltam os obituarios do seculo XVII; apenas foram salvos alguns dos volumosos tombos denominados *Stadtboecken,* que encerram actos judiciaes.

*

§ 1.º

Pelas diligencias do snr. de Roever averigua-se porém, de inducção em inducção, que já no meio do seculo XVI vivia um individuo do appellido de

1 — *Braamcamp* (o nome proprio ignora-se), senhor de bens territoriaes em Ryssen, e casado com Aleyd Corte. Sabe-se mais ter ella enviuvado, ficando-lhe tres filhos, que em 30 de Setembro de 1581 requereram posse da herança materna. Eram

2 — *Rogerio* (Rutger) *Braamcamp,* Ecclesiastico,

2 — *Thomaz Braamcamp,* e

2 — *Nicolau Braamcamp.*

Do mais velho, do mencionado Rogerio, nascido por 1564, direi que n'um artigo dos snrs. J. J. Van Doorminck e Nanninga Uitterdijk, nos *Bydragen dot de Geschiedenis van Overyssel* (Tomo IX, pag. 322-348), consta que nos archivos da egreja protestante de Ryssen existe um tombo dos bens da mesma. N'uma conta de 16 de Abril de 1615 apparece o nome alatinado do *pastor Rutgerus Braamcampius,* assim como n'outros documentos de 23 de Abril e 31 de Outubro de 1626, 5 de Setembro de 1627 e 19 de Maio de 1629. Tinha então uns 65 annos; e alem de 1630 não se fala mais d'elle, o que faz pressupôr tivesse fallecido por esse tempo.

Dos irmãos de Rogerio, que foram os ditos Thomaz e Nicolau, faltam noticias. Parece que Thomaz é que deve ser considerado progenitor dos subsequentes membros da familia (cujos nomes se acha-

ram em documentos da 2.ª metade do seculo xvii)
por esta rasão: era uso geral, e antigo, dar ao primogenito o nome do avô paterno; ora um Thomaz Braamcamp, fallecido antes de 1659, apparece mencionado no termo do casamento de seu filho Rogerio (infra n.º 5), sendo este ultimo probabilissimamente neto de Thomaz (n.º 2).

4 — *Thomaz Braamcamp*, neto, deve ter nascido por 1595. Com quanto os documentos conhecidos só mencionem um filho d'elle, pode bem suppôr-se que teve outro, por nome Alberto, a quem se referem papeis dos annos 1646 e 1663; primeiro, porque Rogerio (Rutger) e Alberto deram os mesmos nomes a seus filhos; em segundo logar, porque em 1697 os filhos d'esses dois parecem interessados, ou associados, na cultura dos mesmos bens, que certamente lhes advieram da herança do avô commum.

Exposta assim a authenticidade das quatro gerações, tratarei agora de Rogerio, filho de Thomaz.

§ 2.º

5 — *Rogerio Braamcamp* casou com Theodora (Derckien) ten Winkel, natural de Ootmarsum, no paiz de Over-Yssel; os proclamas do casamento foram pregoados em Ryssen a 21 de Agosto de 1659, e o casamento celebrado em Ootmarsum. Nasceram tres filhos e tres filhas. Elle ainda vivia em Dezembro de 1669. Depois da sua morte, sua viuva Derckien passou a 2.as nupcias em 5 de Março de 1671 com João Valentim Schleyn, que habitava

o castello de Oosterhof, e possuia o titulo de *Edele* (nobre), e de *Jonker* (cavalleiro, ou fidalgo); esse castello fica a um quarto de hora de Ryssen, e é solar muito antigo. Eis a lista dos filhos de Rogerio Braamcamp e sua mulher Theodora ten Winckel, fallecida em Ryssen em Abril de 1701:

6 — *Gertruid* (Gertrudes) *Braamcamp,* nascida em 6 de Março de 1660, casou com *Gerret* (Geraldo) *Claessen,* neto do Burgomestre de Ryssen Hendrik Claessen; viviam em 1661; com geração;

6 — *Hendrina Braamcamp,* nascida em 10 de Novembro de 1661, morreu creança;

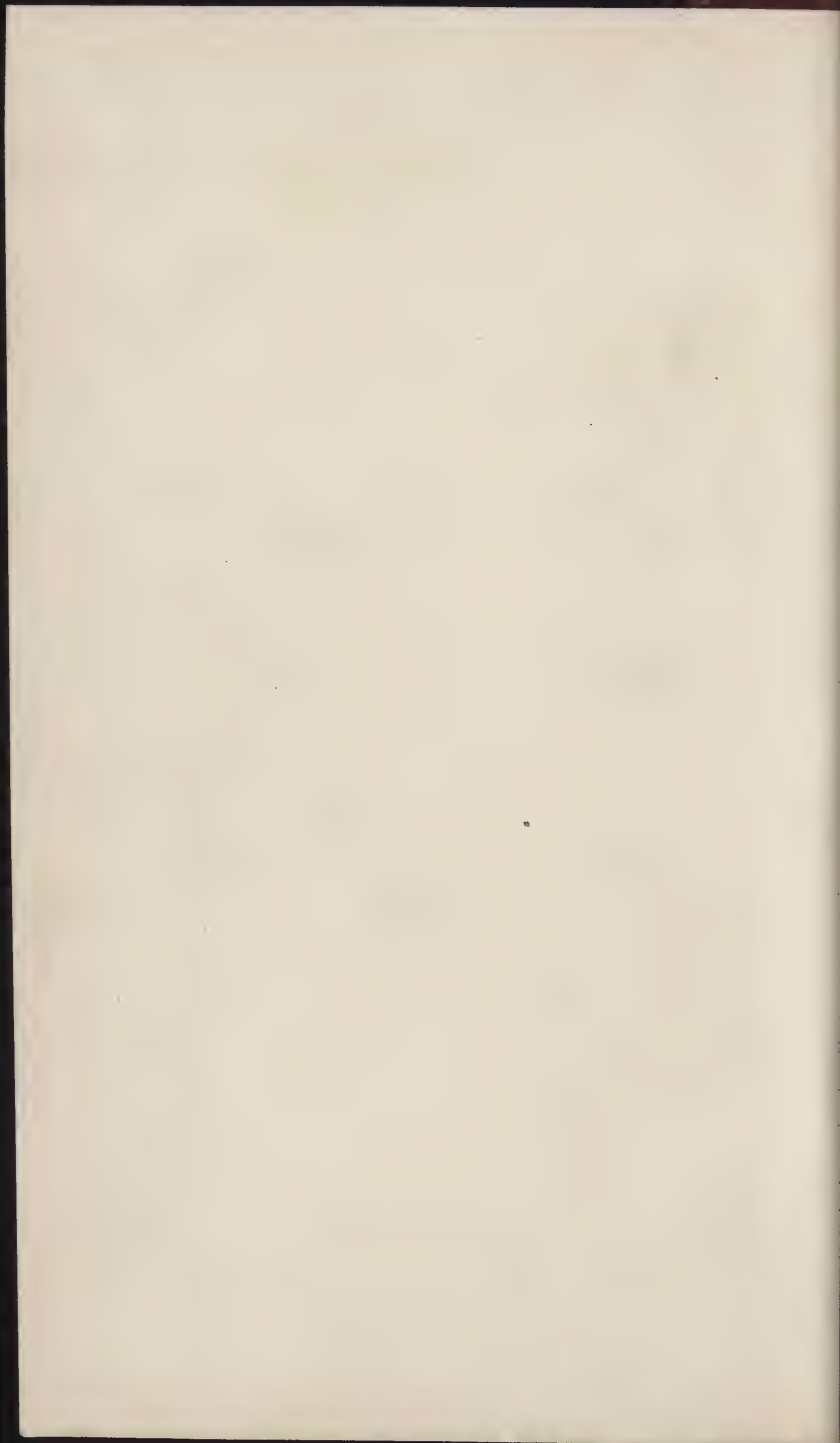
6 — *Thomaz Braamcamp,* nascido em 3 de Maio de 1663, morreu novo:

6 — *Fenneke Braamcamp,* nascida em Dezembro de 1664, baptisada em 1 de Janeiro de 1665, casou com Jan ten Thyenhuyss, ainda mencionados em 1694 e 1701;

6 - *Harmen* (Hermano) *Braamcamp,* nascido em 26 de Dezembro de 1660; morreu moço;

6 — *Joan Braamcamp,* nascido em 1670, passou a sua mocidade no solar de Oosterhoff, sob a vigilancia de sua mãe e de seu padrasto. Foi o primeiro catholico romano da familia; os mais eram protestantes. Tornou-se um abastado negociante de vinhos, e aos 28 annos casou, a 16 de Janeiro de 1699 com Hendrina (Henriqueta) van Beeck, de Amsterdam, já viuva de Gerret (Geraldo) Wentingh. Foi João declarado cidadão de Amsterdam aos 31 de Outubro de 1699. Tiveram os filhos seguintes:

7 — *Gerret* (Geraldo) *Braamcamp,* baptisado em Amsterdam a 18 de Novembro de 1699, e casado

Gerrett Braamcamp

com Isabel Clumper. Foi opulento proprietario em Amsterdam, onde habitou o famoso palacio *Trippenhuis* desde 18 de Janeiro de 1753 até 1766, tendo então mudado para uma bella casa que adquirira em *Heerengracht*, tambem em Amsterdam, e que se denominava *Huis met de Slangen* (a casa das serpentes). Como n'esta não cabiam todas as suas collecções, vendeu a 4 de Junho de 1766 alguns quadros, mencionados n'um catalogo então impresso.

O livro em verso intitulado *Le Temple des Arts, ou le cabinet de M. Braamcamp,* por M. de Bastide — *Amsterdam, chez Marc-Michel Rey,* 1766 — 4.º — VIII, 120 pag., traz um bello retrato de Gerret com estas assignaturas: *I.b* (Jacob) *Xavery, inv. et delin.* — *R. Yncles, sculp.* 1766 (1).

N'esse livro se descreve a casa das serpentes, onde Gerret Braamcamp veio a fallecer em Junho de 1771, sendo sepultado no dia 22 na Nova Egreja de Dam.

O mencionado livro compõe-se de duas partes; a 1.ª, com 47 paginas, comprehende a descripção em verso, não só dos quadros, mas dos objectos de arte, e (como digo) do palacio. A 2.ª parte, com 49 paginas, traz o catalogo *raisonné du cabinet de M. Braamcamp.*

Ha mais um:

---

(1) João Francisco de la Bastide nasceu em Marselha a 15 de Julho de 1724. Depois de cursar estudos na sua terra, passou-se para París, e habitou tambem Amsterdam. Escreveu varias obras em prosa e verso, mas creio que não passou da mediocridade.

Catalogue du précieux cabinet de tableaux, desseins (sic), *estampes et de statues. Renommé par toute l'Europe et recueilli, en plusieurs Années par Monsieur Gerret Braamkamp. Lequel sera vendu Mercredi le 31 Juillet 1771 et les jours suivans, au Grand Logement: het Wapen van Amsterdam. Par les courtiers. Philippe van der Schley, Jean de Bosch, fils de Jerome, Corneille Ploos van Amstel, fils de J. C., Henri de Winter et Jean Yver. à Amsterdam, chez J. Smit, H. W. Dronsberg, A. Hupkes et Yntema et Tiebold. Libraires.* — 8.º de 164 paginas.

O leilão deu tanto brado entre os amadores da arte, a collecção era tão importante, que se imprimiram em lingua hollandeza não menos de dois livros com o catalogo dos objectos vendidos, os seus preços, e o nome dos compradores. D'essas listas consta o total da venda dividido pelas varias especies; a saber:

Os paineis	Florins	252.833,10
Os desenhos	»	1.896,10
As gravuras...............	»	1.807,15
As estatuas	»	5,132
Total...............	»	261.669,15

Calculando o florim por 500 réis portuguezes, temos a quantia de 130:500$000 réis.

No catalogo de 1766 não se encontram alguns quadros, que o proprietario adquiriu posteriormente, e que se acham mencionados n'outros catalogos de venda. Não se venderam todos os paineis; alguns

vieram para Portugal, e a elles se refere Raczynski; e dos objectos de arte tambem vieram alguns; entre elles o famoso relogio, que veio a pertencer a S. A. a senhora Infanta D. Isabel Maria, e que no leilão foi adquirido por um colleccionador de relogios raros.

De Gerret possue o actual Conde do Sobral um magnifico retrato pintado por Therbouché, *peintre du Roi*. A influencia e importancia do sujeito era grande na sua patria. Em 1770 foi-lhe dedicada por Ian Sinkel a sua traducção hollandeza dos sermões de Bourdaloue, impressa em Amsterdam.

7 — *Theodoro Braamcamp*, baptisado em Amsterdam a 23 de Outubro de 1701;

7 - *Guilhermina Braamcamp*, baptisada em Amsterdam a 6 de Julho de 1703;

7 — *Rutger Braamcamp*, baptisado em Amsterdam a 31 de Janeiro de 1706;

7 — *Anna Braamcamp*, baptisada em Amsterdam a 22 de Fevereiro de 1708;

7 — *Hermano José Braamcamp*, com quem se continua, e

7 — *Isabel Braamcamp*, baptisada em Amsterdam a 16 de Outubro de 1711.

§ 3.º

7 — *Hermano José Braamcamp*, baptisado a 8 de Março de 1709, em Amsterdam, passou-se a Portugal alguns annos antes de 1744, anno em que, a 8 de Julho, recebeu o Habito de Christo. Foi nomeado Ministro de Prussia junto a Sua Majestade

Fidelissima, e apresentou as suas credenciaes a el-Rei D. José em 28 de Julho de 1751; teve a primeira audiencia da Rainha em 31. Foi casado em primeiras nupcias com D. Theresa Theodora de Mascarenhas e Ataíde, fallecida antes de 1751, de quem teve filhos que não vingaram; e em segundas, a 8 de Janeiro de 1752, no oratorio particular da quinta da Luz (freguesia de Carnide) pertencente á sua noiva, com D. Maria Ignacia de Almeida Castello Branco, natural da freguezia da Candelaria, no Rio de Janeiro, e filha do Brigadeiro Manuel de Almeida Castello Branco, da de Santo Estevam de Alemquer, e de D. Helena da Cruz Pinto de Faria, do Rio de Janeiro. D. Maria Ignacia, fallecida a 12 de Abril de 1796, foi 1.ª senhora do morgado da Luz, instituido por seu pae, o referido Brigadeiro, fallecido em 22 de Dezembro de 1743, 4.º neto de Antonio de Almeida, irmão de Martim Vaz de Almeida, instituidor do morgado da Paian em 1555 (1).

---

(1) «Manuel de Almeida Castello Branco foi Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, instituidor do morgado da Luz junto a Lisboa. Serviu na campanha do Alemtejo debaixo do commando do Marquez de Fronteira; e, achando-se na tomada da praça de Carvajales, foi o primeiro que n'ella entrou e lá introduziu os granadeiros; o que motivou o ser elle nomeado Governador da mesma, que, com grande gloria sua e das armas portuguezas, conservou e defendeu contra os exercitos hespanhoes. Achou-se na restauração da praça de Miranda em 1711, sendo já Tenente Coronel, e no mesmo anno foi promovido ao posto de Mestre de campo para o Rio de Janeiro. Chegando á Bahia, e constandolhe estar o Rio de Janeiro invadido pelos Francezes, passou

Quanto á posição diplomatica d'esse illustre Hollandez na Côrte de Portugal, suggeriu-me um Allemão amigo meu, o snr. Otto Hummel, meu visinho no Lumiar, espirito indagador e reflexivo, e pessoa cuja convivencia é sempre instructiva e agradavel, o seguinte:

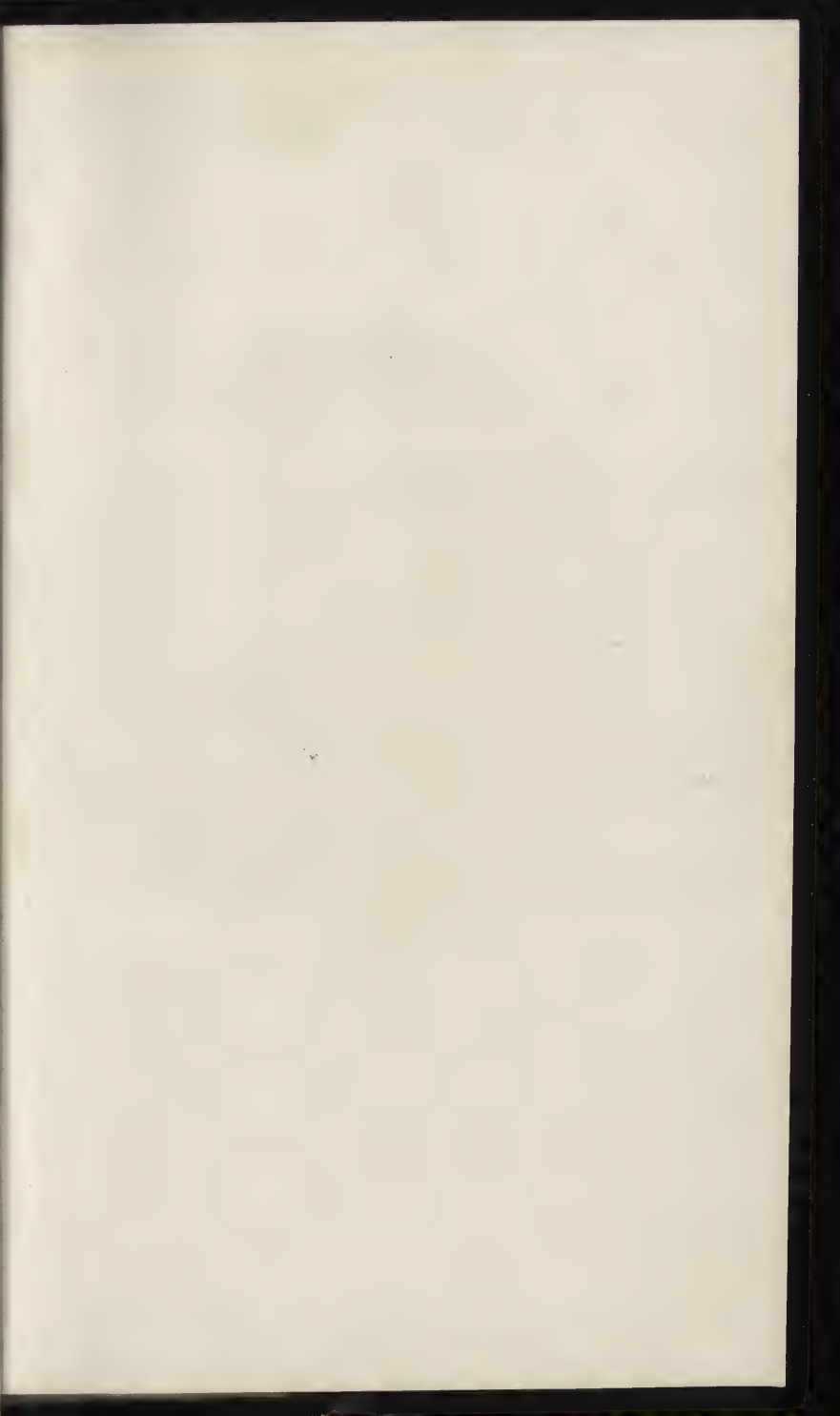
O Ducado de Clèves, fronteiriço com a Hollanda, era governado pelos Eleitores de Brandenburgo, que, desde 18 de Janeiro de 1701, tomaram o titulo de Reis *em* Prussia. Foi o 1.º Rei Frederico I, filho do chamado *Grande Eleitor*. O Grande Eleitor subira ao Eleitorado de Brandenburgo aos vinte an-

---

á capitania do Espirito Santo, que pôz em defensa. Tendo-se porém os Francezes retirado do Rio, foi para essa cidade, e d'ahi foi tomar posse da nova colonia cedida a Portugal pela paz de Utrecht, levando procuração d'el-Rei, e com todas as honras de Tenente-rei. A' mesma capitania do Espirito Santo passou com o seu terço de soccorro em 1718, e lá fez grandes serviços, e não só lá, mas tambem no governo do Rio de Janeiro, que exerceu por duas vezes, entregando-o da primeira vez a Antonio de Brito de Menezes, e da segunda a Ayres de Saldanha. Voltando a Portugal, foi Brigadeiro dos Reaes exercitos, com o governo de um regimento em Chaves. Falleceu na sua quinta da Luz a 22 de Dezembro de 1743, e foi sepultado na egreja dos Religiosos da Ordem de Christo. Casou no Brazil com D. Helena da Cruz Pinto de Faria, irman de Paulo Pinto de Faria, Cavalleiro na Ordem de Christo, e filha de Paulo Pinto, morador em 1695 na freguezia da Candelaria do Rio de Janeiro, Familiar do Santo Officio por carta de 16 de Novembro de 1695, e de sua mulher D. Anna de Faria, com quem casou depois de 23 de Outubro de 1697, ambos pessoas muito ricas e consideradas n'aquelle Estado.» Tudo isso consta de uma minuciosa genealogia da familia Almeida Castello Branco, obsequiosamente emprestada a mim.

nos, em 1640; e, tendo cursado estudos na Hollanda, travou estreitas relações com o Statt-Halter, Principe de Oranje, que depois foi seu sogro, pois elle casou com Luisa Henriqueta de Oranje. Affeiçoou-se extraordinariamente á Hollanda, que, de mais a mais, era a terra de sua mulher; e costumava dizer que a Hollanda lhe demonstrava que um paiz pequeno, quando bem administrado, pode servir de exemplo aos Estados grandes, e ser capaz de altos feitos. Continuou esse entranhado affecto até mesmo depois de subir ao Throno, e attrahiu para a Prussia muitos Hollandezes, a fim de activar o commercio, e especialmente os trafegos navaes. É pois mais que provavel, que o mencionado Frederico I, seu filho, levado das sympathias paternas, encarregasse de altas funcções, até politicas e diplomaticas, varios subditos da Hollanda; e assim, somos hoje induzidos a explicar por conjectura, á falta de provas positivas, a nomeação que fez Frederico II, o Grande, de Hermano Braamcamp para a Enviatura de Portugal, sendo este, de mais a mais, já morador em Lisboa desde muito, e conhecendo bem os usos da Côrte junto da qual ficava acreditado.

Com effeito, quem percorrer attentamente as antigas *Gazetas de Lisboa,* lerá na de 10 de Agosto de 1751 esta noticia:

«Desejando o Serenissimo Rei de Prussia estabelecer um commercio geral nos seus Estados, e prolongal-o até os portos d'este Reino; informado da nobreza, capacidade, e grande intelligencia do

Hermano José Braamcamp
Ministro d'el-Rei da Prussia junto a el-Rei de Portugal D. José

senhor Hermano José Braamcamp, Cavalleiro da Ordem de Christo, e morador n'esta Côrte, o escolheu para seu *Ministro residente* em Portugal.»

D'este diplomata apresento aos meus leitores a copia de um retrato a oleo, tamanho natural, que possue Anselmo Braamcamp Freire na sua casa do Salitre 314, e que foi admiravelmente copiado pelo nosso commum amigo o snr. Joaquim Nunes Prieto do antigo quadro original, escola hollandeza, feito portanto antes da vinda para Lisboa, e quando o retratado era muito novo; acha-se esse original hoje em poder de outro neto, o Conde de Penamacor. Vê-se que era um formoso homem, com physionomia doce e intelligente.

Este Hermano Braamcamp, fallecido a 25 de Junho de 1775, na quinta da estrada da Luz, teve do seu 2.º matrimonio os seguintes filhos, todos nascidos na mencionada quinta:

8 — *Geraldo Venceslau Braamcamp de Almeida Castello Branco*, que logo seguirá.

8 — *Joaquim José Innocencio Braamcamp*, nascido a 27 de Junho de 1756, baptisado a 24 de Março de 1757. Esteve na Hollanda algum tempo em companhia de seus tios em 1762; serviu na India com o General Visconde de Mirandella, e morreu sem geração no Rio de Janeiro, no posto de Coronel de Cavallaria, em 1814.

8 — *Luiz Manuel Clemente Braamcamp*, baptisado em perigo de vida a 24 de Março de 1757; Ministro de Prussia em Lisboa, fallecido depois de 1825; casado com D. Victoria Joaquina Pinto de

Moraes Sarmento, nascida a 9 de Abril de 1758, fallecida a 22 de Março de 1820, filha de Estevam Pinto de Moraes Sarmento, Guarda-joias d'el-Rei D. João VI, e de sua mulher D. Theresa Mongiardini, genoveza. Tiveram:

9 — *Hermano José Braamcamp,* fallecido muito novo, antes de 1820, no posto de Alferes de cavallaria.

9 — *Geraldo José Braamcamp,* nascido a 18 de Março de 1787, Major do Exercito, Cavalleiro da Ordem de Aviz, condecorado com a cruz das tres campanhas da guerra peninsular e a medalha hespanhola da batalha de Victoria, fallecido a 23 de Março de 1856. S. g.

9 — *José Climaco Braamcamp,* nascido a 30 de Março de 1790, Major do Exercito, Cavalleiro da Ordem de Aviz, condecorado com a cruz de duas campanhas da guerra peninsular, fallecido a 13 de Janeiro de 1871. S. g.

9 — *D. Maria Antonia Braamcamp,* fallecida a 25 de Setembro de 1825, tendo sido casada com João José Ludovice da Gama; com geração.

8 — *José Francisco Braamcamp de Almeida Castello Branco,* com quem se continua.

§ 3.º

8 — *José Francisco Braamcamp de Almeida Castello Branco* foi nascido na quinta da Luz a 9 de Julho de 1763, e baptisado a 4 de Agosto; Cavalleiro professo na Ordem de Christo por Decreto de

17 de Dezembro de 1805, Commendador do Seixo-amarello na de Aviz, Presidente da Commissão do Terreiro do trigo em Lisboa, desde 9 de Outubro de 1820 até 13 de Janeiro de 1824, Fiscal das Obras publicas desde 20 de Outubro de 1826 até 13 de Novembro de 1836, Par do Reino por carta de 1 de Setembro de 1834, logar de que tomou posse no dia seguinte, tirando carta de Grande do Reino em 16 de Janeiro de 1837. Falleceu a 13 de Março de 1839. O grande Sequeira fez d'elle um bellissimo retrato a oleo, que desgraçadamente pereceu n'um incendio a que logo me referirei. Casou José Francisco em 1786 com D. Maria Antonia da Silva Franco de Moura, nascida em 1768, fallecida a 16 de Outubro de 1788, filha (que veio a ser herdeira) do Doutor Carlos Antonio da Silva Franco, Desembargador dos Aggravos da Casa da Supplicação, e instituidor do morgado de Nossa Senhora da Victoria, em 9 de Dezembro de 1768, cuja cabeça foi a quinta da Victoria em Sacavem, que lá está, com a sua ermida ainda a culto, e de sua mulher D. Clara Rosa de Moura. Tiveram filhos:

9 — *D. Maria Clara Braamcamp,* com quem se continua;

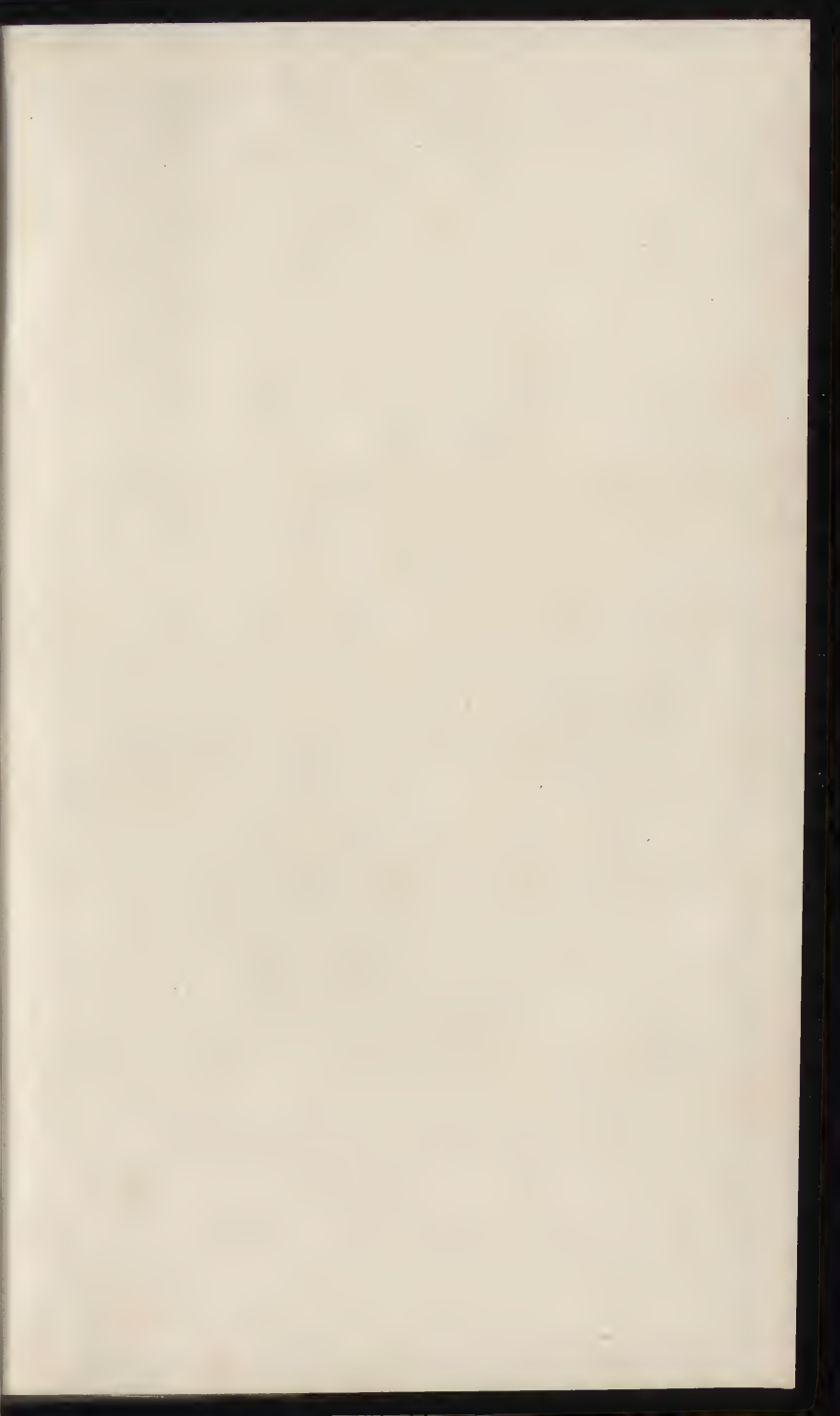
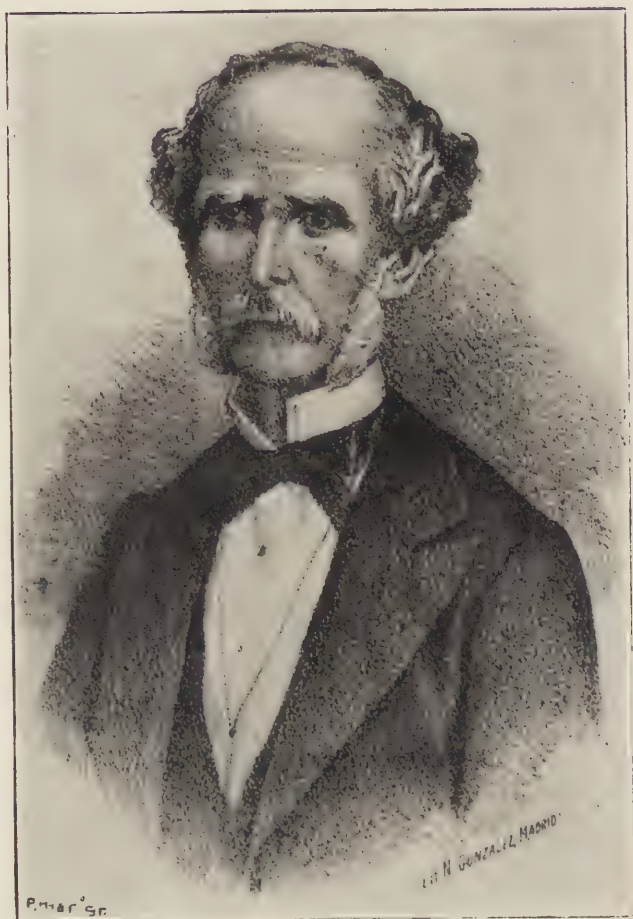
9 — *D. Maria Ignacia Braamcamp* nasceu a 15 de Maio de 1788, e morreu em Hyères a 29 de Novembro de 1829, tendo casado em Londres a 21 de Agosto de 1809 com seu primo Anselmo José Braamcamp de Almeida Castello Branco, quarto filho do 1.º Barão do Sobral, Geraldo Venceslau Braamcamp. Havia Anselmo nascido a 4 de Janeiro de 1792, e foi Commendador dos Moinhos de Soure

na Ordem de Christo, Coronel de milicias, Conselheiro de Estado em 1822, Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros em 1820. Morreu a 15 de Janeiro de 1841, deixando estes filhos:

10 — *José Augusto Braamcamp* nasceu a 8 de Julho de 1810, foi Presidente de Camara e Governador Civil de Lisboa, Par do Reino por carta régia de 17 de Maio de 1861, tomando posse a 28, e Conselheiro de Estado extraordinario. Morreu a 22 de Abril de 1890, tendo casado a 28 de Maio de 1835, com sua prima D. Maria Emilia de Saldanha e Castro, que nascera a 22 de Março de 1816 e morreu a 12 de Novembro de 1887. Sem geração.

10 — *Geraldo José Braamcamp* nasceu a 4 de Dezembro de 1813, foi Adjunto do Provedor da Misericordia de Lisboa, Governador Civil d'este districto, e muito novo, sendo official de cavallaria, havia sido gravemente ferido no cêrco do Porto. Morreu a 17 de Janeiro de 1876, havendo casado a 11 de Maio de 1855 com D. Juliana Pamplona de Sousa, que falleceu a 26 de Dezembro de 1864, e era filha dos 1.os Viscondes de Beire. Sem geração.

10 — *D. Luisa Maria Joanna Braamcamp* nasceu a 21 de Outubro de 1815, Baroneza de Almeirim pelo seu casamento effectuado a 28 de Outubro de 1835 com o 1.º Barão, que falleceu a 16 de Julho de 1859, sobrevivendo-lhe a Baroneza até 21 de Março de 1862. Tiveram:

11 — *D. Maria Ignacia Braamcamp Freire*, que nasceu a 28 de Agosto de 1836 e morreu a 15 de Fevereiro de 1882, tendo casado a 7 de Fevereiro de 1854 com José Maria de Sousa Mattos, Fidalgo

ANSELMO JOSÉ BRAAMCAMP

Cavalleiro da Casa Real, que morreu a 3 de Setembro de 1897. Com geração.

11 — *Manuel Braamcamp Freire,* que nasceu a 29 de Julho de 1838, foi Bacharel formado em Mathematica, 2.º Barão de Almeirim, Moço Fidalgo da Casa Real, Consul Geral e varias vezes Encarregado de Negocios nos Estados Unidos. Morreu em Nova-York a 27 de Janeiro de 1894, tendo casado a 30 de Outubro de 1862 com D. Carolina Sofia Shannon, subdita ingleza. Tiveram:

12 — *Manuel Braamcamp Freire,* 3.º Barão de Almeirim, que nasceu a 18 de Agosto de 1863.

12 — *Carlos Braamcamp Freire,* nascido a 2 de Junho de 1875, é Bacharel formado em Mathematica.

11 — *Anselmo Braamcamp Freire,* nasceu a 1 de Fevereiro de 1849, é Par do Reino por carta régia de 22 de Julho de 1886, de que tomou posse a 25 de Abril de 1887. Casou a 6 de Fevereiro de 1869 com sua prima D. Maria Luisa da Cunha e Menezes, que nasceu a 7 de Abril de 1849, da casa dos Condes de Lumiares. Tiveram:

12 — *Manuel Maria Braamcamp,* que nasceu a 4 de Dezembro de 1869 e morreu a 18 de Abril de 1875.

10 — *Anselmo José Braamcamp,* nascido em Lisboa a 23 de Outubro de 1819, fallecido na mesma cidade a 13 de Novembro de 1885, Bacharel formado em Direito, Conselheiro de Estado, varias vezes Ministro de Estado, e uma vez Presidente do Conselho de Ministros.

É sua filha:

11 — *D. Julia Braamcamp,* nascida a 5 de Agosto

de 1855, casada a 6 de Fevereiro de 1875 com Luiz Augusto da Cunha de Mancellos Ferraz, Engenheiro constructor naval, Moço Fidalgo com exercicio, Deputado ás Côrtes. Com geração.

10 — *D. Julia Adelaide Braamcamp,* nasceu a 26 de Julho de 1823, fallecida a 28 de Outubro de 1878, Dama de S. M. a Rainha, Aia dos Principes D. Carlos e D. Affonso, e Condessa de Villa Real pelo seu casamento com o 2.º Conde, D. Fernando de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, Par do Reino, fallecido a 4 de Fevereiro de 1859. Tiveram:

11 — *D. Maria Ignacia de Sousa Botelho,* que nasceu a 23 de Janeiro de 1845, e casou a 3 de Maio de 1865 com Antonio Xavier Teixeira Homem de Brederode, que morreu a 10 de Dezembro de 1867. Com geração.

11 — *D. José Luiz de Sousa Botelho,* nascido a 23 de Setembro de 1843, e 3.º Conde de Villa Real, Official-mór da Casa Real, Par do Reino, e tem sido Deputado e Governador Civil do Districto de Villa Real varias vezes. Casou a 2 de Março de 1867 com a Condessa herdeira de Mello, Senhora da casa de Mello, filha dos 1.ºs Condes de Mello. Com geração.

11 — *D. Isabel de Sousa Botelho,* nasceu a 1 de Outubro de 1849, Condessa de Paraty, casou a 10 de Fevereiro de 1872 com D. Miguel de Noronha, 3.º Conde de Paraty. Com geração.

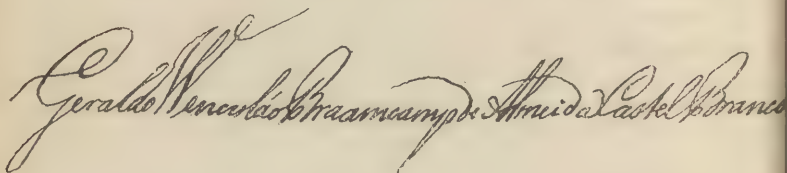
11 — *D. Anselmo de Sousa Botelho,* nasceu a 31 de Outubro de 1852, e morreu solteiro a 5 de Novembro de 1892.

11 — *D. Maria Amalia de Sousa Botelho,* nasceu a 28 de Dezembro de 1855, Viscondessa de Pindella, casou a 23 de Maio de 1889 com Vicente Pinheiro Lobo, 2.º Visconde de Pindella, Par do Reino, Ministro em Berlim.

11 — *D. Alexandre de Sousa Botelho,* que nasceu a 9 de Abril de 1857, proprietario.

§ 4.º

9 — *D. Maria Clara Braamcamp de Almeida Castello Branco,* 2.ª senhora do Morgado da Victoria, nasceu a 3 de Junho de 1787, falleceu a 25 de Janeiro de 1864, tendo casado com Manuel de Castro Pereira da Mesquita, Ministro de Portugal em varias Côrtes. Não deixaram filhos, passando a representação do vinculo para seu sobrinho José Augusto Braamcamp.

§ 5.º

8 — *Geraldo Venceslau Braamcamp de Almeida Castello Branco,* viu a luz a 28 de Setembro de 1752 na quinta de seus paes na freguesia de Carnide, e foi baptisado no seu oratorio a 1 de Novembro. Pelo seu casamento a 20 de Fevereiro de 1773, com a mencionada senhora D. Joanna Maria da Cruz Sobral, foi 4.º Senhor do Sobral, e Alcaide mór do Freixo de Numão. Foi tambem 2.º Senhor do morgado da Luz, em que succedeu a sua mãe, Commendador de Santa Maria dos Açougues na Ordem de Christo, do Conselho de S. M., Admi-

nistrador da Companhia de Pernambuco, Deputado e Presidente da Real Junta do Commercio, e finalmente 1.º Barão do Sobral de Monteagraço em 14 de Maio de 1813.

Julgo que ao casar não ficou morando com a familia de sua mulher, porque em 1791 o encontro habitando na rua Direita de S. Vicente de fóra, sendo já Deputado da Real Junta (1). Morou depois no palacio do Terreiro do Paço, até ao incendio a que logo me referirei.

D. Joanna falleceu em Lisboa a 21 de Outubro de 1812 com cincoenta e dois annos, não chegando portanto a ser Baroneza. O Barão falleceu a 6 de Julho de 1828.

A proposito d'este Geraldo Venceslau, deixarei aqui uma significativa minucia: foi com cartas suas de recommendação, que sahiu de Lisboa para Paris, em 1801, o moço João Domingos Bomtempo, a instruir-se na musica, e a procurar a gloria. A efficaz protecção indirecta de Braamcamp contribuiu portanto, logo desde o principio da laboriosa carreira do grande mestre, para dar a Portugal um dos

(1) *Almanach de 1791*, pag. 307.

maiores talentos de que pode ufanar-se a Arte musical no seculo XIX (1)

O 1.º Barão do Sobral e sua mulher foram paes dos seguintes filhos:

9 — *Hermano José Braamcamp do Sobral de Almeida Castello Branco,* com quem se continua:

9 — *D. Maria Ignacia Braamcamp de Mello* nasceu a 18 de Outubro de 1780, e morreu a 5 de Setembro de 1838, tendo casado com Antonio de Mello Correia de Sequeira, Senhor dos morgados de Palhaes, Correias de Sacavem, e outros, Moço fidalgo, Capitão de fragata. Sem geração.

9 — *D. Maria Theresa Braamcamp de Almeida Castello Branco* nasceu a 7 de Setembro de 1787 e morreu a 5 de Setembro de 1817. Casou a 27 de Abril de 1814 com João Maria Rafael de Saldanha Albuquerque Castro e Ribafria, Alcaide mór de Cintra, Senhor do morgado de Penha Verde (instituido pelo grande D. João de Castro) que morreu a 27 de Setembro de 1787, deixando estes filhos:

10 — *Antonio de Saldanha Albuquerque Castro e Ribafria,* que nasceu a 3 de Janeiro de 1815, foi 2.º Conde de Penamacor por Carta de 17 de Dezembro de 1844, Par do Reino, Alcaide mór de Cintra, etc., e morreu em Roma em Maio de 1864, tendo casado a 9 de Janeiro de 1837 com D. Maria

---

(1) Pode consultar-se o bem elaborado estudo biographico de Bomtempo (João Domingos) pelo snr. Ernesto Vieira. Este biographo compulsou documentos impressos e manuscriptos, e deixou acerca do grande homem a apreciação mais completa que possuimos.

Leonor de Mello, filha dos 9.os Condes de S. Lourenço. Com geração.

10 — *D. Maria Emilia de Saldanha e Castro,* que nasceu a 22 de Março de 1816 e casou a 28 de Maio de 1835 com seu primo José Augusto Braamcamp, como ficou dito.

10 — *D. Constança de Saldanha e Castro,* Condessa de Lumiares, nasceu a 25 de Maio de 1817 e morreu a 27 de Março de 1860. Casou a 1.ª vez a 8 de Junho de 1835 com José Felix da Cunha e Meneses, 6.º Conde de Lumiares, que falleceu a 30 de Novembro de 1843; e a 2.ª a 1 de Julho de 1848 com seu cunhado Manuel da Cunha e Meneses, Capitão do Batalhão Naval, que morreu a 27 de Fevereiro de 1850. Com geração de ambos os casamentos.

9 — *Anselmo José Braamcamp de Almeida Castello Branco,* nasceu a 4 de Janeiro de 1792, e casou a 21 de Agosto de 1809 com sua prima comirman D. Maria Ignacia Braamcamp. A sua geração já fica expendida a pag. 73.

§ 6.º

9 — *Hermano José Braamcamp do Sobral de Almeida Castello Branco,* filho de Geraldo Venceslau supra. Foi homem importante na nossa terra; e tendo herdado no berço muitas honras, accrescentou-as pelo seu merito, pelo seu trabalho, pela notoriedade dos seus serviços em periodos politicos difficeis de atravessar.

Achava-se em París nos primeiros annos do se-

culo XIX, ao mesmo tempo que era ahi nosso Ministro o celebre D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, Morgado de Matheus, Cumieira, e Sabrosa, etc., homem dado a lettras, apreciador de engenhos, e de optima companhia em qualquer parte. Madame de Sousa, a Ministra de Portugal, casada em 2.as nupcias em 1802 com este Morgado de Matheus, era viuva do Conde de Flahaut, um dos realistas victimados pela infame revolução.

Ia certamente ás recepções da Legação portugueza o illustre Conde de Narbonne-Lara Luiz Amalrico de Narbonne, antigo realista reconciliado com o Imperio, homem de esphera muito alta, e reputado pelo seu saber, pela sua bondade, e pela sua graça. Este era casado com Mademoiselle Adelaide Maria de Montholon, filha de um primeiro Presidente do Parlamento de Rouen, e tinha duas filhas. Insinua Villemain n'um livro de que logo falarei, ter sido M.me de Sousa quem promoveu o casamento da mais velha das gentis Narbonnes com o portuguez Hermano José Braamcamp, a quem elle chama erradamente Conde de Braamcamp, mas de quem diz, com verdade, ter-se visto, pela sua cultura, e pelo seu talento, ligado da maneira mais distincta, por mais de trinta annos, ás vicissitudes da sua versatil nação, onde foi Deputado, Presidente da Camara, duas vezes Ministro da fazenda, e por fim Senador (1).

---

(1) ... Un noble Portugais, le Comte de Braamcamp, que ses lumières et son talent ont, pendant plus de trente ans,

Com effeito em 1806 celebrou-se em París, a 17 de Fevereiro, o enlace matrimonial de Hermano José Braamcamp com Luisa Amable de Narbonne-Lara, nobre e distinctissima Mulher, que veiu dar novo lustre ás familias portuguezas com quem se aparentou, brilhando entre nós pelas suas altas qualidades moraes e intellectuaes.

Quanto ao illustre sogro de Braamcamp, duas palavras:

Entre as figuras secundarias que rodearam Napoleão I, e cuja historia particular se achou ligada com a chronica immortal do sublime Usurpador, entre os planetas que giraram em volta d'aquelle Sol, guiados por elle, arrastados, fascinados por elle, avulta muito, pela rectidão de principios moraes, pela dedicação patriotica, pelo espirito de cavalleiro antigo, pela lucida e culta intelligencia, e até pelo desinteresse, o Conde Luiz de Narbonne.

Chamei-lhe figura secundaria; junto a Napoleão todos o eram; mas Narbonne tem feições que o caracterisam entre os seus pares: a bondade, e a aristocratica finura, que já vinham de muito longe, e n'aquella Côrte de adventicios brotados do nada o illuminavam do prestigio da Côrte velha.

Era em 1806 homem de 51 annos; tinha sido Official de Artilharia (como Bonaparte), Capitão de Dragões, Coronel aos 25 annos, Veador *(Chevalier*

---

mêlé sous les titres les plus honorables aux vicissitudes de sa mobile patrie, où il fut tour à tour Député, Président des Cortès, deux fois Ministre des Finances, et enfin Sénateur.— Villemain — *Souvenirs Contemporains,* pag. 111.

O Conde de Narbonne-Lara
Ajudante de campo do Imperador Napoleão I

d'honneur) da Princeza Adelaide, tia d'el-Rei Luiz XVI, Membro da Assembléa constituinte, Marechal de campo, Ministro da Guerra durante tres mezes em 1791, e depois General de Divisão em 1809, Ajudante de campo do Imperador, na campanha da Russia, Embaixador em Munich e em Vienna de Austria, e por fim Governador de Torgau, na Allemanha, onde falleceu de um typho em 1813 (1).

Feliz d'elle, que ainda poude levar para o outro mundo algumas illusões, e não assistiu á tremenda derrocada de 1815. Fontainebleau, a Ilha d'Elba, os cem dias, Waterloo, Santa Helena, foram os cinco actos de uma tragedia que elle não viu, nem suspeitou. Feliz d'elle!

Era este Conde irmão mais novo de Filippe, Visconde de Narbonne-Lara, Grande de Hespanha de 1.ª classe, Tenente General, que morreu sem filhos em 1834, passando a representação da Casa para sua sobrinha, a Condessa do Sobral. Foram ambos filhos de João Francisco de Narbonne, 4.º Senhor d'Aubiac, Duque de Narbonne-Lara em sua vida *(Duc à brevet)*, Grande de Hespanha de 1.ª classe em 1789.

Sobe muito alto esta genealogia; basta dizer aqui o seguinte:

---

(1) Quem quizer apreciar o merito d'esta notavel gente consulte o livro de Villemain — *Souvenirs contemporains d'histoire et de littérature* — *Monsieur de Narbonne* — Paris, 1854. — N'essas 385 eloquentissimas paginas encontrará uma serie de quadros admiraveis, onde o talento, a agitada vida, os rasgos de M. de Narbonne, apparecem pintados por mão de mestre.

O Conde D. Manrique de Lara, Senhor de Molina, Tutor de D. Affonso VIII de Castella, Governador dos seus Reinos, filho do Conde D. Pedro Gonçalves de Lara e da Condessa D. Eva Peres de Trava, casou em 1140 com Hermesenda, Viscondessa proprietaria de Narbonne, e foi morto em combate no anno de 1164. O Viscondado de Narbonne remonta ao anno de 819 da era de Christo.

Tornando aos noivos, direi que a 18 de Abril do citado anno 1806 chegaram a Lisboa, indo estabelecer-se na sua quinta da estrada da Luz.

N'um interessante diario que deixou a intelligente senhora, a digna filha do Conde de Narbonne, e que se conserva em poder do Conde do Sobral, lêem-se estes pormenores, que transcrevo textualmente:

... «*Nous fûmes le même jour de notre arrivée coucher à Luz, où nous nous fixames, ne voulant pas déranger la grand'mère de M. de Sobral* (1), *qui habitait notre maison de Calhariz*...........

....

... «*M. de Sobral ayant été nommé de la députation qui devait se rendre en France* (2), *nous nous empressames de partir à la fin d'avril 1808*..

....

Nous restames à Paris jusqu'en 1814. Nous partimes le 19 Mai pour Calais,...................

---

(1) Era a senhora italiana, D. Maria Magdalena Crocco, de quem acima tratei, porque a outra avó, D. Maria Ignacia de Almeida Castello Branco, fallecera em 12 de Abril de 1796.

(2) Enviada ao Imperador Napoleão I.

et arrivames à Lisbonne les premiers jours de Septembre. Je me retrouvai avec plaisir dans ma famille; nous nous établîmes dans notre maison de Calhariz pendant plusieurs années..............»

Hermano José Braamcamp do Sobral de Almeida Castello Branco foi 3.º Morgado da Luz, 2.º Barão do Sobral em 3 de Março de 1824, Ministro de Estado, Par do Reino em 1 de Outubro de 1835, Conselheiro de Estado, 1.º Visconde do Sobral em 14 de Setembro de 1838, com Grandeza em 24 de Outubro seguinte, e 1.º Conde do Sobral em 13 de Dezembro de 1844. Este Conde falleceu no 1.º de Fevereiro de 1846; a snr.ª Condessa a 28 de Março de 1849, deixando as seguintes filhas:

10 — *D. Adelaide Braamcamp do Sobral de Almeida Castello Branco,* com quem se continua;

10 — *D. Maria Luisa Braamcamp de Almeida Castello Branco,* nascida a 2 de Outubro de 1812, fallecida no verão de 1900, casada a 14 de Setembro de 1834 com Antonio de Mello, 1.º Marquez e 2.º Conde de Ficalho, de quem teve

11 — *Francisco de Mello*, 3.º Conde de Ficalho, Par do Reino, Mordomo-mór, Lente da Escola Polytechnica, etc., nascido a 27 de Julho de 1837, casado em 1862 com a Condessa D. Josepha Kruz de Brito do Rio. Com geração.

§ 7.º

10 — *D. Adelaide Braamcamp do Sobral de Almeida Castello Branco de Narbonne-Lara,* 6.ª Se-

nhora e 2.ª Condessa do Sobral, Dama de S. M. a Rainha D. Maria II, nascida a 3 de Junho de 1808, fallecida a 15 de Junho de 1886, tendo casado a 6 de Outubro de 1834 com Luiz de Mello Breyner, filho dos 1.ºˢ Condes de Ficalho, Par do Reino, Gran-Cruz da Ordem de Christo, Governador civil de Lisboa, etc. Tiveram os seguintes filhos:

11 — *D. Maria Eugenia Braamcamp de Mello Breyner*, nascida a 22 de Outubro de 1837, Marqueza de Sousa-Holstein pelo seu casamento em 1862 com D. Francisco de Borja de Sousa-Holstein, filho dos 1.ºˢ Duques de Palmella, Dama da Rainha, fallecida em 7 de Outubro de 1879. Com geração.

11 — *Hermano José Braamcamp do Sobral de Mello Breyner*, 3.º Conde do Sobral, com quem se continua.

11 — *D. Maria Margarida Braamcamp de Mello Breyner*, nascida a 23 de Junho de 1844, Condessa de Mossamedes pelo seu casamento a 23 de Janeiro de 1866 com José de Almeida e Vasconcellos do Soveral Carvalho Soares de Albergaria, Conde de Mossamedes, filho dos 2.ºˢ Condes da Lapa, Dama da Rainha. Com geração.

11 — *Hermano José Braamcamp do Sobral de Mello Breyner*, 3.º Conde do Sobral, Official-mór da Casa Real, Par do Reino, nascido a 26 de Julho de 1840, casado a 11 de Outubro de 1864 com a Condessa D. Francisca de Almeida e Vasconcellos, Dama da Rainha, e filha dos 2.ºˢ Condes da Lapa acima mencionados. Com geração. É este Conde o actual representante da familia.

*

Finda aqui a primeira parte da minuciosa chronica do notavel palacio que nos occupa, desapparecido para sempre. Ainda ha poucos annos, depois do incendio que o devorou, e pouco mais lhe deixou que as paredes mestras, levantava cheio de nobreza a sua carcassa derrocada, e n'uma linguagem melancolica nos falava do tempo antigo. O que o substituiu, esse não fala; é mudo como a estupidez.

Vamos a ver se, interrogando a ruina, lhe podemos ouvir mais algumas interessantes recordações da sua chronica.

CAPITULO IX

No palacio Sobral alojava-se no principio do seculo XIX a Academia Real das Sciencias. E' novidade para muitos? eu explico:

Foi n'umas salas do paço das Necessidades que em 1780 fundou a Rainha, a senhora D. Maria I, esta nobre instituição.

Se não me engano, transferiram-n-a d'ali pouco tempo depois; foi para o palacete do beco *do Carrasco,* ao *Poço dos Negros,* e ahi se achava com certeza em 1791. O palacete ainda lá está, e ahi residiu, na sua qualidade de Secretario, o Abbade

José Corrêa da Serra

José Corrêa da Serra. Não me sei calar; o palacete obriga-me a uma digressão.

*

N'esta mesma casa, hoje transformada e aburguezada, foi em tempo d'el-Rei D. Affonso VI a

Embaixada da Gran-Bretanha. Encontrei essa noticia n'uma phrase incidente da *Historia Genealogica da Casa Real;* diz o doutissimo auctor assim:

... «O Enviado de Inglaterra,................ morava nas casas da rua *Direita,* que vão dar ao *Poço dos Negros,* no beco que chamam *do Carrasco* (1).»

Direi mais, que no processo do grande trabalhador D. Raphael Bluteau para Qualificador do Santo Officio (2), em 1674, uma das testemunhas da inquirição é João de la Croix, *q̃ veio de Paris ha perto de hum Anno, e lá conheceo a may, a Irmaã, e a Tia de D. Rafael. mora na calçada do Congro abaixo do poço nouo, defronte das janellas do quintal do Enuiado d'Inglaterra.*»

No mesmo palacete se aquartelou uma esquadra da Guarda Real da Policia; ahi morou em 1800 o Tenente General D. Francisco Xavier de Noronha.

Em 1840 era no beco *do Carrasco* o Quartel general da 1.ª Divisão militar (3), e ahi se conservou longos annos.

Modernamente ahi morou o poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Bacharel formado em Direito, Deputado varias vezes, e abastado proprietario territorial na aldeia das Córtes, junto a Leiria, casado com D. Maria da Piedade Moreira Freire Corrêa Manuel de Aboim, irman do General de Divisão de Engenharia Visconde de Villa Boim. De-

---

(1) T. VII, pag. 399.

(2) Torre do Tombo, *Familiares.*

(3) *Almanach estatistico,* pag. 114.

pois morou a snr.ª Condessa de Mesquitella, D. Marianna da Motta e Silva, com seus filhos, e ahi morreu o 3.º Conde, D. Luiz da Costa de Sousa de Macedo.

*

Não conheço ao certo a origem do titulo municipal do beco *do Carrasco;* Carrasco é appellido, e bem podia ali ter tido casa algum membro d'essa familia. Ouvi porém a pessoa que se dizia bem informada, o seguinte:

Um antigo proprietario do sitio, senhor de escravos, era para elles tão deshumano e cruel, que, pelas barbaridades que exercia nos seus, mereceu á visinhança a alcunha sangrenta de *carrasco*. Pode ser, mas não quebro lanças por essa versão.

Quem fundasse o antigo palacete do beco *do Carrasco* é que não sei; talvez os titulos esclareçam o ponto, mas não os pude ver. Acho que em 5 de Setembro de 1800 o predio pertencia á Ordem Terceira de Jesus, e que n'esse dia havia de arrematar-se em hasta publica, designado como «umas casas nobres com entrada pelo beco do Carrasco, e duas cocheiras» no mesmo (1).

Perdeu este palacete, quasi de todo, a sua antiga feição nobre; as modernas obras fizeram d'elle um burguez semsaborão. Comtudo, quem penetrar pelo extremo do beco, á esquerda, no grande pateo que ainda lá se vê, observará sacadas primitivas, de

---

(1) *Gazeta de Lisboa,* n.º XXXIV, Supplemento de 29 de Agosto de 1800.

muito cunho, e, ajudado da imaginação, recomporá o que foi tudo aquillo nos aureos dias da Embaixada de Inglaterra.

Do lado opposto do beco, onde vemos um jardim alto, havia em 1818 uma praça para arlequins e corridas de novilhos, mandada construir por um José Maria Pimentel Bettencourt (1).

*

Voltemos á Academia, que dei como transferida do beco *do Carrasco* para o palacio Sobral.

D'essa residencia ahi, conservo, pelo ter ouvido a meu Pae, um pormenor interessante para a historia das alfaias e dos usos domesticos. Viu elle na sua meninice aquellas salas, onde seu Pae, tambem Academico, o levaria de passagem alguma vez. O grande salão das sessões solemnes era illuminado por arvores de metal doirado, postas aos cantos, especie de serpentinas colossaes, d'onde rutilavam d'entre a ramaria e o folhedo as velas de cera. Esses moveis, tão pesados e ricos, seriam (quem sabe?) pertença do palacio, e não da Academia, e figurariam como adorno dos bailes e das serenatas dos Cruzes. Talvez fossem os grandes *lustres-de-pé,* ou candelabros enormes, de que fala a descripção de Sousa e Menezes. Com effeito moveis d'esse feitio são antigos, ornamentação medieva e quinhentista, que certamente se perpetuou em Portugal.

---

(1) Tinop — *Lisboa de outros tempos* — T. I, pag. 236.

*

Os Almanachs de 1803 dão ahi a Academia, e dão tambem como ahi morador o Desembargador Sebastião Antonio da Cruz Sobral; d'onde se conclue que, sendo enorme a casa, n'um andar moraria o dono, e no outro se alojaria a Academia das Sciencias.

Em 1816 encontro rasto certo da Academia no palacio Sobral; e em 1812 a descripção de uma sua sessão notavel, para mim muito interessante, e de certo para os meus leitores tambem; escutem pois:

*

Foi em 24 de Junho, dia onomastico do Principe Regente, então no Brazil. Começaram a chegar nas suas seges e traquitanas o Vice-Presidente Marquez de Borba, os Governadores do Reino, e os Socios.

Reunida a assembléa, proferiu o Vice-Presidente um breve discurso de abertura, e deu a palavra ao Secretario, que leu o seu relatorio dos trabalhos desde a ultima sessão; depois do quê, subiram successivamente á tribuna e leram memorias os seguintes Socios:

José Martins da Cunha Pessoa, Medico da Camara Real, uma memoria, que Innocencio não cita, sobre os meios de tornar mais salubre a cidade do Rio de Janeiro;

Francisco de Paula Travassos, Lente de Mathemathica na Universidade, Coronel de Engenheiros, um discurso sobre Mathematica, premiado pela Aca-

demia, e cujo auctor se viu então, pela abertura, ser Matheus Valente do Couto, que recebeu os applausos da assemblêa;

João Croft, um estudo sobre o resultado da analyse das quinas no Brazil;

Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, Tenente Coronel do Regimento de Voluntarios Reaes a cavallo, Censor Regio, etc., uma memoria sobre a pretendida chuva de algodão, que cahiu em alguns logares das visinhanças de Lisboa; e finalmente

o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, Lente de Coimbra, um Commentario e observações sobre o capitulo XXVII do propheta Ezechiel acerca das riquezas e vasto commercio dos Phenicios, nota illustrativa ao seu Ensaio sobre a historia e processos da Metallurgia desde os primeiros tempos até á irrupção dos Barbaros do norte (1).

*

Continuo a encontrar a Academia alojada ahi até 1820, onde já tinha na porta n.º 18 a sua typographia, e onde possuia, em algum dos seus numerosos aposentos, um Museu e Gabinete de physica; ahi se realisavam em certos dias *demonstrações publicas* (2).

Em 1817 encontro uma disposição singular: é um aviso ao publico, de que na quinta feira 20 de Março se celebraria sessão solemne, para ser lido o Elo-

---

(1) *Gazeta de Lisboa,* n.º 160, de 11 de Julho de 1812.
(2) *Almanach* de 1804, pag. 544.

gio historico da recem-fallecida Rainha, a senhora D. Maria I, na sala da Aula do Commercio, «que el-Rei Nosso Senhor foi servido destinar para ahi se fazerem d'aqui em diante as assemblêas publicas da Academia Real das Sciencias» (1).

Por que seria isto? não tinha a Academia as suas salas? estariam em obras? e onde eram as da aula do Commercio? tudo perguntas a que não sei responder.

Quando sahiu a Academia? No fim do 2.º semestre de 1834, visto que, por decreto de 27 de Outubro d'esse anno, a Rainha cedeu para residencia da douta corporação o vasto edificio do extincto convento de Nossa Senhora de Jesus, de Franciscanos da 3.ª Ordem da Penitencia.

Quando principiou a reinar a senhora D. Maria II teve a Academia uma renovação de vitalidade. Está-me diante dos olhos o discurso lido pelo Secretario perpetuo, Conselheiro Costa de Macedo na sessão publica de 15 de Maio de 1838, primeira celebrada depois de seis annos de interrupção. «Motivos que a todos são patentes — dizia o Secretario —, e que é doloroso recordar, causaram tão longo silencio, em que as Lettras portuguezas tiveram a sorte de tudo mais: gemeram, esmoreceram, e ameaçaram por muito tempo total esquecimento.»

Depois de desenhar a traço largo as conquistas scientificas da Europa e do mundo, diz:

«E que fazia entretanto Portugal, e a Academia?

«Portugal, estranho ao movimento geral da Scien-

(1) *Gazeta*, n.º 65, de 17 de Março de 1817.

cia, como que estava fóra da esphera da sua actividade. Portugal mostrava a apparencia definhada e mortal de uma desorganisação completa, e a hebetação mental acompanhava o marasmo politico.

«A Academia, orphan de uma parte de seus membros, agrilhoados em masmorras, desterrados e dispersos, caminhava lentamente, por uma inanição gradual, á sua total dissolução.

.... «Uma serie de prodigios trouxe a Portugal o senhor D. Pedro; e o Libertador da Patria não podia deixar de procurar ser tambem o Restaurador das Lettras.»

Com effeito, a Portaria de 9 de Maio de 1834 nomeia uma Commissão para apresentar as bases da reorganisação da Academia; essa Commissão apresentou o seu plano em 2 de Julho; mas o definhamento gradual do Duque de Bragança impediu-o de pensar mais no assumpto. Só em 15 de Outubro, já depois de fallecido o senhor D. Pedro, é que sua Augusta Successora approvou os estatutos novos.

Fez mais a Rainha: por Decreto de 27 cedeu á Academia o edificio de Jesus, da Terceira Ordem da Penitencia, e elevou a dotação academica de 4:800$000 réis a 6:000$000 réis.

Logo tratarei do assumpto, e veremos a installação da Academia na casa roubada aos Frades.

*

Como o palacio do Calhariz era central, n'elle esteve estabelecido em 1811, ao mesmo tempo que os

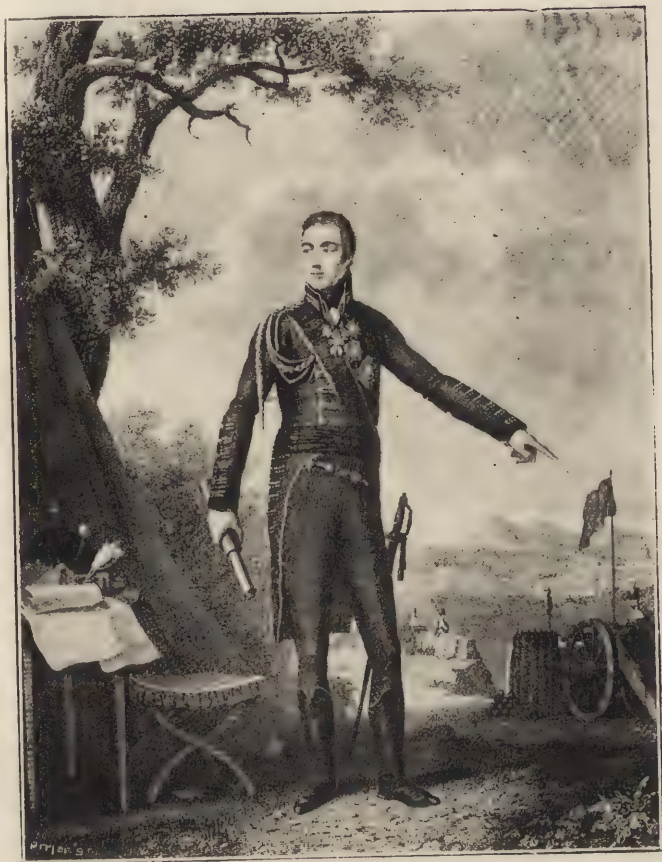
Academicos, o quartel general de Lord Wellington. (1)

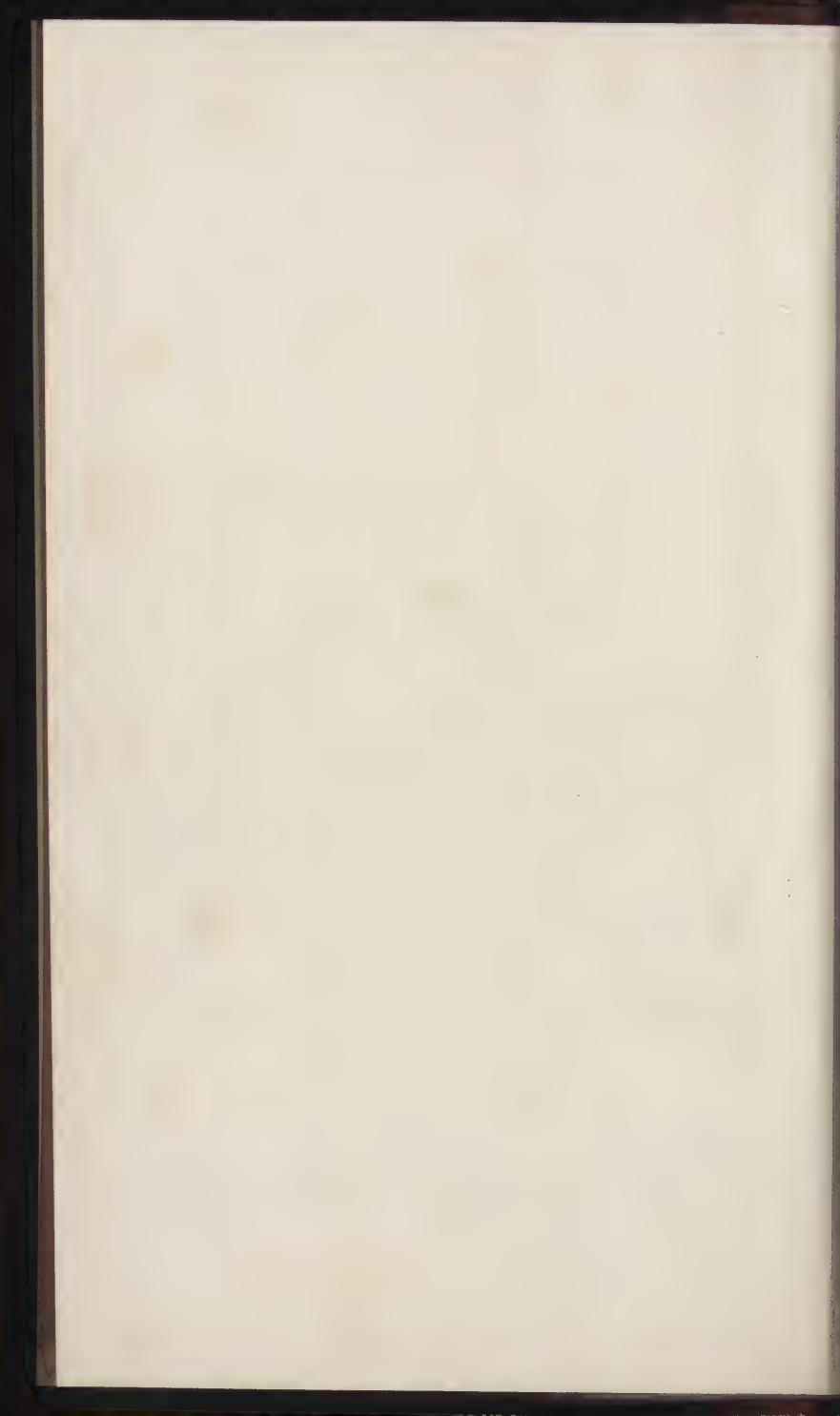
Durante muito tempo hesitei se o quartel general seria n'este palacio, ou no proximo, da Casa Palmella; hoje não hesito. Esteve tambem ahi o Marechal Beresford, segundo informação authentica e irrecusavel; e ha até um pormenor interessantissimo: o Conde do Sobral actual, meu bom amigo, e que muito me auxiliou n'estas pesquizas, com o seu amor de familia, e o seu espirito conservador, disse-me que n'uma das janellas da sala 10.ª, que deitavam para a rua do Carvalho, se via na vidraça um vidro, onde muitas vezes leu o nome de Beresford arranhado a diamante. Esse precioso *autographo* desappareceu de certo no incendio.

Ha em 1812 e 1813 muitas ordens do dia assignadas pelo Marechal Beresford, Conde de Trancoso; trazem n-as as *Gazetas;* são datadas do *quartel general no Calhariz;* ordens do dia de certo muito commentadas, durante o enthusiasmo politico do tempo, pelos frequentadores do fronteiro caffé Toscano.

O *caffé Toscano* era uma loja de bebidas que ahi existia já em 1814 (2), e onde no verão ia o publico tomar sorvetes. Os caffés são muitas vezes umas academias em ponto pequeno. Quem sabe se este não competiria, até certo ponto, na loquella, e no *espirito,* com a sábia aggremiação que estanciava no proximo palacio?

---

(1) *Gazeta de Lisboa,* n.º 273, de 16 de Novembro de 1811.
(2) *Gazeta,* n.º 147, de 24 de Junho de 1814.

O Duque de Wellington

*

Mas essa noticia é que certamente não pode competir em importancia com est'outras:

N'esse mesmo largo *do Calhariz* habitava em 1791 (não conheço a casa) o Advogado da Casa da Supplicação Dr. Francisco Martins de Sampayo, que ahi possuia um gabinete de moedas e historia natural (1).

Em 1820 morava ahi tambem, no n.º 14, o honrado e talentoso liberal Manuel Fernandes-Thomaz (2). Como tudo quanto se refere a um homem notavel é interessante, sel-o-hia certamente averiguar a qual d'aquellas casas correspondia o n.º 14 da antiga numeração.

(1) *Almanack* de 1791, pag. 461.

(2) *Almanack* do tempo, pag. 344.

CAPITULO X

O que vejo é que esta illustre familia dos Sobraes e Braamcamps morou muitos annos no seu outro palacio do *Terreiro do Paço,* na esquina da rua *da Prata,* construido por Anselmo José da Cruz Sobral, quando Fiscal das Obras publicas. Em 1791 ahi morava elle, sendo Contratador do Tabaco, sua mulher, e seu filho Sebastião Antonio da Cruz Sobral, Desembargador extravagante da Casa da Supplicação.

Passando o predio ao genro de Anselmo, o citado Geraldo Venceslau Braamcamp de Almeida Castello Branco, 1.º Barão do Sobral, este tambem ahi morava em 1820, segundo os Almanaks do tempo.

Ahi padeceu em 3 de Janeiro de 1830 um incendio medonho, que não foi (digo-o de passagem) o que destruiu o retrato de José Francisco Braamcamp pintado por Sequeira. D'esse incendio tratarei n'outro volume. Reedificado o palacio, coube em partilhas ao filho segundo do Barão, que era Anselmo José Braamcamp, d'este a sua filha a Baroneza

de Almeirim, e d'esta senhora a seu segundo filho o actual Anselmo Braamcamp Freire, que em Junho de 1889 o vendeu a Ernesto Jorge, Director e agente de Companhias de vapores (1).

---

(1) Quanto ao incendio direi alguma coisa:

Deu-se em 3 de Janeiro de 1830, devorando as labaredas o predio, tanto para a banda do *Terreiro do Paço,* como para a da rua *Nova d'el-Rei.* Foi tal a violencia do sinistro, em tempo de menos pericia technica e promptidão nos soccorros do que hoje, que houve perda de vidas. Entre os mortos figurou um Luiz Ferreira da Silva, confeiteiro, com loja na rua *Nova d'el-Rei* então n.º 124, e conhecido por uma alcunha picaresca impossivel de reproduzir aqui. A Justiça, indo proceder ao inventario do estabelecimento do pobre homem, achou-lhe n'uma gaveta, entre os destroços, o testamento, pelo qual elle constituia herdeira universal sua mulher; mas provando-se ter ella morrido em 1826, foram os bens á praça. Entre outras coisas possuia o fallecido um predio na rua de S. Bartholomeu, hoje 7 e 9, e em 1846 4 e 5. Este predio foi avaliado em 2:044$800 réis; comprou-o a 16 de Dezembro de 1830, em hasta publica, o confeiteiro Joaquim Luiz, por 2:909$000 réis.

Joaquim Luiz falleceu a 25 de Agosto de 1846, deixando sua viuva, Marianna da Assumpção e Silva, e varios filhos e filhas. Nas partilhas coube a casa de S. Bartholomeu á filha D. Henriqueta Rosa da Silva, casada com Augusto de Deus de Oliveira Bastos, Capitão de Infanteria 10, e tiveram filha D. Henriqueta Augusta da Silva de Oliveira Bastos, a qual casou com Eugenio Rodrigues Severim de Azevedo, Official de Engenheiros. Estes possuidores venderam o predio a Antonio das Neves Martins por escriptura de 28 de Dezembro de 1880. Informações tiradas dos titulos, que me foram obsequiosamente emprestados. Se todos os proprietarios tivessem a generosidade do snr. Martins, authenticava-se muita noticia historica.

Depois do incendio do Terreiro do Paço mudou-se a familia outra vez para o Calhariz.

*

Quando em 1845 era Ministro de Prussia em Lisboa o Conde Raczynski, achou dignas de menção as preciosidades artisticas conservadas no palacio; e diz:

«Vi em casa do Visconde do Sobral muitos objectos notaveis. Devo em primeiro logar o tributo da minha homenagem a uma pequena *Sacra Familia* attribuida ao Correggio; acho-a encantadora, e parece-me original. A ser copia, é já antiga, e excellente. Delicioso quadro! As minhas duvidas proveem menos do meu sentir, do que da reflexão. São raras as obras de Correggio; e comtudo, parece-me esta ser trabalho do mestre. Se fosse minha, não hesitava um instante em mandal-a authenticar, ainda que tivesse de a mandar a Parma; confesso que me seria impossivel viver n'uma duvida assim.

«Tambem merece elogios um Salvador Rosa authentico, representando S. Romualdo no deserto; tem 5 palmos e meio por 4 e meio (1^m,10 por 1^m,00): as figuras medem talvez 12 polegadas (32 centimetros). De Salvador Rosa não conheço quadro historico de maior valia; verdade é que poucos vi d'esse genero (1).

(1) Este quadro coube em partilhas á snr.ª Marqueza de Sousa-Holstein. O Marquez vendeu-o ao Conde de Daupias, argentario, amador de bellas-artes. Não sei aonde foi parar depois do leilão d'elle.

«O retrato do Conde de Narbonne pae da snr.ª Viscondessa (Ajudante de campo de Napoleão, Tenente General, morto em Torgau) é do pincel de Gérard (1), e do de M.me Guiard o da Duqueza de Narbonne-Lara sua avó (2). O retrato de um tio do Visconde do Sobral, Gerret Braamcamp, por Therbouché, pintor d'el-Rei de França, é de todos tres o que tenho em maior conta, se bem que outros tambem sejam bons. Este Braamcamp (Gerret) possuia uma collecção opulenta de quadros em Amsterdam, e o Visconde possue ainda o catalogo com o retrato do dono gravado á frente do livro (3).

«Tambem lá vi uma enorme Biblia pertencente a seu genro, o Marquez de Ficalho. Os assumptos historicos são tratados muito finamente; excellente especimen este das illuminuras borgonhezas do XV.º seculo. Pelo que toca aos arabescos são grosseiros.

«A snr.ª Viscondessa tambem possue um curioso objecto, que é ao mesmo tempo valiosa recordação de familia, e documento historico; são retratos em esmalte dos filhos de Luiz XV. Estes oito retratos acham-se reunidos em duas chapas de metal, que se fecham uma sobre a outra. Como obra de arte são valiosos (4).

«Em França houve sempre, desde Petitot até Au-

(1) Pertence hoje a seu descendente o Conde do Sobral.
(2) Pertence tambem ao Conde do Sobral actual.
(3) Idem.
(4) Existem, e pertencem tambem ao Conde do Sobral.

gustin, quem pintasse perfeitamente em esmalte; estes cá, com quanto um pouco amaneirados, são de grande acabamento, e de desenho impeccavel. Foi o proprio Luiz XV quem os mandou fazer para os offerecer a sua filha mais velha, a Princeza Adelaide; deu-os esta á sua dama d'honor a Duqueza de Narbonne, de quem os recebeu a snr.ª Viscondessa do Sobral para os transmittir a seus filhos» (1).

O Conde do Sobral, meu velho amigo e condiscipulo, conserva tambem com muito apreço um retrato de sua avó a snr.ª Condessa de Narbonne, desenhado por M.me Vigée-Lebrun, celebre retratista da Rainha Maria Antonietta.

*

N'este predio interessantissimo nasceram varios membros da familia: o actual Conde do Sobral, Hermano, em 1840; o infeliz irmão d'elle; suas irmans: duas filhas d'este Conde, e quatro sobrinhos.

Se tantas memorias alegres se acham ligadas a essa casa, tambem as ha tristes.

Ahi falleceu, como disse, o fundador em 1781; seu irmão Anselmo José em 1802; em 1805 o Desembargador Sebastião Antonio da Cruz Sobral; em 1807 a cunhada de Joaquim Ignacio, mulher do herdeiro do vinculo, Anselmo, D. Maria Magdalena; em 1846 o Conde do Sobral; em 1849 sua mulher a snr.ª Condessa (Narbonne-Lara).

---

(1) *Les Arts en Portugal* — pag. 273.

Em 1879 ali funccionava desde annos, e continuou algum tempo, o afamado Hotel Matta. Lembro-me de ahi ter jantado duas ou tres vezes; a grande sala da meza era a 4.ª, a antiga sala da musica de 1793!

Achava-se o palacio onerado de pesadas hypothecas na Companhia do Credito Predial pelo Marquez de Sousa, mallogrado e talentoso homem!

CAPITULO XI

Por Carta de Lei de 2 de Agosto de 1887, sendo Ministro da Fazenda o snr. Conselheiro Marianno de Carvalho, foi mandado comprar um predio para installação da Caixa geral dos depositos e Caixa economica portugueza. O Governo comprou este palacio ao Banco predial por 50:522$000 réis, tirados dos lucros liquidos da Caixa geral no anno economico de 1886-87.

No emtanto, não parecia conveniente afastar do centro do movimento da Baixa a Caixa geral, e n'essa ideia projectou-se dar a esta o edificio todo do Ministerio da Justiça, em cujo andar superior aquella repartição funccionava com poucas commodidades; chegou-se a fazer o orçamento das obras necessarias. O Ministerio da Fazenda queria se desse o trabalho de empreitada adjudicada em concurso; ao que, se oppoz o das Obras publicas.

N'isto se estava (porque Portugal vive perennemente afogado em papelada, e embalado em indeci-

sões e reconsiderações burocraticas), quando o palacio ardeu. Nova delonga.

Cahindo o Ministerio progressista, voltou a reinar a ideia de pôr no Calhariz a Caixa geral. Começaram as obras de transformação completa, presididas pelo mais escandaloso e extraordinario mau gosto. Demoraram-se muito, e sahiram carissimas. Em logar de um lindo e majestoso typo da architectura urbana do seculo XVIII, typo que por fora devia ter-se conservado com escrupulo, as Obras publicas deram-nos um monstro, que é uma vergonha (1).

Repito: o que lá se fez, ou se perpetrou, não tem nome. Ignoro quem fosse o architecto, nem quero sabel-o; mas, quem quer que fosse, não tem imputação. A culpa vem de mais alto: vem dos dirigentes, vem dos Ministros que então reinavam. A elles pertence vigiar, e nunca sanccionar com o seu nome attentados artisticos que nos delustram.

Dir-se-me-ha: os Ministros não podem nem devem descer a pormenores. Respondo: aquillo não era um pormenor desprezivel; era uma obra nacional, que ficava como attestado do que sabemos; era um traçado que ia substituir um traçado elegantissimo; era um predio do Estado, e como tal merecia attenção. Todo o edificio publico deve ser uma escola, um padrão, um exemplo. Com aquillo... assignalámos um tremendo retrocesso com respeito a

---

(1) Informações quasi todas colhidas (menos as apreciações severas, que são minhas) de um artigo do jornal *O Popular,* de 21 de Dezembro de 1896, e de apontamentos offerecidos ao auctor.

nossos avós. A culpa cabe toda aos Ministros que o approvaram.

Não sei quem foram, nem isso importa muito á Historia. Entram uns, entram outros, todos *rotativos;* o publico vê-os com supina indifferença n'um eterno girar de alcatruzes... cheios de agua doce; as responsabilidades cabem a todos os que vão agarrados ao calabre.

Em 15 de Fevereiro de 1897, dez annos depois da compra, concluiu-se a installação da Caixa no seu novo domicilio.

*

Eis pintada em esboço a accidentada chronica d'este casarão. Quando ali passo, revive-me tudo isto no espirito, e pasmo do que é o mundo: um sonho!...

DECLARAÇÃO FINAL

Para escrever a historia succinta d'esta familia notavel, vali-me das seguintes fontes, além da tradição oral conservada entre os descendentes:

I — *Resenha dos Titulares* por A. A. da Silveira Pinto e o Visconde de Sanches de Baêna.

II — *Gazeta de Lisboa* — passim.

III — *Recordações* de Jacome Ratton — 1813.

IV — *Ao senhor José Francisco da Cruz Alagôa, Fidalgo da Casa de S. M. F., do seu Conselho e do da Real Fazenda, Thesoureiro mór do Real Erario, Donatario do Morgado de Alagôa, etc. etc. etc.* — Romance hendecasyllabo — e dois Sonetos — Este folheto sahiu anonymo, mas é de *Roge-*

rio Barguda Telles, cryptonymo anagrammatico de *Alberto Rodrigues Lage.* Sem data.

V — *Elogio funebre, e historico, que na sentidissima morte do senhor Joseph Francisco da Cruz Alagoa, recitou dentro das enlutadas sombras do seu coração, e offerece ao senhor Joaquim Ignacio da Cruz, etc. etc. etc. Rogerio Barguda Telles. — Lisboa, Na Officina de Joseph da Silva Nazareth. — MDCCLXVIII. — Com licença da Real Meza Censoria.* 4.º 1 folheto de 40 pag.

VI — *Carta de amisade do autor* (Rogerio Barguda Telles, anagramma de Alberto Rodrigues Lage) *para hum am.º particular e homem verdadeiramente sabio pedindo-lhe parecer sobre o Elogio de José Francisco da Cruz Alagoa.* Manuscrito. 12 pag.

VII — *Razão de formar este Panegirico* — mss.

VIII — *Carta de Damião José Saraiva* a Alberto Rodrigues Lage, em Lisboa a 21 de Setembro de 1768. Manuscrito autographo.

IX — *Carta de D. Thomaz Caetano de Bem* a Alberto Rodrigues Lage, em Lisboa a 25 de Setembro (de 1768). Manuscrito autographo.

X — *Ao Autor do Elogio funebre do Conselh.ro Ioseph Francisco da Cruz Alagoa, sendo o primeiro que com pura elegancia louvou suas acçoens com a modestia de occultar seu nome, em Anagramma — Soneto* — assignado D. B. M. (Diogo Barbosa Machado ?) — Manuscrito autographo.

XI — *Admirando o precedente Elogio Funebre, e Historico, e decifrando o Anagrama do Nome do seu modesto Author, mui digno de se publicar, rompo*

nesta — Rima Decastica. (Decima manuscrita autographa assignada pelo Dz.^or^ João Gomes Ferreira).

XII — *Carta do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, manuscrita e autographa, a Alberto Rodrigues Lage* (sem data) a respeito do seu Elogio funebre de José Francisco da Cruz Alagoa.

XIII — *Resposta de Alberto Rodrigues Lage á carta precedente* manuscrito autographo, mas não assignado.

XIV — *Elogio consagrado á saudosa memoria do senhor Conselheiro Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, do seu Conselho e do da sua Real Fazenda, Thesoureiro mór do Erario Regio, Thesoureiro e Conselheiro da Casa da Rainha N. S., Provedor e Feitor mór das Alfandegas do Reino, Alcaide mór de Freixo de Nemão, e Senhor Donatario de Reguengo, e Villa do Sobral de Monte Agraço, etc. etc. etc. por João Joseph Pinto de Vasconcellos, Secretario que foi do Governo, e Estado do Reino de Angola.* — (Logar de uma vinheta em cobre com o retrato de Joaquim Ignacio) — *Lisboa — Na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. — M. DCC. LXXXI. — Com licença da Real Meza Censoria.* — 4.º — 1 folheto de 20 pag.

XV — *Elogio do senhor Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, do Conselho do Senhor Rei D. Joseph I. e da Rainha N. Senhora, Conselheiro da sua Real Fazenda, Administrador da Alfandega desta Corte, Thesoureiro mór do Erario Regio,*

Alcaide mór do Freixo de Nemão, Senhor da Villa do Sobral de Monte Agraço, e seu Reguengo, Padroeiro da Freguesia de S. Isabel. Por seu reconhecido amigo Lourenço Anastacio Mexia Galvão, Estribeiro da Rainha nossa Senhora, etc. — (Logar de uma vinheta em cobre) — *Lisboa — Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. — M. DCC. LXXXI. Com licença da Real Meza Censoria* — 4.º — folheto de 27 pag.

XVI — *Carta* anonyma a Lourenço Anastacio Mexia Galvão atacando-o por causa do seu *Elogio* de Joaquim Ignacio da Cruz Sobral. É uma serie de miseraveis invectivas contra o auctor, e sobretudo contra o fallecido; obra cobarde de chacal que devora carne morta. Manuscripto coevo. Tem no alto, por lettra de Alberto Rodrigues Lage o seguinte: *Satira perfida feita a q.m fes hum Elogio ao Cons.ro Joaq.m Ign.o da Crus Sobral por F. J. da Serra mal contente de o não atenderem: á qual respondeo o M.e de meninos da Escola do Sobral. Faleceo em 24 Mayo 1781.* Manuscripto.

XVII — *Carta* a Francisco José da Serra. Deve ser do Professor do Sobral; é manuscripta. Tem no principio, por lettra de Alberto Rodrigues Lage, o seguinte: *A carta em frente he em desforço da Satira que o mentiroso satirico fez contra Lour.ço Anast.o Mexia Galvão Elogiador do Cons.ro Joaq.m Ign.o da Crus Sobral, e atacando a fama deste Min.o. A ele responde na Carta em frente o M.e de Ler, e escrever, e contar da V.a do Sobral e Soubese que Fran.co Ioze da Serra q foi famulo do Dez.or Ign.o Barbosa Machado a q.m servia de Ama-*

nuense e escovador de sua Livraria rompera naquela furia em resão de lhe não deferir e proteger hua injust.ª q lhe pedia. Este clerigo simples e Doutor de Tibiquoque se armou de Soli Deo, barrete, anel Doutoral etc. que era Plagiario.

XVIII — *Ao senhor Joaquim Ignacio da Cruz, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, do seu Conselho, e do de sua Real Fazenda, do da Rainha nossa Senhora, Thesoureiro mór do Erario Regio, Provedor da Junta do Commercio destes Reinos, e seus Dominios, Administrador geral da Alfandega de Lisboa, e Feitor mór das mais do Reino. Ode* — (2 pag.) — e *Soneto* por *seu Compadre e fiel Criado João Dias Talaya Sotomayor*. Fol.—

XIX — *Elogio funebre do Conselheiro Anselmo Jozé da Cruz Sobral, etc. etc. etc. por João Jozé de Vasconcellos, Consul Geral da Nação Portugueza em Dinamarca. — Lisboa: — Na officina Nunesiana. — Anno M. DCCCII. — Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.* 4.º — 1 folheto de 23 pag.

XX — *Ecos saudosos ouvidos na Capital portugueza na passagem a melhor vida do illustre Conselheiro o senhor Anselmo José da Cruz Sobral, etc. etc. etc. recolhidos e offerecidos a seu illustre filho o senhor Sebastião Antonio da Cruz Sobral, do Conselho de Sua Magestade, etc. etc. etc. apresentados na Igreja de Nossa Senhora da Vida da Villa de Sobral, de que he Senhor Donatario, por occasião das solemnes Exequias por hum dos seus mais obrigados.*—(Logar de uma vinheta com Ar-

mas Reaes) —*Lisboa — Na Regia Officina Typografica. Anno M. DCCCII. – Por Ordem Superior.* — 8.º — 1 folheto. Contem poesias: de Manuel Maria Barboza du Bocage, uma Elegia em tercetos; mais quatro Sonetos, e tres decimas anonymas.

XXI — *Soneto* á familia dos Cruzes, por Domingos dos Reis Quita: é o LXVII das *Obras poeticas* do mesmo.

Todos estes documentos, vi na livraria do meu querido amigo Anselmo Braamcamp Freire.

XXII — *Livro primeiro dos Brasões* da Sala do Paço de Cintra por Anselmo Braamcamp Freire.

XXIII — Informações authenticas obtidas das seguintes pessoas, a quem apresento aqui a expressão do meu agradecimento mais cordeal:

S.S. Ex.as as senhoras:

Condessa de Mossamedes D. Maria Margarida Braamcamp de Mello Breyner;

D. Maria Luisa da Cunha e Meneses.

e os senhores:

Conde do Sobral, Hermano José Braamcamp do Sobral de Mello Breyner;

Anselmo Braamcamp Freire;

Luiz Antonio Neto da Silva.

P. S. — Relendo o que escrevi sobre este palacio, mais celebre que muitos outros que teem seculos, receio que o leitor ache o mesmo que eu achei: que disse pouco. Posso porém affirmar-lhe fiz tudo quanto estava ao meu alcance. Importunei pessoas amigas, descendentes dos antigos Sobraes, revolvi papelada, consultei impressos e manuscritos, para mesquinho resultado.

Como acima mostrei, o Marquez de Sousa Holstein, casando com a snr.ª Marqueza D. Maria Eugenia Braamcamp de Mello Breyner, recebeu uma parte da desvinculada casa de seu sogro o Conde do Sobral. N'esse quinhão foi o palacio do Calhariz. Os preciosos titulos d'esse predio, a instituição do vinculo, e muitos outros documentos, que poderiam esclarecer estes assumptos, e dar-lhes còr e interesse, passaram para o filho do mesmo Marquez, o snr. D. Luiz de Sousa. Não os vi, mas é de crer que o mesmo senhor, apreciando este deposito sagrado, que lhe faia dos Cruzes, seus proximos avós, o guarde, o conserve como um thesoiro. O snr. D. Luiz tem obrigação dupla de o fazer: como descendente d'aquelles benemeritos, deve zelar-lhes a fama e a honra; como filho do talentoso Marquez de Sousa, e neto do grande Duque de Palmella, cabe-lhe o dever de presar glorias artisticas, que pertencem tanto ao seu sangue como ao Paiz.

Isto de guardar papeis antigos não é para todos. O apreço ao documento velho é uma prova de cultura de espirito; honrar os avós é prova de coração e alma. Quero portanto crer que o snr. D. Luiz de Sousa venera essas preciosidades, e ha-de testar conscienciosamente a seus netos o que herdou de seus avós os Cruzes.

Qualquer outro de menos fino espirito queimaria esse cartorio... e passava á ordem do dia.

CAPITULO XII

Ha uma tradição confusa, que me chegou por intermedio de um distincto membro da familia Sobral, relativamente á construcção do palacio do Calhariz.

Dizia-se, ha duas gerações, que Joaqum Ignacio levantára o seu predio sobre restos comprados ao Principal Lazaro Leitão Aranha. Ora tem-me ensinado a experiencia que nunca se devem desprezar tradições de familia, embora vagas; o prudente é registal-as, e esperar que um dia as venha confirmar, ou reduzir a pó, um documento qualquer.

Esta era verdadeira. Os titulos do edificio, as escripturas da compra pelos Cruzes, podiam esclarecer o assumpto; infelizmente não vi esses papeis; mas prescindo d'elles; tenho prova muito cabal sacada de fonte genuina e irrecusavel. Essa fonte é o Tombo da Cidade, levantado depois do terremoto de 1755, e de que estudei a bella copia que existe, da lettra de José Valentim de Freitas, na Bibliotheca Nacional.

Com effeito, correndo as medições e confronta-

ções do Bairro de Santa Catherina, vejo, a pagina 15, que os engenheiros, depois de mencionarem o palacio da travessa *de André Valente,* seguem pelo lado septentrional da grande arteria que se dirigia para o Loreto, deixam o grande palacio do Monteiro mór (o nosso antigo Correio geral), e, passada uma casa de João de Setem, apresentam «o palacio do Principal Lazaro Leitão Aranha», que era, como se vê, sem tirar nem pôr, no sitio exacto do palacio Sobral, que ainda não pertencia á familia, nem existia como o conhecemos.

A pagina 19, quando descrevem a banda oriental da rua *da Rosa,* subindo, tornam a mostrar-nos n'essa rua o mesmo palacio, isto é, a sua face occidental.

A pagina 20, tornam a mencionar-lhe a face do norte na rua *das Mercês.*

Não pode haver pois a minima duvida: são as mesmas marcações.

Parece-me comtudo que, no tempo do Principal, o palacio não occupava exclusivamente, como agora, um quarteirão inteiro, pois vejo confrontava, não sei já por que banda, com casa de Luiz de Bem Salinas.

O que se vê pois é que Joaquim Ignacio comprou ao Principal, ou a seus herdeiros, o palacio, e o reedificou.

Era esse Lazaro Leitão Aranha, em dias do 1.º Patriarcha D. Thomaz de Almeida, filho de um ourives da prata chamado Manuel Leitão. Estudou, formou-se, foi Collegial de S. Paulo, Conego da Collegiada de S. Thomé, Secretario de Embaixada a

Roma, Deputado da Meza da Consciencia e Ordens, etc. (1).

Subiu depois á elevada dignidade de Principal na Sé.

Parece que era rico; e tanto, que fundou, do seu bolsinho, o Recolhimento, que ainda hoje lhe perpetúa o nome, entre Santa Apollonia e a Cruz da Pedra.

Fiado pois na tradição, e no Tombo, admitto que Lazaro Leitão possuisse um palacete, e que Joaquim Ignacio da Cruz lh'o comprasse. O que é certo é que a sessão da Arcadia de 19 de Junho de 1764 se celebrou nas casas do Principal Lazaro Leitão Aranha (2); o que nos mostra o palacio resistindo ao terremoto, ou reedificado pelo dono n'algum d'esses nove annos (1755, 1764).

*

Que já era predio nobre, demonstra-o uma circumstancia interessante: morou ahi em 1755 o Embaixador de França, Marquez de Baschi. Eu explico.

Tinha recolhido á sua Côrte o Marquez de Chavigny, que em Lisboa residira alguns annos por Embaixador d'el-Rei Luiz XV, e me parece morou, segundo li algures, em parte do palacio Pombal, á rua *Formosa*. Na vaga d'esse diplomata, nomeou o mes-

---

(1) Vi isso n'uma lista de Conegos, n'uma Miscellanea manuscrita da Bibliotheca Nacional B — 11 — 6, na fl. 9.

(2) José Ramos Coelho — Estudos sobre o *Hyssope*.

mo Soberano outro membro não menos illustre da aristocracia franceza, o Marquez de Baschi, cuja familia, oriunda de antiquissima estirpe italiana, que o diccionarista Moreri traz por miudos, se estabelecêra havia seculos em França, e possuia lá, no Languedoc, na Diocese de Nîmes, um solar de admiravel estructura, e terras consideraveis.

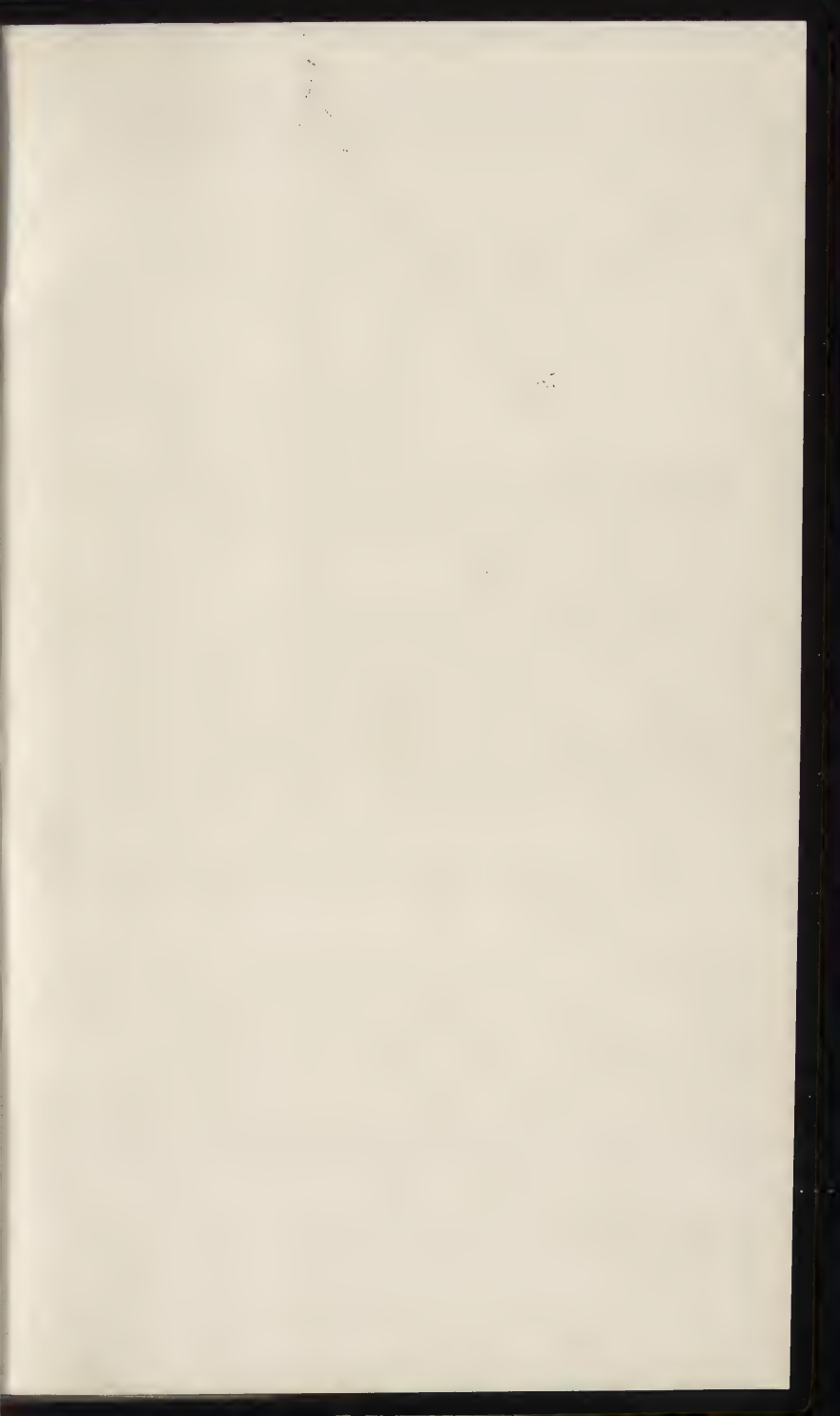
Ao certo o titulo d'este Ministro era o de Marquez de Pignan, Barão de Aubais e de las Ribes. Nascido em Montpellier em 1687, casou em 1725 com Anna Renata d'Estrades. Era pois ao tempo da sua embaixada sujeito que andava pelos 68, e certamente digno da confiança do seu Soberano.

Morou neste palacio em Lisboa, e teve em Junho de 1755 de fazer a sua entrada publica e solemne, pela forma que vou referir.

A 8 passou a residir tres dias, por conta e como hospede d'el-Rei de Portugal, na quinta patriarchal da Mítra em Marvilla (Poço do Bispo).

*

A quinta da Mitra! admiravel edificio, cheio de recordações, para mim em especial. Já que ahi vamos poisar, na agradavel companhia do Embaixador, falemos da casa.

Possuiam, imagino que desde seculos, os Prelados lisbonenses este retiro suburbano, que, pela sua situação á beira do Tejo, pela sua parte rustica opulentamente arborisada, e pelo esplendor do edificio em si mesmo, era uma verdadeira pérola dos arredores da Capital. O Cardeal D. Thomaz de Almei-

Quinta da Mitra (Poço do Bispo)
desenho do sr. Roque Gameiro

da, magnifico sempre, reformou tudo, imprimindo ás bemfeitorias o seu cunho de elegancia e gosto.

A calçada em frente do palacio fel-a tambem D. Thomaz, mais um caes, onde certamente Sua Eminencia embarcava quando ia a Lisboa em galeota.

Chegou intacta aos nossos dias esta habitação sumptuosa, que vista do Tejo apresenta o aspecto dos mais aristocraticos palacios do seculo XVIII. Compõe-se de sobreloja muito alta e andar nobre, com suas nove sacadas elegantissimas coroadas de cornija. Ao poente, entre duas janellas gradeadas, rompe-se o vistoso e largo portão de ferro para o pateo, d'onde sobe a bella escadaria largamente illuminada, que leva ao primeiro salão. E' n'um dos vastos patamares d'esta escada monumental, que se abre a porta da tribuna, que domina a linda capella particular da casa.

Os salões, todos com muito pé direito, revestidos de azulejos ricos, mostram um ar quasi Real. O 1.º tem duas sacadas sobre o pateo, e tres sobre a estrada. O 2.º duas sobre a estrada. O 3.º quatro sobre a estrada, e duas portas sobre o jardim. Segue sobre o mesmo jardim a vasta e elegante sala da meza.

O jardim, desenhado á antiga, repartido em buxos recortados, ainda ostenta estatuas velhas, ennegrecidas do tempo, um desafogado tanque, e numerosos azulejos ornamentaes.

Ao fundo um portão sobre a matta, sombria, chilreada, profunda, infelizmente cortada lá em cima pela linha ferrea, mas communicada por uma ponte com o resto da propriedade.

Tal é, ao correr da penna, a celebre quinta dos Prelados, para onde se transportou o Marquez de Baschi.

*

A' chegada d'elle, recebido por D. Francisco Xavier Pedro de Sousa, Commendador nas Ordens de Christo e Santiago, Védor da Casa Real, tudo ali respirava festa, porque do Thesoiro d'el-Rei se tinham levado para lá as mais vistosas armações de parede, os mais bellos cortinados, camas completas para o Ministro e seu sequito, a baixella de prata mais opulenta, accrescentada então de doze duzias de pratos de trinchar primorosamente lavrados em prata. Bizarrias portuguezas!

Vamos, com licença do illustre habitante, percorrer as salas.

*

Nas duas primeiras viam-se os antigos retratos dos Arcebispos, renovados segundo diz João Baptista de Castro (1), pelo pincel eloquente e conceituoso do meu grande Vieira Lusitano. Examinemol-os.

O 1.º retrato da primeira sala não tinha nome. «Fatal descuido!» — observa Castro, e muito bem. Regra sem excepção, quanto a mim: todo o retrato deve levar, patente ou disfarçado, o nome da pessoa figurada. Faça o pintor como quizer; mas consideremos: muito mais valeriam para nós, se lhes co-

---

(1) — *Mappa de Portugal* — freguezia dos Olivaes.

nhecessemos os assumptos, certas telas de Rubens, Van-Dick, ou Murillo, hoje só apreciadas como pintura.

O 2.º era D. Antonio de Mendoça, da Casa de Val-de-Reis, 18.º Arcebispo. Por ter elle vinculado toda a sua fazenda ao morgado dos seus, fingiu-lhe Vieira no mesmo quadro um painel de Enêas com o pae ás costas, e por mote na moldura: *Pius in Parentem* (Compassivo e respeitoso para com seu Pae).

O 3.º, o Cardeal D. Luiz de Sousa, 19.º Arcebispo. Liam-se os seus titulos n'um papel dobrado encostado a um copo com as suas Armas gravadas.

O 4.º, D. Rodrigo da Cunha, 17.º Arcebispo, no meio de uma livraria, em cujas lombadas se liam os titulos das suas obras litterarias, tão conscienciosas e eruditas. Por baixo estes dois disticos:

Invida Naturæ potuit tibi tollere vitam
Mors; vitam Famæ tollere non poterit.
Vivit adhuc, spiratque simul tua, Præsul, imago.
Vivit in his libris, spirat in hac tabula.

(Invejosa da Natureza, poude a Morte arrancar-te a vida; não lhe será dado, porém, destruir a tua Fama. Essa, ó Prelado, vive ainda, assim como a tua figura aqui respira; vive n'esses livros, respira n'essa tela).

O 5.º, D. Jorge da Costa, o chamado Cardeal de Alpedrinha, 8.º Arcebispo. Representava-se o Cardeal encostado a um bufete; sobre este um livro aberto, onde apparecia a estampa do paralytico, a

quem disse Christo: *Tolle grabatum tuum* (1). Allusão á fugida do Prelado para fora de Portugal em dias d'el-Rei D. Affonso V. Sobre o bufete via-se tambem um globo com uma roda de navalhas de Santa Catherina; allusão á Infanta D. Catherina sua protectora. Ao canto as Armas dos Costas de Alpedrinha.

O 6.º, D. João Manuel, 16.º Arcebispo, Vice-Rei de Portugal.

O 7.º, D. Affonso Furtado de Mendoça, 15.º Arcebispo.

O 8.º, D. Miguel de Castro, 14.º Arcebispo. «D'este Arcebispo — conta o incançavel Castro — não se achou em todo Portugal outro retrato, mais que um, feito depois d'elle morto, com os olhos fechados, e deitado; e dizendo el-Rei a Vieira que era preciso ressuscital-o, elle o expressou com a mão esquerda no peito, e com a direita apontando para um relogio, que mostrava em duas aberturas adequadas o numero do dia, e o nome do mez em que nascêra, e no termo inferior do dito relogio o anno; e para significar que o tal relogio ali cessara, fez-lhe o apontador cahido no bufete; e para dar satisfação á ordem do Rei, figurou-lhe no fundo um medalhão pendurado com a ressurreicão de Lazaro, e um lettreiro na moldura, que diz: *Veni foras.*» (Sae d'ahi).

O 9.º, D. Jorge de Almeida, 13.º Arcebispo.

O 10.º, o Cardeal Rei D. Henrique. Descreve-o

(1) — Levanta o teu leito e caminha — disse Christo ao paralytico de Capharnaum. S. Marcos, II, 9.

Castro assim: «Está figurado em um jardim solitario, em acto pensativo, com um masso de papeis na mão, e estas encruzadas. Ao lado direito uma estatua de bronze, que representa a Lusitania, com a sua lança cahida, e a figura disposta de modo, que está sem cabeça, porque justamente fica cortada com a moldura para simular o conceito. Junto do pedestal da dita figura está uma planta de cardo secco com dois caracoes pegados. Da parte esquerda está um bufete de pedra avermelhada, e sobre este um livro grande fechado, que tem no lombo escripto um lettreiro, que diz *Reino de Portugal.* Sobre o dito livro está uma corôa de loiro, e sobre ella uma corôa Real, e um coelho, symbolo da Hespanha, que desde um canto pucha pela laurea, e tomba a dita corôa Régia.»

O 11.º, D. Fernando de Vasconcellos e Meneses, 11.º Arcebispo. Tinha, na parede do quarto em que figurava estar, um *Agnus Dei* de Paulo III, que foi o Pontifice que o creou Arcebispo (1).

O 12.º, o Cardeal Infante D. Affonso, 10.º Arcebispo. Expressava (não sei como) preferir a Theologia á Philosophia.

O 13.º, D. Martinho Vaz da Costa, irmão do Cardeal D. Jorge, e 9.º Arcebispo. Estava em acto

---

(1) — «*Agnus-Dei.* — Assim se chamam umas reliquias de cera branca, em forma de medalhas, que de uma parte teem a figura de um cordeiro, symbolo de Nosso Senhor Jesu-Christo, e da outra alguma outra devota Imagem. O Summo Pontifice os benze e os consagra, o 1.º anno do seu Pontificado, e regularmente de sete em sete annos.»

BLUTEAU — *Vocab.*

de ler umas conclusões, em que se lia o seu nome, e n'uma urna indiana as suas Armas.

Que bella galeria! onde parará hoje? o nosso desleixo portuguez que responda, se pode (1).

N'outras salas armaram-se mezas para os festins, ricamente adornadas e providas. Na principal comia o Embaixador com o seu hospedeiro, e nas outras o sequito, sendo servidos todos por creados da Casa Real. O que havia melhor na cosinha elegante, e mais «toda a sorte de limonadas e orchatas nevadas, vinhos generosos, chocolates, e outras varias bebidas», tudo appareceu.

*

Acabados os tres dias de hospedagem, recolheu-se o Embaixador á sua casa da rua do Loreto, onde foi visitado por todos os senhores da Côrte, que tinham ordem de o acompanharem á audiencia d'el-Rei D. José.

N'esse mesmo dia 11 ahi appareceu pelas 3 horas da tarde o Marquez de Valença, D. José Miguel de Portugal e Castro, em coche Real admiravel, acompanhado de mais quatro vazios para a comitiva estrangeira, escoltado de outros seus, e com o seu estribeiro á portinhola. Desceu o Embaixador a escadaria; o conductor apeou-se, e ainda o encontrou na

---

(1) Já alguem me affirmou que se acha no paço de S. Vicente. Não creio. Os retratos que ha n'uma das salas de sua Eminencia, e que muitas vezes tenho examinado, não são (nem podem ser) os que Vieira retocou. São outros.

escada. Saudaram-se reciprocamente com todo o ceremonial antigo, e subiram ás salas, dando o Francez sempre a direita ao Portuguez, o primeiro passo nas portas, e o logar reservado nos sofás. Feito o comprimento do pesado protocollo, levantaram-se; e, como desde esse instante começavam as funcções diplomaticas do conductor, deu este á descida a direita ao Embaixador, fel-o entrar em primeiro logar no coche, e sentou-se-lhe á esquerda.

*

O Marquez de Baschi ia flammante: de capa e volta, com um vestido de velludo negro bordado a oiro, com bandas e canhões de setim encarnado tambem bordado a oiro, e abotoadura de oiro guarnecida de diamantes. O seu conductor D. Francisco ia tambem tão ricamente vestido, quanto o permittia a ultima pragmatica.

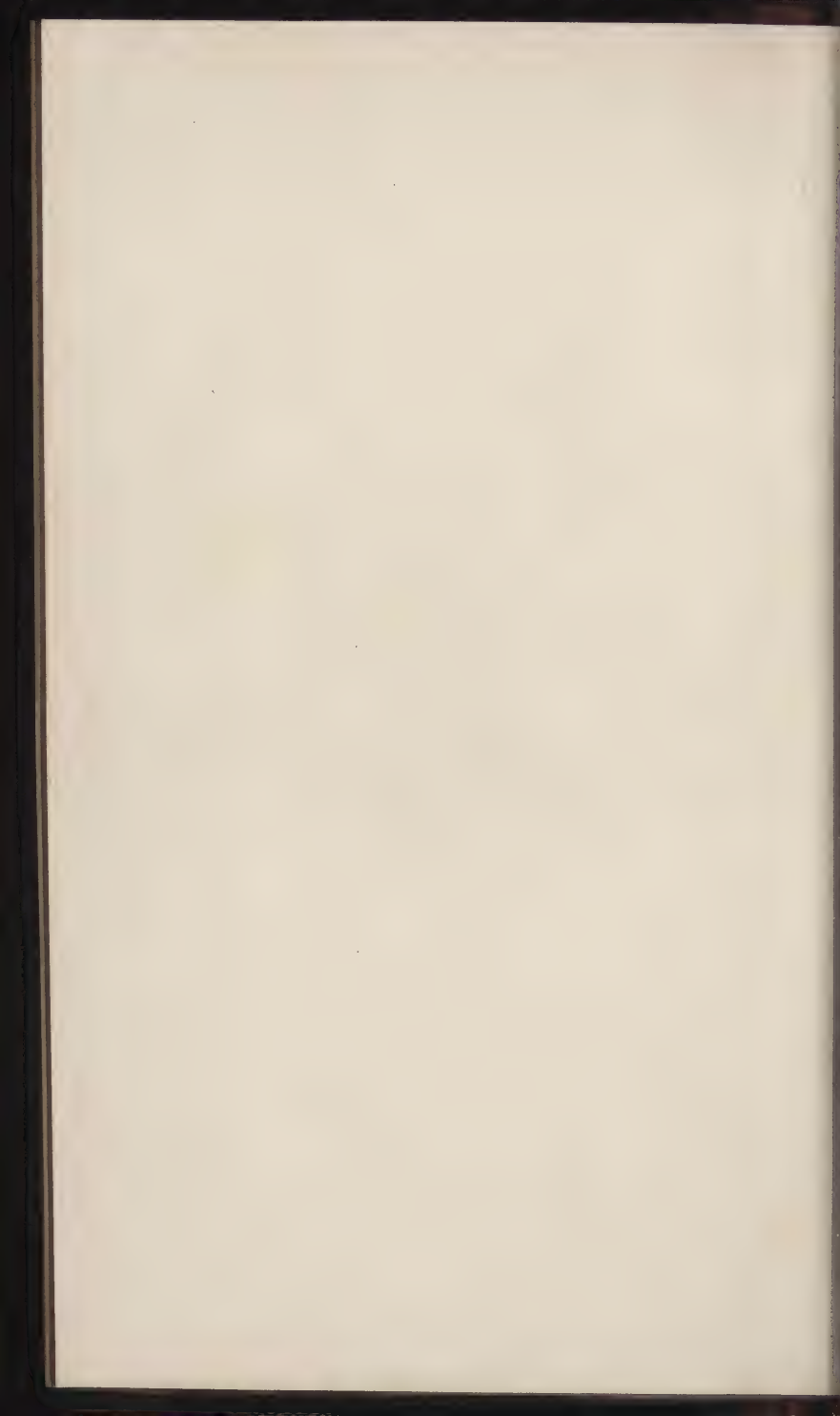
Logo foram entrando todos nas suas carroagens, que enchiam os arredores, entre as admirações beatificas do povoleo; seguiram pelo Loreto, Chiado, rua Nova do Almada, Calcetaria, rua Nova dos Ferros, praça do Pelourinho velho, e desembocaram no canto oriental do Terreiro do Paço. Era uma fileira de cincoenta e sete coches; primeiro os Fidalgos da Côrte; depois os Grandes acompanhados dos seus gentis-homens; depois dois coches riquissimos do Marquez de Gouvêa, D. José de Mascarenhas de Lancastre, Mordomo-mór, Presidente do Desembargo do Paço; depois tres coches do Marquez conductor, indo vazio o da sua pessoa, todo coberto

de velludo azul guarnecido de doirados; as polés eram escultura com chaparia de bronze, tudo coberto de folha de oiro; depois outro do senhor D. João filho do Infante D. Francisco; outro do Cardeal Patriarcha; outro de estado da Rainha, vazio; e logo a seguir, tirado por seis formosos cavallos murzelos, o riquissimo coche que levava os Marquezes de Baschi e de Valença, seguido de dois estribeiros a cavallo; logo os quatro coches com os gentis-homens do Embaixador, tres em cada um, trajando pano fino cor de chumbo agaloado de prata; por ultimo o sequito do Embaixador, composto de tres coches: o de estado, que ia vazio, com quatro creados a pé a cada portinhola, forrado de velludo carmesim agaloado e franjado de oiro, e tirado por seis cavallos castanhos; nos outros dois iam creados graves, e Francezes nobres da colonia domiciliada em Lisboa; um com murzelos, o outro com urcos, ricamente adornados de xaireis, jaezes, e tirantes de cores, que respondiam ás dos forros dos mesmos coches, e cada um com dois creados ás porteiras. Fechavam o prestito quatro picadores do Embaixador, a cavallo, de casacas verdes, véstias e canhões amarellos, tudo agaloado de prata; e por ultimo o seu ferrador e o seu porteiro, ambos a cavallo e com a mesma libré, e este ultimo com um talabarte agaloado, e empunhando um grande bastão de castão de prata.

*

No Terreiro do Paço achavam-se formados quatro regimentos de Infanteria; a saber: os da Armada

O Paço da Ribeira

Chegada do cortejo de um Embaixador á audiencia d'el-Rei

e Marinha, de que eram Coroneis D. João de Lancastre e D. Luiz Henriques, e dois da guarnição da Côrte, Coroneis o Conde de Lumiares e Manuel de Beça. Tudo a uma voz apresentou armas ao Embaixador, que suavemente inclivava a fronte.

Entraram no pateo da Capella Real os coches Reaes, ficando de fora os estribeiros.

Os Marquezes ambos se apearam no pé da escada da sala dos Tudescos, onde os receberam D. Antão de Meneses, Mestre-sala, servindo de Mestre de ceremonias, e D. Francisco Xavier Pedro de Sousa, já nosso conhecido, Védor da Casa d'el-Rei. Demoraram-se algum tempo na sala dos Gentis-homens, talvez para dar tempo a que na sala do docel se formasse a Côrte na sua ordem. Depois conduziram os dois entre si o Embaixador á presença d'el-Rei.

Estava el-Rei no Throno, e formavam parede os Officiaes mores, e os Grandes ecclesiasticos e seculares.

Inclinou o Marquez, ao entrar, e ao passo que ia caminhando, as tres cortesias, e chegou junto d'el-Rei, que se descobriu, e se cobriu logo. Falou o Embaixador, respondeu el-Rei, e retirou-se com outras tres cortesias.

D'ahi passou ao quarto da Rainha D. Marianna Victoria, e depois ao dos Infantes, D. Pedro e D. Antonio.

*

Pelo mesmo caminho tornou o mesmo prestito ao palacio do Calhariz, dando sempre o conductor a

direita ao Francez. Chegados á sala principal, concluida a ceremonia, logo se trocaram os papeis, passando Baschi a dar o logar de honra ao Marquez de Valença. Serviu-se um *grandioso pucaro de agua*, e terminado elle despediu-se o Portuguez. O Embaixador deu-lhe a mão direita, e acompanhou-o até ao extremo inferior da escada, sem se retirar em quanto o não viu entrar no coche e abalar (1).

*

Acabei de descrever essa pomposa festa. Grandezas humanas, o que sois vós?!... Menos de cinco mezes andados, estremecia nos seus alicerces a esplendida Lisboa que tal vira; e o paço da Ribeira, com as suas pompas, os seus arrazes, as suas columnatas, os seus salões, os seus quadros, as suas estatuas, as suas memorias... desatava-se n'um montão de ruinas!

Quem o diria aos Marquezes no dia 11 de Junho?!

....

(1) — Tudo isto é tirado do folheto *Relaçam da magnifica, e pomposa entrada que fez nesta Corte de Lisboa no dia 11 de Junho de 1755 o Excellentissimo senhor Marquez de Baschi, Embaixador de el-Rey Christianissimo. — Lisboa — Com todas as licenças necessarias.*

CAPITULO XIII

Mais duas palavras sobre a quinta da Mitra.

Foi para ahi que fugiram, a acolher-se do estrago do terremoto de 1755, as Freiras de Santa Monica. Primeiro albergaram-se em confusão n'uma quinta proxima a S. Vicente, d'onde, logo a 3, partiram para Marvilla procissionalmente, ás 8 horas da manhan, chegando ás 5 da tarde. Já é andar!

Diz Castro:

«Accommodaram-se em algumas casas do palacio, que lhes mandou franquear Sua Eminencia, onde existiram exercitando recta e exemplarmente as suas obrigações religiosas, em quanto se não restituiram ao seu antigo domicilio.»

O sumptuoso palacio d'esta quinta resistiu ao terremoto. A escada é das melhores que tenho visto. Marmores, azulejos, traçado, tudo é magnifico.

N'este palacio falleceu a 7 de Maio de 1845 o grande D. Frei Francisco de S. Luiz, e consta-me que as suas visceras, extrahidas por occasião do embalsamamento, se acham sepultas na ermida.

*

Um dos seus successores entendeu alhear esta quinta, celebre por tantos motivos, e vendeu-a, comprando em seu logar o palacio dos Condes de Barbacena no campo de Santa Clara. Sem me atrever, senão com muito custo, a discutir actos de tão elevadas personagens, direi apenas: não se percebe o motivo que obrigou á venda. Ruina do predio de Marvilla? não. Operação financeira que melhorasse os rendimentos da Mitra? tambem não, visto que o preço foi pagar a compra de outra grande casa. E para que foi esta compra? para morada urbana do Prelado? não, visto que Suas Eminencias teem habitado sempre o paço de S. Vicente. Logo, o que se lucrou foi só a perda de uma tão bella residencia suburbana a dois passos da Capital.

Poderá o leitor objectar-me:

— O Prelado lisbonense vendedor da quinta não tinha que dar ao publico explicações da venda.

Respondo:

Não teria, de certo, se se tratasse de um predio vulgar e banal, sem passado e sem interesse, como ha tantos; mas tratando-se de uma propriedade d'esta ordem, temos direito nós outros, nós, os artistas, os homens de lettras, os Portuguezes estudiosos, emfim, de perguntar: que resultou a bem do publico, a bem da Arte, a bem das tradições, que a Mitra representa, que resultou d'essa venda de tão nobre propriedade? sendo um brasão dos

---

(1) *Mappa* — freg. de S. Vicente.

Prelados lisbonenses, e um especimen architectonico de primeira ordem, era não menos um brasão da Arte em Portugal. Era preciso conservar aquelle edificio.

Ha objectos, que, mais ou menos, pertencem á Nação; alheal-os, despresal-os, é defraudar o Paiz. A Lei moral, que rege a propriedade artistica, é superior aos codigos humanos.

Nem toda a gente assim o entende, e isso é que escandalisa o bom senso.

Deus me livre de que os espiritos acanhados, fabricantes de interpretações, queiram ver nas minhas palavras francas e leaes a minima falta de respeito aos Prelados. Não os posso discutir na esphera da sua acção ecclesiastica; no mais, em materias artisticas ou administrativas, são falliveis como qualquer.

Ainda assim, é bem provavel que a iniciativa da venda não proviesse do senhor Cardeal; foi-lhe talvez suggerida essa triste ideia por algum administrador secundario sem responsabilidades; mas o que é certo é que o Prelado sanccionou esse acto com a sua bondosa acquiescencia, e a quinta da Mitra sahiu da posse dos seus antigos e veneraveis donos.

*

Foi comprador o argentario castelhano Marquez de Salamanca; este vendeu-a em 1874 ao meu saudoso amigo o snr. Horatio Justus Perry, Encarregado de Negocios dos Estados-Unidos em Madrid, e um dos melhores, mais finos, e mais cultivados homens que tenho conhecido na minha carreira, que

já não é curta. Como Perry se achava em Lisboa, foi seu representante na escriptura de compra em Madrid seu cunhado o snr. D. Alexandre Groizard, depois Embaixador em Roma e Ministro de Estado e da Justiça d'el-Rei Catholico. A quinta custou 54:000 duros (54 contos de réis).

Ficou pertencendo á illustre viuva do bom Perry, a snr.ª D. Carolina Coronado, cujo nome dispensa elogios. Ahi vou de vez em quando, áquelle ninho de um glorioso passado, refocillar o espirito na conversação de S. Ex.ª, como um dos seus mais devotos e gratos admiradores e amigos, e na de sua filha a snr.ª D. Matilde, casada hoje com o meu querido D. Pedro de Torres-Cabrera, filho dos illustres Marquezes de Torres-Cabrera.

A snr.ª D. Carolina Coronado vendeu em 31 de Outubro de 1902 esta residencia celebre ao snr. Antonio Centeno, banqueiro em Lisboa.

CAPITULO XIV

Ser-me-hia muito agradavel, n'este livro de *memorias,* deixal-as minuciosas do bondoso Mr. Perry: de mais a mais, desde que ligou o seu nome ao da grande e incomparavel Carolina Coronado, pertence á historia litteraria de Hespanha, e «Hespanhoes somos nós todos, os Peninsulares». Como a biographia completa de tal homem seria impossivel aqui, algumas palavras ao menos.

*

Horacio Justus Perry, filho de Justus Perry e Mary Edwards, nasceu em Keene, cidade ferro-mineira do New-Hampshire, na florescente Republica dos Estados-Unidos da America do norte, a 23 de Janeiro de 1824. O pae, opulento proprietario, e cidadão conspicuo de Keene, e a mãe, senhora de Boston, no Massachussetts, falleceram deixando filhos de menor edade, mas este já começado a encarreirar n'um d'aquelles admiraveis collegios, ou

antes academias, como tem a juvenil America, onde a educação physica e pratica, sabiamente unida á instrucção gradual e profunda, tanto costuma desenvolver as faculdades dos alumnos. Os cursos de Horacio foram brilhantes; em todas as humanidades deu provas de muita intelligencia, muita applicação e muito senso.

Sahido do collegio de Keene, entrou no de Harvard em 1840, onde cursou Direito, e ao mesmo tempo estudou a fundo chimica e electricidade, etc., tudo coisas eminentemente praticas, ao passo que se tornava sabedor em todos os exercicios corporaes, a carreira, o tiro, a equitação, o remo, e em todas as prendas de sala.

Depois de ter cursado Leis, levou-o o seu espirito aventuroso a uma viagem com o seu amigo e condiscipulo T. Bigelow pelos Estados do Sul, correndo e estudando as principaes cidades. Chegado á Nova Orleans achou a população a preparar-se para a invasão do Mexico sob o commando do General Scott.

O que se representou por esses annos aos olhos do mundo é mais uma prova de que o vellocino aureo e os Jasões são de todos os tempos.

Foi o caso, que a fertilidade de certas regiões mexicanas suscitou as cubiças, quasi silvestres, da Republica sua limitrophe, e, mais do que essa fertilidade, a porta aberta da bahia de S. Francisco. Em nome da communhão dos interesses, reclamaram os Estados-Unidos o Orégon, conquistaram o Texas, e fitaram os olhos na California, torrão pejado de oiro, e inexplorado pelos possuidores, com detri-

mento geral. Abortando, como abortou, a tentativa do Commodoro Jones, á mão armada, o gabinete de Washington, contra todos os principios do direito commum e da equidade, começou hostilidades claras contra o visinho Mexico. Muito sangue correu, á voz do General Taylor pela banda do norte, e do General Scott pela do sul.

N'essa conjunctura, e no meio da fumaceira das batalhas, chegou o joven Perry, como disse, á Nova Orleans. Accendeu-se-lhe a imaginação, o patriotismo, o valor pessoal. Obteve logo licença para se alistar entre os valorosos voluntarios, e tomou logar a bordo de um navio carregado de recrutas, que iam preparar-se para a invasão de Vera-Cruz. Apresentou se, apenas armado de uma pistola fabricada por elle proprio, porque n'este homem singular as faculdades mecanicas sabiam unir-se ás intellectuaes.

Offereceu-lhe o General James, a quem foi recommendado, o cargo de seu Ajudante de campo, com o posto de Capitão, deu-lhe a sua propria espada, e forneceu-o com um bom cavallo.

Serviu Perry valentemente no cerco e bombardeamento de Vera-Cruz; e finda a campanha pela capitulação da cidade, foi mandado a Nova Orleans portador de despachos, com tenção de voltar á guerra.

Tendo coincidido a sua viagem com o fallecimento de sua querida irman, teve que se demorar nos lares da familia; mas a mudança do clima temperado de Vera-Cruz para os frios de New-England atacou-lhe a saude, já de si combalida, e ordenaram-

lhe os medicos deixasse por certo tempo a guerra, e emprehendesse uma viagem á Europa. Pelo que, sahiu para o Havre, demorou-se pouco em França, bebeu as primeiras bafagens dos ares europeus, viu de perto a Republica franceza, e, quando se sentiu robustecido, embarcou a bordo do «Tay», com destino á Havana, d'onde esperava transportar-se de novo, retemperado de forças, para Vera-Cruz.

Mas o homem põe, e Deus dispõe. Intrometteu-se uma serie de incidentes e demoras, que protrahiram a viagem de tres semanas a varios mezes; e ao chegar Perry ás aguas de Vera-Cruz, achava-se a guerra concluida. Comtudo, montou a cavallo, e encaminhou-se para a cidade de Mexico, atravessando os principaes campos de batalha, visitou os postos occupados ainda pelo exercito americano, assistiu á rendição do General Sant'Anna, e teve uma interessante entrevista com o General Scott, voltando á costa com um troço de officiaes que abalavam com licença, entre elles o General Caleb Cushing.

Aquella conquista, que valeu, ainda assim, ao Mexico a indemnisação de 15 milhões de piastras (uns 40 milhões de cruzados), interessára a todos. Trasbordou sobre a California um diluvio de forasteiros á busca de oiro; fizeram-se fortunas colossaes; houve um estremecimento de alegria no mundo commercial; e mais uma vez se viu, que as prepotencias dos Governos fortes redundam não raro em civilisação. E' triste, mas a especie humana é assim; é preciso ás vezes desemperrar á força ás molas da machina.

Para descançar, e dar largas ao seu espirito irre-

quieto e aventuroso, emprehendeu Perry, moço então de 23 annos, uma digressão pelos Estados Occidentaes, e visitou pela segunda vez o celebre Niagara.

Ao chegar o seguinte inverno, de 1848 para 49, tornando a sentir-se incommodado, mandaram-n-o servir como Consul n'um porto da India, d'onde foi logo transferido, a instancias do Presidente Taylor, para Madrid na cathegoria de Secretario de Legação. E' a sua nomeação datada de 4 de Outubro de 1849.

Começa com esse novo emprego uma longa serie de serviços, prestados ao seu Paiz com um zelo, uma pontualidade, uma intelligencia, superiores a toda a expressão. Era Perry um formoso mancebo, cheio de talento, amavel, conciliador, e soube grangear na Côrte de Hespanha as mais dedicadas sympathias, que muito contribuiram para aplanar difficuldades politicas, e dispôr sempre favoravelmente o Governo castelhano em favor dos interesses da grande Republica.

Quem lhe diria então, que esse doirado exilio diplomatico nas terras peninsulares havia de afastal-o para todo sempre da Patria! assim foi; nunca mais a ella logrou voltar.

Serviu como Secretario da Legação dos Estados Unidos, e durante temporadas de annos como Encarregado de Negocios, no interregno dos Ministros titulares, ou na ausencia d'elles; foi em conjuncturas difficeis verdadeiro Ministro, assumindo com denodo responsabilidades arduas, e conseguindo temperar pelas suas maneiras, pela sua finura, e pela

sua nunca desmentida bondade, as asperezas do serviço.

Passo por alto a lista dos Ministros com quem trabalhou, e a quem muito auxiliou, conservando-se na sombra quanto podia, e desejando só uma coisa: que os Estados-Unidos obtivessem nas Côrtes do velho mundo a alta e merecida consideração.

Passo tambem por alto os tratados internacionaes em que interveio, e chego a um marco milliario da sua existencia: o seu casamento com uma formosa e talentosissima Castelhana.

Nas salas da primeira sociedade madrilena florescia, entre o applauso e a estima de todos, a começar em S. M. a Rainha D. Isabel II, uma graciosa adolescente, cheia de prestigio, celebrada pelos poetas, admirada do publico, e rutilando já então como estrella de primeira grandeza na Litteratura de Castella; falo de Carolina Coronado, filha de D. Nicolau Coronado Cortez, de la Serena, e de D. Maria Antonia Romero de Tejada, de Almendralejo. Descendiam ambos de familias antigas da aristocracia provincial, mas nem sequer suspeitavam ainda, talvez, que a maior aristocracia da raça havia de provir-lhes de uma tal filha.

Entre todos os mais nobres e distinctos pretendentes, preferiu a juvenil Carolina o Secretario de Legação Perry, a quem deu mão de esposa, a 6 de Julho de 1852, provando assim a sagacidade e os dotes da sua alma.

Diz um jornalista americano:

«Era já então a joven noiva escriptora de finos quilates, e apreciavam-n-a já os melhores criticos

como a primeira poetisa das Hespanhas. A estima que lhe grangeavam os seus talentos e as suas virtudes, o seu encanto pessoal na sociedade, a sua influencia como chefe nos centros litterarios (que o eram tambem politicos, porque os estadistas madrilenos são muitas vezes altos cultores das Lettras), o especial agrado que lhe mostrava a Rainha Isabel, todo esse conjuncto de circumstancias contribuiu para o bom exito do papel diplomatico do marido, e, unido á sua reconhecida pericia, elevado caracter, e maneira insinuante, lhe grangeou junto do Governo de Hespanha influencia sem precedente entre os diplomatas americanos».

Tencionava, e desejava ardentemente, o nosso zeloso servidor ir matar saudades da Patria; mas quando se preparava para a viagem, o estado de sua mulher, muito abalado desde o nascimento da primeira filha, Carolina, obrigou a familia a adiar o projecto.

N'isto, principiava a communicar-se aos antigos continentes a actividade industrial e scientifica da grande America; ia despertando a opinião para o estabelecimento de linhas telegraphicas submarinas internacionaes; e Perry, aproveitado alumno de bons mestres electricistas na terra classica de Eddison, entrou em emprezas colossaes, sob a direcção e com a cooperação de grandes sabios, taes como o Professor S. F. B. Morse, Sir Charles T. Bright, Mr. John Wakkins Brett e outros inglezes e americanos, para a fundação de cabos electricos entre a Hespanha e varios pontos do Mediterraneo, projectando a larga rede entre as principaes ilhas Oest-

occidentaes e os continentes americanos do sul e do norte. Tudo isso, hoje aproveitado, se deveu aos privilegios originariamente concedidos pelo Governo hespanhol a Mr. Perry em 1859.

A medonha lucta da secessão veio encontral-o

Horatio Justus Perry

prestes a largar os seus pacificos empregos, aliás tão trabalhosos, e a ir offerecer o seu braço e a sua espada em defensa da União; o que não poude realisar, porque as instancias do seu Governo o constrangeram a ficar em Madrid, com a graduação de chefe de Missão interino. A 5 de Junho de 1861 tomou posse da Legação americana; e tão influen-

temente lidou, que em poucos dias alcançou do Governo da Rainha a proclamação da neutralidade, datada de 17 do mesmo mez.

Nenhum dos muitos e valiosos serviços que prestou mereceram á sua ingrata Patria, onde os governos e as intrigas se succediam com vertiginosa rapidez, ser elevado, como auspiciavam os amigos, á cathegoria de Ministro Plenipotenciario; e achandose aos quarenta e seis annos de edade, e cançado de luctas, resignou o cargo, e retirou-se á vida particular, continuando em Madrid, onde o retinham os seus interesses, assim como a casa e a saude de sua virtuosa mulher.

Ficou Director da Companhia de telegraphos de Cuba, e de outras, protegendo sempre os seus concidadãos, conservando a consideração do corpo diplomatico, e a estima da alta sociedade madrilena.

Perry, além das outras prendas com que o dotára Deus, era escriptor; mas tão modesto quanto distincto. Em trechos autobiographicos, por elle publicados em algumas folhas da sua terra, mostra dotes raros de contista, um *humour* sereno e facil, um coração affectuoso e lembrado, e um estylo terso e puro, que é verdadeira delicia litteraria. N'isso, e em alguns estudos historicos empregava os ocios que lhe sobravam da vida elegante e da vida de familia.

Em 1873 teve a desgraça de perder sua filha primogenita, com dezasseis primaveras; esse desgosto, que o surprehendeu e acabrunhou, esteve a ponto de destruir a existencia da sua gloriosa companhei-

ra; pelo que, sahiram de Madrid e fixaram-se em Portugal.

Comprou Perry a Thomaz Maria Bessone a linda casa e quinta de Paço de Arcos; habitava quasi sempre no Hotel de Bragança; e comprou ao Marquez de Salamanca a soberba quinta da Mitra, no Poço do Bispo.

Estimadissimo entre nós, frequentando um resumido circulo de amigos e diplomatas, em Paço de Arcos veio a fallecer entre os braços de sua mulher e de sua segunda filha, Matilde, a 22 de Fevereiro de 1891.

A sua morte foi inolvidavel perda para todos os que o conheciam, para as Companhias onde o seu nome era garantia segura, e para a sua Patria, onde os jornaes celebraram, em termos calorosos, a instrucção, a probidade, a bondade, o talento, tão bem personificados pela Providencia no sympathico e dignissimo Horacio Justus Perry.

Possam estas linhas durar na memoria dos homens, e levar á posteridade os exemplos de um bom.

Conheci-o de perto; tive a honra da sua intimidade; as minhas palavras de elogio posthumo devem ser acolhidas como verdadeiras.

CAPITULO XV

Ao nascente do palacio Sobral, hoje da Caixa geral dos depositos, e separado d'elle apenas pela rua *da Rosa,* vemos o bello solar que deu nome ao sitio. Pertence aos snrs. Duques de Palmella, descendentes e representantes dos antigos Sousas Calharizes, morgados do Calhariz.

Até se fundar este palacio, pelo modo que vou narrar, encontro estes Sousas morando em varias partes, não saberei dizer se de propriedade, se de aluguer. Em 1561 na rua *da Pelada,* freguezia dos Martyres, a dentro do postigo do Duque de Bragança; (1) e possuiam nos principios do seculo XVIII umas casas ao *Forno do Tijolo,* em Lisboa, avaliadas em 19 mil cruzados (7:600$000 réis), as quaes subrogaram (2).

*

Vivia no seculo XVII D. Francisco de Sousa, de

---

(1) J. C. Feó — *Os Duques* — pag. 438.
(2) J. C. Feo — *Os Duques* — pag. 460.

quem tratei no volume antecedente, homem notavele muito importante na sociedade do seu tempo, nascido a 7 de Agosto de 1631, 4.º Capitão da Guarda alleman, filho de D. Antonio de Sousa e de D. Leonor de Mello Coelho. Fala d'elle, e de todos os parentes, João Carlos Feo, o conhecido e apreciadissimo genealogista, no seu livro *dos Duques*, e diz por outros termos muito mais do que vou dizer.

Morava D. Francisco pelo 3.º quartel do seculo, na rua *do Lambaz*, por traz da parochial de Santa Catherina. Esse nome tomou-o a rua por causa de um irmão de seu bisavô, o qual irmão se chamou D. Diogo de Sousa, *o Lambaz* de alcunha, guerreiro valente, morador em Abril de 1590, segundo um documento, «a Santa Catherina», o que de certo se refere á mesma casa, vista a situação da mencionada rua.

Essa alcunha do *Lambaz* (sempre fomos muito fortes n'este genero de epigrammas) não me consta d'onde proviesse: ou da guedelha hirsuta do sujeito, ou talvez antes de ser elle guloso, lambareiro, apreciador e entendedor dos productos culinarios *(gourmet)*, ou lambão, comedor, lambaz, palavra que diz muito, mas quasi desappareceu da circulação.

Morava ahi; mas onde? não vejo outra habitação nobre n'essa curta viella, senão aquella onde viveu muitos annos o Conselheiro José Silvestre Ribeiro, e onde varias vezes o visitei.

Se do escolhido dos manjares, e da pericia dos cosinheiros proveio a alcunha que distinguia a D. Diogo na alta sociedade contemporanea, não sei decidir;

ha problemas indecifraveis. O que não é duvidoso é o elevado merecimento de D. Francisco.

*

Era D. Francisco pessoa muito culta, e amiga dos doutos. Haja vista uma carta, que em 15 de Setembro de 1699 escreveu, em termos affectuosos e lisonjeiros, ao grande Bluteau então em París (1); e o Theatino denuncia-o á posteridade como «varão cortado dos astros para modelo da galantaria aulica e da politica sagacidade» (2). N'outra parte dá-o como «cavalheiro em toda a materia aulica consultado como oraculo; cuja presença inspirava respeito, e cuja ausencia ainda hoje martyrisa a nossa saudade» (3).

*

Talvez mal contente com a sua casa de Belver, ambicionou D. Francisco de Sousa outra residencia, em sitio mais alegre e frequentado; deitou os olhos a um terreno ahi perto, enquadrado entre a rua *direita do Loreto,* a *do Trombeta,* a travessa *das Mercês,* e a *da Rosa.* Era proprietaria do chão a Condessa Baroneza de Alvito, muito sua parenta, que lhe vendeu o seu quinhão por 18:000 cruzados, mais um terreno e umas moradinhas contiguas na

(1) Acha-se no principio do T. I do *Vocabulario portuguez e latino.*
(2) Prologo *Ao leitor malevolo* no *Supplem.* do *Vocab.*
(3) *Prosas academicas* — P. I.

mesma *ilha*. Havia tambem outro casebre na travessa *das Mercês* pertencente á capella instituida por um certo Fernão Peres, com encargo de Missas no convento de S. Francisco; administrava-a o Licenciado João Baptista, que a subrogou a D. Francisco por um juro de 5$000 réis, rendimento d'ella, no Estanque do tabaco; para o que, se lhe passou alvará de licença em 20 de Outubro de 1699.

D. Francisco, precisando dinheiro para essas transacções, que fez? vendeu uma casa nobre de dois andares, que possuia na visinhança de S. Chrispim, e onde moravam, cada um em seu pizo, João Pereira de Araujo, e o Prior da Magdalena, e tambem outras, que lhe pagavam 8$000 réis de fôro, no mesmo sitio, todas ellas pertença do vinculo instituido por D. Maria da Silva; renderam-lhe 8:000 cruzados. Precedeu esta alheação o alvará de 23 de Janeiro de 1698. Vendeu mais uma quinta, herdades, e terras, que possuia em Tavira, e que eram do morgado de Francisco da Costa e D. Filippa Barreto, subrogando-as, em virtude do alvará de licença de 2 de Fevereiro de 1703, a Sebastião da Fonseca Pimentel, Escrivão da Camara da dita cidade, ficando os compradores obrigados aos encargos pios (1).

Realisou então o seu sonho, e edificou o grande e alto predio, que, por ser do Morgado do *Calhariz*, deu nome ao sitio.

(1) Tudo isso vem nas *Mem. dos Duques* — pag. 448. — Pergunto: seria esse Sebastião pae, ou avô, da boa, da talentosa Leonor da Fonseca Pimentel, que tanto brado deu em Italia?

Apesar de que o palacio teve modernamente muitas alterações, percebe-se que foi desde o seu principio obra notavel. Um annexo lhe faltava: jardim. E apesar d'isso, parece ter sido este D. Francisco de Sousa muito apreciador de flores. Sabem porquê? porque possuia, não sei em que quinta, talvez n'alguma estufa, uma flor muito especial, chamada então *Cabo da boa-esperança,* por ser oriunda d'esse promontorio celebre. Algum jardineiro saberá dizer a que planta corresponde hoje aquella denominação. Os signaes são estes, segundo Bluteau (1): «Tem as folhas vermelhas, com visos de oiro; tarda annos em nascer.»

Á mesma flor fez um antigo o soneto seguinte, que o bom do Theatino se não dedignou de transcrever:

Esta nova africana flor vestida
de oiro purpureo e purpura doirada,
do Tormentoso Cabo trasladada,
dos nossos olhos nunca conhecida,

as vistas busca, as attenções convida,
pois que rica se vê, se ostenta ornada,
entre luzidos raios encarnada,
entre encarnados nácares luzida.

Quando os realces, quando os resplendores
da purpura consegue, do oiro alcança,
resplandece na côr, no metal arde.

E se tarda em nascer mais que outras flores,
como natural é de uma esperança,
traz da patria a razão para que tarde.

---

(1) *Vocab.* — Suppl. — verb. Cabo.

*

Já n'este novo palacio da rua *direita do Loreto* habitou um filho do fundador, chamado tambem Francisco, e nascido em Lisboa talvez na rua *do Lambaz*. «Passando para o sumptuoso palacio que seu pae edificou, desde os primeiros annos floresceram e fructificaram os seus estudos.» — palavras do Conde da Ericeira no *Elogio* recitado a 17 de Novembro de 1729 n'uma conferencia da Academia Real da Historia (1).

D. Francisco, o fundador, falleceu a 5 de Fevereiro de 1711, com seus noventa annos de vida e poucos de goso do seu magnifico predio.

*

Seu filho, o mencionado D. Francisco, tambem ali falleceu em 14 de Novembro de 1729, com vinte e nove annos, nove mezes, e vinte dias, havendo nascido a 25 de Fevereiro de 1700. Foi senhor da Casa, e Capitão da Guarda alleman dos Archeiros. Sepultaram-n-o na sua capella dos Santos Reis, em S. Francisco de Xabregas (2).

Parece ter sido rapaz applicado e intelligente. Innocencio não me dá noticia d'elle; mas n'um volume de antigas Miscellaneas manuscriptas, que possuo, e que pertenceu a meu Pae (3), topei com uns sem-

(1) Collecção da mesma Academia — T. X.
(2) *Gazeta de Lisboa*, n.º 46, de 17 de Novembro de 1729.
(3) E' o codice 220 da minha collecção *Olisiponiana*.

saborissimos versos, de auctor anonymo, que dedicou a D. Francisco, Capitão da Guarda Alleman e Academico da Academia Real da Historia, uma série de insulsas oitavas ao casamento do Principe D. José em 1729. A sua dedicatoria ergue ás nuvens os merecimentos civicos e aulicos do Academico, bem como os seus predicados litterarios; e n'ella se confessa o poeta por auctor de versos latinos em elogio do Calhariz.

E se em plectro latino
do vosso Calhariz canto as grandezas, etc.

Não creio fosse o elogio do palacio novo, mas talvez antes o da celebre quinta d'esse nome. Talvez esta circumstancia descubra o poetastro a alguem mais atilado do que eu. Da mesma peça poetica tambem se infere que D. Francisco estava escrevendo para a Academia uma historia, ou chronica d'el-Rei D. Fernando e d'el-Rei D. Pedro o Cru. Tudo nobilitações intellectuaes para a estirpe.

CAPITULO XVI

A quinta do Calhariz, junto á Arrabida, merecia aqui (entre parenthesis) muito demorada e muito especial menção. O sitio, o palacio, as mattas, as tradições que animam o formoso ermo, requeriam poemas, e eu não tenho forças para essas africas. Só deixarei aqui uma noticia:

Este mesmo D. Francisco teve a honra de hospedar no Calhariz, de 15 para 16 de Maio de 1726, a el-Rei D. João V e aos Infantes D. Francisco e D. Antonio, que tinham ido montear á serra, chegando a Lisboa ás 8 horas da noite de 16 (1).

*

Depois d'esta noticia magra e succinta, seja-me permittido intercalar nas minhas paginas uns fragmentos do livro de Eduardo Barreiros intitulado *Caça,* obra muito vivída, muito pittoresca, e de

(1) *Gazeta* n.º 20, de 16 de Maio de 1726.

tanta seducção, que até aos *boçaes*, como eu, aos que detestam a arte cynegetica, sabe encantar e arrastar.

Trata-se de uma caçada no palacio do Calhariz. E diz o auctor:

. . . .

«Annunciada ao som da buzina — a verdadeira, de concha, o buzio dos pintados e esculpidos tritões mythologicos —, á luz de archotes que tornava pallidas as luzentes estrellas da fria noite de 20 de Janeiro de 1870, entrava os portaes de ferro da esplanada, em frente do palacio do Calhariz, uma cavalgada de prestos e bons cavallos, que, rendidos um pouco da jornada, estendiam o pescoço á cedida mão dos que os montavam, não menos cançados tambem.

«Creados do séquito, e outros de casa, tomavam das redeas e do freio as abandonadas bestas, de que se apeavam duas senhoras, — uma a dona da casa — ajudadas pelos cavalleiros, os maridos, e o que estas linhas escreve.

«Descançava mais que os outros, com o terminar do dia, para elle mais fadigoso no trabalho e nas responsabilidades, o já não moço feitor da propriedade, d'ella administrador, e patrão, na ausencia larga dos verdadeiros donos.

«No seu cavallo ruço, lanzudo, pacato, e triste, fizera duas vezes o caminho, com as voltas e reviravoltas a que o obrigava, não só o chamar as atrazadas carroagens para as senhoras descançarem, mas tambem o acudir á dispersa e extensa caravana de carros e creados, assim como procurar os que nas innumeras veredas se perdiam.

«A toque de busina — de latão essa, e de palheta, que demandava menos sopro e arte — chamava os extraviados, despertando eccos nos pinhaes, sons plangentes sem resposta, que o faziam rubro de desespero, ficando elle e a alimaria estafados ambos.

«Foramos de Lisboa (pelo Seixal, ou por Cacilhas, duvidas das senhoras, que a delicadeza ainda hoje manda respeitar) por caminhos — não havendo ainda estradas — traiçoeiros, que, apesar de reparados a proposito, estafavam na fôfa areia o gado, e nas occultas raizes faziam em astilhas as carroagens. Que o diga a *victoria,* que dextras mãos, e mais videntes olhos femininos a guial-a, não souberam impedir que ficasse n'um feixe.

«Mas que de bellezas!

«Deixavamos o formoso Tejo atraz, e a alvejar ao longe a casaria de Lisboa. Passada, no principio, seguida rua, viam-se casas a rarear, a da pintada janella do gato no tapete, e outras, quintas, parreiras portuguezas, e mirantes debruçados sobre a estrada — ali estrada ainda — que entrava profunda nas barreiras dos vermelhos saibros, e em que sobranceiros pinheiros verdes se destacavam, com as raizes a descoberto, parecendo mal seguros, mas firmes, tranquillos. E de quando em quando o Tejo apparecia ainda, a despedir-se nos esteiros, em baixo, formando serenos e espelhentos lagos, em que se reflectiam as arvores e o ceo d'esse limpido azul tão nosso. Mais a diante, o sol em raios rompia as verduras eternas das copas dos sombrios pinheiraes, allumiando as rasteiras plantas com brilhantes refle-

xos nas humidas folhas, e, em cambiantes, as nevoas, que por vezes subiam dos fojos, para, no cahir da tarde, prolongar sombras, roxo o ceo no triste desapparecer do dia.

«Era a natureza a segredar-nos n'alma, com a sempre eterna arte, mysterios para nos confortar.

Di riposo e di pace albergo vero.

«Este gazalhador convite liamos sobre a porta principal do palacio, a que chegavamos.

«O palacio parecia enorme na escuridão da noite; phantastico nas tremulas luzes dos archotes, acordava pensamentos cavalleirosos e romanticos de Montoyas e Tenorios. Trazia á lembrança, a par das festas e prazeres realmente ali gosados, mais vivas as maguas e acerbas dores tambem soffridas».

Depois descreve-nos o vestibulo vasto, com a sua larga chaminé ao fundo, a sua grande Diana caçadora, e em volta os meios-corpos de colossaes veados ressahindo da parede. Depois as merendas na quinta, as guitarradas camponezas, a Missa na capella, e as alegrias expansivas dos victoriosos caçadores.

Respiram mocidade e enthusiasmo essas paginas de Barreiros, burocrata cumpridor e severo, de quem a aragem dos pinhaes fez um estylista do maior agrado.

*

Veiu tudo isto a proposito do palacio da serra. Voltemos n'um relance a Lisboa; e continuemos

com a rapida historia da habitação que os mesmos donos possuem no coração da Capital.

Não me arrependo de ter forrageado com tanta semceremonia no livro de Barreiros. Se o leitor é amante de caçadas, ha-de agradecer-me o brinde. Se é artista, ha-de agradecel-o aos dois: ao auctor, e ao plagiario.

CAPITULO XVII

E' bem provavel, ou certo, que no novo palacio de Lisboa ficaram habitando as successivas gerações descendentes; parece-me porém entrever que nos fins do seculo XVIII, e principios do XIX, ahi se estabeleceu, por se achar devoluto o palacio, a Academia Real de Fortificação fundada em 1790. Os Almanacks dão as aulas funccionando *no palacio do Calhariz*. Ora como então se achou muitos annos D. Alexandre de Sousa-Holstein Embaixador em Roma, não me parece impossivel que arrendasse a sua morada.

Em 1803, e seguintes annos, ahi se achava a Academia de Fortificação, avó da nossa Escola do Exercito; parece-me que se interromperia pouco depois a sua estada, attento este aviso da *Gazeta* (1):

«Segunda feira, que se hão-de contar 14 do corrente mez de Outubro, pelas 10 horas da manhan abrem-se todas as aulas da Academia Real de For-

(1) N.º 243, de 12 de Outubro de 1811.

tificação, Artilheria, e Desenho, que se acha outra vez no palacio do Calhariz ao Bairro alto».

Esse *outra vez* indica interrupção. Com effeito, em 1791, e annos seguintes, esta Academia era *nas casas da Fundição, ao Campo de Santa Clara* (1), d'onde passou, como digo, para o Calhariz.

*

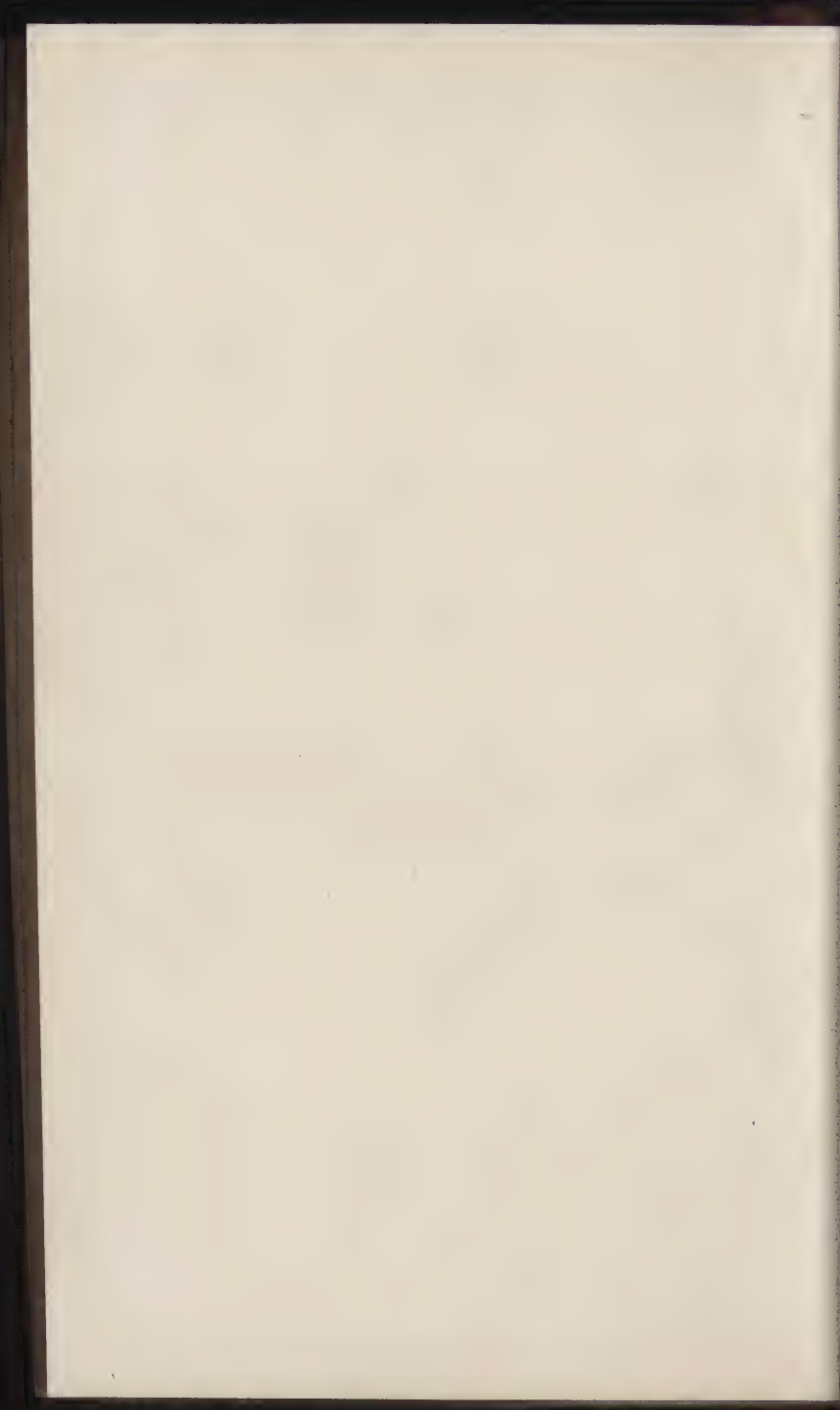
Chegando aos tempos modernos, depara-se-nos na longa e brilhante resenha genealogica dos Sousas Calharizes o mais celebre dos seus membros, o illustre D. Pedro de Sousa-Holstein, 1.º Conde, 1.º Marquez, e 1.º Duque de Palmella, homem de esphera superior, talento insigne como diplomata e estadista, mundano elegante e senhoril, que até como poeta em lingua estrangeira conquistou merecido applauso.

Este Duque alugou o andar nobre do palacio de seus maiores á Camara Ecclesiastica pela renda de 800$000 réis. Em 1830 foi mandada esta Camara sahir, e desde Junho d'esse anno occupou a casa a Contadoria fiscal da Thesouraria geral das Tropas. Durante o Governo do senhor D. Miguel o proprietario não auferia renda, porque esse Governo considerava seus os bens de todos os que se tinham dedicado á causa da senhora D. Maria II. O Duque depois da instauração do Governo constitucional pediu ser indemnisado do que deixára de receber. Creio que foi embolsado de tudo.

---

(1) *Almanack*, pag. 430.

O Duque de Palmella

D. Pedro de Sousa-Holstein (na sua mocidade)

Como era artista na alma, magnificente de indole, e habituado desde o berço ás grandezas da Europa mais aristocratica, desejou aperfeiçoar e restaurar a sua casa.

Em 1834, na aurora do systema constitucional, que tanto prometteu, e tanto nos enganou, não morava o Duque ahi, mas sim n'um palacete de um só andar, pertencente ao Marquez de Santa Iria, na rua *de S. Pedro de Alcantara* esquina da travessa *de S. Pedro,* palacete nobre e com ar antigo, que ainda conheci, e que hoje se acha substituido por uma garrida habitação moderna, d'estas que parecem de *biscuit*. No verão de 1834 ahi morava o Duque, estando sua familia a banhos em Pedroiços. Por signal que ahi foi pintado, por um bom pintor inglez, Simpson, um bello retrato do Duque D. Pedro; este retrato deve existir em poder de sua illustre neta. Simpson tambem pintou o Imperador, o Almirante Napier, etc. (1)

Não sei quando findaram as obras no Calhariz; mas sei que em 1842 davam começo. Vejamos como:

*

A rua *do Trombeta,* que desemboca pelo norte na travessa *dos Fieis de Deus,* desembocava d'antes pelo sul no largo *do Calhariz,* costeando a face oriental

(1) Informações authenticas obtidas em 8 de Agosto de 1886, de pessoa que frequentava a casa Palmella. Tomei logo apontamento do que ouvi, porque estes assumptos ligam-se todos.

do palacio. Em Dezembro de 1842 combinou a Camara Municipal com o illustre homem de Estado ceder-lhe o lanço da dita rua ao longo do palacio, e as casas pequenas e insignificantes que a orlavam até a rua *da Atalaya*, a fim d'elle derrubar esses pardieiros, e em todo o espaço construir um jardim e um predio em continuação da fachada sobre a travessa *das Mercês*. Nenhum transtorno causava essa alteração á viação publica, visto existirem a curtissima distancia as ruas *da Rosa* e *da Alalaya*, que ambas desagoam no *Calhariz*. Por essa cedencia entregou o Duque ao Municipio um conto de réis para ser applicado á construcção de um cano geral na calçada do Combro (1).

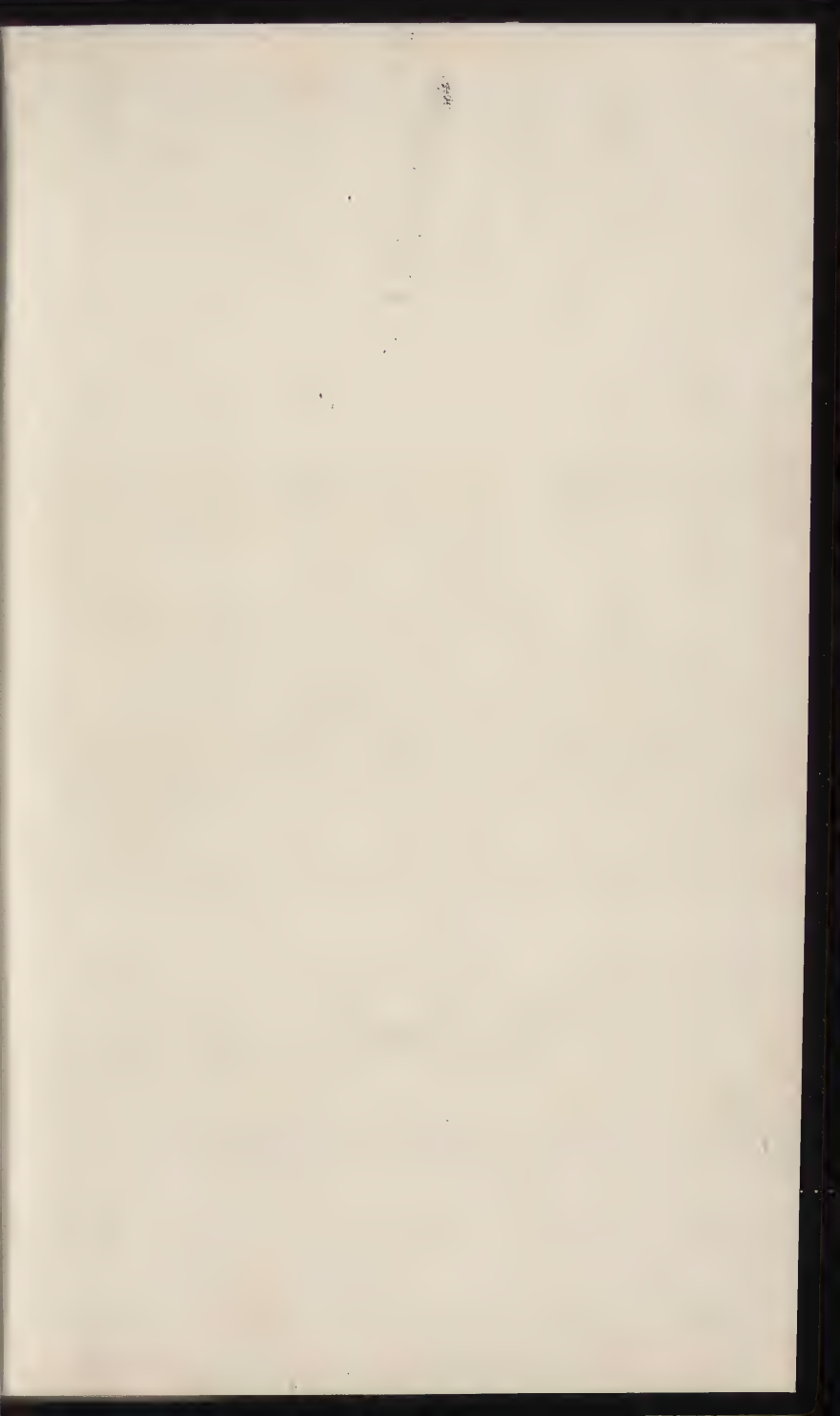
Mãos á obra; e passado tempo, o sitio gosava de incontestaveis melhoramentos artisticos devidos á iniciativa de Palmella; e não só artisticos; haja vista o cano geral que elle á sua custa construiu em 1845 em parte da rua *da Atalaya*, desde a porta do seu palacio até a rua *das Salgadeiras*, bem como outro que recebesse as aguas em duas sargetas no principio da rua *do Trombeta*, que ambos doou ao Municipio (2).

*

Quando cá esteve Raczynski andava em 1844 acceza no *Calhariz* a faina das obras do Duque,

---

(1) *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1842, pag. 31.

(2) *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1845, pag. 19.

Palacio dos Duques de Palmella
no largo do Calhariz em Lisboa

dirigidas pelos scenographos e architectos Rambois e Cinatti (1). Com Cinatti visitou o Conde o palacio do Calhariz, em obras, e deshabitado por morar então o Duque de Palmella no seu palacio do Rato, de que tratarei no seguinte volume. Viu as novas pinturas decorativas e os estuques, que tudo era executado sob a direcção do talentoso scenographo. Raczynski, sempre severo, (muita vez de mais), não approva tudo.

*

O palacio, tal como o vemos hoje, consta de lojas, sobrelojas, 1.º andar, e 2.º andar, que é o nobre, corrido de mezaninos ellypticos collocados no sentido horizontal. Sete janellas de frente; as da sobreloja pequenas, as do 1.º andar maiores, todas de peitos, as do andar principal bellas sacadas adornadas de cornija ressahida. No meio, um largo portão muito elegante entre duas columnas doricas reunidas por um entablamento que serve de supporte a uma varanda abalaustrada respondente á sacada unica do 1.º andar. Sobre as ruas *da Rosa* e a *do Trombeta*, (antigamente prolongada, como disse, até á rua *do Calhariz)* tinha o palacio duas faces; a segunda porém dá hoje sobre o jardim contiguo, ornado de seu grande portão de ferro entre duas columnas grossas sobrepojadas de vazos com piteiras; na esquina da rua *da Atalaya* tem este jardim um edículo monumental de cantaria, em bonito es-

(1) *Dict. hist. art.*, pag. 239.

tylo, que nada desdiz do da casa, traçado pelo lapis imaginoso e theatral de Cinatti. A frente sobre a travessa *das Mercês* é maior que as outras, porque se prolonga n'um novo corpo de edificio accrescentado pelo Duque D. Pedro, e que faz fundo ao jardim.

No alto, junto á cornija da frente principal, campeia o Brasão, adoptado (menos acertadamente, quanto a mim) por estes nobres Sousas: as Armas puras do appellido; quando é certo não serem elles os chefes da linhagem dos Sousas (1).

*

Entre os quadros que Raczynski examinou, menciona um S. Miguel derrubando o dragão, tamanho natural, em madeira, que elle já tinha visto na officina de Tiniranzi, grande restaurador que então trabalhava em Lisboa; mais oito quadros da vida da Virgem, de Abrahão Prim; quatro quadros em cobre, estylo de Breughel; o retrato de um homem calvo; o de um Ministro do tempo de Pombal; um tecto antigo, estylo Luiz XV, rico, como composição e como perspectiva. Menciona mais alguns quadros do palacio do Rato, que não teem logar aqui, e por fim, referindo-se ao palacio do Lumiar, cuja

---

(1) Toda esta descripção architectonica, assim como o desenho da gravura que o leitor tem diante dos olhos, foram feitos á vista de uma bella photographia, que em 8 de Fevereiro de 1890 me offereceu o meu velho amigo Eduardo Montufar Barreiros, Par do Reino, Secretario geral do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

quinta contemplo n'este momento (27 de Agosto de 1901, 8 1/2 da manhan), escreve isto, que não resisto a estampar:

«No seu palacio do Lumiar possue o Duque bellos esmaltes no genero dos de Limoges dos seculos XIV e XV. Vi-os eu, por signal em certo dia que tem de ficar sempre a lembrar-me. Foi em 24 de Novembro, no dia seguinte ao encerramento da grande discussão decisiva da sorte do Ministerio. Tinha o Duque dado uma esplendida reunião em honra de Fuad Effendi, Embaixador da Turquia. Viam-se reunidos ás mezas de jogo, e ao banquete, e ás contradanças, os adversarios politicos mais encarniçados; todos pareciam satisfeitos. O dono da casa ostentava-se perfeitamente amavel; e até mesmo as jovens e graciosas senhoras, accusadas na vespera ainda (creio que sem justiça) de atiçarem o fogo, mostravam n'esse dia aquella alegria suave, e aquelle retrahimento elegante e natural que as distingue» (1).

*

Este Fuad Effendi, que não sei se era *Embaixador*, se *Ministro Plenipotenciario,* era um bello sujeito, alto, com grandes bigodes, vestido á Europêa, a não ser o *fês,* que trazia sempre na cabeca. Usava oculos doirados. O Secretario da Missão era um Turco baixo e de cabello loiro.

No baile estiveram tambem o tenor Conti, e a celebre Boccabadati, de S. Carlos, e cantaram duas

(1) *Les Arts en Portugal,* pag. 401.

peças, sendo uma d'ellas um dueto da *Lucrecia Borgia*.

O Duque levava a Gran-Cruz da Torre e Espada, e o Tosão d'oiro ao pescoço. Foi elle mesmo quem, por um requinte proprio da sua alta polidez, foi conduzir pelo braço a Boccabadati até ao piano (1).

A festa deve ter sido em 1841 ou 1842, pela comparação das datas em que esses dois actores se acharam em Lisboa (2).

*

No palacio do Calhariz deu este 1.º Duque muitas festas notaveis, realçadas pela sua maneira gazalhadora e facil. Dizem-me que uma das coisas que mais impunham era a Guarda Real dos Archeiros, formada em alas ao longo da escadaria, e dois a cada porta das salas; circumstancia que só lá se podia ver, por ser elle o Capitão da dita Guarda.

*

Muitos annos conheci deshabitado o palacio.

Em 1855 e 56 ahi morou, de aluguel, o capitalista Manuel Pinto da Fonseca, bem conhecido do

---

(1) Informações muito fidedignas, obtidas de um dos meus melhores amigos, João Caetano Pato Infante, que ha mais de sessenta invernos assistiu a essa festa, e cuja memoria photographica é ainda hoje prodigiosa nos seus annos, que Deus prolongue e prospere!

(2) Consulte-se o bellissimo livro de Francisco da Fonseca Benevides, meu velho amigo, *O Real Theatro de S Carlos* pag. 186.

publico pela doirada alcunha de «o Monte-Christo», homem largamente benefico e generoso.

Depois, não sei em que anno, ahi esteve a Companhia dos caminhos de ferro da empreza Salamanca. Eusebio Page, representante do Director, morava n'uma parte da casa.

Em principios de Julho de 1882 ahi se estabeleceu o Ministerio dos Negocios Estrangeiros, pagando o aluguer de 4:420$000 réis. Em principio de Janeiro de 1892 passou para o lado oriental do Terreiro do Paço, onde esteve muitos annos o Ministerio do Reino, e então se achava outra repartição, creio que a Direcção Geral das Alfandegas.

Desde então voltou o palacio Palmella ao seu desconsolado isolamento.

CAPITULO XVIII

Levanta-se na esquina da rua *Direita das Chagas*, defronte do palacio Palmella, um palacete de anti quada e nobre architectura, sobre o qual pouco sei; ainda assim não quero deixar de o mencionar; e oxalá, para o futuro, se me deparem, ou a outro collega, materiaes historicos que façam conhecida a chronica de tão interessante habitação, hoje pertencente ao snr. Conselheiro Joaquim Pires.

Não me foi possivel, apesar das minhas diligencias, estudar os titulos, e isso justifica a pobreza das minhas informações.

Só sei que por 1838 ahi se achava o afamado collegio francez de Carignan.

E sei mais, que esta mesma casa foi em 1870, 71, 72, residencia do Ministro de Hespanha D. Angelo Fernandez de los Rios, grande amigo de Portugal. Foi esta casa theatro de uma festa lindissima, que tem logar nos nossos modernos annaes litterarios.

*

Terminára o cantor do *Amor e melancolia* a sua versão do *Fausto* de Goethe. O Ministro de Hespanha, que frequentava muito a casa do poeta, em S. Francisco de Paula, e tinha sido ás vezes, n'aquelles serões intimos, admittido, como entendedor que era, aos antegostos dos principaes trechos da obra monumental do semi-deus de Weimar, desejou que a primeira leitura em forma se realisasse n'uma data celebre, e perante o corpo diplomatico e o litterario. Obtida annuencia do poeta, convidadas centenas de pessoas, o palacio illuminado, por ser o dia do Santo do nome d'el-Rei Amadeu, recebia no principio da noite de 31 de Março de 1871 toda a Lisboa intelligente e culta; e os salões da Legação de Hespanha, sumptuosamente adornados, viram-se transformados por encanto na mais hospitaleira academia.

Os jornaes do tempo dirão quem assistiu; eu proprio n'outra parte descrevi com minucia a festa; quero deixar consignado aqui, por curiosidade, o horario, seguido pontualmente:

Entraram todos ás 6 $^1/_2$ da tarde; o primeiro trecho da leitura, feita por um dos filhos do traductor no salão grande do palacio, começou ás 6 $^3/_4$, e durou até ás 8. A's 8 veio o chá; ás 8 $^1/_2$ recomeçou a leitura até ás 9 $^1/_2$. Serviram-se então gelados e refrescos. A leitura recomeçou ás 10, e terminou ás 11 $^1/_2$. Pela meia noite serviu-se no bufete uma bonita ceia, e discursaram durante ella, além do illustre dono da casa, muitos dos principaes convidados.

Eis ahi o que foi a leitura do *Fausto* na Legação de Hespanha; reunião puramente litteraria e artistica; abraço iberico, mas no bom sentido; preito fraternal da cavalleirosa Castella ás Lettras portuguezas.

N'essa noite se inauguraram a porta e a escadaria que são hoje as principaes do palacio, construidas expressamente para serem então estreadas pelo poeta heroe da noite. Entrou-se pela escada antiga, que era até ali o portão n.º 27 sobre a rua das Chagas; quando Castilho se dispunha a sahir, Fernandez de los Rios deu-lhe o braço, e conduziu-o, seguido pelos outros convidados, pela escada nova até á carroagem.

CAPITULO XIX

Desçamos alguns passos pela calçada *do Combro,* ou *dos Paulistas,* como tambem se chama.

Deixamos cá em cima o palacio dos Cunhas da Casa de Olhão e Castromarim, hoje representados pelo meu sympathico D. José da Cunha, morador no seu hereditario palacio de Xabregas; nada posso dizer d'esta enorme casa, que, se se tivesse concluido, seria um dos typos mais bellos e nobres, mais artisticos e grandiosos, de Portugal. Apenas sei que ahi esteve longos annos o Correio geral com mil dependencias, e de lá foi transferido para o Terreiro do Paço onde se encontra.

Algum dia, depois de colher apontamentos que ainda não pude alcançar, direi que farte.

Basta-me aqui dizer que, antes de estragado pelas ultimas reconstrucções, apresentava este palacio um typo admiravel, raro, rarissimo, de residencia fidalga portugueza.

*

N'umas salas com entrada pela travessa das Mercês, onde esteve a redacção e typographia da *Re-*

volução de Setembro, residiu a benemerita Associação da mocidade catholica, onde tão bons e instructivos serões passámos todos, ouvindo grandes oradores, sob a presidencia do talentoso D. Thomaz de Almeida Manuel de Vilhena, com a comparencia dos Ex.^mos Nuncios, Monsenhor Jacobini, e Monsenhor Ajuti, e Prelados portuguezes.

*

Mais a baixo, logo antes da egreja do extincto convento dos Paulistas da serra d'Ossa, dá o passeante com uma ermida de uma só porta pegada ao palacio velho, que torneja para a travessa *de André Valente.* E' a ermida da Ascensão de Christo. Poucos sabem ter ella sido a séde primitiva da parochia das Mercês (1). Pois assim foi. Creada a parochia em 1625, desmembrada da de Santa Catherina, como indiquei no logar proprio, ali começaram a administrar-se os Sacramentos.

Era esta ermida pertença do palacio contiguo, e d'elle havia uma tribuna, d'onde os moradores podiam antigamente assistir ás festas rituaes.

*

Vivia nos fins do seculo xv n'esta Cidade um Antonio Simões, ou Antonio Simões de Pina, «pessoa nobre e rica pelos annos de 1500 pouco mais ou

---

(1) Padre Luiz Cardoso. — *Dicc. mss.* na Torre do Tombo, T. 20.

menos», segundo diz Frei Agostinho de Santa Maria. Era casado com Luisa Mendes. Possuia na calçada *do Combro, do Congro,* ou *do Congo*, umas casas nobres com ermida; e tomando essas casas, e mais umas atafonas que tinha dentro das portas da Moiraria (1), vinculou-as em testamento, deixando por herdeira sua mulher, a quem impoz a clausula de Missa semanal na sua ermida da Ascensão junto ás ditas casas.

Deixou a capella a sua mulher Luisa Mendes, para esta a nomear em qualquer das filhas que lhe aprouvesse.

Por sua vez a viuva fez testamento, nomeando em sua filha Maria a terça, com obrigação de Missa semanal, e annexou esta nova capella á do marido, de que ella era fideicommissaria.

Por morte da administradora Maria, succedeu-lhe sua irman Catherina de Jesus, que depois se chamou D. Catherina de Pina. Esta já em 1600 se achava casada com o D.or André Valente.

*

Estamos agora na presença de um funccionario importante, que, pelo seu talento e actividade, gosou a maior influencia na Lisboa dos ultimos Reis da dynastia filippina. Formado em Coimbra, foi nomeado para cargos importantes: o de Corregedor de

---

(1) Ainda lá se vê a vetusta rua *das Atafonas*, que liga o antigo largo *do Jogo da pela* com o largo ao lado da egreja parochial do Soccorro.

Elvas (1), de Vereador da Camara de Lisboa (2), de Corregedor do crime na mesma cidade (3), de Desembargador dos Aggravos no Porto (4), de Desembargador na Relação do Porto (5), e de Desembargador da Casa da Supplicação (6).

O seu predio de Lisboa ficou sendo a sua residencia, e n'elle realisou importantes bemfeitorias, augmentando e tornando as paredes que edificara o velho Antonio Simões «nobres como estão», diz em 1671 certo documento que tenho á vista.

Fez no sitio varios melhoramentos, como este que para exemplo vou referir.

O edificio, com seu jardim interior, formava ilha sobre si; confrontava pelo nascente com a travessa, que em angulo recto communica a rua *Formosa* com a calçada *do Combro;* pelo norte com a serventia da quinta de Ambrosio Brandão; pelo poente com uma viella escuza, que, tornejando por traz do jardim, formava angulo e cahia na calçada *do Combro;* pelo sul, emfim, com essa mesma calçada. Ora acontecia que a tal viella se tornára um monturo, um vazadoiro de detritos animaes e vegetaes. O estrume, o gato morto, as cascas, as aguas podres, o lixo, tinham ali reunião demorada, e os cães vadios,

---

(1) Chancellaria d'el-Rei D. Filippe II de Portugal. L. 12, fl. 92.

(2) Ibid. L. 43, fl. 282 v.

(3) Ibid. L. 16, fl 20.

(4) Ibid L. 29, fl. 120.

(5) Ibid. L. 21, fl. 113.

(6) Ibid. L. 36, fl. 131.

bastos em Lisboa, exploração habitual. E' provavel que os effluvios de tal beco immundo não lembrassem *aguas rosadas* de toucador; e por isso a escandalisada pituitaria do D.[or] André Valente obrigou-o a serias reclamações. Perante quem? perante o Senado da Camara.

«Diz Andre Vallente, c.[or] do crime desta cidade de lix.[a] — (eis ahi com a sua orthographia o requerimento do angustiado proprietario; escreveu-o talvez com o lenço sobre o nariz) — q̃ junto á irmida dascenção, sitta na calçada do congro, de q̃ elle sopricante he padroeiro, estaa hua trauesa, q̃ esta feyta monturo, e não serue mais q̃ de lançar ẽ ella immundicias; e se algũa seruentia haa p.[a] a dita trauesa, a principall he das casas delle sopricante, e a elle só pode fazer prejuizo taparse, como se pode uer por vista de olhos; e he muito indecente estar o dito mõturo peguado a dita igreja: pede a vosa senhoria e merces q̃, constando do que diz nesta petição p[r] vista de olhos, e p[a] mais informação q̃ parecer, lhe dem l.[ça] p[a] a poder tapar, ou lha afforẽ. E recebera mercê».

A Camara, não vendo inconveniente no aforamento da viella, aforou-a ao supplicante por despacho de 16 de Maio de 1609, por 300 réis de foro annual; e o contrato foi lavrado a 8 de Novembro de 1610 (1).

---

(1) Snr. Eduardo Freire de Oliveira — *Elementos*, T. III, pag. 93 e seg., citando do Cartorio da Camara o Liv. XIV de

*

O Desembargador André Valente era rico. Além do seu nobre predio da calçada *do Combro,* e de quaesquer outros bens que não conheço, possuia no então muito campestre sitio de *Arroyos* uma casa e quinta, que era a que veio a ser dos Senhores de Pancas no largo *de Arroyos.* Essa quinta parece ter sido comprada pelo Conde de Villa-Flor, ou ao Desembargador, ou á sua herança. Pertencia já ao dito Conde em 1686 (1).

---

escripturas de aforamentos, fl. 65. A travessa foi assim medida e confrontada:

Da banda do norte parte cõ a trauesa, seruĩtia da quintã de ambrozio brandão, e da dita banda ao longuo della tem seis varas e tres palmos; e da banda do leuante parte cõ quintall das casas do dito andre vallente, e cõ a irmida dasenção, e da banda ao longuo delle tem de comprido trinta varas e dois pallmos; e da banda do sul parte com rua dr.ta e calçada do congro, e da dita banda ao longuo della tem de largo sete varas e tres palmos; e da banda do poente parte com a quintãa de ambrozio brandão; e da dita banda ao longuo della tẽ de comprido vinte e seis varas e q.tro pallmos e meio, e esta medição se faz pello vão e grosidão das paredes.... e p.r vara de medir de cinco pallmos.

A directriz da extincta travessa ainda se vê muito bem do jardim do palacio, que tem janellas para lá. E' uma especie de saguão inutil; separa o jardim e o templo dos Paulistas, que ao tempo do Desembargador não existia. Varias vezes examinei isso

(1) Pormenores tirados dos depoimentos das testemunhas no processo de habilitação de Antonio Cardoso Pereira para Familiar do Santo Officio. — Torre do Tombo — Familiares — Antonios — M. 24, n.º 672 a 683.

*

Como muitos dos antigos arredores de Lisboa, hoje encravados dentro da povoação, era o arrabalde de Arroyos paragem essencialmente campestre, bucolica, lavada de ares, serpeada de aguas, sombreada de olivedo, tapizada de vinhas e seáras. Custa a crer, mas é verdade. Esse aspecto bucolico chegou aos nossos dias.

Varias vezes me contou D. Antonio da Costa o seguinte:

A familia Mesquitella morava no palacio do *Poço novo*, que era *Sousa de Macedo*, e possuia na rua *Direita de Arroyos*, defronte do *Nicho da Imagem* e do *Caracol da Penha*, um vasto palacio, que era *Costa*, contiguo á sua ermida de Santa Rosa de Lima. No tempo do Conde velho, D. Luiz, por 1830, e 30 e tantos, quando chegava Abril, com as suas aragens perfumadas, dizia o pae:

— Meninos, está-me o espirito a pedir campo. Para a semana abalâmos para Arroyos.

E lá iam: e o palacio, com a sua desafogada vista sobre as terras da Penha de França, com o seu logradoiro arborisado ao poente (hoje a rua *de Passos Manuel*, e outras, por onde ficava a chamada quinta do Pinheiro, e diversas mais (hoje as ruas *de Passos Manuel, de José Estevam*, etc.) era inteiramente saloio. Quem ali morava sentia-se no campo; e os Condes vinham *a Lisboa* na sua traquitana; e cada um dos filhos, D. João, D. Luiz, D. Pedro, e D. Antonio, tinha um cavallo para se transportar *até Lisboa*.

Imagina-se bem, portanto, que no seculo XVII o palacio do Desembargador André Valente, no largo *de Arroyos,* era tudo que se pode descrever mais campesinho; não é isto assim?

*

Em 1627 achava-se André Valente, Vereador do Senado, bastante combalido, e talvez gasto dos invernos; dou com elle n'esse anno «sangrado algumas vezes»; pelo que, no impedimento do seu serviço official, o mandou a Camara substituir (1). Talvez fallecesse por esse prazo.

---

(1) Liv. I de cons. e dec. de D. Filippe III, fl. 116, no Cartorio da C. M. de L., citação nos *Elem.* do snr. F. de Oliveira. T. III, pag. 251.

CAPITULO XX

Succedeu-lhe na administração dos bens sua viuva, a nossa já conhecida D. Catherina de Pina.

Muito religiosa, muito do seu tempo, muito exclusiva no seu modo de pensar, ordenou em testamento, que nas suas casas da calçada *do Combro,* junto á sua querida ermida da Ascensão, se edificasse um mosteiro para Carmelitas descalças. Era a mania do tempo, como todos sabem; e tão generalisada, que foi indispensavel em muitos casos atravessarem os Governos um *veto* aos piedosos mas inconsiderados fundadores de mais casas monachaes. Por isso é que D. Catherina, receando impedimentos, determinou que, no caso de vir a faltar a necessaria licença, se instituisse por sua alma uma capella, a que chamou «obra pia», e vinculava-lhe todos os seus bens, impondo aos administradores a obrigação de cinco capellães, com Missas quotidianas na ermida, etc.

Isso devaneava ella na sua phantasia piedosa. Vamos a ver como o destino a contrariou.

*

Por fallecimento d'essa senhora, entrou subrepticiamente na posse dos bens um intimo amigo da familia, e parece que ainda parente, magistrado alto, que não corou de descer a uma verdadeira burla para beneficiar a sua pessoa e a sua descendencia.

Resvalo depressa por sobre isso tudo, que tem peores aromas que o beco aforado por André Valente; deslizo ao de leve; nem sequer citarei os nomes, apesar de possuir todos os papeis comprovativos do triste caso.

Basta-me dizer que, passados annos, accumuladas inducções, compulsados documentos, inquiridas testemunhas, comprovada a usurpação, os legitimos herdeiros reivindicaram o seu morgado. As provas adduzidas perante os tribunaes foram juridicas, e genealogicas.

Averiguou-se, por testemunhas irrecusaveis, o seguinte:

Tinha D. Catherina, enferma da sua doença mortal, lavrado testamento, em que deixava os bens aos legitimos herdeiros. Á factura do acto assistiram o tabellião Leão Ricardes, o Padre Jesuita Diogo de Areda, mandado expressamente chamar a Odivellas (onde acaso se achava), o tal amigo intimo, outro, que de seu punho escreveu os dizeres, e não sei quem mais.

Com as cautellas de espirito prudente, e alanceado de incertezas, guardava ella o papel debaixo do travesseiro, e dormitava. Velava-a carinhosa-

mente a sua creada Antonia de Moraes. N'isto viu-se entrar de mansinho, cauteloso, no aposento, o intimo da familia, e andar como que procurando, por cima da meza, o que quer que fosse.

— Que deseja Vossa Mercê? — pergunta baixinho a fiel Antonia.

— O testamento da snr.ª D. Catherina — responde elle; — precisava ver uma coisa.

— Está aqui, debaixo da cabeceira de minha ama.

— Faz favor de m'o confiar?

Antonia tirou-o, sem que a doente percebesse; e sem que a ella passassem pelo espirito os males que ia causar, entregou-o.

O *amigo de Peniche* sahiu, fechou-se n'uma sala mais o outro miseravel, a quem prometteu cincoenta mil réis (visto ser sua a lettra do documento) para interpolar meia folha de papel no sitio proprio, alterando a deixa em favor d'elle, alliciador, e fingir habilmente a rubrica do notario no alto da pagina. Feito e consumado o tenebroso conluio, entregou-se de novo o testamento, Antonia repôl-o sob o travesseiro, a doente falleceu, e a farta herança passou para indevidos herdeiros.

O rio derivou assim do alveo natural, e penetrou cachoando no canal suspeito que lhe abriam mãos atraiçoadas.

Em quanto essas scenas sinistras se representavam ali, n'uma das salas d'esse palacio tão meu conhecido, nem D. Catherina sonhava sequer que a estavam esbulhando do seu direito sagrado de moribunda, nem os passantes da calçada do Combro

suspeitavam que a dentro d'aquellas paredes se transformava o edificio nobre do velho André Valente na caverna de Caco. O *Legatario universal* de Regnard foi um plagio a esta tragicomedia; e já a Imperatriz Plotina, mulher do bom Trajano, inaugurára o genero ás vistas da Roma imperial.

Como as apparencias todas eram legaes, o rapinante entrou de posse da fazenda, e deixou-a, como disse, a um filho.

Foi em vida d'este que a acção de reivindicação, largamente desenvolvida, desfechou na sentença, pela qual os bens entraram na posse dos herdeiros legitimos de D. Catherina de Pina.

*

A genealogia provou o seguinte:

1 — Simão Viegas, cuja ascendencia ignoro, casou com Luisa Vaz Corrêa; tiveram:

2 — Jeronymo Corrêa da Silva, que foi pae de Francisco Corrêa da Silva.

3 — Francisco Corrêa da Silva foi senhor da quinta da Flamenga em Vialonga, onde vivia, e que posteriormente pertenceu ao 1.º Duque de Loulé, Nuno José Severo de Mendoça Rolim de Moura Barreto, e hoje pertence a S. E. a Condessa de Belmonte filha do Duque. Foi Thesoireiro mór da Casa da India, e casou com D. Anna da Gama, filha de......... e de Magdalena Gomes da Gama. Esta ultima era prima com irman de Catherina de Pina, por ser filha de um irmão de Luisa Mendes

mãe da dita Catherina. Tiveram: Antonio Corrêa da Silva.

4 — ANTONIO CORRÊA DA SILVA foi Thesoireiro mór da Casa da India, e serviu na guerra, na menoridade d'el-Rei D. Affonso VI, em varios postos, e á sua custa. A este competia, como parente mais proximo, succeder no vinculo de sua tia Catherina; foi elle quem, vendo-se esbulhado d'essa herança, tanto barafustou, tanto lidou nos tribunaes, que obteve a sentença de 21 de Maio de 1671, pela qual se arrancaram ao illegal possuidor os bens que indevidamente usufruia. Talvez estivesse de boa-fé, porque os recebêra de seu pae, que tinha sido, annos antes, o mal avisado auctor de toda a tramoia.

*

A' sentença oppôz-se João de Paiva da Gama, allegando ser tambem parente, em melhor linha; porém não foi attendido; e a primeira decisão viu-se confirmada pela nova sentença de 27 de Maio de 1672, e confirmada novamente em Maio de 1673 pela Casa da Supplicação.

Esse Antonio Corrêa da Silva, casado com D. Joanna de Mello da Silva, teve d'ella:

5 — *Antonio Corrêa da Silva,* que parece ter morrido moço, e

5 — FRANCISCO CORRÊA DA SILVA, padroeiro da Ermida da Ascensão de Christo junto ás suas casas da calçada do Combro, vivo ainda em 1712, quando se imprimia o 3.º volume da *Chorographia* do Padre Antonio Carvalho da Costa.

*

Outra linha:

§ 1.º

1 — *Pedro Gonçalves,* cuja procedencia não consta, casou com........ e teve

2 — *Luisa Mendes,* com quem se continua, e

2 — *Anna Vicente,* que logo seguirá.

2 — *Luisa Mendes* casou com Antonio Simões de Pina, supramencionado. Ao vinculo d'elle juntou por testamento a sua terça, formando com ella nova capella annexa á primeira, e para a administração das duas nomeou sua filha Maria. Antonio Simões e Luisa Mendes tiveram:

3 — *Maria,* 1.ª administradora das capellas instituidas pelo pae e pela mãe; morreu solteira.

3 — Catherina de Jesus, depois chamada *D. Catherina de Pina,* 2.ª administradora, e mulher do D.or André Valente. Depois de viuva, juntou todos os seus bens livres ao morgado; falleceu sem geração.

§ 2.º

2 — *Anna Vicente,* filha de Pedro Gonçalves n.º 1 casou com........ e teve filhos:

3 — *Antonia da Gama,* sem mais noticia.

3 — *Maria da Gama,* com quem se continua.

3 — *Magdalena Gomes da Gama* parece foi a 2.ª filha do casamento de seus paes, como pretendia provar o filho d'ella. Casou com........ e teve

4 — *João de Paiva da Gama,* que foi oppoente á administração do morgado contra Antonio Corrêa

da Silva, mas teve sentença contraria em 27 de Maio de 1672; e já tivera sentença, não se lhe recebendo os embargos, n'esta mesma causa, em 26 de Janeiro de 1669, mandando-lhe a Relação provasse por que via era Anna Vicente prima com-irman de D. Catherina de Pina.

§ 3.º

3 — *Magdalena Gomes da Gama,* filha 3.ª de Anna Vicente n.º 2, casou com........ e teve

4 — *D. Anna da Gama,* mulher de Francisco Corrêa da Silva; seus descendentes succederam na administração do morgado da capella da Ascensão, como acima fica referido.

*

Temos portanto, depois de todo esse *autem genuit*, a Francisco Corrêa da Silva na posse legal da casa; era homem douto, applicado, latinista, e auctor de uns *Commentarios a Suetonio.* Mais uma nobilitação para aquellas paredes vetustas.

Foi seu filho Antonio Corrêa da Silva, Thesoireiro mór da Casa da India, militar que serviu á sua custa na guerra, em tempo da Rainha D. Luisa, em postos importantes, neto de outro Francisco Corrêa da Silva, tambem Thesoireiro mór, já mencionado, e senhor da nobre quinta da Flamenga em Via-Longa, onde vivia; bisneto de Jeronymo Corrêa da Silva, homem fidalgo; trineto de Simão Viegas, e de D. Luisa Vaz Corrêa, dos Corrêas bons d'estes

Reinos, etc., segundo diz, fundando-se em documentos que viu, o Padre Carvalho da Costa (1).

Por muitos passos d'esta obra se vê a alta importancia que teem para a Historia os estudos genealogicos. O que é preciso é serem feitos com criterio; o que é indispensavel é serem extrahidos de fontes genuinas; o que os torna convincentes é dizer-nos um escriptor honesto: «Eu vi.»

(1) *Chorogr.*, T. III, pag. 510.

CAPITULO XXI

Por uma linha que ignoro, veio a pertencer o palacio e o morgado a D. Antonio José de Mello Homem, filho de D. Pedro José de Mello Homem, que foi Védor da Rainha D. Maria Anna de Austria, mulher d'el-Rei D. João V, e Cavalleiro na Ordem de Christo em 23 de Maio de 1725 (1). D. Antonio casou em 28 de Outubro de 1731 com D. Marianna Joaquina de Portugal, filha de D. Filippe de Sousa, 5.º Capitão da Guarda alleman (2).

Ao tempo do terremoto pertencia o palacio ainda a este D. Antonio.

Arruinou-se um pouco a ermida em 1755; o palacio não se arruinou, segundo creio.

Em 1791 possuia-o D. José Antonio de Mello Homem, que ahi morava (3), Commendador na Ordem

---

(1) Torre do Tombo — Habilitações na O. de C. — Lettra P, M. 11, n.º 128.

(2) *Gazeta de Lisboa*, n.º 44, de 1 de Novembro de 1731.

(3) *Almanack* d'esse anno, pag. 114.

de Christo, Coronel do 1.º Regimento das Ordenanças da Côrte, e Capitão interino de uma das companhias da Guarda Real. Ahi falleceu com sessenta e tres annos em Outubro de 1802. Logo em 1 de Dezembro seguinte havia de fazer-se leilão das suas carroagens e bestas na travessa *de André Valente* (1).

Sua filha e herdeira, D. Maria José de Mello de Meneses da Sylva, senhora como elle dos morgados da Figueira, Landeira, etc., casou em 29 de Agosto de 1804 com D. José Maria Rita de Castello Branco Corrêa e Cunha de Vasconcellos e Sousa, que nasceu em Salvaterra a 5 de Fevereiro de 1788, e falleceu em Lisboa a 16 de Março de 1872, tendo recebido o titulo de 1.º Conde de Figueira, morgado pertencente a essa senhora, fallecida em 1818.

D. José, 1.º Conde da Figueira, passou a 2.as nupcias com D. Maria Amalia Machado de Mendoça de Eça e Castro de Vasconcellos Orosco y Ribera, e é seu filho o actual Conde da Figueira, D. José, meu nobre e respeitavel amigo e *mestre*.

Como a Casa d'esta snr.a Condessa era diversa, passou a representação dos Mellos para a Casa de Murça, pela seguinte forma:

*

D. Miguel Antonio de Mello, que em 1826 foi nomeado Conde de Murça, era o immediato successor da Condessa da Figueira, D. Maria José de Mello.

---

(1) *Gazeta* n.º 47, de Novembro de 1802.

Por procuração passada em 12 de Agosto de 1818 a Antonio Mancio Ramires Caldeira tomou posse a 20, por fallecimento da Condessa, do palacio da travessa de André Valente e suas pertenças, o qual tinha sobre a calçada do Combro os n.os 60 a 75 (58 a 74 modernos), e para a travessa os n.os 1 a 3 (1 a 7 modernos).

Os varios inquelinos, notificados judicialmente para reconhecerem o novo dono, foram: Francisco Fortunato Lobo, Francisco da Silva Pereira de Carvalho, Joaquim Antonio, Angela Theresa de Jesus, Antonio de Almeida, Filippe José, Manuel José Martins, Domingos Salgado, e Antonio Agard.

Havia proximas outras propriedades, na calçada e na travessa, de que D. Miguel tomou tambem posse no mesmo dia, mas não importa mencional-as aqui.

D. Miguel Antonio de Mello teve por filho e immediato successor a D. José Maria de Mello, 2.º Conde de Murça, nascido a 4 de Setembro de 1817, casado em 21 de Junho de 1837 com D. Helena de Lancastre, filha dos 3.os Marquezes de Abrantes. Não tiveram geração.

Por fallecimento d'esse 2.º Conde, passou a Casa a seu irmão segundo D. João José Maria de Mello, 3.º Conde de Murça, nascido a 30 de Agosto de 1820, casado com D. Anna de Sousa Coutinho Monteiro Paim, filha dos 1.os Marquezes de Santa Iria, e 2.os Condes d'Alva.

O 3.º Conde teve duas filhas:

D. Marianna das Dores de Mello de Abreu Soares de Vasconcellos e Brito de Barbosa e Palha,

4.ª Condessa de Murça herdeira, e hoje pelo seu casamento Condessa de Sabugosa; e

D. Maria José de Mello, nascida a 9 de Junho de 1857, casada a 16 de Julho de 1877 com Bernardo Pinheiro Corrêa de Mello, filho dos 1.os Viscondes de Pindella, e hoje Conde de Arnoso, Capitão de Engenharia, Par do Reino, Secretario de S. M. el-Rei, nascido a 27 de Maio de 1855. A snr.ª D. Maria José de Mello falleceu a 10 de Janeiro de 1882, deixando, além de dois outros filhos, o segundogenito João Maria Pinheiro de Mello, a quem coube o palacio da travessa de André Valente, descripto a 21 de Abril de 1884, com outros bens, no registo da Conservatoria.

Em 1879 assim o designa um documento:

«Palacio com lojas, sobrelojas, dois andares, cavalhariça, cocheira, palheiro, poço em casa contigua ao pateo de entrada, pequeno jardim murado, e uma grande janella, ou tribuna, que deita para a capella mór da ermida da Assumpção (1). Rendimento liquido: 615$908 réis: valor venal: 14:000$000 réis (2).

E' um casarão enorme, que se estende desde a esquina da travessa até á ermida, com as suas nove sacadas para a calçada, no 1.º andar, e um 2.º de janellas de peitos. Em baixo aninham-se varios estabelecimentos do pequeno commercio. Ha boas

---

(1) Aliás *da Ascensão.*

(2) Vi os documentos no cartorio da Casa de Murça, graças á amabilidade dos Condes de Sabugosa e de Arnoso em 30 de Março de 1903, auxiliado pelo obsequioso sr. Paulo de Azevedo Chaves.

salas com azulejos, mas nenhuns restos de valia artistica.

*

Em quanto foi habitado pelos Mellos, possuia este palacio alguns quadros; entre elles umas oito *famosas taboas* (expressão de Wolkmar Machado, que ahi as viu), pertencentes anteriormente á collecção do Marquez de Valença, e herdadas de sua mulher pelo mencionado 1.º Conde da Figueira; a saber:

O encontro de Sant'Anna com S. Joaquim;
o nascimento da Virgem;
a Annunciação;
a Natividade;
a Apresentação no templo;
a Circumcisão;
a Adoração dos Magos;
o Casamento da Virgem.

Estes quadros, que muitos attribuiam ao famoso e enigmatico mestre Gran-Vasco, acham-se hoje na escada do palacio dos snrs. Duques de Palmella ao Rato; creio que os comprou ainda o 1.º Duque, visto Raczynski os ter achado em poder d'elle (1).

Em 1814 encontro estabelecida n'este palacio da travessa *de André Valente* a secretaria do Commissariado Britannico (2).

Em 1816 já ahi se ia abrir a 1 de Fevereiro um

---

(1) *Les Arts en Port.*, pag. 126.

(2) *A secretaria do Deputado Commissario Geral João Vaux, aos Paulistas, na travessa de André Valente* — são palavras da *Gazeta de Lisboa*, n.º 202, de 27 de Agosto de 1814.

collegio denominado *das Lettras,* de que era director Francisco Fortunato Lobo, professor de mathematica, portuguez, e latim (1); mas já em Maio de 1820 se fechava, tendo arruinado a saude do director, segundo elle proprio declara no Aviso que publica na *Gazeta* (2).

Em 1826 e 1828 ahi morou o Desembargador do Paço, Chanceller da Casa da Supplicação, etc., João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães, e ahi foi apedrejado na noite de 25 para 26 de Julho de 1828 (3).

*

D'esse anno em diante tenho uma lacuna grande até Janeiro de 1849, em que ahi veio residir o negociante Henrique José Pires, ahi mesmo fallecido em Janeiro de 1854. Na casa continuou a sua viuva, até fallecer em Fevereiro de 1876 (4).

Pouco depois installava-se lá com uma casa de hospedes um honrado empregado menor da Alfandega, Manuel Rodrigues. N'essa casa poisei muita vez, e ás vezes largas temporadas, em quanto morava nos Olivaes. Por isso conheço tão bem o edificio, cuja feição architectonica é ainda hoje caracteristica: salas grandes, bons azulejos, sacadas altas, pouco conforto, mas a vastidão nua das antigas moradas aristocraticas.

---

(1) *Gazeta* n.º 23, de 26 de Janeiro de 1816.

(2) N.º 126, de 29 de Maio de 1820.

(3) Soriano — *Hist. da guerra civil,* T. II, P. II, pag. 143.

(4) Informações de um membro da familia Pires, o snr. Eugenio Pires.

Fallecendo o bom Manuel Rodrigues, sua edosa viuva, a snr. Maria da Conceição Rodrigues, ha pouco fallecida (Novembro de 1901), continuou por algum tempo a sua industria, até fechar a casa e se mudar (comigo só por hospede) para o largo *do Intendente,* esquina meridional da travessa *do Maldonado,* em Julho de 1887; d'ahi parti para Zanzibar, e ella mudou-se.

Estabeleceu-se em 1887 no palacio da calçada *do Combro* um Collegio, que ainda lá subsiste, denominado *Lyceu Polytechnico* (Fevereiro de 1903).

CAPITULO XXII

Gosava muita notoriedade já nos fins do seculo XVI a ermida da Ascensão. Em 21 de Maio de 1592 determinou o Senado da Camara, que toda a pessoa que achasse menino perdido, o levasse ahi, e o entregasse á ermitôa. Havia para o mesmo fim outros poisos, a que logo alludirei quando tratar da ermida dos Fieis de Deus (1).

A Irmandade que superintendia n'essa casa religiosa, celebrou lá varias festas; e pouco depois da posse do edificio e do morgado por Francisco Corrêa da Silva, este contribuiu para a reedificação da obra primitiva.

Sobre a verga do portal ainda se lê:

ESTA OBRA SE FES A CVSTA DOS IRMÃOS DE N. S. DO EMPARO ANNO 1673 (2)

(1) Consultem-se os *Elementos* do meu amigo o snr. Freire de Oliveira, T. II, pag. 68.

(2) A palavra DE está escripta com um E incluso no D.

*

As proprias Pessoas Reaes visitavam este *sacello*. Na sexta feira 16 de Maio de 1720, por exemplo, a Rainha, a senhora D. Marianna de Austria, ahi assistiu á festa de S. João Nepomuceno (1).

A ermida celebra ainda de vez em quando as suas bonitas festas, a que tenho assistido; tenho ali ouvido resar o terço; n'uma palavra, os manes dos instituidores ainda além-mundo teem a consolação de ver, que a sua fundação piedosa não escorregou (como tantas outras) para o abysmo do nada. A sua ermida não é ainda uma taberna.

*

Tem este pequenino templo tres capellas: a mór, e duas lateraes.

A capella mór é separada do resto, com seu tecto especial em forma de zimborio de estuque, d'onde cai a luz que a illumina. Aos dois lados duas tribunas em grande altura; a da esquerda é fingida; a da direita ainda a conheci praticavel, e communicava com o interior do palacio. No altar mór ainda vi um retabulo figurando a Ascensão do Senhor, e que ouvi ter sido pintado por um dos membros da familia Pires; tiraram-n-o, e levaram-n-o para uma ermida em Aldeia-Gallega, segundo me consta. Porquê, e para quê? ignoro. O obsequioso pintor, ha annos fallecido, executou-o para ali; queria-o ali na

(1) *Gazeta de Lisboa*, n.º 21, de 23 de Maio de 1720.

capella do predio onde tinham fallecido seus paes. Frustrou-se lhe a piedosa intenção. Sempre mudanças, Santo Deus!

Sobre uma pianha, ao centro d'esse altar mór, campeia a Imagem da Senhora do Amparo, e a diante o Sacrario com a Sagrada Eucharistia. Do lado do Evangelho a Imagem do Senhor no acto de ascender ao Ceo; do da Epistola S. João; tudo mediocres esculturas.

No corpo da nave o altar da parte do Evangelho é o da Senhora das Dores, com a sua Imagem, e as da do Amparo, e de S. José. O altar fronteiro é do Senhor Jesus dos impossiveis; além da sua estatua, tem a de Santo Antonio sobre a banqueta. As paredes são revestidas de bons azulejos do seculo XVIII; e sobre a porta principal corre o vasto côro dos musicos.

O tecto é no genero *di sotto in su,* com um grande painel central figurando a Ascensão na presença dos Apóstolos.

A sacristia fica á mão esquerda de quem entra na capella mór; é a parte menos restaurada do edificio. Ainda assim, foi alterada. Com a edificação do predio limitrophe para o sul, perdeu a sacristia a sua antiga luz, que lhe provinha de uma pequena janella no alto da parede; ainda lá está, mas entaipada. Hoje recebe a luz por uma claraboia no tecto. Notei, de roda da casa, um caracteristico revestimento de azulejo quinhentista, branco ao meio, e com uma cercadura de ornamentos azues e amarellos. Sobre o arcaz ha um grande quadro muito mau, representando as santas Mulheres chorando em

adoração junto ao Crucificado. Esse quadro, antigo mas sem valia, encobre a seguinte inscripção, que pude copiar, graças á rara amabilidade do empregado da casa, o snr. Joaquim Fortunato Corrêa; teve elle a bondade de despendurar o quadro, para me ser agradavel. A inscripção diz:

C - R -
ESTACAPEL - MORESVA
SACRISTIA - F - INSTITV
IDA - EMCAP - PORANT.º
SIMOENSDEPINA - ES - M[e]
EIRMA - C - DE5CAPELA[ens]PE
RPETVOSPORESCRITV
RADE - 28 - DEABRILDE1578
HOIEHEADIM - AEXM.ª
CD - LOIZAN - ES - F.ºEF -
P - EST - P - EM - 22 - DEFV.[ro]DE
1798

Interpreto assim:

Curaverunt refaciendum.

Esta capella mór e sua sacristia foi instituida em Capella por Antonio Simões de Pina e sua mulher e irman; consta (ou *cargo) de cinco capellães perpetuos, por escriptura de 28 de Abril de 1578* (1). *Hoje*

(1) Ha varias lettras inclusas e conjuntas, que é impossivel reproduzir typographicamente. Vê-se que a propriedade do palacio seguiu uma linha, ao passo que a administração da capella seguiu outra.

é administradora a Ex.ma Condessa da Lousan e seu filho, e fizeram pôr este padrão (ou *esta pedra) em 22 de Fevereiro de 1798.*

A' porta do templo, por fora do guardavento, ha uma loisa funeraria, infelizmente tão damnificada e raspada pelos pés de tres seculos, que (apesar das minhas diligencias) só pude ler em 26 de Março de 1903 isto:

> SDEIVII.... R.... \ .... EDE
> SEVSH.....
> R

Interpreto assim:

Sepultura de João Vieira (?).... *e de seus herdeiros...*

Requiescant...

Quem vinha a ser João Vieira? algum influente da Irmandade? algum auxiliador da edificação? algum parente querido dos instituidores? E por que se enterrou humildemente á porta da rua? Tudo perguntas a que não me é dado responder.

Como o chão da ermida é revestido de madeira, não affirmarei que lá não haja ainda antigas campas. Pode bem ser que ali durmam algures os fundadores.

*

Ha hoje aqui uma Irmandade que promove e mantem o culto; nas quintas feiras alternadas do mez tem Missa; e nos Domingos benção do Santissimo, e terço. Dirige tudo o Rev.º Padre Manuel das Neves Pinto Brandão.

*

A fronteira travessa *da Era* chamava-se, em tempo de Carvalho da Costa, *travessa defronte da Ascensão.*

*

Agora um caso curioso, que talvez esta mesma ermida presenceasse; mas como o não pode contar, conto eu:

N'um dos primeiros dias de Julho de 1671 descia a calçada *do Combro,* em grande estado, o Arcebispo de Lisboa D. Antonio de Mendoça. Aonde ia? visitar officialmente o recem-chegado Nuncio Apostolico, Monsenhor D. Francisco Ravizza, Arcebispo de Sidonia, que se hospedára no mosteiro de S. Bento. A diante do cortejo archiepiscopal de D. Antonio ia a Cruz.

Como o sequito levou tempo desde a Sé, atravez das tortuosas e empinadas ruas da Capital, teve algum officioso abelhudo (de uns que nunca faltam) occasião de correr a S. Bento, e contar que o Arcebispo de Lisboa se approximava de Cruz alçada. Foi um escandalo!

Mal teria chegado ao fim da calçada *do Combro* o préstito dos coches e cavalleiros, acercou-se do nosso Prelado um famulo do Arcebispo de Sidonia, e, depois de comprimentar a D. Antonio com toda

O SENHOR JESUS DOS IMPOSSIVEIS
Imagem venerada na ermida da Ascensão

a veneração, pediu para ser ouvido. Parou o sequito. O famulo então convidou a D. Antonio, em nome de seu amo, a abaixar a Cruz.

— Que significa isto? — perguntou elle; — eu sou o Arcebispo de Lisboa.

— Sei, meu senhor, e como tal tive a honra de

comprimentar a Vossa Excellencia; mas meu amo é Legado *a latere;* e diante de um representante directo do Santo Padre, não creio possa Vossa Ex-

A Ascensão de Christo
quadro que esteve na capella mór da ermida da calçada do Combro,
e já não está

cellencia alçar a sua sagrada insignia; com todo o respeito me permitto observar-lh'o.

Vexado e sentido o Arcebispo, e não se conformando com a interpretação da etiqueta, preferiu

não fazer a visita, e voltou para o seu paço do Aljube (1).

Ainda bem que não fui eu juiz em tal pleito. Havia de me ver muito atrapalhado, ás cortesias para a direita, ás cortesias para a esquerda, medindo as palavras, e envolvendo em respeitosas doçuras a sentença, que espero havia de ser imparcial, custasse o que custasse. Deus nos livre de uma d'essas collisões.

*

Aqui estava a chamar pela minha penna o proximo convento dos Paulistas, hoje séde da freguezia de Santa Catherina; mas como já não pertence ao Bairro alto, ponto final, e fujo.

---

(1) *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, pag. 170.

CAPITULO XXIII

A rua *Formosa,* em boa verdade, merecia um volume de chronica; mas um volume accessorio não cabe n'este. Contentar-me-hei com pouco; e oxalá emprehendesse alguem, á vista de titulos e registos de propriedades, a historia d'esta rua celebre por muitos motivos, mas principalmente por ter sido a *patria* do grande Marquez de Pombal.

Começando pelo lado sul, na esquina da calçada *do Combro*, ou *dos Paulistas,* temos, á direita, a esquina do grande palacio da Casa de Castromarim e Olhão, já mencionado pouco a cima.

*

A diante, do mesmo lado, é a capella das Mercês, que ultimamente foi, em 1900, theatro de vilissimos insultos populares contra as virtuosas *Mères réparatrices de Marie,* que ali se tinham estabelecido, com o seu instituto, tão respeitavel, de perpetua adoração á Sagrada Eucharistia. Miserias do nosso tempo! mi-

serias, que as auctoridades não reprimem como deviam, e que fazem suppôr nos dirigentes (o que de certo não é) um tenebroso proposito muito firme de contrariar, em nome da sua liberdade d'elles, a liberdade das crenças de cada qual.

Mas deixemos agora isso, e paremos ante a frontaria singela da egreja mencionada.

*

Pouco diz por si mesma, e pouco abona a inventiva do architecto, cujo nome se perdeu. Era velho já no seculo XVII esse templo. O Desembargador Paulo de Carvalho, achando-se o Arcebispado lisbonense em Sé vaga, por morte do grande e sempre lembrado D. Rodrigo da Cunha, de boa memoria na piedade, na politica, e nas lettras, pediu ao Cabido a erecção de uma Parochia nova, a que servisse de matriz a dita ermida, acabada de reedificar por elle, e constituida cabeça de um vinculo por elle mesmo fundado (1).

Ou fosse conveniente a creação da parochia nova, ou Paulo de Carvalho disposesse de bastante influencia, o Cabido annuiu aos desejos do padroeiro, e em 1652 creou-se a freguesia das Mercês, obtendo elle apresentar Cura, Coadjutor, e Thesoireiro, regalia que passou aos successores.

O terremoto arruinou a capella mór, a frontaria, a torre dos sinos, quebrando-se todos elles, o côro, e a tribuna do padroeiro. N'esse aperto mudou-se a

---

(1) *Sanct.' Marian.*, T. VII, pag. 91.

Eucharistia logo para a Ermida da Ascensão no palacio da calçada *do Combro,* e em 22 de Maio de 1757, acabado de restaurar o templo das Mercês,

Imagem do Senhor Jesus do Patrocinio
venerada na capella de Nossa Senhora das Mercês

para lá se transportou de novo a Sagrada Eucharistia, onde se conserva ainda hoje (1).

*

Funccionavam n'este templo duas Irmandades: a

(1) Pormenores que dá J. B. de Castro no *Mappa*.

do Sacramento, e a das Almas; e havia tambem uma capella instituida para suffragios por alma do 1.º Padroeiro; outra instituida pelo Padre Caetano Lopes, Prior da Magdalena; outra instituida por D. Antonia Maria do Amaral, que no tempo do terremoto era administrada por Caetano José da Silva e Senna (1).

O altar de Nossa Senhora da Conceição n'esta egreja foi concedido pelo Cabido da Sé ao Padre André Nunes da Silva, Presbytero secular, Bacharel formado em Canones, Socio da Academia dos Singulares, nascido em Lisboa a 30 de Novembro de 1630, fallecido a 3 de Maio de 1705. Innocencio menciona-lhe as obras poeticas. O Padre ornou devotamente a sua capella, mandou renovar-lhe o altar, e construiu debaixo d'elle uma sepultura para si (2).

Na capella mór ha um quadro de André Gonçalves, o dedicado amigo de Vieira Lusitano (3).

Em Maio de 1835 a Camara Municipal cooperou para a demolição do adro, «pelo pejamento que causava na via publica, que simultaneamente deturpava» (4).

Junto a esta egreja houve um hospicio de Missionarios Apostolicos de Brancanes (5).

Este predio, que se conservou até 1889 com a

---

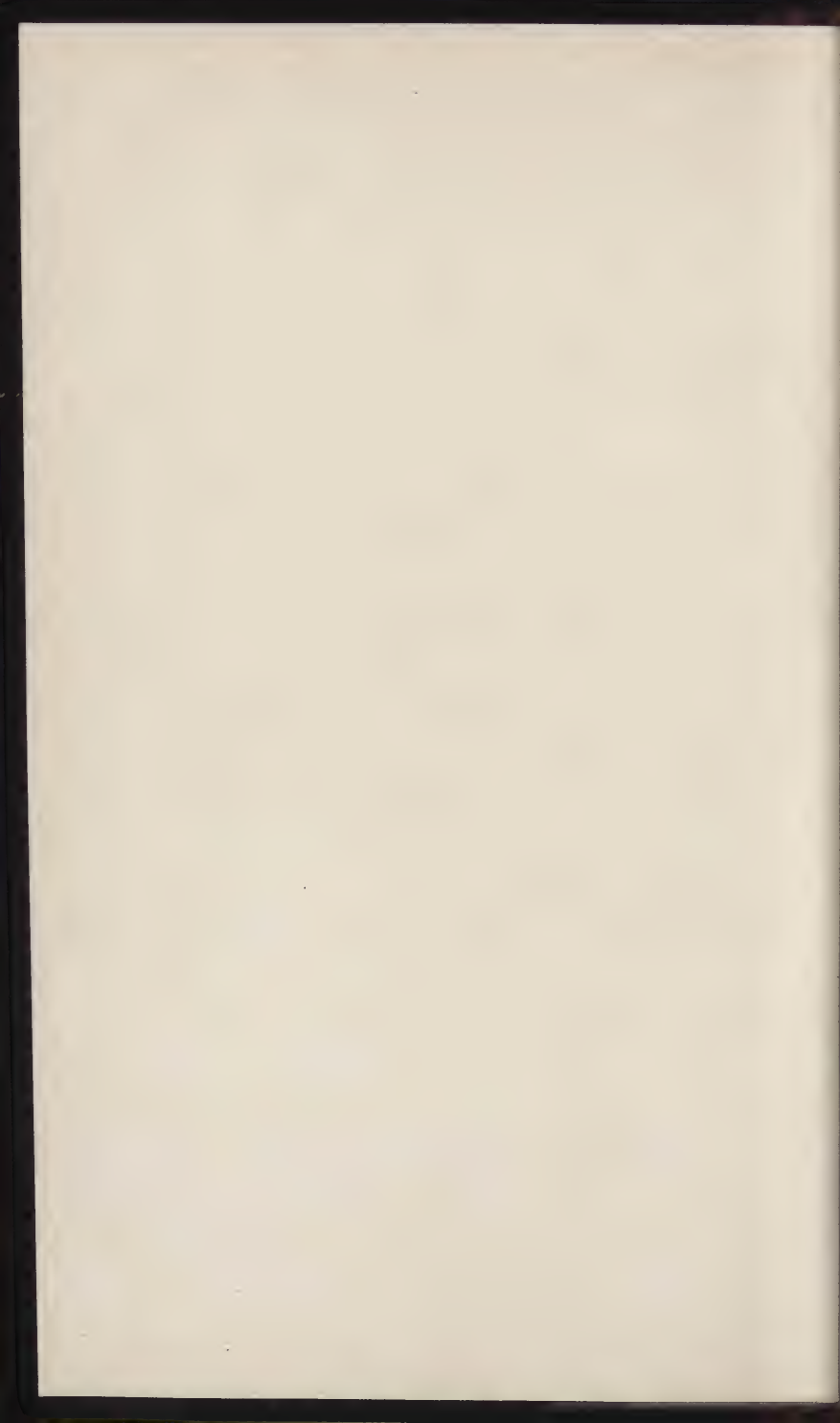
(1) Castro — *Mappa*.

(2) Barbosa Machado — *Bibl. Lusit.*, T. I, pag. 157.

(3) Cyrillo — *Mem.*, pag. 88.

(4) *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. L* em 1835, pag. 14.

(5) *Almanack* de 1791, pag. 92 — e J. B. de Castro, *Mappa*, T. III, pag. 226.

Nossa Senhora das Mercês
orago da sua capella

sua feição antiquada e pobre, foi então reconstruido totalmente em Outubro.

Quanto ás funcções parochiaes, exerceram-se até 1835 na ermida de Paulo de Carvalho; n'esse anno passaram para o magnifico templo do extincto convento de Jesus, supprimido pelo Decreto de Maio de 1834.

*

Uns passos acima da egreja das Mercês vê-se na mesma travessa um nobre palacete, onde hoje mora o meu velho amigo Ayres de Mascarenhas Valdez, e que pertencia á abastada familia Pery de Linde em 1755.

*

Uns metros andados na rua *Formosa,* topamos com o palacio do snr. Visconde da Lançada, onde está hoje a redacção, administração, e typographia, do jornal *O Seculo,* para alargamento das quaes até a propria ermida se profanou!

Teve a invocação de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

O palacio pertencia em 1755 a Manuel de Sampayo e Pina, avô do snr. Visconde da Lançada, Ignacio Julio de Sampayo e Pina de Brederode, actual proprietario.

Desde muitos annos ahi morou, até fallecer, D. Pedro de Meneses de Brito do Rio, e sua mulher a snr.ª D. Maria Krus, pessoa de elevada intelligencia, que ahi viveu viuva alguns annos.

As reuniões habituaes d'essas salas dariam uma das mais interessantes chronicas de Lisboa. Creio que só poderia escrevel-a hoje Bulhão Pato, que esse tem memoria no coração.

A snr.ª D. Maria Krus tinha ali o primeiro *salão* politico e litterario da Cidade. Ardia o fogo sagrado, e escutavam-se conversadores de primeira agua: Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Thomaz de Carvalho, Benalcanfor, Raymundo de Bulhão Pato, José Estevam, Alexandre Magno de Castilho, engraçadissimo homem de sala, seu irmão Antonio Feliciano, Fontes Pereira de Mello... e quantos mais! Quasi todo esse rol morreu, e não foi substituido. Lisboa, a sala de Lisboa, a vida de Lisboa, são outra coisa.

Uma senhora de muito talento, que longos annos viveu em Paris, e lá falleceu, na *rue La Bruyère,* onde a visitei, disia-me:

— A Lisboa do meu tempo desappareceu. Annos depois de a ter deixado, as saudades chamaram-me lá. Que tristeza, e que desengano! Tinha deixado conversadores; achei... parceiros!...

*

A diante d'este, começa e segue até á esquina da rua *do Arco a Jesus* (ou *do Arco do Marquez)* o palacio muito vasto, sim, mas sem a minima belleza, que é do Marquez de Pombal, hoje habitação de varios inquelinos, como o Conde do Lavradio, a snr.ª Viscondessa da Asseca, etc.

Defronte abre-se o largo hemicircular, ornado com

o chafariz delineado pelo eminente architecto e engenheiro Carlos Mardel (1).

Este chafariz, assim como o do largo *da Esperança,* que tambem é do mesmo auctor, acho-os muito graciosos e elegantes. Lembram a mobilia do tempo. Ha n'elles o que quer que seja, que se destinava mais para a sala de damasco, do que para o ar livre. Entrevemos espelhos na silharia, e doirados na molduragem. Carlos Mardel sabia da Arte, pensava com acerto, e desenhava com carinho.

---

(1) Bisavô dos meus amigos José Carlos Mardel (hoje em Londres), Henrique Carlos Mardel Ferreira (fallecido), Luiz Carlos Mardel (General de Cavallaria), e Julio Carlos Mardel de Arriaga, o engraçado, o extraordinario conversador. É Cyrillo Wolkmar Machado, quem na sua *Collecção de Memorias,* pag. 194, attribue a Mardel esse elegante chafariz.

CAPITULO XXIV

O morador mais illustre que tem tido a parochia foi o grande Sebastião José de Carvalho e Mello. 1.º Conde de Oeiras, 1.º Marquez de Pombal.

No Livro 2.º do registo dos Baptismos, a fls. 80 se acha o termo seguinte:

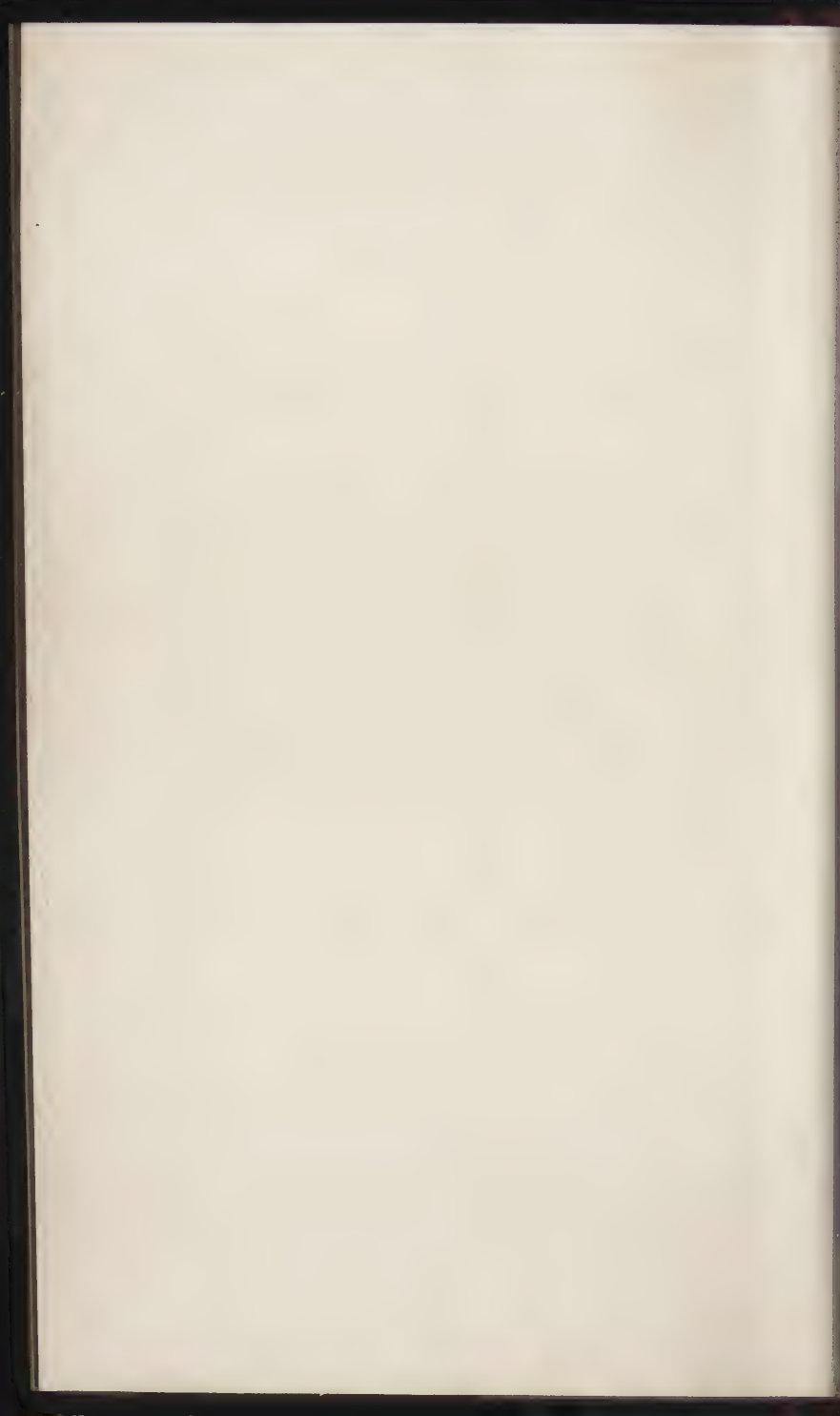
«Aos seis dias de Junho de seiscentos e noventa e nove, baptisei a Sebastião, filho de Manuel de Carvalho e Ataíde e de sua mulher D. Theresa Luisa de Mendoça, padrinho Sebastião de Carvalho e Mello.

«O Cura, Luiz de Lima».

Quando Luiz de Lima, na presença dos convidados, escrevia aquelle termo, mal lhe passava pelo espirito que erguia ali um dos marcos milliarios mais importantes da Historia portugueza.

*

O padrinho e avô, Sebastião de Carvalho e Mel-

Sebastião José de Carvalho e Mello
Marquez de Pombal

lo, Commendador na Ordem de Christo, falleceu em 19 de Janeiro de 1719 (1).

Manuel de Carvalho e Ataíde, o pae, falleceu quasi de repente pela meia noite de 14 de Março de 1720; era Capitão de cavallos de um dos regimentos da Côrte, e membro da Academia dos Illustrados, homem instruido em humanidades, mathematica, e genealogia (2). É elle o celebre *D. Tivisco de Nasao Zarco e Colona* das arvores de costado.

D. Leonor de Ataíde, a avó, viuva de Sebastião de Carvalho, falleceu a 29 de Novembro de 1720 (3).

Todos, portanto, poderam ainda presencear os primeiros toques da alvorada d'aquella intelligencia enorme, que é bem de crer se manifestasse logo.

O neophyto, emfim, illustre entre os mais illustres, nascido a 13 de Maio anterior ao Baptisado, no proximo palacete de seus paes, falleceu em Pombal a 8 de Maio de 1782.

Seus paes, e elle proprio, assistiram n'aquelle predio da rua Formosa, ao diante muito ampliado por elle, ás interessantes reuniões da dita *Academia dos Illustrados,* onde tão importantes materias resolveram em agradaveis discussões os primeiros eruditos do tempo.

*

Teve principio esta reunião academica em 1716; o futuro Marquez, então um moço de dezassete an-

(1) *Gazeta de Lisboa,* n.º 4, de 26 de Janeiro de 1719.
(2) *Gazeta,* n.º 12, de 21 de Março de 1720.
(3) *Gazeta,* n.º 49, de 5 de Dezembro de 1720.

nos, é bem provavel tomasse parte nas discussões.

No anno seguinte, tendo-se interrompido essas doutas assembléas, recomeçaram na segunda feira 20 de Dezembro. Fazia de Secretario João Manuel de Mello, irmão terceiro do Senhor de Mello, dado a philologias, e que inaugurou a sessão com um discurso sobre taes materias. Depois, Manuel de Carvalho de Ataíde leu regras de Historia e de Politica apresentando para texto a *Republica* de Aristoteles; e Luiz de Abreu de Freitas (uma das *mumias* de Santa Apollonia) explicou e commentou a *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro, com exposições sobre Philosophia natural (1).

Por fallecimento de Sebastião de Carvalho, continuou a Academia as suas sessões na rua *Larga* (ao Passadiço) em casa de Antonio de Saldanha de Albuquerque de Mesquita Lobo e Ribafria, ascendente do actual Conde de Penamacor; ahi se achava em Janeiro de 1720 (2).

*

Ninguem, pois, ao passar pela rua *Formosa,* deixará de recordar-se da sombra do grande Homem que se chamou Pombal, e a quem (apesar dos seus defeitos, inherentes á natureza humana) Portugal tanto ficou devendo. Ali nasceu aquelle eminente Politico, ali passou a mocidade, para ali se recolhia

---

(1) *Gazeta de Lisboa,* n.º 51, de 23 de Dezembro de 1717.
(2) *Gazeta,* n.º 2, de 11 de Janeiro de 1720.

quando voltava das suas missões diplomaticas, ali entreviu, nos seus devaneios de adolescencia, todo o serviço que algum dia havia de vir a prestar ao Rei e ao Povo nas crises calamitosas dos terremotos e das guerras. A Camara devia mandar assignalar aquella frontaria com uma lapide, porque tudo aquillo pode qualquer dia ser vendido a algum analphabeto, ou a algum demagógo, que o arraze.

Acautelar d'essa gente é sempre proveitoso.

CAPITULO XXV

Duas palavras de digressão.

Depois do terremoto de 1755, horrivel e quasi inconcebivel catastrophe, de que (se Deus me der vida) tenciono ser o minuciosissimo chronista, para o que tenho bellos subsidios, a Familia Real foi habitar barracas erguidas a toda a pressa nos sitios ermos de Nossa Senhora da Ajuda. Como esse estado era intoleravel, pensou-se em edificar ali uma habitação de madeira, que resistisse aos possiveis abalos do solo, e tivesse tal qual estabilidade. Com effeito, o Decreto de 2 de Julho de 1759 confirma os planos feitos.

A esse paço modesto e abarracado ficou-se chamando «o paço da Ajuda».

*

Apparece-me agora um despacho de Lord Kinnoul, Embaixador da Gran-Bretanha em Lisboa, ao primeiro Ministro Sir William Pitt, dando-lhe conta

da recepção que lhe concedeu el-Rei D. José na Ajuda, á 29 de Março de 1760; e ahi se lê:

«Exactamente á hora marcada cheguei ao paço, que é um vasto edificio de madeira construido junto a Belem depois do terremoto, para residencia temporaria da Real Familia, até que se lhe edifique um paço na Cidade» (1).

N'esse palacio temporario se passaram as interessantes scenas das conferencias do Rei com o seu grande Ministro sobre negocios politicos de primeira ordem, incluindo as rapidas e acertadas providencias para a reedificação de Lisboa. Aquelle folio, que se intitula MEMORIAS DAS PRINCIPAES PROVIDENCIAS, QUE SE DERÃO NO TERREMOTO, QUE PADECEO A CORTE DE LISBOA NO ANNO DE 1755..... *por Amador Patricio de Lisboa.* — M.DCC.LVIII — nasceu em poucas semanas ali, n'aquelles paços que lembravam as choças dos Reis pastores (2). N'aquellas paginas, ali

(1) .... *Exactly at the hour named I arrived at the Palace, which is a large wooden building erected near Belem since the earthquake for the temporary residence of the Royal Family, untill a Palace shall be built in the City.*

Extracto do despacho. — Bicker — *Supplemento aos Tratados,* T. XI, Parte I, Appendice, ultima pagina.

(2) Possuo d'este livro um curiosissimo exemplar. Tem na guarda a seguinte inscripção manuscrita em lettra antiga amarellada pelo tempo, e traçada pela mão de um Frade da Boa-Morte: *Foy mandado a este Conv.to sendo R.or o N. Irmão Bernardo de S. Thareza, por El Rey N. Sr. D. José 1.º* — No interior da capa, angulo superior, lê-se este ex-libris impresso e collado ali: *Ex Bibliot. Conv. D. J. a Bona Morte Olysiponensi.* — Este livro foi, depois da iniqua suppressão dos Conventos pelos *liberaes* de 1834, mandado para

pensadas e discutidas, vibra ainda hoje a alta actividade, a intelligencia prompta e aguda, o patriotismo dedicado, de antes quebrar que torcer, do Marquez de Pombal; esses documentos viram-n-os em manuscripto, e sentiram-n-os palpitar em embrião intellectual, as pobres barracas forradas de arrazes, onde se albergava, fugitivo da morte, o Rei dos Portuguezes.

O palacio tinha como cêrca o actual Jardim botanico, formado então, e junto ao qual se via um gabinete de Historia natural. Do Jardim diz, annos depois, o anonymo auctor da citada Viagem a Portugal, ser muito mesquinho, mal fornecido, e inutil para a instrucção por não se celebrarem lá lições de Botanica, e estar fechado ao publico, sendo indispensavel bilhete para a entrada. Do Gabinete diz pouco mais ou menos o mesmo (1).

Segundo esse viajante, poucos divertimentos havia na Côrte. El-Rei D. José só se aprazia com musica; pelo que, tinha feito o seu theatro de opera.

---

o vasto deposito das extinctas Casas religiosas no edificio da Bibliotheca Nacional em S. Francisco (então Real Bibliotheca publica da Côrte). Por ser um bello especimen da arte typographica em Portugal no seculo XVIII, foi mandado pelo Governo, entre muitas outras obras, á Exposição universal de Paris de 1867. Voltou a Lisboa, e achava-se no deposito dos duplicados para troca. Em 18 de Janeiro de 1883, avaliado em 1$000 réis, adquiri-o por troca com outros livros, sendo eu 1.º Official da Bibliotheca, e meu Conservador Antonio da Silva Tullio, de saudosa memoria.

(1) «Elle (Lisboa) a un très petit jardin botanique renfermé dans le palais du Roi à Belem, dans ce palais qui a été brulé en 1794; mais, outre qu'il est mal pourvu, il ne sert point à

*

N'este seu paço falleceu em 1777 o mesmo Soberano, continuando sua Filha ahi por mais dezassete annos, até que um total incendio em 1794 a desalojou, obrigando a Côrte a fugir para Queluz, onde se albergou condignamente, e para o provisosio quarteirão do Ministerio actual da Justiça, como n'outro livro contei minuciosamente (1).

*

Ora o Ministro, aquelle phenomenal Conde de

l'instruction; il ne s'y fait aucune leçon, aucune démonstration; il est même fermé au public; on n'y entre qu'après en avoir obtenu permission.

«Ce même palais a un cabinet d'histoire naturelle qui a échappé à l'incendie de 1794; mais ce n'est qu'une *mignature* (sic); à peine y trouve-t-on quelques-uns de ces objets qui sont plus faits pour satisfaire la curiosité que pour fournir des moyens d'instruction. Il est également fermé au public, et on n'y entre point sans permission».

Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne en 1796, pag. 238.

(1) Immédiatement après le tremblement de terre on construisit à la hâte des barraques de bois, récrépies de chaux, à Belem, près de Lisbonne; la Cour s'y logea. On a fait dans la suite des augmentations successives à ce frêle édifice; on l'a décoré du nom de palais, et la Cour n'a cessé d'y faire sa résidence pendant trente-neuf ans. Il a été réduit en cendres par un incendie au mois de Novembre 1794. La Cour n'ayant aucune demeure à Lisbonne, est réduite à demeurer à Queluz, village éloigné de deux lieues de cette ville.

Voyage en Portugal en 1796 (anonymo) — pag. 108.

Oeiras, entendeu dever desde todo o principio acompanhar o Soberano para a Ajuda; e deixando o seu palacio da rua *Formosa,* passou a residir junto de seu Real Amo na calçada da Ajuda, n'uma casa, onde, apesar de modesta, se alojaram com elle sua mulher, seus dois irmãos, e seu filho já depois de casado.

O palacio da rua *Formosa,* ao qual foram concedidos, por mercê de 9 de Setembro de 1760, os sobejos do chafariz que lhe fica em frente, foi arrendado pela casa commercial ingleza de Purry, Mellish e De Vismes por 4:000 cruzados (1:600$000 réis); «excessivo aluguel para aquelle tempo» observa Ratton, mas que os ditos commerciantes satisfaziam de boa-mente, pois se lhes conservava o contrato do *pau-Brazil,* que pagavam a 6 mil réis o quintal.

*

D'entre os varios retratos historicos do grande Pombal, especialiso o seguinte, que não posso deixar de transcrever, visto que nos achâmos na rua *Formosa.* Nos seus pormenores intimos é interessantissimo relatorio, que a posteridade archiva com respeito.

«O Conde de Oeiras — diz Ratton — possuia muitas qualidades para ser, como foi, um grande Ministro. Empregando todo o tempo da semana no serviço de seu Amo, reservava as manhans dos Domingos para os negocios da sua casa; nos quaes se ajuntavam todos os seus almoxarifes, feitores, e mestres de obras, no quarto da sua contadoria, me-

thodicamente escripturada com livros em partes dobradas; e ali conferia com elles, recebia, e pagava, á bocca de cofre, as entradas e despezas da semana precedente.

«Era extremamente reservado, com sua familia e amigos, a respeito dos negocios do Estado, de modo que ninguem podia descobrir, da sua conversação, gestos, ou maneiras, os negocios que o occupavam, e que se deviam conservar em segredo.

«Ouvia as partes sem lhes interromper as suas falas; e suas respostas eram graves, breves, e terminantes, revestidas sempre da auctoridade do Soberano, e não em seu motu proprio Não consta que se enfadasse e descompozesse as partes que o buscavam, por mais que estas se desmedissem em suas palavras; nem que em sua casa apparecesse pessoa alguma, que lhe fosse falar em negocios da sua Repartição, que não fosse recebida debaixo do mais estricto ceremonial; sabendo assim conciliar o reciproco respeito que o publico deve ter aos Ministros do Soberano, e estes ao publico» (1).

Que differença de tudo isto, que differença d'esta lhaneza em tal homem, comparada com o entono de certos Ministros modernos, que na sua mediocridade chegam talvez a julgar-se émulos de Pombal.

Um (que não nomeio) recebia de pé os pretendentes, em certos dias de audiencia, com ar balôfo, e respondia phrases oraculares. Começava certo visitante a expôr o negocio que ali o levava, mas en-

---

(1) Ratton — *Record.*, pag. 185 e 186.

tendia dever entrar em pormenores prévios. De repente o Ministro diz-lhe:

— Abbrevie.

— Que abbrevie? — pergunta o sujeito — V. E. ordena-me que abbrevie a minha narrativa? Pois obedeço; abbrevio tanto, que n'este momento a dou por concluida. Passe V. E. muito bem.

E inclinando-se profundamente, retirou-se com pasmo do boquiaberto semi-deus.

Pombal não era assim.

*

Pois apesar de todo o seu indiscutivel merecimento, apesar da sombra colossal que ainda projecta sobre as nossas presumpçosas civilisações modernas, Pombal teve um eclypse na opinião publica. Vilipendiaram-n-o em vida, e vilipendiaram-n-o depois de morto.

O grande quadro do talentoso Malhôa é o mais eloquente dos protestos nacionaes. Aquella tela, bem concebida e bem traçada, vibra de indignação mais que justa.

Os restos do homem extraordinario (custa disel-o) jaziam no meio do seculo XIX desprezados em Pombal. Em 1856, sendo Presidente do Conselho seu digno neto o Duque de Saldanha, pensou se em repôr essas reliquias nacionaes na capella do morgado.

Em sessão de 5 de Junho a Camara Municipal nomeou uma commissão, composta de Ayres de Sá Nogueira, e Levy Maria Jordão para se estudar o

ceremonial das exequias e do cortejo, etc. (1). Com effeito, o Edital de 11 do mesmo mez determinou que, devendo os restos mortaes do grande Estadista chegar a Lisboa a 16, a Camara iria esperal-os ás portas de Arroyos ás 4 horas da tarde, e o prestito percorreria as seguintes ruas: *dos Anjos, da Mouraria, Nova da Palma*, o *Rocio*, as ruas *Augusta* e *dos Retrozeiros* até *Santo Antonio da Sé*, onde se fariam os officios, seguindo depois na mesma ordem pelas ruas *dos Retrozeiros, do Oiro, Nova do Carmo, Chiado*, largo *de S. Roque, Patriarchal queimada*, e rua *Formosa*, até ao templo *das Mercês* (2).

Fez-se a trasladação com grande pompa: vagamente me lembro de quasi tudo, mas os jornaes se lembrarão ainda melhor, e por isso remetto para elles os leitores.

*

Devo confessar lealmente uma coisa: consagrei até certo tempo muita admiração ao Marquez de Pombal, mas nenhuma estima. Isso pouco importa á memoria d'elle, mas a mim importa-me. Influenciado pelo que se diz e escreve, da sua dureza, das suas crueldades, via acima dos actos do politico, e do administrador, a perseguição encarniçada aos Tavoras. Os ais do supplicio dos Tavoras ensurdeciam-me; as fogueiras da praça de Belem offuscavam-me; e a fumarada sinistra dos cadafalsos es-

---

(1) *Ann. do Mun. de L.*, 1856, n.º 6, pag. 42.
(2) *Ann. do M. de L.*, 1856, n.º 3, pag. 19.

condia, aos meus olhos, todos os sentimentos humanos do grande Homem.

Das atrocidades de que foram victimas os prezos de Estado, ha, ainda assim, que abater alguma coisa, se attendermos ao descaroavel dos procedimentos judiciaes antigos. A caridade christan ainda os não tinha repassado; tristissima verdade!

Que o digam o azeite a ferver e o enxofre derretido gottejado nas feridas de Ravaillac. Que o diga o teimoso supplicio de Damiens. Que o digam os tormentos inauditos infligidos a uma creança, o *Chevalier de Labarre*. Que o diga, quasi nos nossos dias, o longo supplicio de Rodolpho Kuhnapfel, na Prussia, assassino do Bispo de Ermeland.

São horrores, sem justificação, certamente, mas que atenuam a cegueira dos criminalistas portuguezes do seculo XVIII. O pezo do uso tem invencivel força; e todos o pensâmos ao lembrarmo-nos das sanguinosas varadas nos quarteis, ao recordarmo-nos de que a innocente mão da Rainha D. Maria II, que não matava uma mosca, assignou as sentenças de morte de Diogo Alves e Mattos Lobo!

Eram actos publicos, sanccionados pela opinião e pela Lei; como se pode pois extranhar a cegueira diabolica da Lei e da opinião em tempos mais antigos?

Nada d'isto a minha commiseração levava em conta; e eu abominava as crueldades de Pombal; sob esse aspecto, o seu papel figurava-se-me odioso, porque suppunha aquelle Ministro responsavel de tudo.

Mudei de opinião, e vou dizer porquê. É solemne a declaração, e precisa motivada.

*

O meu sempre respeitavel e querido amigo o snr. Francisco de Carvalho Daun e Lorena, filho segundo da honradissima Casa da Redinha, tem por este seu bisavô Pombal um verdadeiro culto, fundado em mil tradições authenticas conservadas na familia.

Uma vez encontrou seu primo o fallecido, e não menos honrado Marquez de Pombal, Manuel (pae do actual), que lhe communicou, cheio de justo alvoroço, ter achado, entre montanhas de correspondencias, rascunhos, e outros papeis particulares do Ministro d'el-Rei D. José, conservados no archivo da rua *Formosa,* uma carta do irmão do infeliz Marquez de Tavora, que se chamava Nuno de Tavora, dirigida ao então Conde de Oeiras, e que resava pouco mais ou menos assim (pois não conheço as expressões exactas):

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Permitta-me V. E. que d'este carcere da Junqueira, onde me encontro prezo, eu me dirija a V. E., para lhe agradecer do fundo d'alma tudo quanto sei que V. E. tem feito em favor da nossa desgraçada familia. Consta-me que V. E. se tem empenhado muito junto d'el-Rei para minorar as nossas amarguras, obter a nossa liberdade, e a nossa rehabilitação; sei que nada tem conseguido, porque el-Rei tem sido inflexivel; sei mais, que as insistencias repetidas de V. E. junto do Soberano desagradaram ao mesmo Augusto Senhor, e que por isso V. E. esteve tres dias fora da graça Real, e prohibido de apparecer no Paço. Isto

tudo me prova os sentimentos de V. E. a nosso respeito, e nos enche de gratidão, etc. etc. etc.»

Repito: não conheço as palavras formaes da carta, e só o seu sentido geral, que o Marquez communicou a seu primo, e este me transmittiu com a sua memoria bellissima, e a sua indiscutivel probidade. Eu, já se vê, tomei logo nota de tudo, conforme o meu costume já antigo.

O snr. Francisco de Carvalho teve a maior commoção ao saber da existencia d'esse papel; pediu a seu primo lhe consentisse publical-o desde logo, para illibar de calumnias a memoria do bisavô de ambos; e accrescentou:

— Sei que és tu o representante; mas eu tambem sou bisneto, e tão interessado como tu na gloria de um tal ascendente.

O possuidor da carta, porém, movido aliás das melhores intenções, declarou não annuir, por ter tenção de escrever, ou mandar escrever, uma biographia do grande Marquez, na qual tudo sahiria documentado e tirado a limpo. Por desgraça foi adiando o seu projecto, e falleceu sem nunca o ter realisado.

*

Pelas pessoas que figuram n'esta scena, que relato fielmente, não é licito a ninguem, quem quer que seja, duvidar da existencia da carta do Tavora, salva comtudo a redacção, que não conheço. Existiu a carta, ou existe. Se existe nos termos que a minha memoria me suggere, ou n'outros parecidos, é uma demonstração clara, e de primeira ordem,

de que Sebastião José de Carvalho e Mello não pode ser connivente nos horrores de Belem; e se não pode ser n'elles connivente, e se apenas, e a muito custo, os auctorisou por dever de officio, empenhando primeiro todos os esforços para os evitar, a sombra d'esse Morto levanta-se maior e mais pura do que até aqui, aos olhos imparciaes da posteridade julgadora. O respeito fanatico á Realeza, as ideias do seu tempo, a obediencia cega de vassallo, os deveres de Ministro zeloso, as peias de servidor de um Rei absoluto, imposeram-lhe, segundo se está a ver, um silencio, que é o mais honroso e sublime dos sacrificios. Acceitou mudo e resignado todo o pezo das responsabilidades de seu Real Amo, arcou com todas as calumnias, tragou até ao fim, com uma heroicidade espantosa e commovedora, o calix das maiores amarguras. Basta isso, para o lavar de muitas culpas communs a todos nós, e inherentes á fragil natureza humana.

*

Mas ha mais: com um filho do Marquez de Pombal casou uma sobrinha do Marquez de Tavora. Pergunta-se: a não ser já então conhecida a verdade dos factos, como é que uma filha d'aquella raça perseguida acceitava, como acceitou, o filho do *matador?* Se acceitou, é porque a sua consciencia lhe bradava bem alto que o Marquez de Pombal era extranho ao desabar d'aquella illustre Casa.

Os bisnetos, trinetos e quartos netos do grande Homem são hoje Carvalhos, e são tambem Tavoras.

Essa juncção dos dois sangues fala eloquentemente em favor do eminente Estadista.

*

Gósto sempre de rehabilitar os mortos; é uma fórma da caridade christan. Pois á vista d'aquella carta o Marquez de Pombal, alheio na intenção á execução patibular dos Tavoras, merece de nós todos a commiseração pelo que padeceu na sua fama, e a justiça de uma rehabilitação tardia, mas authentica, e formal.

Não sei onde pára a carta. Oiço que os manu scriptos genealogicos da Casa Pombal foram vendidos ao Estado, e que todos os papeis particulares e intimos do Marquez foram cedidos (desinteressadamente, e por uma especie de escrupulo, menos bem entendido, quanto a mim) á Companhia de Jesus.

Se a Companhia conserva o papel em questão, se o archivou na Casa-mãe, em Roma, ou n'outro cartorio, incumbe-lhe, em nome do Deus das Misericordias, o dever estricto de a publicar, desde que alguem lh'o pede, como eu lh'o supplíco. A Companhia de Jesus, a que sou affeiçoadissimo, e que respeito pelo talento e pela virtude dos seus membros, pela sua perseverança no trabalho, e pelo seu constante empenho em allumiar as turbas, honrar-se-hia sobremaneira, aos olhos dos proprios adversarios, daria uma prova de imparcialidade austéra, fazendo conhecida a carta do Tavora.

A Companhia de Jesus foi expulsa pelo Marquez de Pombal; mas a Companhia não se vinga. Sone-

gar um documento que o illiba seria uma vingança torpe. Vingue se, fazendo luz n'este caso tenebroso.

Para mim, confesso, não é necessaria essa publicação, mas é-o para o Paiz. Eu, que nunca vi a carta, escripta entre lagrimas nas masmorras da Junqueira, juro que existiu, e basta-me a honradez proverbial do meu informador. O Paiz exige mais: quer ver.

CAPITULO XXVI

Agora, logar para outro Grande. É Bocage.

Ao entrar um Poeta n'estas paginas cahoticas de velharias escuras, raiou uma luz. A Poesia é um clarão da alma; a esse clarão estudemos o Poeta.

*

Subindo a travessa *das Mercês,* topamos na esquina oriental da rua *dos Caetanos* um edificio, que chega até á rua *do Carvalho* (hoje *de Luz Soriano),* e cujo aspecto ecclesiastico ainda ha cinco annos nos denunciava claramente a sua antiga destinação: foi o cemiterio das Mercês. A capella parochial era acanhada; cemiterios ao ar livre, largos e desaffrontados, como agora, não os havia: serviam pois estes recintos apropriados, com o seu consagrado chão, á sombra da ideia religiosa.

Quem ali passava ha poucos annos, ainda por 1897, julgava estar vendo uma egreja vasta mas pobre; a frontaria para a rua *dos Caetanos,* pesada e

acachapada, sobrepojou-a até 1834 o symbolo christão. Ao topo, na parede sobre a rua *do Carvalho,* levantava-se um massiço de alvenaria, onde, entre duas janellas, se erguia o altar para os suffragios piedosos. A' banda do norte ficava a sacristia, e um pateo interior que ainda lá está. A' parte do sul, sobre a travessa, corria uma parede nua, apenas ras-

Frontaria do antigo Cemiterio da freguesia das Mercês
na rua dos Caetanos

gada lá no alto por cinco frestas. O ar desamparado e tristonho do casarão causava melancolia; e comtudo, poucos saberiam já ser ali um cemiterio, que se alugava a uma fabrica de carroagens! Ao som do martello e da lima,

entre a orchestra da serra e do malho,

os mortos continuavam a dormir.

Vendido o profanado edificio pela Fazenda nacional, comprou-o o snr. Alberto Neves para a sua fabrica de carroagens; mas não arrematou só paredes; incluiram-se na acquisição os ossos numerosissimos ali accumulados desde longo tempo, e sepultados em noventa covas, que tapisavam o longo pavimento, a seis de largo sobre quinze. Sim, vendeu-se o coval, venderam-se os ossos, venderam-se as memorias intimas que ali se tinham encerrado, vendeu-se tudo, porque os Governos d'este regimen só tratam de demolir e fazer dinheiro.

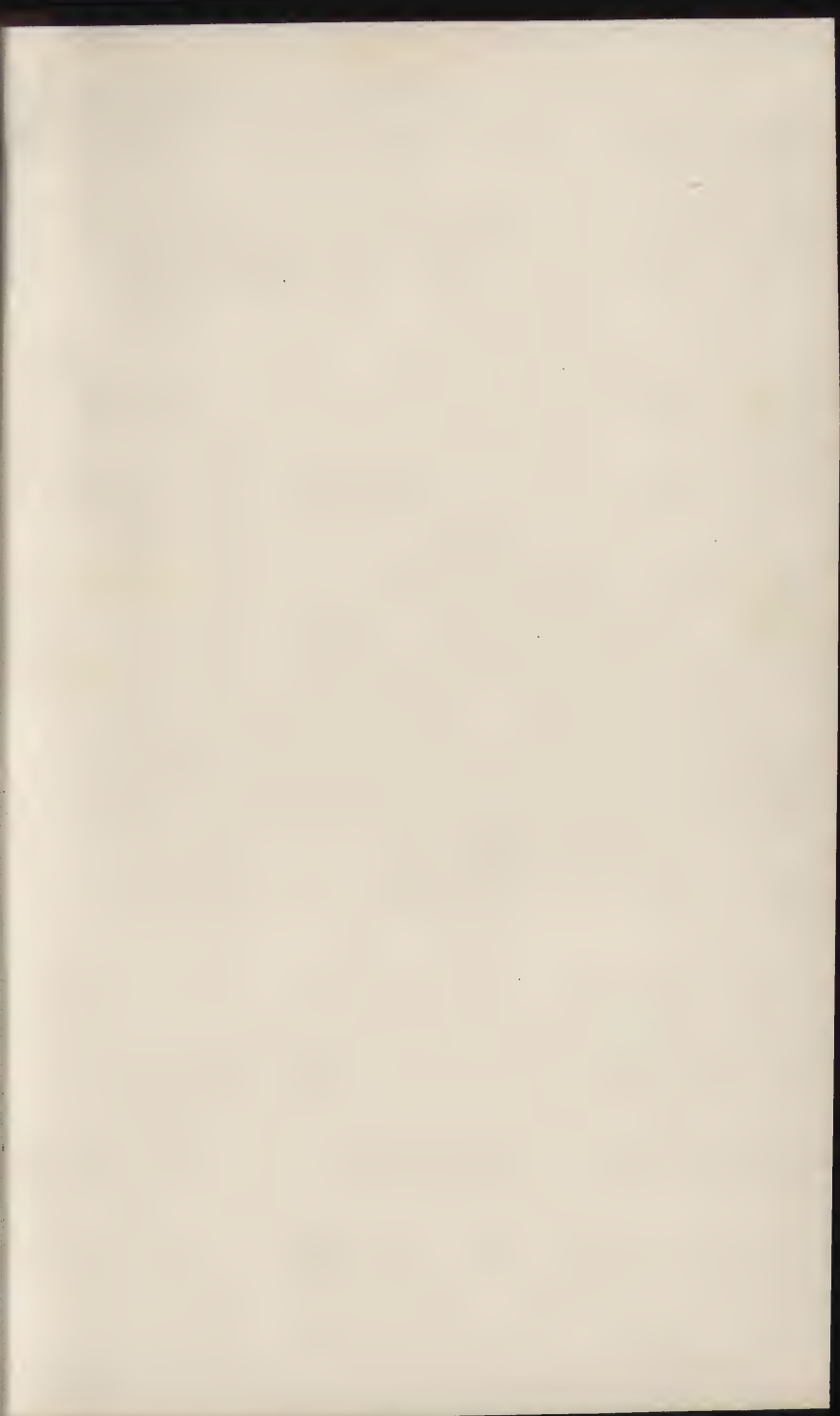
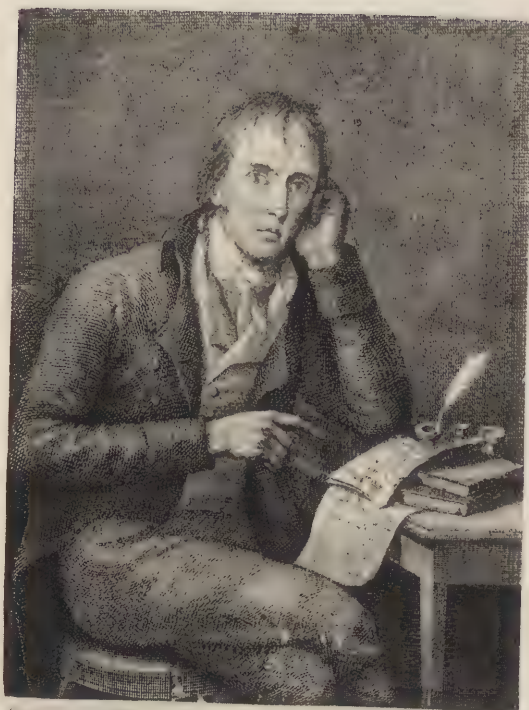
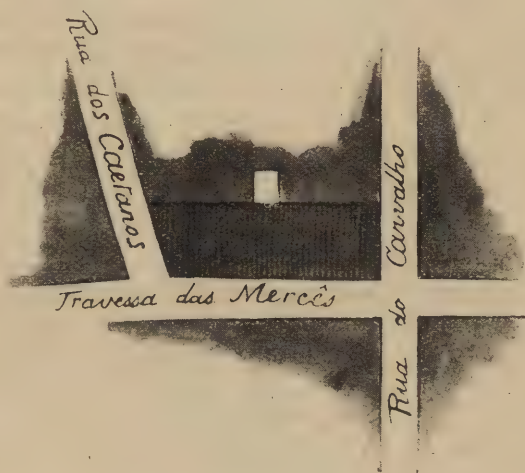
Assim, ao menos, hão-de ficar lembrando no futuro.

*

Muita gente notavel se encontraria entre as noventa covas, certamente; de duas sei eu, de que ninguem fez caso, e que deviam ter merecido menos desprezo da parte de quem ordenou a venda publica; refiro-me a Tolentino, e a Bocage.

Da sepultura do primeiro nada sei; do segundo direi alguma coisa; mas vamos por partes.

*

Na travessa *de André Valente* falleceu o incomparavel Manuel Maria Barbosa du Bocage; confesso que não conheço muito ao certo a casa. Tenho ouvido duvidar da indicada pelo snr. José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha na sua Vida do poeta; é ponto que ainda, me parece, está para averiguar.

Seja como fôr, foi ali que o pintor Henrique José da Silva *(Henrino)*, irmão do celebre calligrapho Joaquim José Ventura da Silva, mais conhecido pelo *Ventura*, pintou do natural o fiel retrato do seu infeliz amigo, quando este, já nas ultimas do aneurisma que o levou, ensaiava os seus derradeiros carmes, tão sentidos sempre, tão vigorosos ainda.

Planta do antigo cemiterio das Mercês

Esse retrato, gravado pelo eminente Bartolozzi, é reproduzido aqui. Henrino partiu para o Brazil, onde se fixou e falleceu, mas em 1812 ainda cá estava, e annunciava, na *Gazeta* n.º 55 de Março, ter concluido o desenho do retrato de Beresford, gravura do mesmo Bartolozzi.

Um filho d'elle teve no Rio de Janeiro o emprego de Porteiro da Academia de Bellas Artes, e deixou

duas filhas, que certamente são defunctas a esta hora.

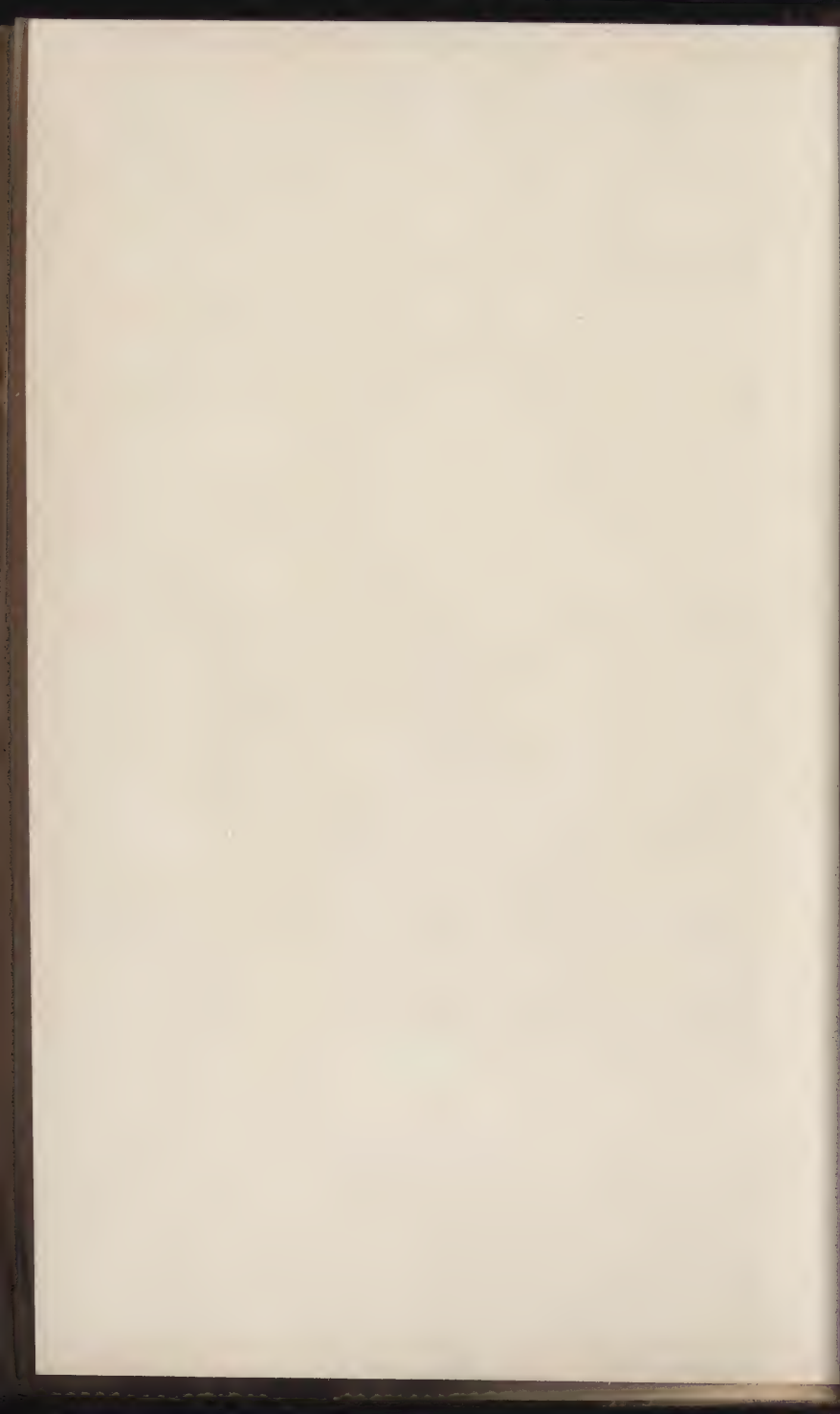
Ora o retrato original de Bocage, pintado do natural pelo avô d'essas senhoras, existia em poder d'ellas, no Rio de Janeiro; e tendo tido não sei que demanda, entregue aos cuidados de um jurisconsulto afamado no Brazil, viram-se em graves difficuldades quando foi necessario satisfazer ao seu defensor os honorarios profissionaes. Como este era apreciador de Bellas-Artes, pediram-lhe que entre os varios quadros e esboços, que ainda possuiam do pincel paterno, escolhesse os que podessem agradar-lhe. O advogado apenas se contentou com a pequenina tela bocagiana.

Este quadro foi por elle emprestado a meu tio o snr. José Feliciano de Castilho, que o mandou reproduzir a oleo, ampliado a dimensões naturaes, por um bom pintor francez do Rio (*Moreau*, se não me falha a memoria), e fez presente d'essa nobre recordação, devidamente emmoldurada, á Camara Municipal de Setubal.

E basta, que, de assumpto em assumpto, percorremos todo o orbe terraqueo.

*

O snr. Neves, proprietario do terreno e das paredes do antigo cemiterio das Mercês, projectou varias obras para melhorar a installação da sua fabrica de carroagens; encarregou d'ellas em Abril de 1897 o habil mestre de obras o snr. Oliveira da Silva. Ora este tem amor ás tradições respeitaveis, e in-

FRANCISCUS BARTOLOZZI.

teressa-se pelos trabalhos de que se encarrega; aconteceu prestar ouvidos ao que lhe disseram em conversação varias pessoas antigas da parochia, que lhe falaram de Bocage, sepultado n'aquelle mesmo cemiterio. Vê-se que a lembrança do grande Poeta ainda tinha calor; ainda por ali se falava d'elle. Accrescentavam essas pessoas que Bocage, fallecido em 21 de Dezembro de 1805, ali perto, na travessa *de André Valente*, fôra enterrado na cova n.º 36. Para um espirito affectuoso e attento, essa revelação foi um raio de luz; o snr. Oliveira contou, começando de baixo, á mão direita, e achou, até certo ponto, authenticado o apparecimento dos restos mortaes de Elmano!

Por si mesmo pouco podia; mas dirigiu-se a uma pessoa influente, hoje fallecida, cuja posição especial lhe aconselhava não descurar materia de tamanha importancia; communicou-lhe o achado, e supplicou-lhe promovesse a remoção official dos despojos do poeta para sitio apropriado e condigno de tal nome.

N'isto, começava-se, por ordem da auctoridade, a brutal transferencia, sem mais ceremonias, sem mais exame, sem mais reclamação, de todas as sessenta e nove ossadas para as vallas do Alto de S. João e dos Prazeres; o snr. Oliveira o mais que poude foi ir sustando esse trabalho, e adiando a sahida dos ossos da cova 36.

Tinha passado um mez, sem que pessoa alguma lhe dissesse o destino d'aquelles ossos, quando elle de novo procurou o funccionario a quem primeiro se dirigira. Novos elogios ao zelo do officioso pro-

curador, lastimas de não ter podido ainda tratar do pedido, e protestos de ir em breve proceder ao exame e remoção do achado. Decorreram mais semanas; e como nada de novo se desse, o snr. Oliveira pela ultima vez instou no indicado sentido junto do funccionario.

— Não me tem sido possivel, pelos meus muitos affazeres, pensar no caso — disse elle. — Olhe, snr. Oliveira; trate pessoalmente de tudo; mande fazer uma urna, mande exhumar a ossada, metta-a na urna, chame uns moços de fretes, ou uma carroça, ou uma carroagem, e mande-me esses restos para cá.

O outro, que tinha a paciencia exhausta, que julgava ter já prestado alto serviço á nossa Historia litteraria tomando a iniciativa, que tinha plena consciencia de ter diligenciado mais do que faria uma Commissão de Academicos, e se achava farto de andar a mendigar a esmola de uns minutos de attenção, que não chegavam, levantou mão de tudo; e, não lhe sendo já possivel demorar por mais tempo a conclusão da obra do pavimento, deixou que a final a valla engulisse para sempre o pó que foi BOCAGE.

*

Pergunta-se: como tinha Oliveira tanta certeza acerca da cova 36? unicamente pela tradição das taes pessoas antigas. Não sei quem eram, nem conheço o seu criterio; só lamento que esses esclarecimentos nunca tivessem tido a felicidade de chegar (para serem devidamente avaliados) aos ouvidos

de um Innocencio Francisco da Silva, de um José da Silva Mendes Leal, de um José Maria da Costa e Silva, de um Antonio da Silva Tullio, de um Visconde de Juromenha, de um Joaquim Martins de Carvalho, de um Ignacio de Vilhena Barbosa, de um José Feliciano de Castilho, ou de um Alexandre Herculano.

A certidão obituaria diz apenas:

«Certifico que, no L.º 90 dos assentos dos obitos desta freguesia das Mercês da Cidade de Lisboa, se acha o seguinte termo:

Aos vinte e um de Dezembro de mil oitocentos e cinco na travessa de André Valente, falleceu com todos os Sacramentos Manuel Maria Barboza du Bocage, solteiro, natural de Setubal, filho do Bacharel Luiz Soares Barboza du Bocage e D. Maria Anna Joaquina Barboza. Não fez testamento. Foi sepultado no Jazigo desta Egreja, de que fiz este assento que assignei. — Coadjutor José Luiz de Souza.

«Está conforme. P. das Mercês 11 de Março de 1903.

«O Prior João Manuel Rodrigues Lima» (1).

*

Houve acaso maldade propositada n'este sumiço de umas reliquias celeberrimas? não. Da parte das

---

(1) A este respeitavel Ecclesiastico, o snr. Rodrigues Lima, agradeço a amabilidade e presteza com que me enviou a certidão.

estações publicas houve a costumada cegueira; as repartições publicas não avistam certas bagatellas. Da parte de tal pessoa invocada com tanta fé, com tanta insistencia, pelo snr. Oliveira, tambem não houve crime; houve apenas o nosso terrivel e dissolvente *amanhan* portuguez; era um sujeito de altas e variadissimas aptidões, a quem o Paiz deveu muito, e cuja actividade se subdividia por numerosos assumptos de interesse litterario, politico e scientifico. O seu indiscutivel talento, a sua tenacidade, chegavam para muitissimo, mas não chegavam para tudo. Bocage, por mais uma fatalidade do poeta, ficou fora da esphera da acção do funccionario.

*

O snr. Oliveira contou-me estes pormenores, e até me deu a planta e os alçados do edificio, n'um dia celebre: 10 de Junho de 1902. No anniversario da morte de CAMÕES entravam no meu cartorio os documentos da frustrada achada dos ossos de BOCAGE.

*

Se faltou a Bocage mausoleo condigno, se a fatalidade ordenou que os ossos d'este grande Poeta nunca podessem vir a honrar o Pantheon dos Jeronymos (caso os mandões o achassem digno de lá entrar), pagou-lhe a Nação uma parte da sua divida, erigindo-lhe em Setubal um monumento. A historia

d'este pertence a outro livro meu. Aqui limito-me a transcrever o Soneto, que á inauguração da estatua dedicou Antonio Feliciano de Castilho em 1871; eil-o; a Poesia é tambem uma vingadora historica:

NA INAUGURAÇÃO

DO

MONUMENTO DE BOCAGE

EM SETUBAL

no dia 21 de Dezembro de 1871

Sexagesimo sexto anniversario do fallecimento do Poeta.

Tu, que nos revelaste a magica harmonia
da Lyra nacional, antes de ti latente,
espirito de luz, relampago esplendente,
que descobriste á Patria um mundo de Poesia,

ao Capitolio d'Arte ascende entre a alegria,
entre os vivas da Lusa e da Brasilia gente.
Se um sepulcro não tens, do berço teu florente
qual phenix immortal resurges n'este dia.

Emmudeceste á inveja os pérfidos agoiros;
reduzistel-a ao nada, ao pó d'onde provinha.
Em vez de cyprestal, rodeiam-te só loiros.

O vate lê no fado, e os tempos adivinha.
Não de balde exclamaste aos seculos vindoiros:
«Zoilos, estremecei! Posteridade, és minha».

*

Noto ao leitor o engenho com que o auctor do Soneto uniu n'esse ultimo verso o principio e o fim da celebre Ode de Bocage a Filinto:

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos!
Filinto, o grão Cantor, presou meus versos.
....

....
Fadou-me o grão Filinto! um vaté! um nume!
Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!

CAPITULO XXVII

Se a ermida do Alecrim, estudada no meu volume II, teve por fundadora uma boa mãe, inspirada pela veleidade innocente de uma creança piedosa e nobre, existia outra fundação mais para o poente, ligada com os pobresinhos plebeus da antiga Lisboa. Vamos a visital-a; é a ermida dos Fieis de Deus.

*

Nos principios do seculo XVI (já o tenho dito) tudo ahi eram campinas a perder de vista, olivaes, matto, e terras de pão.

Vivia no sitio da actual ermida um ermitão, como os havia em muitas outras partes. Este assumira a si um extraordinario encargo: era elle só o azylo de infancia desvalida, ou antes a *créche* da era de quinhentos. Recolhia no seu albergue de colmo todos os *meninos perdidos,* que encontrava extraviados de seus paes, e mantinha-os em quanto lh'os não iam reclamar. Dil-o o auctor do *Santuario Marianno.*

O que era isto de meninos perdidos? pois Lisboa era tão desordenada, que as creanças se andassem a sumir, como se perdem contas desenfiadas, meu caro Frei Agostinho?

Pelas ruas mil cambos, mil recambos,
cargas vem, cargas vão, mil mós, mil traves.

escrevia o nosso Horacio quinhentista, ao atravessar de manhãsinha a rua *Nova* e a porta *do Ferro,* de caminho para a Casa do civel no Limoeiro; mas ainda assim, não percebo que o sumiço de *bambinos* portuguezes fosse tão consideravel, que necessitasse estação especial. É esta a lenda que nos ficou; o acceital-a não prejudica a chamada severidade da Historia.

Quando os paes, depois de farejarem por todos os recantos da populosa Capital, se lembravam de ir áquellas terras occidentaes interrogar cheios de lagrimas o bom do ermitão, com um sorriso benevolo e paternal os acolhia elle, e tirava da manga do borel o menino perdido, que era coberto de beijos.

Eu cá por mim estou persuadido de uma coisa: os taes meninos sumiam-se por quererem; provavelmente o bom modo do santo velho, as historias da carochinha com que os fazia rir, e as gulodices com que os regalava, tinham mais attractivos para a pequenada pobre de Alfama, do que todas as *cartinhas* de João de Barros ou Ignacio Martins. O segredo deve ser esse. Os carinhos são o segundo pão dos pequeninos; fazem milagres!

E' lenda; será; e então que tem? a origem da Historia tambem é fabulosa. Roma tem por avó uma loba; Pompeia era filha de Hercules; Lisboa conta por progenitor a Ulysses. Não admira que principie por lenda este ramo da beneficencia portugueza.

> Pobres começam muitos rios nobres,

diz algures o *Viriato tragico.*

Foi no anno de 1551 que um tal Affonso Braz, cuja personalidade é completamente obscura, segundo creio, fundou ali mesmo, á sua custa, uma capella decente, dedicando-a ás Almas do purgatorio. Lembrava-se talvez dos montes de pedras que ali se accumularam (segundo indiquei n'um dos capitulos do volume I) em memoria dos *fieis de Deus.*

Ainda hoje quem entra a porta da ermida lê ao seu lado esquerdo a seguinte inscripção:

> NA HERA DE - 1551 - SE Æ
> DEFICOV - ESTA - CAPE
> LA - DAS ALMAS - DO PR
> VGATORIO - EHO FOṼ DA
> DOR - DELA - FOI - A - BRAS
> O QL - IAZ - AQI - PEDE HṼA - AVE
> M̂ - FALECEO - A - 20 - D - IAN̂ - D - 569

Quer dizer:

Na era de 1551 se edificou esta capella das Almas do Purgatorio, e o fundador d'ella foi Affonso

Braz, o qual jaz aqui. Pede uma Ave Maria. Falleceu a 20 de Janeiro de 1569.

D'ahi se vê que Antonio Braz ainda dezoito annos se comprouve de ver florescer, cantar, e rescender amores mysticos a sua piedosa fundação, que, segundo disposição testamentaria, passou para

a administração de umas sobrinhas do instituidor, e d'ellas para a da Misericordia.

Ermida dos Fieis de Deus segundo Braunio (seculo XVI)

Se pedirmos a Braunio indicações graphicas da ermida dos Fieis de Deus, dar-nos-ha na sua vista uma capellinha voltada ao poente, com seu campanario, e tres janellas por banda no corpo do templo. Junto d'este um quintalão para o sul.

*

Esta capellinha das Almas, ou dos Fieis de Deus, como tambem se dizia já no primeiro quartel do seculo XVII, tinha o seu ermitão, encarregado de arrecadar os taes meninos perdidos; mas no assento da Vereação de Lisboa de 21 de Maio de 1592 ainda não vem mencionado para o effeito: Esse assento diz:

ASSENTO DA VEREAÇÃO, DE 21 DE MAIO DE 1592

Accordou-se «que toda a pesoa q̃ achar menino ou menina perdidos, os leue e entregue na hermida

da acensão, aa calçada do congro, aa hermitoa, ou no hospital do Palmeiros, ou em nosa sñra dos remedios, em alfama, aos hermitaẽs ou p^{as} q̃ tem cuidado do dito hospital e hermidas; e p^{a} q̃ seus pais e maĩs e $p.^{as}$ q̃ delles tem carreguo saibão onde os podem hir buscar, se fação escritos p^{a} se noteficarẽ nos pulpitos» (1).

D'aqui percebo que fui precipitado em chamar lenda o que foi realidade. N'este labyrintho de Lisboa, sem policia, com uma população adventicia de muita casta, não admira que a ociosidade e a falta de escolas desenvolvessem a vadiagem e a corrupção. Da creança vadia e díscola fazia-se o arruador, o volteiro, o ladrão, o assassino. A Vereação quiz obviar ao mal, e fez o que poude: assignalou as paragens em que os paes podiam procurar os fugitivos, e pediu á grande voz do pulpito que lh'as denunciasse.

Já o alvará Regio de 21 de Junho de 1628 quiz que a ermida dos Fieis de Deus fosse contada como um dos cinco sitios destinados a albergue dos meninos perdidos (2). Triumphava o ermitão, como receptador officioso da creança brava. Não lhe invejo a reitoria.

*

Vejo que em 1620 quiz alguem fundar na ermida

---

(1) Cartorio da C. M. de L. — Livro I de *Assentos*, fl. 7 v. — Snr. Freire de Oliveira — *Elementos*, T. II, pag. 68.

(2) Citados *Elementos* do snr. Freire de Oliveira, T. III, pag. 288.

um Recolhimento da Ordem dos Trinitarios; mas vejo tambem prohibida a fundação, sem se darem os motivos, pela Carta Regia de 17 de Junho do mesmo anno.

O motivo seria a necessidade de cohibir o desenvolvimento demasiado que iam tendo as instituições monasticas; era um não acabar de conventos de Frades e Freiras; uma especie de moda, a que foi urgente pôr um dique.

Hoje a ermida nada tem de notavel; é uma nave pequenina, com pouca ornamentação, e nenhum cunho artistico. Os quadros, trechos da vida de Nossa Senhora, attribue-os Taborda a Bento Coelho da Silveira. Raczynski acha-os muito somenos (1).

Mencionarei o antigo adro, que era realmente um desnecessario empacho em viella tão estreita, e existiu até 1837. Em Novembro officiou a Camara ao Administrador do Julgado ordenando a demolição (2).

Ainda hoje quem passa percebe na cantaria o signal do antigo adro, e nas hombreiras das portas o vestigio do rebaixamento, que obrigou a accrescental-as pela parte inferior.

E fiquemos por aqui quanto á ermida dos *meninos perdidos*.

*

Junto d'esta havia um Recolhimento, onde se al-

(1) *Les Arts en Port.*, pag. 521.

(2) *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1837, pag. 35.

bergavam mulheres, mães, irmans, e filhas, de creados do Paço, e de outros servidores de fora do Reino. Na collecção da Legislação encontrei algumas providencias governamentaes relativas a esse Recolhimento, para accrescentar ao que li nos manuscriptos do Padre Luiz Cardoso. O alvará de 2 de Outubro de 1624 consigna-lhe, por tempo de seis annos, 100$000 réis annuaes para o custeio domestico, sahindo metade do Desembargo do Paço, e a outra da Casa da Supplicação. O alvará de 21 de Julho de 1644 renova por mais seis annos a mesma mercê.

Outros ha, de 22 de Agosto de 1629, e 22 de Julho de 1644.

O Recolhimento durou até 1671 (1), e não sei que destino deram depois ás recolhidas.

Esse Recolhimento de mulheres funccionou no predio contiguo á ermida dos Fieis de Deus, cujo portão tem hoje o n.º 10; n'um quarto se percebe (ou percebia ha poucos annos, que o vi eu, quando ahi morava a snr.ª Baroneza de Almeida) vestigios de tribuna sobre a ermida.

---

(1) Padre Luiz Cardoso. — *Dicc. mss.* T. 20.

CAPITULO XXVIII

De um bom livro, que tenho n'este momento aberto diante dos olhos, o excellente Diccionario theologico do Abbade Bergier, extraio o seguinte. Se sou plagiario, elle que m'o perdôe, e o leitor que m'o agradeça.

*

Era no primeiro quartel do seculo XVI Arcebispo de Chieti, no Reino de Napoles (a antiga *Teate Marrucinorum* dos Romanos), o Cardeal João Pedro Caraffa, que depois, em 1555, subiu, já muito velho, ao Throno pontificio, sob o nome de Paulo IV. Auxiliado dos bons officios de Caetano de Thiene, fidalgo lombardo, ao diante canonisado, de Paulo Consiglieri, e de Bonifacio Colle, fundou elle em Roma no anno 1524 uma Ordem religiosa, ou Congregação de Clerigos regulares. Ficou assim estabelecido, com o Cardeal Caraffa por primeiro Superior, um respeitavel instituto, cujas constituições eram, em resumo, estas:

instruir e ensinar o povo ignorante; auxiliar os enfermos; combater os erros da heterodoxia; incitar os seculares ás praticas piedosas; pela força contagiosa do exemplo desenvolver no clero o espi-

Nossa Senhora da Divina Providencia
venerada no convento dos Caetanos

rito desinteressado, o fervor, o estudo da Theologia, e o respeito ás coisas sagradas.

Graças ao porte sizudo e virtuoso dos filiados na Congregação, foram sempre estimados de grandes e pequenos, e deram á Egreja varios Bispos, Car-

deaes, e homens dedicados não só ás praticas religiosas, mas á sciencia e litteratura.

Em honra de *Teate*, séde do Arcebispado do Cardeal fundador, chamou-lhes o publico *Teatinos* (ou *Theatinos*); e em honra do mais illustre dos companheiros, o bom S. Caetano de Thiene, chamaram-lhes *Caetanos*, ou Clerigos regulares *de S. Caetano*, ou *da Divina Providencia*.

Com effeito, á Providencia fiavam tudo; e sendo lhes expressamente prohibida a mendicancia, acceitavam qualquer esmola ou auxilio das pessoas devotas.

Approvada a fundação pelo Papa Clemente VII, trabalharam, luctaram, civilisaram, de modo admiravel.

*

Logo no seculo XVII expediram missionarios para a Armenia, para a Mingrelia, para a Georgia, para a Persia, para a Arabia, para as ilhas de Borneo e Sumatra, etc., e espalharam por todo o mundo a fama da sua utilidade e da sua dedicação.

*

Pensava-se geralmente que a regra lhes impunha, entre outras asperidades, o não poderem guardar sustento algum de um dia para o outro; mas era engano. Tornava-se-lhes licito fazer provimento de pão, vinho, azeite, legumes, etc.; o que lhes ficava prohibido era possuirem bens de raiz, e mendigarem como os Franciscanos, contentando-se apenas com

o que lhes offereciam os devotos, já em dinheiro, já n'outra qualquer especie (1).

*

Ao porto de Lisboa vinham muitos Theatinos francezes e italianos esperar a sahida das naus de

S. Caetano de Thiene
e Nossa Senhora da Divina Providencia

viagem para a India, e para lá se encaminhavam, a fim de trabalharem na conversão dos infieis. Tinham de aluguel um resumido hospicio, no sitio onde veio depois a construir-se a actual egreja nova dos Martyres (2); mas era-lhes pouco conveniente

---

(1) Bluteau — *Vocab.* — verb. *Providencia.*

(2) D. Thomaz Caetano de Bem — *Mem. dos Cler. reg.* — Tom. I, pag. 154.

essa interinidade, e quizeram ter raizes em Lisboa, a mais adequada escala para as peregrinações africanas e levantinas.

Apparece o alvará de 12 de Dezembro de 1650 (1) pelo qual el-Rei D. João IV, convencido dos beneficios que poderiam prestar os Theatinos, permittiu ao Padre D. Antonio Ardizzoni a fundação de uma casa em Lisboa.

Era este D. Antonio um veneravel Clerigo regular, napolitano (como o fundador principal da Congregação), Doutor em Theologia, e muito affecto aos Portuguezes e á nova Dynastia de Bragança.

Como parecia já crescidissimo o numero de ordens religiosas em Portugal, a ponto de motivar providencias coercitivas, baixou seis annos depois do citado alvará um decreto de 22 de Setembro de 1656, continuando a conceder a estes Clerigos faculdade para fundarem casa em Lisboa, mas com o caracter de *hospicio* apenas, e não de *convento.*

*

Procurou-se no novo Bairro alto um dos melhores sitios, e achou-se um na rua então chamada *dos Fieis de Deus* (hoje, desde então, *dos Caetanos)*, freguesia das Mercês, logar sadio e desafogado, com bellas vistas de terra e mar. Era ahi o palacete de

---

(1) Vi-o na *Coll. da Legisl.*, e tambem a pag. 734 do tomo IV das *Provas da Hist. gen.*, assim como nas *Mem. dos Cler. reg.* por D. Thomaz Caetano de Bem, e na Torre do Tombo, *Chanc. d'el-Rei D. João IV*, L. 22, fl. 36 v.

um nobre, não sei quem, com horta, pomar, e logradoiros até á rua *Formosa,* mais uns predios contiguos e quintaes, o que tudo se comprou, e se converteu na decente habitação dos Clerigos (1).

Quem delineou o edificio foi outro Theatino, o Padre Guarino Guarini, de Modena, então bastante novo, pois nasceu em 1624; era Architecto do Duque de Saboia Carlos Manuel (2). Não me parece ter feito grandes gastos de imaginação no traçado d'aquella arca rasgada de janellas; tambem, em consciencia, não o devia. Aquillo ficou em alvenaria um symbolo da singela vida dos Clerigos, a quem os fundadores da Ordem tinham imposto a pobreza como primeira das riquezas. Guarini era perito na sua arte, escriptor didactico, e seguidor dos melhores mestres, desde Vitruvio até Palladio; trabalhou em Modena, em Verona, em Vicenza, em Praga, em París, e a final em Lisboa; mas a decadencia da era não desenvolveu o seu talento creador.

*

Com o enthusiasmo que nos espiritos de bem acordaram os virtuosos Theatinos, fundou-se logo em Lisboa uma Congregação de senhoras nobres, denominada «da Divina Providencia», e reuniam-se para fins piedosos no palacio Nisa, a S. Roque, sob os auspicios da Marqueza D. Ignez de Noronha (3).

---

(1) D. Thomaz Caetano de Bem — *Mem.,* T. I, pag. 166.
(2) Menciona-o Cyr. Wolk. Machado — *Mem.,* pag. 162.
(3) Bem — T. I, pag. 158.

Coube a outra senhora illustre, D. Maria Anna de Noronha e Castro, o maior auxilio pecuniario á construcção do convento. Era filha de D. Alvaro de Castro, Commendador da Redinha, Senhor de Fontearcada, e de D. Maria de Noronha. Casou muito nova com D. Alvaro de Portugal, que morreu pouco depois deixando uma filha, enlevo dos olhos da mãe, e fallecida aos treze annos. Cheia de amargura sumiu-se a joven viuva, e na solidão do lar consumiu santamente o resto de seus dias, até passar a melhor vida em 25 de Maio de 1681.

Na egreja dos Theatinos, a expensas suas edificada, a sepultou a gratidão dos seus protegidos, com o seguinte epitaphio:

D. O. M.

Qui vivorum Dominator simul et mortuorum.
Marmore sub hoc requiescunt in Cemeterio
Ressurrectionem expectantes novissimam
Illustrissimi Cineres Heroinæ longe præclarissimæ
D. Marianæ a Noronha et Castro
D. Alvari a Portugallia olim Conjugis.
Quæ post charissimorum pignorum fata
Clericos Regulares quos habuit in spiritu Patres
Adoptavit in Filios.
Hiis condidit asceterium
In quo hanc extruxit Domum
Deo Viventi,
Sibi mortuæ;
Iubens supremis tabulis sepeliri
In eodem sepulchreto, quo Clerici Regulares,
Superbum arbitra Mausolæum
Quod cammendarat humilitas.
Denique post annos LXVII Laudabiliter traductos
Magnum suum relinquens desiderium
Sacris rite communita
Abiit ad meliores ipsa Pentecostes XXV Maii
Anno a nascente Deo M.DC.LXXXI.
Eidem matri suæ optimæ
Hujus cænobii munificentissimæ Fundatrici
Clerici Regulares
In perenne gratitudinis monimentum
S. H. P. P. (1)

---

(1) Memorias sepulchraes, que para beneficio da Historia de Portugal offereceu á Academia Real D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo Regular.

Mss. de Venancio Deslandes, fl. 66 v. e 67.

Traducção:

A Deus Optimo e Maximo, que rege a um tempo vivos e mortos.

Debaixo d'este marmore descançam na sepultura, aguardando a derradeira ressurreição, as illustrissimas cinzas de uma heroina por muitos motivos preclarissima, D. Mariana de Noronha e Castro, que foi mulher de D. Alvaro de Portugal; a qual, depois da morte dos seus queridissimos penhores, adoptou por filhos os Clerigos Regulares que foram paes directores da sua alma. Para elles edificou um asceterio, em que levantou esta casa para o Deus vivo, e para si propria depois de morta; ordenando no seu testamento ser sepultada em campa tão modesta como o fosse a dos Clerigos Regulares, julgando soberbo esse mausoleo que encommendara a sua humildade. Finalmente, depois de sessenta e sete annos louvavelmente empregados, descançou da sua grande saudade, e bem apercebida com os Sacramentos, passou a melhor no dia do Espirito Santo 25 de Maio do anno do Nascimento 1681. A' mesma sua mãe optima, munificentissima fundadora d'este cenobio, os Clerigos Regulares, como perpetuo monumento de gratidão, poseram esta sepultura.

*

Voltemos um pouco atraz.

Foi em 29 de Junho de 1653 que os Padres se mudaram para a casa nova, não concluida certa-

mente, mas já capaz de os receber (1); casa apenas considerada hospicio, e não convento, pelo citado Decreto de 22 de Setembro de 1656.

A cerca venderam-n-a, e ficou reduzida ao que ainda vemos, que é apenas um quintal (2).

Segundo nos conta um dos habitantes mais illustres da casa, o eminente Bluteau, faziam os Theatinos trabalhos, que mais competiriam a uma communidade numerosa. Eram apenas dezasseis Sacerdotes capitulares; todos subiam ao pulpito; seis tiveram a honra de prégar na Capella Real.

No tempo de Bluteau havia entre elles dois Lentes de Theologia, quatro Compositores, dois Qualificadores do Santo Officio, tres Lentes da Academia dos Generosos, um Deputado da Bulla, um Examinador das Ordens militares, um Chronista da Casa de Bragança, e dois mestres de Principes.

Pois entre tão variadas e pesadas obrigações, frequentavam o côro, faziam duas horas diarias de oração mental, administravam os Sacramentos a qualquer hora e em qualquer parte, e ao mais leve aviso iam dois d'elles ajudar os padecentes de pena ultima a bem morrer. Que faina! que pontualidade! que dedicação! (3)

---

(1) Bem — loc. cit., T. I, pag. 174.
(2) Bem — loc. cit., T. I, pag. 181.
(3) *Vocab.* — verb. *Theatino.*

CAPITULO XXIX

Em 1671 e 1672 tiveram os Theatinos um hospede *Real*. Querem ouvir? Apparecem muita vez no caminho do chronista enigmaticas figuras, ora terriveis, ora comicas; são os *mascaras de ferro* da investigação.

*

Trata-se de um impostor famoso, um d'aquelles sujeitos problematicos, que se tornam o encanto dramatico da Historia, e a desorientam. Sem falarmos agora dos falsos Dons Sebastiões, lembro o celebre Tilon Colup, que no seculo XIII se dava pelo Imperador Frederico II! Este de que vou falar não ergueu tão alto as suas ambições, mas fez palrar a Europa, e boa parte dos magnates da era renderam homenagens sinceras ao espertalhão.

Dizia ser seu nome João Miguel Cigala, oriundo de familia italiana que varios homens notaveis produziu.

Seu pae apresentou-o ao *Vaivode* da Valachia (1), Mathias, que se lhe affeiçoou.

Contava João Miguel a quem o queria ouvir, certa aventura succedida aos seus:

Iam o avô e o pae navegando não sei para onde, quando os captivou um navio turco de corsarios. Levados a Constantinopla, ahi viveram: o avô como christão que nunca abjurou; o pae, então creança de doze annos, fez-se musulmano, e depois de mancebo casou com uma irman do Imperador. O Vaivode da Valachia nomeou-o seu *Residente* em Constantinopla.

Foi seu filho o expertissimo João Miguel (ou *Mohamed Bey,* como era conhecido entre os Musulmanos). Levado do seu talento, e muito protegido do Sultão, parente pela linha materna, subiu a altos logares. Sendo Vice-Rei (ou *Bachá* plenipotenciario) de Jerusalem, converteu-se occultamente á Religião de seus maiores, e com disfarce protegeu os seus novos correligionarios. Governador de Candia, continuou esse papel dubio, mas rendoso, tendo ao mesmo tempo a velhacaria de transferir sorrateiramente, a pouco e pouco, para a Allemanha fundos no valor de mais de dois milhões. Um bello dia deu-se a viajar pela Europa, tratando-se como Principe, e espalhando por toda a parte o embuste da sua grandeza, o esplendor do seu Vice-reinado de

---

(1) Esta palavra significa *chefe de guerra*, ou (mais á portugueza) *cabo de guerra*. Usaram esse tiulto os Governadores de provincias no antigo Reino da Polonia, e os Principes soberanos da Moldavia e da Valachia.

Jerusalem, a sua soberania em Babylonia, Trebisonda, etc. O homem sabia-a toda.

Na Polonia foi recebido com grandes honras pela Rainha Luisa Maria, mulher de João Casimiro V (1648-1669). Essa respeitavel senhora, que era uma Gonzaga de Mantua, convenceu João Miguel a fazer-se christão, e fel-o abjurar o islamismo e baptisar-se. De Cracovia abalou o novo christão para Roma, onde foi muito acolhido pelo Papa Alexandre VII (1655-1657); e com o seu zelo de neophyto não duvidou entrar nas guerras contra o seu antigo amo o Gran-Turco, em defensa do Christianismo. Esteve na Sicilia, em Napoles, voltou a Roma, onde alcançou audiencia de Clemente IX (1667-1669), passou a Veneza, a París, onde o Rei Luiz XIV o recebeu muito bem, e d'ahi transferiu-se a Inglaterra, onde, depois de tantos Capitolios, achou a sua perdição, porque foi descoberta a impostura do sujeito, e desmascarado o seu papel de grande senhor.

Dotado certamente de loquella de primeira ordem, figura nobre e insinuante, audacia imperturbavel, foi recebido em Lisboa entre 1671 e 1672, e hospedado pelos Theatinos, d'onde abalou para Compostella a visitar o corpo de Santiago. Era já viuvo da *Serenissima D. Candor,* como lhe chama o noticiario, quasi sempre bem informado, do livro *Monstruosidades do tempo e da fortuna* (1).

E' esse o rasto que deixou o mysterioso figurão,

---

(1) Além do conhecido e curioso livro portuguez *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, pag 192, tratam d'elle João

cujo talento natural merecia á sorte outro destino do que teve.

Não daria um conversador inesgotavel?

Não daria um activissimo fundador de companhias, um delineador imperturbavel dos *Panamás* do tempo?

Não daria um politiqueiro sagaz, inventor de expedientes e salvaterios para o seu corrilho?

Não daria um applaudido fabricador de magicas para os theatros das *Avenidas* de Constantinopla?

Não daria um Dulcamára vendedor de unguentos de virtude universal?

E não daria tambem um estadista serio, ousado, antecipando-se á sua era, e adivinhando a mais alta civilisação?

Responda (se o sabe) o Livro mysterioso, e tanta vez truncado, dos destinos humanos.

Baptista Rocoles. *Les imposteurs insignes, qui ont usurpé la qualité d'empereur, Bruxelles, 1829 — 8.º, 2 vol.*, e qualquer Diccionario historico. O meu bom Moreri é que me encaminhou na melhor parte das noticias que ahi deixei.

CAPITULO XXX

Se, como notei, não brilha pelo lado artistico, brilhou esta casa conventual pelas muitas virtudes e lettras dos seus habitantes. Quem passasse, podia dizer com verdade inteira:

— Ali dentro é um ninho de sabios, e homens bons. Ali dentro estuda-se. Ali dentro pensa-se. Cada Congregado é um alumno, e um mestre; assimila sempre, e produz. Aquelle enxame fabrica para o publico o melhor mel intellectual.

Traz Bluteau na palavra *Theatino* do seu *Vocabulario* uma lista assombrosa de obras de confrades seus. Elle proprio rutilou entre todos com uma luz intensa e pura, que nunca mais tem de apagar-se em quanto se conhecer a lingua portugueza.

D'aquellas paredes a dentro, n'aquellas cellas se recolheram, n'aquelles corredores e claustros foram vistos espairecendo, n'aquella egreja oraram e foram sepultos, homens bondosos e applicadissimos, a quem deve serviços incalculaveis a nossa ingrata e revolucionaria Litteratura hodierna.

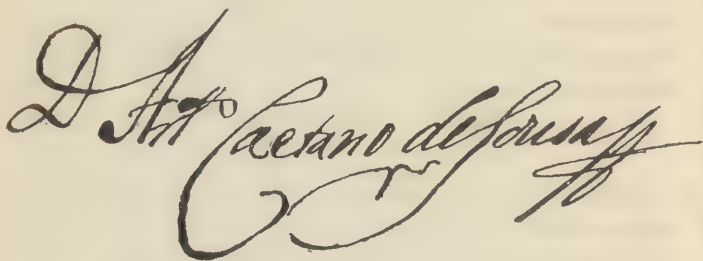
*

Não falando já do incançavel Ardizzoni, fundador da casa, nem nos seus benemeritos companheiros, citarei os nomes academicos de D. Manuel Caetano de Sousa, de D. Luiz Caetano de Lima, de D. José Barbosa, de D. Thomaz Caetano de Bem, de D. Antonio Caetano de Sousa, de D. Raphael Bluteau; por outra: apontando para aquella vivenda, digo ao leitor: ali nasceram, nos estudiosos serões e nas estudiosas manhans do claustro, o *Cenaculo mystico*, a *Geographia historica,* o *Catalogo das Rainhas,* as *Memorias dos clerigos regulares,* a *Historia genealogica da Casa Real,* e d'ali brotou um livro encyclopedico, um dos nossos mais efficazes vulgarisadores, que o auctor intitulou modestamente *Vocabulario portuguez e latino.* Ali nasceu todo esse thesoiro. Geração nova, respeito áquelle sanctuario!

*

O que é bem verdade, é que a poucas mãos deve mais a Litteratura portugueza, do que a este bom e sympathico Bluteau, Inglez pelo nascimento, Francez pelo sangue, mas Portuguez pelo coração. O seu caracter austero e concentrado, a sua indole investigadora cheia da bonhomia facil e communicativa, que dos retratos se revê, e o seu alastradissimo saber, quasi universal, fazem do Padre Bluteau um luminar, que ainda hoje resplandece sobre as lettras do seculo XVIII.

Criei-me na veneração do douto Clerigo; meu

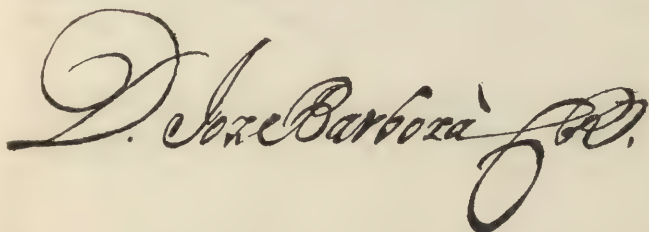
Pae era seu enthusiasta; e lembro-me da devoção (mais que só litteraria) com que uma vez elle visitou comigo a cella humilde, onde falleceu o nonagenario escriptor em 14 de Fevereiro de 1734; era, no tempo de Duarte de Sá, Director do Conservatorio, o seu gabinete; elle proprio nos mostrou o sitio.

Não valeria a pena collocar uma lapide n'aquelle logar historico?

*

Mas além de Bluteau apparecem-me outros. Recordemol-os outra vez.

*

D. Antonio Caetano de Sousa, Clerigo Theatino,

D. Antº Caetano de Sousa

foi duas vezes Preposito na casa de S. Caetano, Deputado da Bulla da Santa Cruzada, e um dos primeiros cincoenta Academicos da muito celebre Academia Real da Historia. Nasceu em Lisboa a 30 de Maio de 1674, e falleceu na mesma cidade a 5 de Julho de 1759.

Foi o auctor immortal da *Historia genealogica*

da Casa Real portugueza, e de outros muitos livros não menos notaveis (1).

*

D. José Barbosa, Clerigo Regular, nasceu em

Lisboa a 23 de Novembro de 1674, e falleceu n'esta casa de S. Caetano a 7 de Abril de 1750. E' o consciencioso auctor do muito apreciado *Catalogo das Rainhas,* e de outras numerosas obras de investigação e piedade. Conta o seu illustre confrade Bluteau tel-o Barbosa presenteado com um manuscripto de sua lavra, cheio de erudição, intitulado *Indice das palavras e phrases portuguezas tomadas de varios auctores,* e que bastante serviu ao mesmo Bluteau na elaboração do seu immortal repositorio. E' uma gloria para ambos.

*

D. Caetano de Gouvêa Pacheco, Clerigo Regular, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres

(1) Innocencio — *Diccionario.*

Ordens militares, Academico da Academia Real. Nasceu em Riudades, termo de Paredes, a 20 de Novembro de 1696, e falleceu em Lisboa a 4 de

Março de 1768. Despendeu o seu talento em obras historicas e piedosas, de que o nosso bom Innocencio dará conta ao leitor.

*

D. Luiz Caetano de Lima, Clerigo Regular, Aca-

demico, e applicado escriptor, cujo talento, e cujos vastos conhecimentos se empregaram em beneficio das lettras e da moral. Além das obras que deu ao prelo, cumpre mencionar uns cadernos de sua lavra, em que por ordem alphabetica se continham expressões e locuções portuguezas sacadas de auctores de boa nota. Esses cadernos deu elle a Bluteau, que os aproveitou como subsidio no seu *Vocabulario*.

Está-se a ver o gosto e a alacridade com que to-

dos concorriam para a obra monumental do seu immortal companheiro.

*

E quantos mais não poderia eu mencionar aqui, para incitamento a brios, e admiração das gerações modernas! porém bastam esses, cujos nomes, cujos serviços, e até cujas assignaturas fielmente reproduzidas de calcos tirados por minha mão em documentos da Torre do Tombo, considero como brasões d'este livro de memorias, não só lisbonenses, mas nacionaes.

*

A proposito do nome de familia do insigne Diccionarista, farei uma rapida digressão antes de proseguir.

Nós pronunciamos *Blutó* o appellido *Bluteau;* e o latim academico dos poetas luso-latinos barbarisou-o em *Bluteavius.* Seja assim; mas não se descontente o bom do Padre; ha muito peor.

Miguel Leitão no Dialogo X da *Miscellanea* chama ao Condestavel *Bertrand Du Guesclin* o *Condestable Dom Beltrão de Caliquim...* Isto porém é apenas deturpação do som, porque os Francezes pronunciam *Guêclain;* quando a metamorphose invade a significação, o delicto é peor. Exemplos varios:

Pascasio é hoje um simples, um mentecapto, um pobre de espirito, um toleirão (perdôem-me o termo); pois foi nome proprio latino ou alatinado; *Paschasius.* Houve assim chamado um Papa (se-

culo IX), um Theólogo erudito (seculo XII) e outros sujeitos de pôlpa.

Sacripante, hoje tomado á muito má parte, como quem dissesse um avezado a fellonias, a extorsões, a alicantinas, é appellido de familia italiana; a ella pertenceu D. José *Sacripante,* natural de Narni, Cardeal em 1700.

Alfarrabio, livro velho, indigesto, mal impresso, á venda nos *alfarrabistas,* provém do sabio musulmano do seculo X, *Al-Farabi*, poeta, philosopho, musico, theólogo, etc. A depreciação das suas obras deu certamente causa a este appellativo, que foi proprio.

Em francez *un calepin* não se toma tão mal; é um livro de consulta, mas antiquado, e de formato grande. Pois Ambrosio *Calepino,* o sabio humanista, foi o auctor de um valioso vocabulario latino polyglotto; e das escolas, e do grupo dos admiradores, sahiu esta generalisação de significado.

Mas ha mais notaveis metamorphoses:

Trabuco, logarejo ou villoria na costa da Berberia, desfechou em bacamarte; porquê?

Picardia, velhacada traiçoeira, mariolada, ou coisa assim, como é que provém do nome de uma provincia de França?

Galopim, hoje activo agente ou corretor de eleições, encontra-se no som com o illustre nome de um sabio Benedictino francez, Georges *Galopin.*

Valdevinos, que foi, ou é, appellido de familia onde certamente houve pessoas sizudas e morigeradas, significa hoje o que nós sabemos: um doido,

um estroina, um cabeça de vento, com laivos de pouca probidade.

Calino, o proverbial idiota do noticiario moderno, o editor responsavel de todas as sandices, tirará nome do illustre Theólogo e Jesuita Cesar *Calini,* ou de *Callino,* o antiquissimo elegiaco de Epheso?

Não sei; decidam elles a contenda entre si. Só direi que me lembra de um amabilissimo Abbade Thomaz de Calino, irmão do Ministro da Sardenha em Lisboa, Conde de Valperga, e homem tão agradavel, tão instruido, de tão boa companhia, que muito do coração o menciona Alfieri, ao narrar nas suas *Memorie* a sua curta demora em Lisboa em 1772.

Um disparate é na linguagem familiar um *despauterio.* Que diria a isso o grammatico flamengo dos seculos XV e XVI, João *Despauterio,* trabalhador infatigavel, sabio profundo, e consideradissimo dos seus contemporaneos?!

E por que se chamará *zanaga* a uma pessoa torta dos olhos, quando *Zanhaga* é uma conhecida região do Saharah?

Em summa: são problemas de má morte, ronceiros de explicar, como succede á alcunha de certas raparigas n'uma aldeia do termo, *as Pilaricas,* quando *Pilarick* é appellido allemão com que ellas nada teem, e que deu ao mundo homens bem recommendaveis pelo seu saber.

Mas basta, basta. Tudo isto a respeito de Bluteavius, Blutó, ou Blutião.

CAPITULO XXXI

Mencionarei agora algumas das grandiosas festividades, que alegraram a casa dos Theatinos, e que sempre me lembram quando ali passo.

Chego a ver, na lanterna magica da suggestão, os coches e as liteiras occupando a rua, e oiço ressoar lá dentro da nave as cantorias do ritual.

*

Nas tres ultimas tardes do mez de Janeiro de 1693 recitou o grande Bluteau orações gratulatorias na sua egreja, celebrando a chegada da Rainha D. Catherina de Bragança, da Gran-Bretanha a Lisboa (1).

Grande alegria foi para o publico tornar a ver em Lisboa a Filha do Restaurador!

---

(1) *Prosas academicas,* T. I, pag. 397 e seg.

*

Em applauso da canonisação de Santo André Avellino, houve nos Theatinos um festejo a 19 de Novembro de 1713; e ahi recitou Bluteau uma dissertação interpretativa do sentido da inscripção enigmatica do celebre e riquissimo calix do mosteiro de Alcobaça (1).

*

A morte d'el-Rei de França Luiz XIV foi commemorada na Casa dos Theatinos em tres consecutivas tardes de Janeiro de 1716, assistindo os dois Nuncios, ordinario e extraordinario, o Embaixador de França, Abbade de Mornay, e toda a Lisboa culta. Os discursos funebres proferidos pelo inolvidavel Bluteau existem (2).

*

Grassou em Lisboa no anno de 1723 uma epidemia maligna. No fim d'esse anno amainou o mal, e a egreja dos Clerigos Regulares celebrou um triduo gratulatorio nos dias 23, 24, e 25 de Janeiro de 1724, assistindo el-Rei e a Côrte. Orou o Padre Bluteau (3).

---

(1) Acha-se a pag. 362 do T. I, das suas *Prosas portuguezas*.

(2) Acham-se de pag. 107 em diante do T. II das suas *Prosas portuguezas*.

(3) Os seus sermões encontram-se de pag. 229 em diante do T. II das suas *Prosas portuguezas*. — *Gazeta de Lisboa*, n.º 4, de 27 de Janeiro de 1724.

*

A Casa dos Theatinos celebrou, como toda Lisboa, a erecção da Patriarchal com festas brilhantes, tres tardes consecutivas. Na egreja dos Caetanos

SENHOR JEZUS DOS PASSOS
DOS CAETANOS

recitou tres discursos o mesmo Bluteau perante el-Rei e a Nobreza. O proprio orador nos deixou os seguintes pormenores interessantes:

Na parede fronteira á cathedra onde elle se sentava, erguia-se na primeira tarde o retrato do Santo Padre Clemente XI; na segunda, o retrato d'el-Rei D. João V; na terceira, o do novo Patriarcha D. Tho-

maz de Almeida; o templo via-se allumiado de muitas tochas, e no principio e no fim de cada discurso os musicos, cantores e instrumentistas da Capella Real enchiam a nave com as mais selectas melodias, distribuindo-se a todos os assistentes muitos versos impressos em louvor do Summo Pontifice, do Soberano Portuguez, e do Chefe da Egreja lisbonense (1).

*

As Pessoas Reaes visitavam muita vez esta casa.

Em 7 de Agosto de 1735 ahi foi a Rainha D. Maria Anna de Austria com a Princeza Real, o Infante D. Pedro, e a Infanta D. Francisca, assistir á festa de S. Caetano. Do templo passaram a ver a livraria nova, onde, examinando os retratos, recentemente collocados sobre a porta de entrada, dos Padres D. Raphael Bluteau, e D. Manuel Caetano de Sousa (2), disse a Rainha aos que a iam acompanhando:

— Perda irreparavel teve a nossa Religião na morte d'estes dois grandes homens (3).

Na vespera, a 6 de Agosto, tinha visitado os Theatinos el-Rei D. João V.

(1) Veja-se o T. I das *Prosas* de Bluteau, pag. 267 e seguintes.

(2) Acham-se hoje na Bibliotheca Nacional.

(3) *Gazeta de Lisboa*, de 11 de Agosto de 1735, citada por Feo, *Mem. dos Duques*, pag. 455.

*

A minha *Narração* manuscripta diz a respeito da catastrophe de 1755:

«A egreja e convento dos Padres Theatinos da Divina Providencia se arruinou em varias partes. Um pedaço de abobada matou ao Padre D. Joaquim no confessionario, onde estava confessando e encontrou a morte quando entendia livrar a vida.» (1)

Creio que, ainda assim, o aspecto geral exterior do edificio, o da egreja, do claustro, etc. pouco differe do que sempre foi; o interior foi de certo bastante modificado.

Quanto aos habitantes, esses não degeneraram dos fundadores; houve sempre ali sabedores de alta esphera.

Os applicadissimos Theatinos apreciavam antigualhas; o notavel Padre D. Thomaz Caetano de Bem possuia um bello gabinete de medalhas e antiguidades em 1791 (2).

Em 1803 o noticioso *Almanack de Lisboa* ainda lá menciona um gabinete e medalheiro, que seriam de certo os do Padre Bem, fallecido em 1797.

No tempo do senhor D. Miguel n'uma parte d'esta casa estiveram aquartelados os Voluntarios realistas (3).

---

(1) Pag. 32.

(2) Almanack de 1791 — pag. 461.

(3) Castilho (Adriano) — *As vinte e cinco prisões, pag. 26.*

CAPITULO XXXII

Descripção completa da casa dos Theatinos, tal como ficou depois do terremoto de 1755, essa não conheço eu; só me occorre que foi o notabilissimo engenheiro Manuel da Maia quem reconstruiu a casa da livraria, «em que gastou — diz o *Gabinete historico* — 7:000 cruzados, somente com o interesse do bem publico, desejando que todos se aproveitassem» (1).

*

O anno de 1834 com o seu decreto de Maio foi a iniqua destruição dos Clerigos regulares e de todas as outras Ordens religiosas. Terremoto peor que o de 1755!

*

Ha na bibliographia estatistica portugueza um volume, que me horrorisa e ennoja; chama-se *Collec-*

---

(1) T. XVI, pag. 220.

EGREJA DOS CAETANOS EM 1833
(segundo Luiz Gonzaga Pereira)

ção das contas correntes dos objectos preciosos de ouro, prata, e joias que pertenceram aos conventos,

e corporações extinctas do continente do Reino (Logar das Armas Reaes.)

E' a confissão desbragada e accintosa do roubo traiçoeiramente perpetrado pelo Constitucionalismo nas casas religiosas de Portugal; é a lista dos objectos valiosos, a custo accumulados em muitos seculos por seus legitimos donos, e rapinados por um decreto em nome da mais flagrante immoralidade de principios. Vê-se no titulo que transcrevi muito mais do que elle proprio declara.

«Collecção de contas correntes». A conta corrente suppõe-se aberta entre um devedor e um crédor. Quem é n'este caso o devedor? o roubado, ou o ladrão?

«Objectos preciosos de ouro, prata, e joias.» Aqui vêem-se reluzir os olhos do legislador com as concupiscencias avaras do salteador de estrada ao abrir as mallas do inerme viajante. Ouro! prata! joias!

«Que pertenceram aos conventos.» Esse verbo no preterito perfeito é lugubre. Pertenceram; quer dizer: já não pertencem; roubámol-os nós; é um facto consumado.

«Corporações extinctas». Sim, extinctas por nós, em nome do odio e da cubiça; extinctas por nós, sem attenção aos longos serviços d'essas sociedades beneficas, ordeiras, civilisadoras, que eram o justo equilibrio, e a mais respeitavel fórma da liberdade de associação, que nós preconisâmos nos nossos codigos.

«Logar das Armas Reaes.» E' triste ver as victoriosas Armas de Affonso Henriques, Sancho I, João I, Affonso V, João II, cobrirem com a sua au-

gusta protecção esta façanha cobarde, commettida contra a propriedade inatacavel de milhares de Portuguezes vivos, e milhares de Portuguezes mortos!

*

E note-se: o de que trata este livro *honrado e leal* a que me estou referindo, é apenas o oiro, a prata, as joias; os edificios em si mesmos, ou foram applicados a fins seculares, ou arrazados, ou deshonrados, ou vendidos por baixas quantias em papel moeda, com a pressa de quem quer fazer dinheiro de objectos furtados, antes que chegue o policia e o regedor.

Mas o livro não só ennoja; faz rir pelas annotações. Frequentes vezes se lê no baixo das paginas: *Estes objectos foram roubados; trata-se de indagar a forma do roubo;* ou *Estes objectos foram sonegados; o roubador fugiu para Hespanha;* ou outras taes declarações, que me fazem ver até onde chegaria o desplante de um ratoneiro, que, depois de me tirar á força, de cima d'aquella meza, bagatellas de valia, se confessasse roubado por mim quando eu lhe podesse subtrahir algumas.

Outras notas affirmam terem alguns d'esses objectos sido distribuidos a egrejas e freguezias pobres. Muito bem; assim procedia nos *Miseraveis* de Victor Hugo aquelle salteador, que em hora de bons humores repartia com alguma ermida serrana as alfaias arrancadas por elle ás cathedraes.

Os vandalismos, que no espolio dos inermes e indefezos despojados perpetraram os roubadores e

assassinos, foram inacreditaveis. Propriedades urbanas, propriedades rusticas, tudo foi vendido ao desbarato depois de saqueado. O resto que se agazalhou nas bibliothecas e nos museus, e continua cada dia a recolher-se, tem sido miseravelmente vandalisado, sem que o tempo nos ensine a venerar tantos despojos de um passado venerando.

Possuo com summo apreço um fragmento de uma folha de certo livro do côro do mosteiro de Thomar, representando a venda de Christo por Judas, como fundo a um grande A inicial de phantasia. Deu-m'o em 8 de Agosto de 1891, na minha casa de Sacavem, o meu sempre saudoso Possidonio da Silva, que o tinha comprado por baixo preço a não sei quem, e provinha dos fragmentos que em 1834 qualquer gaiato ia cortar áquelles codices monumentaes, e vendia a vintem!!! Este meu fez parte dos livros illuminados em 1531, e é do pincel de Antonio de Hollanda, pae do celebre Francisco de Hollanda.

No catalogo do leilão do museu do Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, realisado em 18 de Dezembro de 1901, lê-se sob o n.º 512:

«Uma miniatura em pergaminho, em forma de R, representando como ornamento *O nascimento de Jesus, o Anjo, e varias outras figuras*, tendo escripto n'uma faixa GLORIA IN ALTISSIMIS DEO ET IN TER...

«Fez parte dos livros do côro do convento dos Jeronymos de Lisboa, que os rapazes da casa, quando para ali foram, cortavam a seu talante para fazerem alabartes.»

*

Mas basta com a roubalheira; estas lamentações levavam-me longe, se eu me entregasse a ellas. Caiba a responsabilidade dos vandalismos a quem couber; e antes de sahirmos da casa dos illustres Theatinos, mais duas palavras historicas.

Bem sei que nada posso; bem sei que nada consigo; o meu sincero protesto ahi fica. A probidade das nações é dever tão imperioso, como a dos individuos; mas, humilde como sou, não lh'a sei impôr.

*

Em quanto tantos e tantos conventos eram miseravelmente profanados pela applicação que lhes deram, esta casa dos Theatinos teve em sorte continuar a servir a instrucção e o bem. Coube-lhe em 1836 um papel importante: vinculou-a á restauração da Arte dramatica o Visconde de Almeida Garrett, collocando ali, cheio do santo enthusiasmo de iniciador, o Conservatorio Real e a Inspecção geral dos Theatros.

Pobre foi a installação do Conservatorio; era a casa mesquinho albergue, segundo deprehendo de palavras de certo documento muito authentico: um requerimento dirigido ao Governo em 27 de Julho de 1841 pelos membros da fundação garrettiana. Referindo-se ao tempo da entrada d'ella no convento dos Theatinos, diz o documento citado:

«O antigo e pequenissimo convento dos Caetanos,

em que está o Conservatorio, não tinha uma telha inteira; chovia-lhe por toda a parte; faltavam-lhe portas, janellas, e sobrados, como verificaram differentes vistorias das Obras publicas.»

E mais a diante:

.....«O pequeno edificio do extincto convento dos Caetanos.... não tem outra coisa mais, ainda depois das obras que se fizeram, do que estreitissimos e pequenos dormitorios, com dez cellas, ou cubiculos, no pizo baixo, e quatorze no superior.» (1)

Destruida e inutilisada na sua maior parte a obra de Almeida Garrett, como no livro *Auroras da instrucção* conta brilhante e eloquentemente D. Antonio da Costa, lá está ao menos o Conservatorio a recordal-o.

*

Ainda ha vinte e tantos annos era o Conservatorio muito habilmente dirigido por outro enthusiasta do palco, o sempre lembrado Duarte de Sá.

Este foi talento ainda pouco avaliado, espirito cheio de sal attico, e artista de tão subidos quilates, como os melhores da profissão.

Todos vimos o quanto elle brilhou ha muitos annos nas Laranjeiras, n'aquellas representações unicas do Conde do Farrobo, o mais bizarro gastador

(1) *Memorias do Conservatorio*, pag. 308 (aliás 208, visto que a numeração está errada).

que teve Portugal; e todos nos lembrâmos com saudade do que eram em 1874, 76, as deliciosas recepçõesinhas semanaes no Conservatorio, na casa do Director. Não havia muitos centros em Lisboa como aquelle. Que variada conversação! que boa musica sempre nová! que amavel sociedade! que aproveitadas leituras! Aquellas salas tinham um cunho parisiense inconfundivel; ali até as paredes mostravam intelligencia; e no meio de tudo, avultava, como figura principal, o mais espirituoso e gazalhador dos amphitriões.

Pobre amigo! não chegaste a completar o teu papel util nas Lettras portuguezas.

Faço votos para que os successores de Duarte de Sá continuem no caminho d'elle: conhecedores do terreno, conscienciosos no trabalho, aproveitando com criterio os methodos, e mantendo sempre firmes a linha da tradição nacional.

*

Havia, e talvez haja ainda, n'esta egreja dos Clerigos Regulares, uma Irmandade de Santo André Avellino. Possuo o diploma de Irmão, passado em 2 de Dezembro de 1746 a José Joaquim de Miranda Henriques, morador no seu palacio do *Campo do curral* (ou *Campo de Sant'Anna*), e assignado por D. José Barbosa, C. R., Protector, pelo Juiz Conde de S. Vicente, pelo Escrivão D. Jeronymo de Ataíde, pelo Thesoureiro José Antonio da Silva, pelo Procurador da Meza D. Luiz da Camara, e pelo Procurador da Irmandade José de Almeida Serra.

*

Em Novembro de 1837 ordenou a Camara Municipal a demolição do adro dos Caetanos (1).

Fizeram-se obras consideraveis no interior da egreja de S. Caetano em 1867, e foi aberta ao culto em 20 de Outubro (2).

---

(1) *Synopse dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1837, pag. 35.

(2) *Roteiro* de Queiroz Velloso, pag. 42.

CAPITULO XXXIII

Desçamos a calçada *Nova dos Caetanos*.

Eis-nos outra vez na rua *Formosa*. Quando d'ella sahimos ainda agora, de passagem para os Fieis de Deus e para os Caetanos, tinhamos ficado no palacio dos Marquezes de Pombal.

Continuando para o norte, temos, a diante da rua *do Arco do Marquez*, um palacio á direita, onde residiu a familia dos Condes de Alva, e onde se passaram as scenas dramaticas dos preparos do casamento da interessantissima D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho (1).

*

Da banda opposta, na esquina septentrional da mencionada rua *do Arco*, estão umas casas abarracadas, que eram da enorme fabrica de chapeos, que

(1) Vide *Os Duques*, por João Carlos Feo, e o Visconde de Sanches de Baêna, artigo *Palmella*.

ahi manteve, no fim do seculo XVIII e principios do XIX, o activo Jacome Ratton (1). Essa fabrica pertencêra a Gabriel Milliet, julgo que seu fundador, e Ratton comprou-a, mudando-se em 1785 (talvez dos *Poyaes de S. Bento*) para a *Rampa dos Caetanos*, onde se installou n'um predio da Casa Pombal, devoluto pela ausencia do 2.º Marquez, que então se achava em França; ahi falleceu a virtuosa mulher de Ratton em 1802 (2).

Em 1816 já morava o talentoso e arrojado industrial no palacio que edificou, e lá está, logo a poucos passos da fabrica (3); bella e agradavel edificação, recolhida senhorilmente ao fundo do pateo ajardinado. O proprietario fala d'ella nas suas *Recordações*, com justa ufania. Ahi viveu, ahi recebeu a alta classe commercial do seu tempo, e ahi falleceu, se me não engano.

Do seu rico espolio, alguma coisa deve existir, que não conheço; sei apenas de quatro quadros que lhe adornaram as paredes, provavelmente na sala da meza. No leilão do snr. Dr. Aragão, em 18 de Dezembro de 1901, foram postas á venda essas pinturas, sob os numeros 124 e 708. As duas primeiras eram sobre tela, medindo 32 por 42 centimetros, e representavam caça morta; as outras duas

(1) Findou, creio, em 1808. Na *Gazeta* n.º 13 de 1 de Abril d'esse anno annuncia-se que no dia 9 na Praça do Commercio se poria em leilão o material da dita fabrica.

(2) *Record.*— pag. 32.

(3) Annuncia na *Gazeta* n.º 181, de 1 de Agosto de 1816 o arrendamento do seu paul do Torrão, na Barroca d'Alva, termo de Alcochete.

eram sobre madeira, medindo 25 por 36, e representavam aves domesticas.

Este palacio coube, creio que por herança, ao Visconde de Alcochete; vendido depois, pertenceu ao negociante e banqueiro Fortunato Chamiço, e por morte d'este, ha poucos annos, á sua filha a snr.ª D. Amelia Chamiço, agora viuva de Frederico Biester.

Por morte d'esta senhora passou o palacio, como legado, a sua tia a snr.ª D. Claudina de Freitas Chamiço, que o possue.

Do mesmo lado, na esquina da travessa *da Conceição* o predio (hoje amodernado) onde morou, e falleceu em 1862 o grande José Estevam Coelho de Magalhães.

Depois o extincto convento da Conceição, com a sua bella egreja. D'elle e d'ella tratarei mais para diante, com bons pormenores.

Depois, de um lado e outro casas sem caracter.

N'essa mesma rua *Formosa,* então n.º 68, era em 1813 a séde da Junta da Administração central dos Hospitaes militares do Reino (1).

Em 1814 morava na casa então n.º 18 o Ministro de Hespanha, prestes a retirar-se (2).

O edital de 1 de Setembro de 1859 encorporou na mesma denominação de rua *Formosa* esta e a *do Longo,* que era o lanço superior da mesma arteria.

---

(1) *Gazeta* n.º 242, de 15 de Outubro de 1813.

(2) *Gazeta* n.º 289, de 7 de Dezembro de 1814.

*

Esse *alto do Longo,* de ominosa memoria, foi até ha trinta e tantos annos uma *cour des miracles* medonha pela qualidade dos frequentadores habituaes dos dois sexos. Em sessão da Camara de 13 de Dezembro de 1866 o Vereador Vaz Rans leu o auto da vistoria feita em 30 de Novembro ao alto *do Longo,* reconhecendo todos a necessidade de demolir aquellas baiucas indecentes (1). Desde então penetrou ar, luz, e policia n'essa paragem réproba. Ainda bem! Aquillo não era Lisboa *antiga;* era Lisboa *immunda.*

*

Temos á esquerda, parallela á rua *dos Cardaes,* a *do Abarracamento de Peniche.*

Origem d'ella? — pergunta o leitor curioso. Respondo:

O Marquez de Pombal, que sabia tudo, só não sabia descançar. Logo no dia 2 de Novembro de 1755, seguinte ao terremoto que subverteu Lisboa, officiou ao Marquez Estribeiro mór, ordenando-lhe mandasse marchar para a Capital, a fim de a policiarem, os regimentos de Cascaes, Peniche e Setubal; e, sereno como sempre, mandou-os abarracar em sitios descampados, e livres dos escombros (2). D'ahi se originaram as denominações, que ainda

---

(1) *Arch. Mun. de Lisb.* — 1866 — n.° 365, pag. 2946.

(2) *Providencias sobre o terremoto* por Amador Patricio, pag. 139.

subsistem, ou subsistiam ha pouco, de *Abarracamento da Cruz dos quatro caminhos, Abarracamento da Cruz do Taboado, Abarracamento do Valle de Pereiro,* e *Abarracamento de Peniche* (1).

Pinta-nos a imaginação aquelles acampamentos, rapidamente improvisados sobre terras lavradias ou vinhedos, e trazendo ás amenidades bucolicas dos nossos arrabaldes a nota severa e militar. Em vez do zumbido das abelhas, o *alerta;* em vez do chilrear dos pintasilgos entre as madresilvas do vallado, os toques da alvorada e do recolher.

Mas o que é certo é que esses soldados ali trazidos pelo querer do grande Ministro, não eram a guerra, não eram a conquista, não eram a morte; symbolisavam a ordem, a lei, a paz, a civilisação, o renascimento de Lisboa.

---

(1) Consulte-se na collecção de Legislação o decreto de 5 de Maio de 1762 sobre abarracamento de tropas.

CAPITULO XXXIV

Quem quer hoje procurar a Academia Real das Sciencias, ou a sua Secretaria, Bibliotheca publica, e Typographia, ou o Curso Superior de Lettras, encontra tudo isso no vasto edificio do ex-convento de Nossa Senhora de Jesus. Quem fosse áquellas paragens ha tres seculos, que encontrava? nada senão uns cardaes, e no meio do deserto uma ermidinha da Senhora, servida por um ermitão, unico folego vivo que se gosava de tal remanço.

Os Frades Franciscanos da Terceira Ordem regular não tinham casa em Lisboa; quizeram fundal-a; aprouve-lhes o sitio *dos Cardaes;* espalhou-se o piedoso intento; receberam logo de um Luiz Rodrigues e seu irmão a doação espontanea de uma casa proxima, e tomaram posse da ermida, em 1582 (dominio ratificado por Provisão passada pelo Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida), obtendo do Papa Xisto V um Breve de 1586 para a erecção do convento, o que não teve principio senão em 1595. São informações, que julgo authenticas, dadas

por Frei Apollinario da Conceição no seu *Claustro Franciscano,* e sacadas para elle dos documentos

Nossa Senhora de Jesus
orago da egreja do seu convento em Lisboa

pelo Bibliothecario da casa o Padre Frei Francisco da Conceição (1).

---

(1) *Claustro Franciscano,* pag. 66.

Hoje são muito diversos os empregos do vasto edificio: a egreja é matriz da parochia das Mercês desde 1835; o convento aloja muito á larga repartições publicas; a cerca ha-de ser, mais cedo ou mais tarde, rôta de lez a lez para communicar o *Poço novo* com a rua *do Arco*. Entretanto ha mosteiros muito mais dignos de dó pelo vandalismo com que a *liberdade* os deshonrou: este, hospedando a Academia Real das Sciencias, teve a ventura de acolher uma corporação, a quem incumbe respeitar o passado.

Vamos por partes.

*

A *Mnemosine Lusitana*, periodico innocente e erudito, com que nossos paes, no principio do seculo XIX matavam a sua sêde de instrucção, e que lhes bastava, ao que parece, traz no seu numero XXII uma descripção bem boa do Convento de Jesus.

Vou extratal-a, porque poupa longo trabalho ao leitor e a mim.

Muito padeceu a egreja com o terremoto de 1755; mas só ficou totalmente arruinada na noite de 20 de Janeiro de 1756, em que abateu o tecto, se perdeu o côro, «a peça de melhor gosto que havia na Côrte», e se arruinaram as alfaias, ornamentos, e paineis.

«Pelo zelo e actividade do Padre Mestre Frei José Teixeira, Commissario Provincial; — diz o articulista — do Ex.^{mo} D. Frei Manuel do Cenaculo, mestre do Serenissimo Principe D. José, depois

Bispo de Beja, e ultimamente Arcebispo de Evora; do Rev.dmo Padre Mestre Mayne, confessor do senhor Rei D. Pedro III e do mesmo Serenissimo Principe; e do Rev.dmo Padre Mestre Sarmento, se reedificou este bello edificio, cuja frontaria e espaçoso adro é desenho do architecto Joaquim de Oliveira».

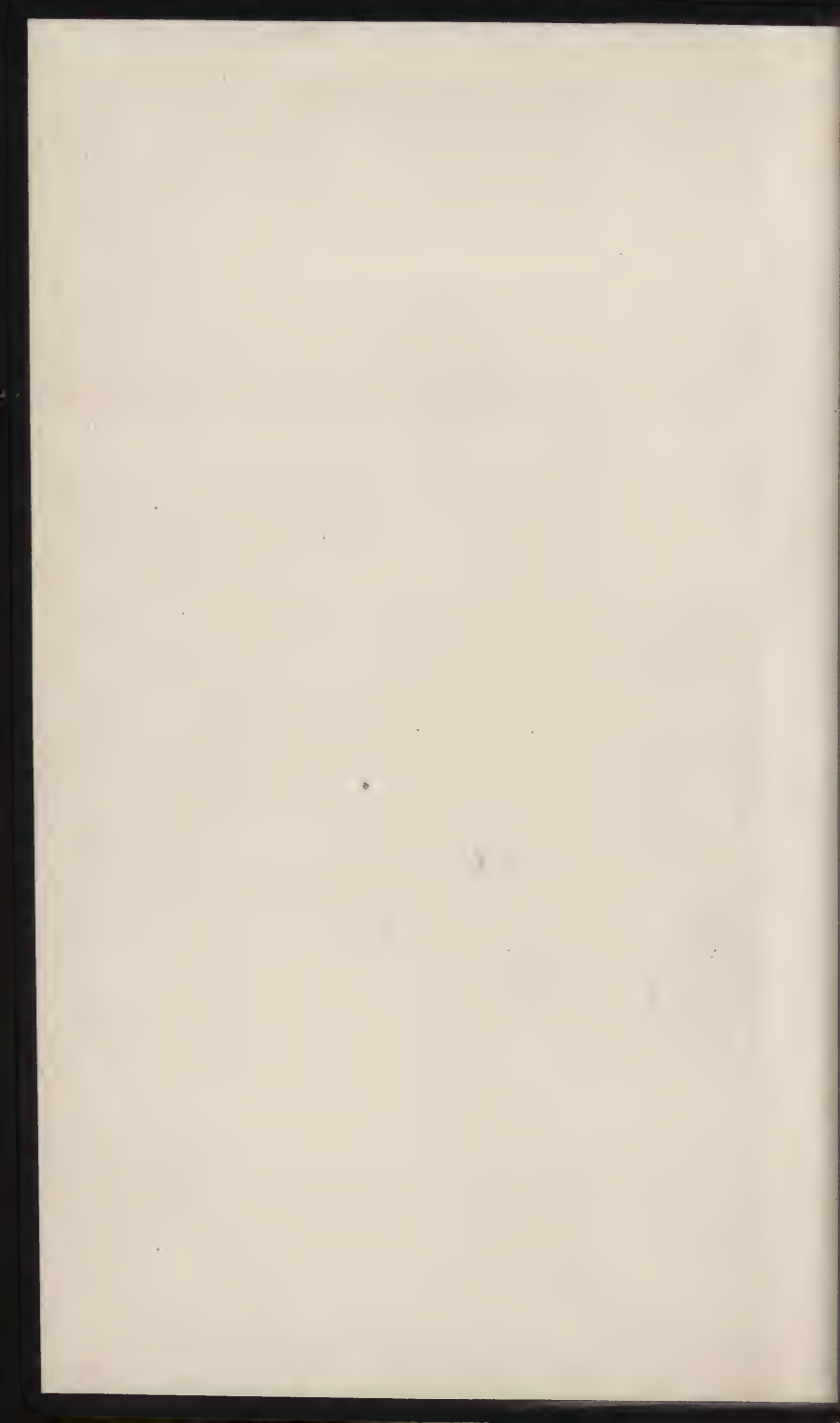
O adro, curioso e amaneirado, desappareceu, e foi pena. Não me parece fizesse grande empacho no largo; em summa: desappareceu. Pode o leitor julgal-o segundo a gravura que apresento. Aquellas curvas tinham certa graça *rócócó*, e afinavam com o resto, n'um requebro agradavel.

Continuando com a descripção do convento, diz ainda a *Mnemosine:*

«A sua localidade, na eminencia de um grande largo em frente de duas ruas; a regularidade da sua architectura decorada de pilastras de ordem jonica, sobre outras de ordem dorica; a bella execução do lavor dos seus ornatos, grandes vazos de cantaria, duas estatuas de Santos nos nichos lateraes; o recorte da empena, agradavel por se afastar da monotonia das rectas e linhas obliquas; os dois corpos reintrantes dos lados, do direito com a porta de ferro que dá entrada á capella dos Terceiros, do esquerdo a portaria do convento, com um largo passeio de lagedo, tendo á frente uma balaustrada; tudo concorre para ser considerado este edificio como um dos mais bellos e regulares modernamente construidos».

Antigo aspecto da egreja de Nossa Senhora de Jesus
com o adro modernamente demolido

*

. . . .

«No corredor que dá serventia ao cruzeiro da egreja — explica o mesmo narrador anonymo — do lado da Epistola para a sacristia, que fica por detraz da capella mór, está collocado um mausoleo de marmore, que dois leões da mesma pedra sustentam, onde estão depositados os ossos de Antonio de Sousa de Macedo, Secretario de Estado do senhor Rei D. Affonso VI, e fundador da casa de Mesquitella (1). As paredes e abobada d'este corredor estão cobertas de azulejo, no qual se lêem versos latinos e portuguezes da composição d'este auctor, proprios a despertar a contemplação dos que visitam a habitação dos mortos».

O epitaphio do honrado Ministro resa assim:

HIC
DIGNITATVM SPLENDOREM DEPOSVIT, LABORVM LVCEM REPONIT
ANTONIVS DE SOVSA DE MACEDO
QVEM MORTALITATIS ELEGIT OCCASVM
IMMORTALITATIS EXPECTAT ORIENTEM
DONEC UENIAT IMMVTATIO SVA
VNA CVM CONIVGE CLARISSIMA D. MARIANNA LEMERCIER
REQVIEVIT
ILLE 1ª DIE 9.bris AN. 1682. ILLA 4 DIE DZ.bris AN 1682
FRATRES
ORATE PRO EIS SI VVLTIS ALIOS ORARE PRO UOBIS

---

(1) Parece-me que não é bem assim. O Dr. Antonio de Sousa de Macedo fundou um morgado, e seu filho foi Barão

Traducção:

Aqui depôz o esplendor das honras, e deixou a vida dos trabalhos, Antonio de Sousa de Macedo. Chamado pelo termo da sua vida mortal, aguarda a aurora da immortalidade, até que chegue a sua existencia immutavel; juntamente com sua muito illustre mulher D. Marianna Lemercier. Falleceu elle no 1.º de Novembro de 1682; ella a 4 de Dezembro do mesmo anno. Irmãos, orae por elles, se quereis que os outros orem por vós.

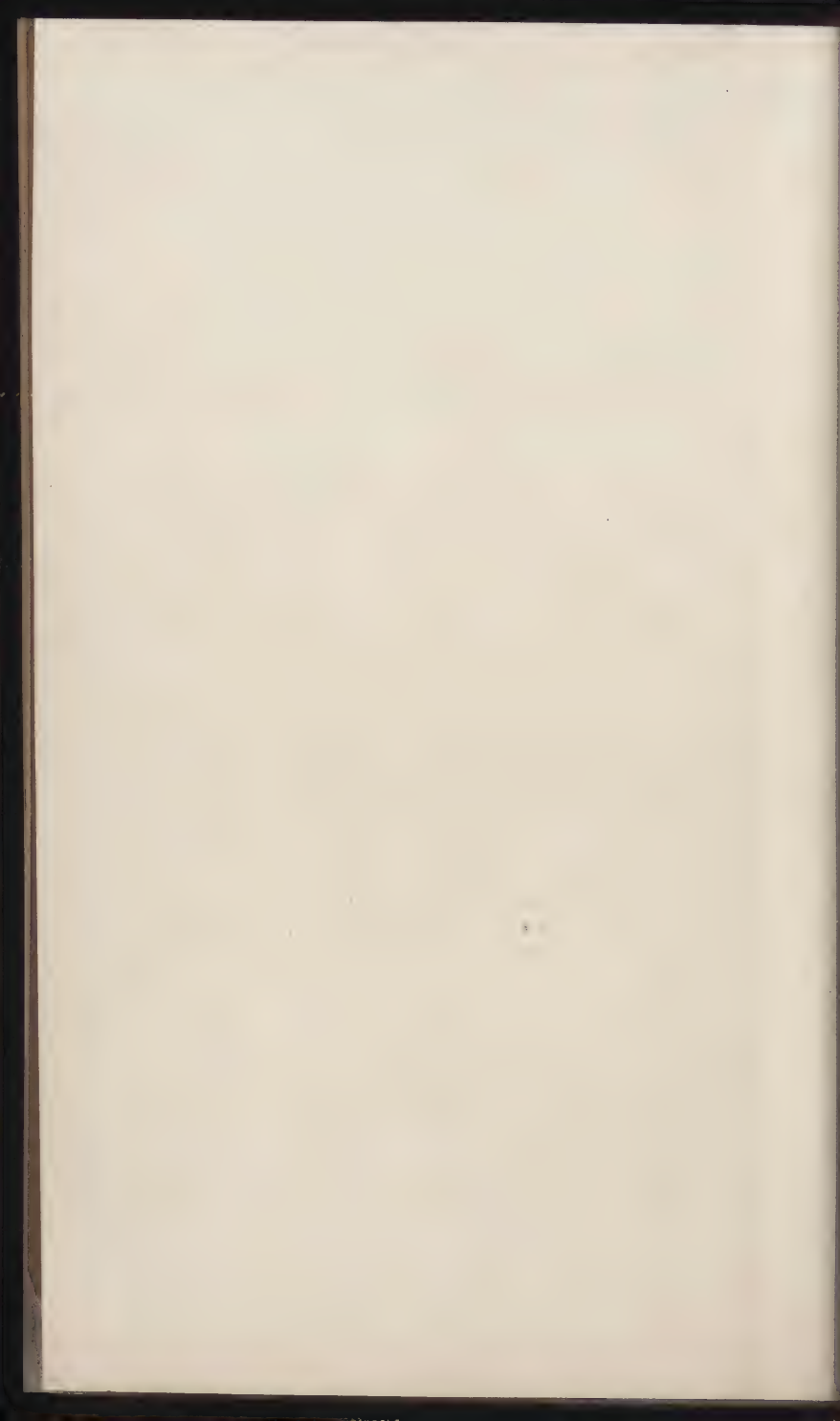
*

Ahi jazem varios outros membros da familia Costa de Sousa de Macedo. Tenho apontamento de que em 31 de Dezembro de 1729 morreu no seu palacio do Poço Novo a Baroneza da Ilha Grande (mulher do Barão Antonio de Sousa de Macedo), D. Catherina Maria de Tavora, filha de Manuel Ferreira d'Eça, senhor da Casa de Cavalleiros. Esta senhora sepultou se no seu jazigo de Jesus, e a 2 de Janeiro de 17.0 se lhe celebraram exequias (1).

Do notavel escriptor acima mencionado, o Doutor Antonio de Sousa de Macedo, está escrevendo uma larga e documentada biographia um de seus netos, D. José da Costa de Sousa de Macedo; formo votos

da Ilha Grande. A sua casa é que se alliou com a dos Costas, Armeiros móres, Viscondes de Mesquitella, e ultimamente Condes, casa que já estava fundada antes da d'elle.

(1) *Gazeta*, n.º 1, de 5 de Janeiro de 1730.

D.or ANT.o DE SOVSA
DE MACEDO

ardentes e sinceros para que não levante mão da tarefa até a ver concluida; contribuindo para o credito e esplendor da sua familia, contribue não menos para o enriquecimento das memorias nacionaes. Vamos, José! mãos á obra, e nada de adiamentos.

Conheço de Antonio de Sousa tres retratos: um

Aspecto actual do extincto convento de Jesus sobre o largo

gravado na *Eva e Ave,* outro a oleo, grande, de corpo inteiro, em poder de seus descendentes, e o desenho á penna, cuja reproducção acompanha esta pagina, copiado do primeiro, mas com algumas variações nos accessorios.

Por esses retratos se avalia a extraordinaria parecença da physionomia do Secretario de Estado.

d'el-Rei D. Affonso VI com a de seu neto, e nosso contemporaneo D. Antonio da Costa. E' singular como o attavismo se manifestou aqui.

Continuemos com o exame do convento de Jesus.

*

Falando da esplendidissima livraria, que os Frades (aquelles miseraveis obscurantes) franqueavam ao publico, assim como franqueavam as suas os Dominicanos, os Theatinos, os Franciscanos, os Congregados do Oratorio, nas Necessidades, os Trinitarios, etc., diz o citado narrador da *Mnemosine:*

«A sala da livraria tem 280 palmos de comprido, e 80 de largo, occupa na sua altura os tres pavimentos dos claustros, e recebe a luz de 28 janellas. As estantes em que está collocada formam dois corpos, divididos por uma cimalha e uma balaustrada geral, para cujo segundo corpo de estantes se sobe por quatro escadas em caracol collocadas no interior de uns corpos salientes e convexos, que nos quatro angulos da sala ornam e prendem as estantes dos lados ás dos topos da mesma sala. Sobre a cimalha real, no prumo de cada pilar das divisões das estantes, está collocado um busto dos sabios mais distinctos de todas as nações. Ali, a par de Virgilio, se vê o nosso Camões; a par de Newton o nosso Nunes; a par de Cicero, Tacito, e outros mestres da eloquencia e da historia, estão Osorio, Foreiro, Macedo, Barros, Resende, Goes, e outros muitos distinctos sabios da nação portugueza, primorosamente

esculpidos, e pintados fingindo marmore; o que, junto com o grande quadro do tecto, representando as sciencias e as virtudes, presididas pela Religião, e a pintura e doiradura dos ornatos que embellezam es estantes, sobresahindo a tudo as primorosas encadernações de um grande numero de livros e edições raras, acreditam esta livraria, uma das mais curiosas e a mais elegante d'esta Capital.

«Fronteiras ás cinco janellas se encontram do lado esquerdo cinco portas com caixilhos de vidro de espelho, uma das quaes dá serventia ao gabinete de pinturas, e outra á sala dos manuscriptos, e a varios gabinetes de estudo, onde, sem a distracção que motiva a concorrencia dos estudiosos, e o rumor das escadas portateis, se permitte ás pessoas de maior respeito ali poderem entregar-se á licção; commodidade que em nenhuma outra livraria publica de Lisboa se encontra».

*

E' certamente, no seu genero, a sala mais bella e harmonica de toda Lisboa.

No tempo dos Frades, em 1803, diz o *Almanack* mencionando esta livraria: «Os Religiosos do convento de Nossa Senhora de Jesus a franqueiam (1); tem uma copiosa collecção de livros e manuscriptos antigos e raros (2), ajuntados pelo desvelo do Padre Mestre Frei Antonio Baptista Abrantes» (3).

---

(1) Liberalidades dos Frades *egoistas* e *obscurantes*.

(2) Ignorancia dos Frades, que juntavam taes bagatellas inuteis.

(3) Mais um nome de malfeitor fradesco.

*

Tambem cita o *Almanack* a Real Bibliotheca publica, aberta todos os dias de manhan, e nas terças e sextas feiras de tarde; a livraria do convento de S. Domingos, a de S. Francisco da Cidade, e a dos Padres da Congregação do Oratorio no Real Hospicio de Nossa Senhora das Necessidades; todas abertas ao publico. Parece-me que não houve melhoria d'então para cá.

*

Quando em 18 de junho de 1895 ardeu a Camara dos Deputados, em S. Bento, mandou o Governo progressista accommodar o salão enorme da livraria de Jesus para n'elle funccionar o Parlamento; e com effeito ahi trabalharam os Deputados. Quando subiu ao poder outra parcialidade politica, todas as despezas feitas com a custosa installação se inutilisaram, servindo a bella sala dos Pares alternativamente ás sessões das duas Casas legislativas. Agora (1903) já os Deputados habitam a sua nova sala em S. Bento.

*

Da magnifica bibliotheca de Jesus diz mais a *Mnemosine:*

«Possue, entre muitos outros preciosos manuscriptos, um Missal escripto em pergaminho, com arabescos, tarjas, e emblemas formando cercadura em cada pagina; e no principio das principaes festas do

anno se vê, na mais delicada miniatura, representada a passagem da Escriptura propria da festividade; obra do delicado pincel de Estevam Gonçalves Netto, Conego da Sé de Viseu, e um dos famosos miniatores portuguezes. Este singular manuscripto é dadiva do Ex.^mo Arcebispo de Lisboa D. João Manuel».

Foi reproduzido em esplendidas chromolithographias pela casa Maciá e C.ª, de París. O original conserva-o a Academia Real das Sciencias.

*

Como reliquia da antiga bibliotheca dos Frades, guardo um livro, que tem como *ex-libris* estas palavras manuscriptas:

DA LIVR.ª DO CONV.^to DE JEZUS DE LX.ª

E' a *Description de la ville de Lisbonne, Paris, 1730* (1).

(1) Offereceu-me esta preciosa obra em 9 de Junho de 1889 o meu velho amigo D.^or Xavier da Cunha.

CAPITULO XXXV

Viveu no convento de Jesus um instruido e applicadissimo Frade, o Padre José Mayne, ou José de Jesus Maria Mayne, nascido no Porto a 7 de Junho de 1723 (1), mas certamente estrangeiro de origem, zeloso cultor e promotor das lettras e sciencias, espirito para quem *ensinar os ignorantes* é dos preceitos que mais obrigam.

Foi Capellão mór das Armadas, Deputado da Real Meza da Commissão para exame e censura dos livros, Deputado da Junta da Bulla da Cruzada, etc.; o que prova a consideração em que o tinham, e o muito para que lhe chegavam as horas.

O que mais illustrou o nome do bom Padre Mayne, e o trouxe até nós, vivo e util, foi o seu Museu. Eu explico.

Vê-se que era d'aquellas pessoas, que em todos os objectos percebem a valia relativa que os distingue, e que por isso se chamam colleccionadoras.

---

(1) Dil-o Innocencio.

Para espiritos assim não ha bagatellas despresiveis; tudo tem o seu logar, e a sua significação; o collecconar é para essas pessoas uma forma da caridade; as gavetas, as pastas, as estantes envidraçadas, as molduras das paredes, são (como hei-de expressar isto?) um genero de asylos de invalidos; mas esses invalidos da indumentária, da bibliophilia, da ornamentação, da gravura, da pintura, das sciencias naturaes, prestam alto serviço como documentos, como testemunhas artisticas da chronica do seu tempo. Conservar é portanto serviço a vindoiros; e os que vão juntando e classificando o que a turba ignara chama bagatellas, são dos mais uteis cooperadores da civilisação.

Isto, em geral. Voltando ao Padre Mayne:

*

Sem incommodar ninguem, sem bulha, sem reclamos, mas com a perseverança da formiga, foi este bom homem colleccionando, toda a sua vida, objectos de curiosidade artistica, exemplares de Historia natural, animaes, vegetaes, mineraes, antiguidades, quadros a oleo, estatuetas, xarões, medalhas, que sei eu? tudo quanto podia constituir um Museu de utilidade geral; e essa collecção, accrescida por dadivas, compras, e trocas, e enfileirada systematicamente ao longo de corredores e salas no seu mosteiro de Jesus, foi cincoenta e tantos annos o desvelo do dono, se dono se podia chamar a quem aggremiava tantas preciosidades para os estudiosos, para os amigos, para os desconhecidos, para o pu-

blico, em fim, de uma cidade morta como Lisboa. O verdadeiro dono era esse publico; o Frade era o conservador d'este Museu, que optima fama alcançou, a ponto de o citarem os Almanacks antigos entre as curiosidades dignas de nota na Capital.

Fallecido Mayne em 23 de Dezembro de 1792, continuou o mosteiro gerindo aquelle deposito sagrado, assim como a aula de sciencias naturaes fundada por elle, e modernamente annexada á Escola Polytechnica. Em 1834 tudo isso, bom ou mau, ficou pertencendo ao Estado pela abolição das Ordens religiosas; e o convento, e as collecções Maynenses, collocaram-se debaixo da tutella e administração da Academia Real das Sciencias de Lisboa, assim como o Museu de Historia natural do Jardim botanico da Ajuda, encorporado no da mesma Academia pelo Decreto de 27 de Agosto de 1836.

*

Teem os Governos *liberaes* um sestro singularissimo! em descobrindo propriedade que lhes quadre, por qualquer motivo, fazem o que fazia no meu tempo o Sultão de Zanzibar: deitam-lhe a garra; com uma differença: elle era mais franco; invocava apenas a sua vontade soberana; elles invocam Leis.

Vêem todas as corporações de mão-morta reduzirem a titulos de divida publica (por ordem expressa d'elles) os seus passaes, os seus predios, as suas acções, em resultado de promessas solemnes? pois bem; o dito por não dito: roubam a todos os prestamistas trinta por cento. Vêem as casas monachaes

alimentadas dos legados particulares de muitos seculos? pois bem; saqueiam os conventos masculinos e femininos. Perpetram tudo isso em nome das Leis; certo é; mas é não menos verdade que são Leis fabricadas *ad hoc*.

*

Vinhamos tratando do Padre Mayne.

O Governo de 1834 cubiçou o Museu dos Frades de Jesus; matou primeiro os Frades, e logo depois tomou-lhes o Museu.

Muito bem explicam as intenções dos dirigentes de então certas palavras de um discurso lido pelo Secretario da Academia na sessão publica de 1838, referindo a doação do convento de Jesus á douta corporação; e diz:

«Uma rasão de preferencia militava para a Academia vir occupar o extincto convento de Nossa Senhora de Jesus. Ali estava o museu de Historia natural, medalhas, e pinturas, colligido pelo Padre Mestre Frei José Mayne, e de que a Academia é administradora; e a livraria d'aquelle convento era em grande parte composta de obras compradas pelo mesmo Padre Mayne, e de que a Academia tinha tambem a administração. Separar o que pertencia ao Instituto Maynense era impossivel; e por isso Sua Majestade.......... providentemente ordenou pela Portaria de 23 de Outubro de 1834, que a bibliotheca do extincto convento de Jesus fosse administrada do mesmo modo que aquelle Instituto, e que, unidos estes estabelecimentos aos analogos da

Academia, se franqueassem todos ao publico em beneficio das Lettras».

Sim, em beneficio das Lettras, em proveito dos estudiosos, ou (quando menos) para aperitivo do gosto ás classes operarias, que ás quintas feiras (lembro-me bem) concorriam em ondas a visitar o Museu.

Essa ideia de um beneficio publico atenua, até certo ponto, o roubo; as collecções do Padre Mayne continuavam a existir, intactas, e proveitosas.

*

O que é porém tristissimo é que o Museu, longas dezenas de annos conservado nos corredores e salas do mosteiro pelos Frades, depois de 1834 conservado tambem muitos annos pela Academia nas mesmas salas, nos mesmos corredores, foi desmembrado e deslocado; uma parte annexada ás collecções da Escola Polytechnica; uma parte minima conservada ainda (por muito favor) na Academia; mas o resto, a parte principal, a linda e valiosa colheita do douto Padre Mestre, e nomeadamente os seus mais de 540 quadros, alguns de grandes auctores, entre os quaes varios pintores portuguezes, foram em 1864 (salvo erro) vendidos em leilão!! isto é: a Academia entendeu lançar aos quatro ventos, e dispersar sem dó, o que tantos annos de perseverança e desinteresse custára a um benemerito! Não cheguei nunca a perceber um vandalismo tão cruel. Os 10 contos de réis que rendeu o leilão, e

que se empregaram em coisas que, francamente, não deixaram rasto, valeram acaso o muito que ali valiam o museu de antiguidades e curiosidades varias, a galeria de pinturas, muitas d'ellas nacionaes, e o gabinete de Historia natural, que em parte representava a flora e a fauna dos nossos dominios ultramarinos? Tudo isso, ali reunido e agrupado por um homem que não era um Principe, nem um millionario, significava muito, e valia ainda mais como nucleo e incentivo a novas doações.

E' dos nossos dias, é de quarenta annos atraz, a romaria popular, que todas as quintas feiras levava a Jesus centenares de observadores, cujos commentarios eu consideraria ainda mais curiosos do que as proprias *vitrinas* da ornithologia, as melhores conchas de Ceylão, o mais bello craneo de cetaceo, ou os mais gabados desenhos e quadros de Taborda, Pillement, Cyrillo, ou Vieira Lusitano.

O operario, a mulher de capote e lenço, o homem culto e de posição, o camponez, o soldado, ali andavam admirando, aprendendo alguma coisa. Não havia catalogo, e era uma pena; mas hoje nem ha catalogo, nem collecção.

Aquella tão conhecida romaria não era só um saudavel entretenimento, instructivo e deleitoso; era mais do que isso: era um cortejo hebdomadario á memoria do velho Padre Mestre. Dir-se hia que a sombra d'elle presidia ainda ás suas collecções, e se regalava de as ver estimadas e proveitosas.

Porque a Academia devia saber que exposições publicas, embora não sejam a pinacotheca de Dresde nem a do Louvre, instruem, civilisam; e devia sa-

ber tambem que esta do convento de Jesus tinha-lhe sido entregue para a zelar e administrar, mas pertencia a nós todos, pertencia á Nação.

Haverá algum Governo, rotativo ou não rotativo, que se lembre de vender o Museu Allen, do Porto? ou a collecção de pinturas estrangeiras doada á Academia de Bellas-Artes pelo Visconde de Carvalhido? Não creio. E d'ahi... quem sabe!...

O Museu particular de Sir Hans Sloane foi devidamente collocado e ampliado pelo Governo inglez; e, accrescido pelas offertas e deixas particulares, pertence hoje á Inglaterra e ao mundo; chama-se o Museu Britannico. Em Lisboa aquelle bom Fradinho reuniu uma collecção, que passou a uma Sociedade sabia, e essa Sociedade sabia, sem comprehender o que lhe tinham entregue, vende tudo!!!

E depois, queixâmo-nos.

*

Bem sei (excusam de m'o lembrar) que nem todos os quadros que enchiam aquellas salas e aquelles corredores eram telas primaciaes. Mas que se segue d'ahi? tudo que não fôr de primeira ordem deita-se fora? singular maneira de comprehender a civilisação pela Arte.

Quem ali entrava nas quintas feiras, dias em que (repito) o espirito benefico do Padre Mayne parecia ainda estar-nos fazendo as honras da casa, bem sabia que não entrava na Galeria Nacional de Londres, no Vaticano, no Museu de Madrid, nem mesmo na nossa Galeria Real de Bellas-Artes; mas delei-

tava-se ao contemplar ali reunidos, pela tenacidade de um só homem, tantas pinturas historicas, de paizagem, de genero, de natureza morta, de archi-tectura, tantas armas de gentios, tantas curiosas obras de Chinezes, tanto bicho de longes climas, tanta coisa, emfim, notavel, significativa, instructiva, rara.

Que o Museu tinha muito merecimento, não o digo eu só, que pouco sei; diziam-n-o os compe-tentes.

«O gabinete de pinturas — escreve em 1816 o citado narrador da *Mnemosine* — compõe-se de mais de quatrocentos quadros, entre os quaes algumas paizagens de Pillement, retratos de Battoni, fogos de Diogo Pereira, e varias copias de objectos naturaes de Joaquim Manuel da Rocha, e muitos desenhos d'este e de Francisco Vieira Lusitano, despertam a attenção dos curiosos......

......«O gabinete de Historia natural — continua esse bom informador — occupa tres salas no claustro de baixo, onde, além de um rico monetario, se acham muitos artefactos de artes e officios, uma boa collecção de amostras de madeiras, um excellente apparelho de loiça da Saxonia, dadiva da munificencia do senhor Rei D. Pedro III ao seu confessor, e muitos outros objectos curiosos».

Está uma pessoa a juntar preciosidades uma vida inteira, a angarial-as pelos seus amigos, a compral-as do seu bolsinho, a resignar em proveito publico dadivas Reaes, a instruir o Povo com essas

collecções, morre descançado, julgando que a sua Patria adoptiva lh'as conservará e augmentará.... e um bello dia uma Academia Real das Sciencias (sim, foi ella, e não uma desallumiada Junta de parochia sertaneja) dispersa isso tudo aos quatro ventos, e acabou-se.

E' um aviso aos colleccionadores e aos doadores.

*

Benemeritos desinteressados e uteis, como o Padre Mayne, não são raros entre nós. Haja vista outro Frade, Frei Antonio Freire, de S. Domingos de Bemfica, no seculo XVI, possuidor de uma copiosa livraria que lhe doára o notavel Bispo D. Julião d'Alva, e accrescentára com doações novas Jorge da Silva «fidalgo muito rico, e egualmente largo de condição, e seu amigo».

Essa collecção era a menina dos seus olhos; queria lhe com entranhado affecto. Pois quando chegou uma fome horrorosa, que precedeu alguns annos a peste grande de 1569, o bom de Frei Antonio desapossou-se de tudo, e vendeu os seus queridos livros para supprir ás despezas com os enfermos pobres (1).

Aqui foi o espirito de caridade e misericordia quem desculpou o vandalismo (se o houve) da dispersão do haver de Frei Antonio Freire. A Acade-

(1) Frei Luiz de Sousa — *Hist. de S. Dom.*, P. II, L. II, cap. X.

Nossa Senhora da Conceição
da collecção Maynense

mia nem sequer poude invocar esses motivos piedosos.

Frei Antonio chorou de certo lagrimas de sangue ao ver sahirem de Bemfica os caixotões com os seus estimadissimos livros. A Academia.... não consta que chorasse.

*

Innocencio, no artigo commemorativo do Padre Mayne affirma ter elle deixado rendimentos para a manutenção do seu Museu. Bem importam aos Governos modernos as deixas dos mortos! espatifam tudo, desvirtuam tudo, tudo anniquilam os legisladores do materialismo!

Comprei no leilão uma Virgem da Conceição, muito formosa, e conservo-a como lembrança das minhas quintas feiras infantis em 1848 na *Historia natural*. Aquelle quadro fala-me do Padre Mayne; basta isso para eu o apreciar.

CAPITULO XXXVI

Parece que n'aquella casa claustral era tradição o amor da Arte. Além de Frei José Mayne, e antes d'elle, encontro Frei João da Magdalena, fallecido em 1714, que teve a louvavel curiosidade de adornar a sua egreja «com admiraveis pinturas, e a livraria com grande copia de livros juridicos que foram do grande jurisconsulto Antonio de Sousa de Macedo, Secretario de Estado d'el-Rei D. Affonso VI» (1).

Curioso será averiguar que em algum dos volumes de Direito existe o *ex-libris* ou a assignatura do notavel Desembargador. Offereço esta lembrança aos empregados da bibliotheca da Academia.

Luiz Gonçalves de Sena, nascido em Santarem no anno de 1713, foi auctor de quadros (não sei quaes) n'este convento (2).

---

(1) Barbosa Machado — *Bibl. Lusit.*, T. II, pag. 686.

(2) Raczynski — *Dictionnaire.* citando Taborda.

De João dos Santos Ala tambem lá havia pinturas da vida da Virgem (1).

Ainda em tempo anterior depara-se-me o pintor Marcos da Cruz (seculo XVII), que pintou os quadros do cruzeiro da egreja (2).

«Em nenhuma das egrejas de Lisboa que examinei — diz o severo Raczynski — topei reunidas tantas pinturas boas.

«No côro vê-se uma *Ressurreição* attribuida a Rubens. Parece-me com effeito producção d'esse grande mestre, e até se me figura uma das suas mais nobres composições. Julgo intacto este quadro; ou, se acaso o restauraram, fizeram-n-o com toda a consciencia e cautella que merecia tão louvavel obra. Soberbo quadro este, e um dos objectos mais valiosos que se encontram em Portugal. Defronte ha uma *Adoração dos Magos,* que em varios pormenores lembra o pincel de Fernando Boll; mas é muito inferior á *Ressurreição.*

«Na capella de Nossa Senhora vê-se *um Papa e um Cardeal* visitando o tumulo de S. Francisco. Parece-me este quadro excellente, e n'um estylo eminentemente *ticianesco.* O que lhe está defronte, com ser de somenos merecimento, attribuo-o ao mesmo pincel; representa *S. Francisco,* a quem apparecem no ceo Christo e a Santa Virgem. Outros quadros ha ainda na mesma capella, do mesmo estylo, e mencionaveis.

---

(1) Raczynski — *Dictionnaire,* citando Cyrillo Wolkmar Machado.

(2) Cyrillo — *Mem.*, pag. 80.

«Na capella mór a *Visitação* da Virgem a Santa Isabel mãe de S. João, é obra bellissima, cuja maneira se aproxima muito da epocha classica da pintura italiana. Outros tres paineis na mesma capella não deixam de ter certo caracter de grandeza, com quanto me não mereçam encomios. Todos elles pelo seu estylo pareceram-me do fim do seculo XVI, ou dos começos do XVII; comtudo ligam-se mais á escola classica do que á dos Caracci.

«Na capella de S. José, *o Christo e a Virgem apparecendo no ceo a S. Domingos e S. Francisco* parece-me do mesmo pincel dos da capella de Nossa Senhora» (1).

. . . .

A capella mór foi mandada edificar por D. João Manuel, Arcebispo de Lisboa, sendo ainda Bispo de Viseu. Acabou-se em 20 de Junho de 1633, tendo o Arcebispo fallecido a 4 d'este mez (2).

A *Mnemosine* ainda cita na casa dos Geraes um retrato da Infanta (ou Rainha) D. Marianna, por Vieira Lusitano. Onde pára hoje?

*

Tinham estes bons frades de Jesus um encargo, que era a final de contas uma regalia honrosa: eram elles que serviam de capellães a bordo dos navios de guerra; ainda em 1791, me diz o *Almanack*

---

(1) *Les Arts en Portugal*, pag. 293.
(2) Barbosa — *Biblioth. Lusit.*, T. II, pag. 689.

d'esse anno, era Capellão mór da Armada o nosso já conhecido Frei José Mayne, o benemerito e descomprehendido collector e doador.

*

Na bellissima egreja dos Terceiros, annexa a este convento pela banda occidental, são de João Grossi, italiano estucador que trabalhou immensamente em Lisboa, os estuques do tecto, feitos logo depois de 1755 (1), visto que o templo cahiu pelo terremoto: parte no dia 1.º de Novembro, e outra parte passados dias, morrendo dois Religiosos, e muitos seculares (2); asserções que divergem das de João Baptista de Castro.

*

Foi o largo *de Jesus* destinado, por edital municipal de 4 de Dezembro de 1863, para praça de venda de leite.

Na proxima travessa *do Convento de Jesus,* que do largo conduz ao *Poço Novo,* abriu-se em 8 de Março de 1812, um Domingo, uma casa de pasto no predio então n.os 43 e 44 (3); e em 22 de Abril de 1816 o *Collegio moral e civil* (4). A travessa encarregou-se do alimento para o corpo e para o espirito.

---

(1) Cyrillo — *Mem.,* pag. 270.
(2) *Narração do formidavel terremoto*, mss., pag. 31.
(3) *Gazeta,* n.º 57, de 5 de Março de 1812.
(4) *Gazeta,* n.º 93, de 19 de Abril de 1816.

Houve ali tambem uma fabrica de chapeos de coiro e sola envernizados, gravatas de sola, pallas de bonés, barretinas, etc, em 1816 (1).

*

Voltando ao edificio do convento, direi que na sala com porta para o claustro, e onde desde o principio tem a sua séde o Curso Superior de Lettras, professava-se a cadeira maynense de Introducção á Historia natural; e, antes da extincção das Ordens religiosas, a aula publica de Philosophia racional e moral regida pelos Padres Franciscanos. Hoje a cadeira de Introducção é regida n'outra sala do mesmo edificio, e custeada pelos rendimentos que para isso deixou o fundador.

A sala das sessões da Academia é nova e bonita (não lhe chamarei bella); foi inaugurada na sessão de 7 de Março de 1872 em presença de Sua Majestade o Imperador do Brasil.

*

Resta-me mencionar a secção photographica, fundada por iniciativa do Director geral, o benemerito General Filippe Folque, inaugurada pelo distincto lente e meu fallecido amigo o Doutor José Julio Rodrigues, e ultimamente extincta; e finalmente a bem mantida Typographia da Academia Real das Sciencias, fundada em 1780. N'ella se imprimiu a

---

(1) *Gazeta*, n.º 81, de 3 de Abril de 1816.

1.ª edição d'estas fugitivas paginas, e muitas obras importantes teem visto a luz. A Imprensa, consegue desempenhar-se dos seus encargos com applauso dos entendidos (1).

*

Entre a rua *do Arco,* a calçada *do Combro,* e o largo *de Jesus,* alastra-se um terreno vasto, lavrado de hortas, e desafogado, onde principiou a construir-se o edificio para o Lyceu Nacional. Infelizmente não se concluiu ainda. Deveria, me parece, plantar-se de roda do Lyceu um arvoredo ajardinado, que servisse de recreação e gymnasio aos alumnos nas horas de intervallo das aulas, reservando uma passagem publica entre o largo *de Jesus* e a rua *do Arco.* Declaro que não vi as plantas elaboradas, mas é bem de crer que os architectos municipaes pensassem na vantagem de alegrar aquelles sitios com o respiradoiro de um bonito parque.

O bairro não possue jardins; os de S. Pedro de Alcantara e da Estrella são afastados. Este de Jesus poderia tornar-se muito pittoresco, e com musica, jogos, e kiosques, ser praso-dado de passeantes nas bonitas noites de verão.

O ar puro e oxigenado é um grande medico. A hygiene urbana reclama arvores, agua, sombra. Não lhe neguem esses bens.

---

(1) Foram administrador e director d'esta util, necessaria, e indispensavel Typographia, que tão bem motiva a sua fundação e conservação, dois amigos meus, a quem este livro deveu muito: Antonio da Silva Tullio, e Carlos Cyrillo da Silva Vieira.

*

Na egreja de Jesus existe uma Irmandade de Santo Antonio, cujo primeiro compromisso é de

SANTO ANTONIO, O POBRE
Irmandade venerada no convento de Jesus

1610. No chão da sua capella ha sepulturas que pertenciam á familia fundadora (que não sei qual era); nas paredes havia outras, que foram recobertas de

estuque. Estes irmãos tinham jazigo á entrada da egreja de Jesus (1).

*

Defronte do que é hoje a entrada principal da Academia Real das Sciencias, na rua *do Arco do Marquez*, corria uma serie de casebres miseraveis, que até mesmo n'uma aldeia seriam ridiculos. Em sessão camararia de 29 de Julho de 1861 os Vereadores Fernandes Chaves e Severo de Carvalho pediram a demolição de taes baiucas (2).

Parece não foram attendidos logo; mas por 1867, pouco mais ou menos, vieram a baixo, aplanando-se uma especie de praça ou rua larga, hoje orlada de bonitos predios, que todos teem seus jardins altos á frente.

*

No capitulo XXXVI do Tomo II d'esta obra mencionei de passagem o Recolhimento do Espirito Santo, sito na rua *do Arco do Marquez* (hoje rua *do Arco a Jesus)*, defronte da entrada da sacristia do antigo convento acabado de estudar. Mais duas noticias, agora que temos na frente o predio em que esse Recolhimento se albergou tantos annos.

Fundou-o em 1671 D. Maria Borges, «mulher no-

---

(1) Informações do meu fallecido e honrado amigo o snr. Carlos Cyrillo da Silva Vieira, digno Director da Typographia da Academia Real das Sciencias.

(2) *Arch. mun. de Lisboa*, 1861, n.º 84, pag. 666.

bre e virtuosa», e ahi se recolheu com outras companheiras, fallecendo em 1680, e sendo sepultada na capella da casa.

N'esse anno compraram o Recolhimento e o quintalão contiguo os Frades de Jesus, e (diz o Padre Carvalho da Costa) «desde aquelle tempo até ao presente — 1709, data das licenças para a publicação) — lhe assistem com os Sacramentos, mandando-lhe ali dizer Missa todos os dias, e confessando-as em os Jubileus principaes do anno. Tem este Recolhimento capacidade para n'elle viverem até vinte pessoas» (1).

Supprimido e vendido o Recolhimento, de cuja feição antiga me não lembro, foi no sitio da ermida construida a caixa da escada, e alugou-se a moradores varios a transformada habitação. De duas familias sei eu, que ali visitei: em 1860 e tantos ou 1870 o nosso insigne pintor Miguel Lupi; em 1880 a snr.ª D. Marianna Sarmento Ottolini, com sua filha e seu filho.

---

(1) *Chorogr.*, T. III, pag. 501.

CAPITULO XXXVII

Por ahi era no seculo XVIII, sabe Deus desde quando, a Horta do Cabra. Hoje a travessa *da Horta*, communicando a *do Arco* com a *dos Cardaes* (modernamente denominada *de Eduardo Coelho)* é o vestigio derradeiro do campo de nabiças e feijoaes do antigo Cabra, sujeito cuja personalidade se sumiu na voragem dos invernos.

*

Na travessa *da Horta* esteve estabelecida ha sessenta e poucos annos uma grande fabrica de lanificios, fundação e propriedade do Barão de Alcochete, cujo palacio (o que foi do celebre e bem intencionado Jacome Ratton) ainda lá vemos na rua *Formosa*, e pertence á mencionada snr.ª D. Amelia Chamiço.

*

A estas notaveis familias, Ratton e Daupias, de-

vem muito as industrias portuguezas, e a nossa gente reconhecia-o.

Em 20 de Novembro de 1840, Sua Majestade a Imperatriz viuva, Duqueza de Bragança, D. Amelia de Baviera, foi animar com a sua presença aquellas lidas do trabalho.

«Sexta feira 20 de Novembro — escreve em francez o periodico lisbonense *L'Abeille* — S. M. a Imperatriz visitou o estabelecimento industrial da travessa *da Horta*. S. M. I., com o espirito observador e a bondade que tanto a caracterisam, examinou tudo com a maior minucia: a machina a vapor, que move todos os apparelhos, as officinas de lan cardada, a fiação, a tinturaria, e a tecelagem. Pareceu S. M. satisfeita com os resultados obtidos em menos de dois annos, e mostrou o seu agrado nos termos mais honrosos aos proprietarios do estabelecimento. S. M. escolheu grande somma de lans, tapessarias, e tecidos variados» (1).

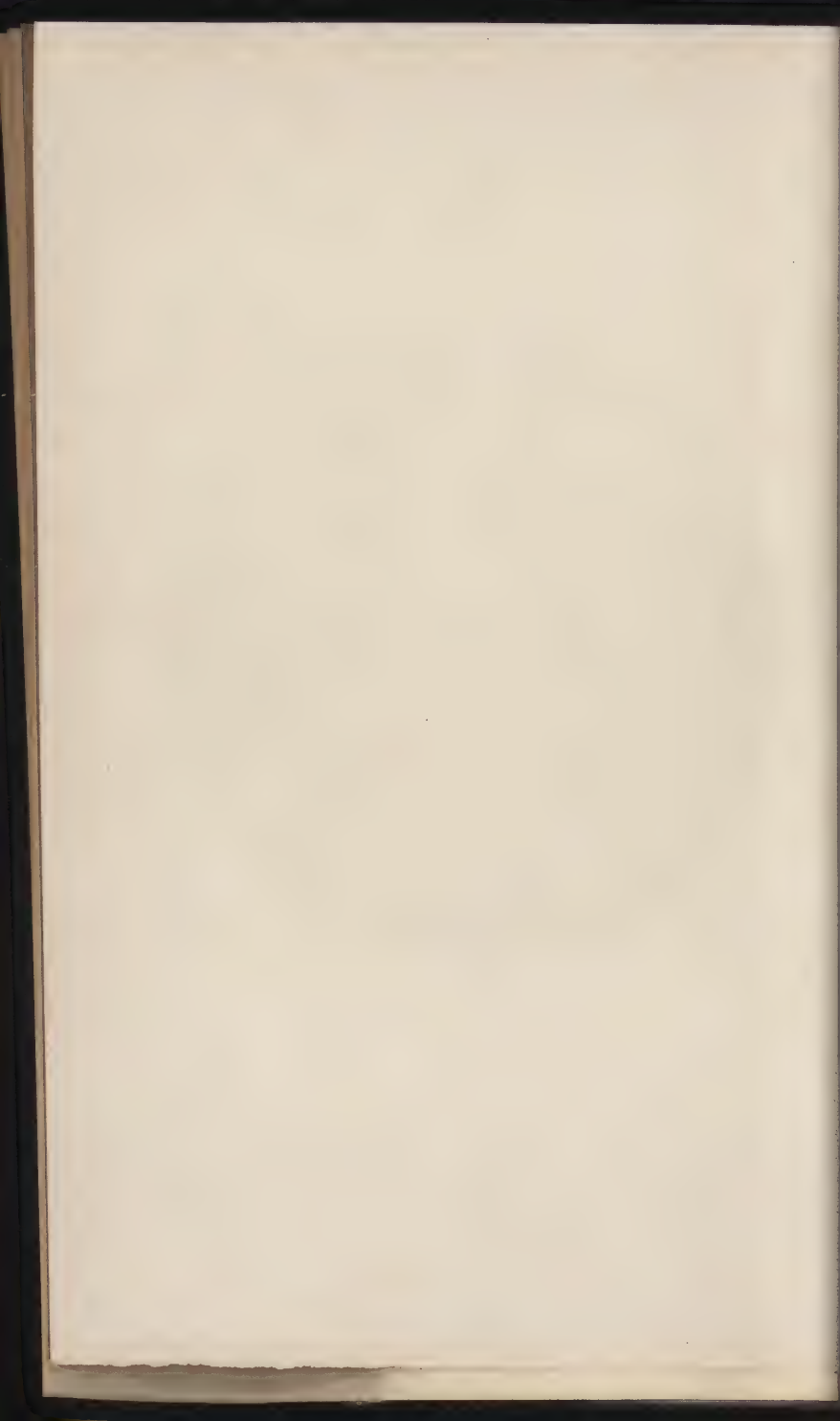
*

A 2 de Dezembro seguinte honrou-se a fabrica com outra visita Real. E diz o mesmo noticioso informador:

«No dia 2 S. M. a Rainha D. Maria II, acompanhada de seu Augusto Esposo, visitou a fabrica de lanificios da travessa *da Horta*. Era a hora do jantar dos operarios; mas apenas S. S. M. M. chega-

---

(1) *L'Abeille*, 2.º vol. pag. 258.

S. M. A Senhora D. Maria II
Rainha de Portugal

ram, o snr. Barão de Alcochete proprietario do estabelecimento mandou tocar o sino, e todos appareceram sem demora nos seus postos. S. S. M. M. poderam observar minuciosamente todos os differentes engenhos movidos a vapor, e tudo mais, dignando-se de testemunhar a sua satisfação pelo bom exito d'esta empreza de todo o ponto nacional. El-Rei chegou a dizer ao Barão, para o animar, que só usava camisas de lan d'esta fabrica».

O Barão de Alcochete a quem me referi, foi Bernardo Daupias, 1.º Barão em duas vidas, e 1.º Visconde em 1852, do Conselho de S. M., Commendador da Ordem de Christo, etc., Conselheiro de Legação, Consul geral aposentado, e pae do Conde de Daupias ha poucos annos fallecido.

*

Estas visitas Reaes feitas com attenção, intelligencia, zelo, são mais fecundas e uteis do que suspeitam sequer os proprios Soberanos. N'elles reside ainda um prestigio enorme, e um condão civilisador, que ninguem mais possue. Pena é que o não aproveitem sempre. Acham séccas taes deveres? tenham paciencia; fazem parte do seu emprego, jurado ás Côrtes.

O Rei de hoje não é já o Rei de ha trezentos annos; é, com as mudanças que trouxe o tempo, o Monarcha liberal e simples que foi ha setecentos ou oitocentos; isto é: o primeiro d'entre os seus Fidalgos, o chefe da sua Nobreza, o mantenedor das

Leis e das tradições, o ponto central da administração, o escolhido e o amigo do Povo.

As classes médias e as populares em toda a Europa gostam de saudar os seus Soberanos; agrada-lhes vel-os (uma vez ou outra) nas avenidas e nos theatros; mas não é tudo; preferem sabel-os, attentos e graves, no Conselho, nas officinas, nas fabricas, nas escolas; ou adivinhal-os á meza do estudo, manuseando, para saberem encaminhar os seus Ministros, as altas questões economicas e politicas do mundo moderno.

Nós, o Povo portuguez, muito em especial, amâmos e respeitâmos os nossos Monarchas; ambicionâmos tel-os sempre ao nosso lado; mas, verdade verdade, a folia constante e inutil, as perpetuas excursões recreativas, as pescarias, as caçadas, as toiradas, o *lawn tennis*, o tiro aos pombos, não bastam para a felicidade nacional. Os pescadores de atum e sardinha, pesquem; é esse o seu humilde ganha-pão; os caçadores de contrato, cacem; é esse o seu triste e sanguinario mistér. Os nossos bons Reis, esses reinem, dediquem-se, e governem; aproveitem em bem do Publico os elevados dotes que receberam da Providencia, desenvolvidos na mais brilhante educação; descubram os servidores honestos do Paiz, onde quer que se escondam; honrem pelo trabalho assiduo a posição especialissima em que a Mão de Deus collocou os Reis. E' essa a sua obrigação, n'este concerto universal de direitos e deveres.

A senhora D. Maria I visitava sollícita os estabelecimentos pios.

El-Rei D. João VI descia até aos pequeninos, e escutava-os.

O senhor D. Pedro IV não descançava na guerra e na paz, indagava tudo, e trabalhava muito.

A Rainha sua Filha olhava attenta para os negocios politicos, e apparecia nas festas da industria e das artes, e ia ás escolas primarias sentar-se, grave e maternalmente curiosa, entre as alumnas.

O marido d'essa Augusta senhora, el-Rei D. Fernando II, apesar de estrangeiro era todo Portuguez; desvelava-se em visitar as nossas galerias, aprazia-se na companhia dos artistas nacionaes, procurava as reuniões academicas e litterarias.

El-Rei D. Pedro V tinha como grande alegria ouvir as lições do seu querido Curso Superior de Lettras; apparecia não esperado nos quarteis; apparecia não esperado na Torre do Tombo; apparecia não esperado na Bibliotheca; era um valente, que expunha com denodo a sua preciosa existencia nos hospitaes em tempo de peste; escolhia escrupuloso os seus *ilhargas*, e dava-se bem com os velhos servidores de sua Mãe e seu Avô.

El-Rei D. Luiz, emfim (para só mencionar os mortos), seguia em muitas coisas as honrosas pisadas de seu Irmão, e achava sempre, no seu modo caricioso e benevolo, mas tão fino, tão Real, palavras de animação aos trabalhadores do bem.

Assim se desempenha o officio de reinar; assim se cumprem os deveres da magistratura suprema.

Os que se exforçam em cumprir esses deveres, tornando-os assumpto principal da vida, esses ha-de coroal-os a opinião publica, juiza incorruptivel de

quem a sabe respeitar, respeitando-se; ha-de aco lhel-os carinhosa a Historia nacional, onde os Monarchas teem por herança logar tão elevado.

Note-se:

Quem estas linhas escreve, não é um demagógo, nem um demolidor, nem sequer um republicano. Bem longe d'isso. No seu ponto minimo, tem demonstrado sempre ser conservador, e querer deveras á Monarchia; é, de mais a mais, pessoalmente muito obrigado ao actual Soberano; mas se a gratidão para com um individuo impõe deveres, maiores os impõe o amor da Patria. Não ha portanto melindres, que o impeçam de pensar como entenda, e dizer o que pensa... em quanto é tempo; e, com o desassombro de quem nada pede, dil-o francamente, e avalia (como sabe e pode) assumpto de tamanha magnitude.

E por ser de tamanha magnitude, é que, no interesse exclusivo do Monarcha e da Monarchia, se atreve a falar aqui directamente, de fronte levantada, sim, mas sem quebra do mais profundo respeito, com EL-REI.

CAPITULO XXXVIII

Mencionei ainda agora a rua *dos Cardaes de Jesus* (hoje chamada *de Eduardo Coelho)*.

O seu nome desde o principio, foi *dos Cardaes,* se bem que, desde que ali tiveram palacio de residencia os Cabedos do Visconde do Zambujal (o que foi muito antes do terremoto), começaram a chamar-lhe rua *do Cabedo;* nos primeiros annos do seculo XIX assim a designam papeis publicos (1). Esta illustre familia já ahi morava, representada pelo seu chefe Jorge de Cabedo de Vasconcellos, em 1717 «nas suas mesmas casas por detraz do convento de Nossa Senhora de Jesus» (2); mas então não se designaria ainda a rua *dos Cardaes* com o titulo d'estes proprietarios.

O palacete ou *a casa nobre* do citado Jorge de Cabedo, tem hoje os numeros 98 a 110, e andava a

---

(1) Vide *Gazeta de Lisboa,* n.º 294, de 11 de Dezembro de 1811, n.º 146, de 23 de Junho de 1819, n.º 156, de 5 de Julho do mesmo anno, etc.

(2) *Gazeta,* n.º 40, de 7 de Outubro de 1717.

construir-se em 1709, segundo deixa perceber a *Chorographia* de Carvalho (1).

*

Na rua *dos Cardaes* morreu o incomparavel poeta Nicolau Tolentino de Almeida a 24 de Junho de 1811.

Na mesma casa historica onde se deu esse triste acontecimento, inteiramente transformada, falleceu o benemerito director e fundador do *Diario de Noticias*, Eduardo Coelho, que dá nome á rua.

*

Ahi junto é a rua *da Quintinha*, que ainda em 1817 e 1820 se chamava *da Quintinha do Saldanha* (2); pertencia essa quintinha ao palacio que hoje é da Casa das Alcaçovas, especimen da architectura seiscentista, perfeitamente conservado, e cuja entrada é pela rua *da Cruz*.

---

(1) T. III, pag. 501.

(2) *Gazeta de Lisboa*, n.º 118, de 19 de Maio de 1820. *Gazeta* n.º 27, de 31 de Janeiro de 1817.

CAPITULO XXXIX

A proxima rua *da Quintinha* não tem celebridade, que me conste, a não ser uma, que topei no Diccionario de Innocencio. Vamos ao caso:

Thomé Pinheiro da Veiga, Procurador da Corôa, Desembargador do Paço, Chanceller mór do Reino, etc. etc., foi nos seculos XVI e XVII um dos jurisconsultos e jurisperitos mais notaveis de Portugal. Homem de bem, e abalisado sabedor, que pelo seu caracter e pelas suas lettras soube honrar a classe, e teve a ventura de assistir á aurora de 1640. Sepultou-se na egreja de Santo Antonio da Sé, com epitaphio a que allude Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*. A egreja cahiu pelo terremoto de 1755, e ninguem sabia da campa.

Em Julho de 1849, indo o Conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario geral perpetuo da Academia Real das Sciencias, residir para a rua *da Quintinha,* então n.º 53, encontrou na cavalhariça do seu predio uma loisa sepulcral com o

epitaphio de Thomé Pinheiro da Veiga. Offereceu-a á Academia; o lettreiro dizia assim:

AO PE DESTE EPI
TAPHIO IAS SEPULTADO
O DOUTOR THOME PINHEIRO
DA VEIGA DO CONSELHO DE SUA MACESTADE
SEU DESEMBARGADOR DO PACO PROCURAD-
OR DA COROA E IVIS DAS CAPELAS
OUVIDOR DA FAZENDA DA RAINHA
NOSSA SENHORA COMO VEDOR DELA DE I-
DADE DE 90 ANNOS DE PERPETVA ME-
MORIA POR SVAS LETRAS INTEI-
REZA EXPERIENCIA EZEMPL-
AR ERUDICÃO DEIXOV NA SVA
CAPELA DE S. JOÃO DE COIMBRA 6 MERS-
IEIROS E 1 CAPELAM E NESTA S-
ANTA CAZA 2 CAPELAES COM MISSA QO-
TIDIANA PARA SEMPRE POR SVA ALMA
E DE ESMOLA A COMFRARIA DE S A-
NTONIO 400 V PARA ESTA SEPVLTVRA
FALECEO EM 29 DE I
ULHO DE 1656 REQUIE-
SCAT IN PACE.

Como se achava ali aquella lapide? é problema que ninguem poderá resolver. Costa de Macedo suggere uma conjectura, e diz:

...«O que naturalmente desafiará a curiosidade é saber como a..... pedra sepulcral, collocada n'uma parede da capella de Santo Antonio da Sé, foi parar a uma cavalhariça da rua da Quintinha. Nenhuma explicação segura posso dar de semelhante facto; mas, se me é permittido aventurar

uma conjectura, parece-me que, cahindo pelo terremoto a capella de Santo Antonio da Sé, se tirou das suas ruinas a pedra de que se trata, para acabar com ella a obrigação dos suffragios, de que a sua persistencia no logar que occupava era um testemunho authentico e constante; e talvez o sitio para onde foi removida, em que depois se edificaram casas, pertencesse aos bens deixados pelo finado para satisfazer aos mesmos suffragios; ficando ali a pedra, que felizmente não foi mettida nos alicerces, ou encaixada em alguma parede, como tem acontecido a muitas».

Sem aventar motivo claro para a viagem da loisa, permitto-me não concordar com a conjectura do douto Academico, visto irrogar um motivo pouco honroso, e sem provas, aos parentes de Thomé Pinheiro da Veiga, quem quer que fossem. De mais a mais, não se coadunam as duas partes do argumento: essa gente, interessada em não pagar os suffragios, lucrava em destruir o lettreiro, como *testemunho authentico e constante;* ao mesmo tempo conservava a lapide, e tão cuidadosamente que chegou aos nossos dias; contradicção flagrante.

Pode ver-se no *Diccionario* de Innocencio, no artigo referente a Thomé Pinheiro, o caso todo, e muitas especies curiosas no assumpto.

*

A rua *da Cruz*, sobre a qual dá a entrada do pateo do palacio do Conde das Alcaçovas, é a 3.ª á es-

querda subindo da rua de S. Bento para a dos Poyaes. Por causa de outras que havia, trocaram-lhe o nome em rua *da Cruz dos Poyaes,* pelo edital de 1 de Setembro de 1859.

Em 1600 e tantos accendeu-se muito em Lisboa a adoração da sagrada Cruz (1); fizeram-se em varios sitios oratorios, nichos, e cruzeiros, onde o symbolo dos christãos era festejado dos visinhos; e foi provavelmente pelo mesmo motivo, que sobre tantas portas de casas e quintas se vê a Cruz.

No fim d'esta rua, lá em baixo, na intersecção com a rua *do Poço dos negros,* no canto formado hoje pela esquina nordeste, houve uma Cruz de madeira, chamada pelo povo *a vera-Cruz dos Poyaes;* faziam-se-lhe muitas festinhas devotas.

O *Anatomico jocoso* (T. I, pag. 276) descreve-a assim com o seu estylo faceto e original:

«Quando vamos para S. Bento, á mão direita virando para acolá, está uma Cruz n'aquelle canto; e está no canto parece que de amuada por esquecida. A fabrica é carunchosa; e ainda agora na architectura se lhe divisa bem a traça. Das ilhargas tem duas taboinhas, onde se advertem duas almas em meios corpos; uma terá seus vinte annos, e é de mulher; e a outra de homem que foi n'esta vida barbadinho; ou é tão antiga a pintura, que tal homem já de velho tem umas barbas até aqui...... Tem diante uma lanterninha».

---

(1) Vide *Triumphos da salutifera Cruz de Lisboa* — Lisboa — 1640 — 4.º — por Martim Affonso de Miranda.

N'esta rua *da Cruz*, ja em 1791, na porta que em 1820 era n.º 6, morava o conhecido Thomé Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso, Official de linguas da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e peritissimo em grego, latim, francez, italiano, hespanhol, inglez, dinamarquez, sueco, allemão, hollandez, turco, arabe, e russo. Um verdadeiro Mezzofanti! A's suas obras allude Innocencio no artigo respectivo.

Da dissimulação politica, dos calculados silencios do General allemão Von Moltke dizia não sei quem:

— Sempre é sujeito que se sabe *calar*... em sete linguas.

O nosso Thomé Barbosa *falava* em treze!!!

Amigo, protector dedicado e constante do eminente e fogoso Bocage, que o adorava a seu modo, gloriava-se de uma tal amisade; o amigo immortalisou-o n'uns poucos de sonetos satyricos de primeira ordem, dos quaes ria antes de mais ninguem

o guapo charlatão Thomé Barbosa.

*

Na mesma casa morava outro Official dos Estrangeiros, Ayres de Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso, irmão de Thomé (1).

---

(1) *Almanack* do tempo.

*

Na mesma rua, no palacete hoje n.º 16 morou e falleceu a 7 de Dezembro de 1901, com dôr dos seus, e dos amigos, o talentoso D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo, Conde de Villa Franca do Campo, sujeito de elevados dotes, que infelizmente não aproveitou tanto quanto devia. Já ahi tinha fallecido a snr.ª Condessa, D. Minna Shore.

O Conde de Villa Franca, filho 2.º da Casa de Mesquitella, era um talento. Discipulo e amigo de Garrett, amigo e discipulo de Castilho desde a ilha de S. Miguel, onde, como Governador Civil interino, muito auxiliou a diffusão do Methodo de Leitura, escriptor vernaculo, historiador e rebuscador infatigavel (quando estava para isso), tinha todos os predicados para deixar a mais opulenta bagagem litteraria. A sua conversação noticiosa, servida por memoria prompta e photographica, era por si só um diccionario.

Mas a vida diplomatica, as viagens, a existencia mundana, dissiparam esses ricos cabedaes, com profunda pena dos applicados.

Serviu como Addido em S. Petersburgo, na Legação, como Secretario em Madrid, como Secretario em Roma, na Embaixada, e como Ministro plenipotenciario em Madrid. Os seus officios e relatorios devem attestar a força das suas faculdades, que tinham, antes de mais nada, uma sagacidade espantosa.

Foram os seus ultimos mezes um vegetar tristissimo, um clarão apagado de tão alto espirito.

Se, entre as saudades que lhe consagro, me fosse licito engastar aqui uma scena burlesca de boa caturreira (inseparavel dos Mesquitellas) contaria o seguinte:

Chamava-lhe eu sempre *mestre*, e elle correspondia-me com egual titulo nobiliario. Uma bella manhan entro, e encontro-o n'um gabinete, entre as mãos do seu barbeiro, que o escanhoava. O grupo ficava de costas para a porta por onde penetrei. Conforme o costume saudei-o com enthusiasmo, bradando:

— O' mestre!

Quem se virou? foi o barbeiro boquiaberto e espantado.

A risota foi enorme.

Tudo saudades!...

*

No palacio contiguo, n.º 10 morou uns dez ou onze annos, até 1853, João Paes de Faria Pereira do Amaral e Meneses, casado com a snr.ª D. Maria Joanna de Barros (Santarem), e ahi nasceram alguns de seus filhos e filhas, todos fraternaes amigos meus. Mudou-se em 1853 este nobre casal para a travessa *do Pombal*, e d'ahi em 1856 para o seu palacio da rua *do Sacramento á Lapa*, onde João Paes falleceu a 5 de Dezembro de 1859.

Era João Paes um verdadeiro Nobre portuguez: serio, honrado, affectuoso, e polidissimo. Militou no partido do senhor D. Miguel, o que o não impedia, como homem educado, de tirar sempre o chapeo quando passava a senhora D. Maria II. Era uma Prin-

ceza da Casa de Bragança, e era o Chefe do Estado; bastava isso a João Paes; não indo ao Paço, comprimentava-a, como devia.

A Rainha conhecia-o de vista, e dizia varias vezes a uma das suas Damas, proxima parenta d'elle:

— Encontrei hoje teu primo João; é o miguelista mais bem creado que eu conheço.

*

Se a rua *da Cruz* corria d'antes até á rua *das Gaivotas*, o lanço meridional emancipou-se-lhe, e denominou-se autonomicamente *de Caetano Palha*.

Quem era? não sei; consta-me apenas ter sido o proprietario de um predio ahi.

«Quem quizer comprar umas casas nobres..... etc., — diz um aviso da *Gazeta* em 1804 — fale ao senhorio, que assiste nas casas que foram de Caetano Palha, na rua do mesmo nome» (1).

*

Resta-me por ultimo referir-me ao notavel Jacome Ratton, auctor do precioso livro *Recordações*.

Dias depois do terremoto de 1755, vendo destruida a sua habitação, alugou o quarto terreo sobre o jardim do palacio do Conde de S. Lourenço a Santo Amaro; «sitio que escolhi — explica o pro-

(1) *Gazeta* — 2.º supplemento ao n.º 25, de 23 de Junho de 1804.

prio — por se ter fixado a Alfandega nos armasens terreos e de abobada do terraço da quinta do Conde da Ponte, junto ao marco da dita praia» (1).

D'ahi passou em 1760 para a casa que faz a esquina occidental da mencionada rua *da Cruz* sobre a *dos Poyaes de S. Bento*, casa então acabada de construir por Manuel José de Aguiar, Official maior da Secretaria do Reino (2).

Ainda conheci esse predio com o aspecto antigo, mas foi renovado e accrescentado com 2.º andar ha uns dez annos.

*

Temos que visitar aqui perto o Collegio de S. Pedro e S. Paulo, vulgarmente chamado *os Inglezinhos*.

A Carta Regia de 20 de Novembro de 1621 auctorisa em Lisboa a fundação de um Seminario de Sacerdotes catholicos inglezes sob a inspecção do Inquisidor geral; e foi D. Pedro Coutinho, senhor e possuidor de umas casas ao Bairro alto, quem as doou para n'ellas se estabelecer o Seminario. Começou-se a obra em 1632, muito differente do que lá vemos hoje.

Se até ha mudanças consideraveis desde o tempo em que na minha meninice eu ali frequentava com senhoras da minha familia os officios divinos! Fizeram-se de então para cá muitas obras na portaria,

---

(1) *Record.*, pag. 29.
(2) *Record.*, pag. 31.

que deram a esse lado do edificio nova apparencia, como ao interior do templo.

Quadros notaveis, não sei que os haja ali; apenas me consta que Lourenço da Cunha no seculo XVIII pintou *uma perspectiva,* que de certo não existe (1).

O destroço do terremoto foi grande no Seminario. Diz a minha *Narração* coeva, muitas vezes alludida:

«No Collegio dos Inglezes de S. Pedro e S. Paulo morreu o seu antigo Presidente, o qual, indo fugindo pela porta fora, cahiu a torre do sino e lhe tirou a vida» (2).

O que nos seculos XVII e XVIII foram (graças ao bom gosto e ás diligencias dos setenta Padres da Companhia) as festas de S. Roque, são-n-o hoje as dos *Inglezinhos* (este diminutivo é uma prova da affeição que se lhes consagra). Ali concorrem cada semana, e principalmente na Semana Santa, muitas familias, levadas da maneira correcta e devota como se celebra o culto. O Collegio dos Inglezinhos timbra na observancia rigorosa da liturgia; tudo lá se faz com raro primor e devoção encantadora.

Praticam-se tambem n'aquella casa todas as virtudes christans; o bom exemplo mantem-se como tradição nunca interrompida. E' bello ver aquelles estudiosos e sizudos mancebos, vindos de tão longe.

(1) Cyrillo — *Memorias*, pag. 197.
(2) Pag. 32.

e respeitados de toda Lisboa, começarem tão cedo e tão bem o aprendisado do viver!

*

Tem para mim este Seminario inolvidaveis recordações de infancia. Achando-se meus Paes em Ponta-Delgada, foi nos Inglezinhos que estreei com o Rev.do José Ilsley a custosa ascensão da cordilheira chamada Latim. Foi ali que principiei a trepar pelos penedos das declinações. O *Hora horæ* figurava-se-me a pino! o *Servus servi* parecia despenhar-se-me por sobre a cabeça! Terriveis horas de aridez curtem os pequenos antes de avistarem os horizontes azues das *Bucolicas* e da *Eneida!*

Chegou pouco depois o sensato methodo de Lemare, passado pela cariciosa voz de meu Pae... e avistei esses horizontes.

CAPITULO XL

Na actual rua de *S. Pedro de Alcantara*, no sitio do predio n.º 75, viam nossos paes (mas já não vemos nós, porque foi demolido e transformado) o edificio do Collegio, ou Albergue, dos Clerigos pobres.

Fundaram-n-o, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, Ruy Corrêa Lucas, morgado, do Conselho d'el-Rei D. João IV, Tenente General de Artilharia, e sua mulher D. Milicia da Silveira, por disposição expressa no seu testamento de 12 de Dezembro de 1651. Condoídos da pobreza de alguns Clerigos, que da provincia vinham a Lisboa tratar dos seus negocios, e a quem era difficil achar albergue decente e barato nas pessimas estalagens de Lisboa, determinaram fundar de seus bens um hospicio, onde treze d'elles podessem achar guarida temporaria e sustento, obedecendo aos regulamentos rasoaveis e ordeiros que se lhes determinassem. Queriam os beneficos testadores que os Provinciaes dos Carmelitas descalços acceitassem a obrigação,

que em nome do Amor Divino se lhes impunha, de visitar ou mandar visitar annualmente o dito Recolhimento, intervindo na nomeação dos Reitores, officiaes e serventes, e no provimento de sete dos Clerigos que se apresentassem para a entrada; queriam tambem que, sobre o provimento dos restantes seis, dessem parecer os Provinciaes dos Capuchos com os Guardiões do seu convento de Santo Antonio (ao Campo de Sant'Anna).

*

O Conselheiro de Estado José Silvestre Ribeiro, na sua obra *Historia dos estabelecimentos* (1), accusa os Carmelitas pela «falta de caridade e ausencia de sentimentos nobres e generosos, com que se houveram» não acceitando a mencionada disposição testamentaria, e diz que «para não interromperem o *dolce far niente* que disfructavam, se recusaram a cumprir a vontade dos pios fundadores do Recolhimento».

Com o respeito devido a José Silvestre Ribeiro, o laborioso, o infatigavel exemplo dos novos, permitta-me a sua honrada memoria que eu invoque os *sentimentos nobres e generosos* de que elle deu provas toda a vida, para não concordar em absoluto com a sua insinuação. José Silvestre Ribeiro, homem de 1834, mantinha talvez, no fundo do coração, pouca sympathia para com os Frades, e quero

(1) T. II, pag. 104.

crer se deixaria levar por ella n'este caso. Podemos nós por ventura apreciar sem provas os motivos que levaram os Carmelitas a essa recusa? ser-lhes-hia agradavel a ingerencia em commum com os Capuchos? não poderia haver algum outro motivo licito e confessavel que os maniatasse, e que hoje não nos é dado avaliar? Não foi de certo, «para não interromperem o *dolce far niente*» que declinaram a incumbencia. A ociosidade d'elles era o trabalho, era a predica, era o tribunal da penitencia, era a cathechese opportuna e importuna, era a fundação de casas religiosas por todo o Reino, com o abençoado cortejo de beneficios espirituaes e temporaes que traziam essas fundações, era a conversão dos transviados, era o estudo e a instrucção publica, era a dedicação até ao martyrio, era emfim tudo que fazia dos Carmelitas descalços, verdadeiros benemeritos da ideia patriotica, e da ideia religiosa. Esse é que era o seu *dolce far niente.*

De mais a mais, mestre, não creio que os encargos impostos pelo testamento de Ruy Corrêa Lucas fossem pesados; limitavam-se a *visitar,* ou *mandar visitar* o Recolhimento, *uma vez por anno*, e a intervir na nomeação dos empregados e dos azylados. Eram isso incumbencias que incommodassem? não.

Portanto, se declinaram a imposição, lá tiveram suas rasões, certamente plausiveis; e doe-me ver, que um caracter como o do escriptor a quem respondo, amigo de meu Pae, meu amigo, e meu animador, formulasse, em hora mal humorada, essa accusação, que me parece pouco justa.

*

Fosse como fosse, o Recolhimento foi fundado, certamente com applauso dos Carmelitas e de toda a gente. Onde? respondam os instituidores.

«Queremos, — diz o seu testamento — e ordenamos, que nas casas d'este vinculo, que estão defronte de S. Roque (1), se faça um Recolhimento capaz de n'elle se recolherem treze Clerigos pobres, etc.»

Seria talvez a morada dos dois conjuges, e elles desejavam consagral-a a um fim util e piedoso.

Começou-se a edificar a egreja em 18 de Abril de 1722, segundo João Baptista de Castro, isto é, setenta e um annos depois do testamento de Ruy Corrêa Lucas; taes seriam as difficuldades na execução do legado!

*

Passado quasi um seculo, a instituição cambaleava nos seus alicerces; não me refiro ainda ao terremoto, mas ao desleixo e desamparo moral que perseguiu a fundação.

E foi então, em 1747, que, por Decreto de 14 de

(1) Esse *defronte* hoje parece-nos um pouco elastico; mas n'aquelle tempo era marcação quasi certa; isto é, que estavam no lado opposto á casa professa, unica balisa que o sitio tinha.

Dezembro, el-Rei D. João V a tomou sob sua protecção; e diz:

«Por Me ser presente que Ruy Corrêa Lucas e sua mulher D. Milicia da Silveira, no seu testamento de mão commum, com que falleceram...... mandaram fundar n'esta cidade um Recolhimento para treze Sacerdotes pobres, que, sendo naturaes de outras terras, viessem a ella aos seus requerimentos e negocios;........ e sendo justo e conveniente que a dita instituição, tão pia e tão util, se cumpra e promova pelo melhor modo possivel, supprindo as providencias intentadas, ou dadas, pelos instituidores, mas sem effeito:........ Hei por bem tomar o sobredito Recolhimento sob a minha Real protecção, e recommendar apertadamente á Mesa da Consciencia e Ordens que faça cumprir as disposições testamentarias dos ditos instituidores; e para este fim, todos os annos, pela pessoa que mais idonea lhe parecer, não sendo algum dos Ministros d'ella, mandará visitar o dito Recolhimento, na mesma forma que os Provinciaes dos Religiosos Carmelitas descalços deveriam visital-o, conforme as disposições dos seus instituidores.. ..» etc.

A Rainha D. Maria I approvou e confirmou os estatutos d'este Collegio, por seu alvará de 19 de Dezembro de 1788.

*

Ha vestigios de alguns dos Reitores, que foram, segundo Castro, Henrique Henriques de Miranda,

José Galvão de Lacerda, Rodrigo de Oliveira Zagallo, e Francisco Carneiro de Araujo, subordinados ao Provedor dos Residuos, e á Meza da Consciencia e Ordens.

Em 1755 a grande catastrophe arruinou bastante o edificio; mas reparou-se, e a frontaria ficou melhorada no seu prospecto.

*

O minucioso José Valentim de Freitas, sempre attento ás transformações de Lisboa, e com quem eu me teria dado tão bem se o tivesse conhecido, deixou n'uns apontamentos hoje existentes no Museu dos Archeologos o seguinte:

«O collegio dos Clerigos pobres ficava situado passando a travessa da Cara, indo de S. Roque, e o primeiro predio que ha na esquina, e logo era a porta de entrada para o Collegio. Seguia-se a porta da egreja, com a janella por cima, e seguiam-se outras janellas da mesma. A porta ficava ao lado, como as dos conventos de freiras, e a capella mór ficava para o norte. A imagem tinha camarim, e a imagem da Senhora da Conceição de vulto. Passando no dia 26 de Setembro de 1858, vi que no sitio da egreja e do collegio se estava fazendo um predio».

*

Por decreto de 22 de Agosto de 1853 foi supprimida a instituição, burlando-se d'esse modo a ultima

Hospicio dos Clerigos pobres em 1833
(segundo Gonzaga Pereira)

vontade dos fundadores, como costumam sempre os governos *liberaes*. Oito reinados successivos appro-

varam a fundação, e colheram d'ella bons fructos de caridade. O Decreto de 1853, talvez mais sabio, e mais caridoso, obrigou a mão de uma Rainha virtuosa a annullar o que dois seculos tinham admirado.

O que valeu foi a forma do Decreto. Supprimindo o Collegio applicava os rendimentos do patrimonio dos instituidores á manutenção do Seminario patriarçhal, ficando o mesmo Seminario obrigado a satisfazer os encargos pios do culto Divino. O edificio foi adjudicado á Misericordia. Annos depois era transformado no predio de aluguer, hoje n.º 75 e, cujo primeiro andar foi a ultima residencia urbana do eminente e talentosissimo José Maria Latino Coelho, o qual falleceu em Cintra, estando a ares.

*

Havia tambem um *Hospital para Clerigos pobres,* fundado por D. Antonio Mascarenhas fallecido a 4 de Setembro de 1637, de quem trata largamente a *Bibliotheca Lusitana;* mas não sei dizer que parentesco ou ligação tinha com o Recolhimento.

*

Existe na parochial da Encarnação uma *Irmandade dos Clerigos pobres,* que nada tem que ver com o extincto *Collegio de Nossa Senhora da Conceição para Clerigos pobres* (1).

---

(1) Tudo quanto deixei, ou quasi tudo, é extrahido da *His-*

*

Tenho á vista os *Estatutos* de outra aggremiação ecclesiastica, extranha tambem á fundação de Ruy Corrêa Lucas: a *Veneravel Irmandade dos Clerigos pobres,* com o titulo da Caridade e Protecção da Santissima Trindade, erecta no Hospicio do Clero em Santa Martha.

Já existia em 1415; o seu primeiro Estatuto é de 1452; e teve outros, até este, que é de 31 de Janeiro de 1896. Foi em 1887 que o Prior actual de Santa Engracia, o meu amigo Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, sendo Secretario de Sua Eminencia o senhor Cardeal Patriarcha D. José III, conseguiu, com o auxilio de varias pessoas, transformar a Irmandade n'uma Associação de soccorros mutuos. Honra seja a todos os que, por qualquer forma, auxiliam este benefico instituto.

*

Mais duas noticias, que para uns serão insignificantes, mas que para outros servirão:

1.ª — O Conde de Sandomil, Fernando Xavier de Miranda Henriques, morava em 1791, como diz o *Almanack,* a S. Pedro de Alcantara. Em que predio?

2.ª — Na calçada *de S. Pedro de Alcantara* n.º 5,

---

toria Genealogica da C. R., T. XI, pag. 663, do *Mappa de Portugal*, mihi edição de 1870, T. III, pag. 158, da *Historia dos estabelecimentos,* T. II, pag. 101 e seg.

1.º andar (julgo ser a *rua* do mesmo Santo) havia em Janeiro de 1814 annunciados para venda dezasseis paineis do Apostolado, obra do insigne Pedro Alexandrino de Carvalho. Quem os quizesse podia dirigir-se ahi, em qualquer hora, a um Francisco de Paula e Mattos, com quem trataria do ajuste. Onde pararão hoje? (1)

(1) Vide *Gazeta de Lisboa*, n.º 19, de 22 de Janeiro de 1814.

CAPITULO XLI

Pouco a diante encontra-se o que outr'ora foi mosteiro de S. Pedro de Alcantara, e hoje é um Collegio dependente da Misericordia. Historiemos.

Antes da batalha de Montes-claros, fez voto o 3.º Conde de Cantanhede e 1.º Marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Meneses, de erigir um convento de Religiosos Arrabidos, caso o exito fosse favoravel aos Portuguezes.

Cumpriu-se o voto a 12 de Agosto de 1680; e para a nova casa, ainda resumida e mesquinha, se transferiram os monges de um pequeno hospicio em que habitavam a baixo da ermida da Senhora do Alecrim, com serventia para

a rua *das Flores,* hospicio muito visinho do palacio do mesmo Marquez, que era no sitio exacto onde estiveram os *casebres do Loreto,* e onde hoje vemos, com o seu monumento, a praça *de Luiz de Camões.* Tudo isso ficou descripto no capitulo IX do volume II.

No sitio novo eram umas casas do Conde de Avintes, e outras de Marcos Rodrigues Tinoco (1). N'um d'esses predios, ou n'algum outro contiguo, no logar «onde existe grande parte do Convento de S. Pedro de Alcantara», diz Barbosa Machado, nasceu em 1558, e falleceu em 23 de Outubro de 1628, com setenta annos, D. Frei Thomé de Faria, Bispo de Targa, Coadjutor do Arcebispo D. Miguel de Castro (2).

Tanta affeição tinha ao convento o fundador, o dito Marquez de Marialva, illustre general na guerra da Restauração, que desejou que a sua sepultura fosse ahi (3); o seu coração foi levado para S. Vicente, e jaz (ou *jazia;* em Portugal as mudanças são tantas, que nunca se sabe que tempo dos verbos se deve empregar) junto da urna do seu amigo D. João IV, com um epitaphio em verso latino (4).

O edificio, com uma pequena egreja, abrangia o

---

(1) Carvalho da Costa — *Chorog.*, T III, pag. 475. O meu amigo o snr. Victor Ribeiro teve a bondade de me denunciar, a pag. 327 do T. VII, e 401 do T. VIII dos *Elementos* do snr. Freire de Oliveira, documentos que plenamente confirmam o que ahi fica.

(2) *Biblioth. Lusit.*, T. III, pag 755.

(3) *Hist Gen.*, T. V, pag. 282.

(4) *Hist. Gen.*, T. VII, pag. 238 e T. V, pag. 282.

quarteirão enquadrado entre as ruas: *da Rosa,* pelo poente, travessa *da Estrella,* pelo norte, uma viella pelo nascente, communicando esta com a actual travessa *de S. Pedro* (que se chamou *do Sacramento),* e esta travessa pelo sul. Essa tal viella, que parece não tinha denominação municipal, e media vinte e quatro varas de comprido, e quatro e meia de largo, é designada n'um documento de que vou falar, como «travessa que vai das casas de Marcos Rodrigues Tinoco para a rua *dos Moiros»;* era quasi inutil, e servia de monturo, atulhada de immundicies até á altura de meia lança, e, por signal, achava-se vedada de cancellas. (Acho graça a essa vara de medir empregada antigamente: a lança; recordação militar dos valorosos Portuguezes. «Tem esta gruta — diz o Padre Cordeiro, pouco mais ou menos, descrevendo certa gruta na ilha de Santa Maria — a altura de tres lanças».)

Apeteceu o Marquez ampliar o seu piedoso edificio, accrescentando-o com a capella mór que faltava ao templo; para esse accrescento necessitava occupar a viella; pediu-a á Camara, allegando ser de tão pouca utilidade para o povo, que quasi ninguem a transitava. tanto que se achava cancellada; e o povo tinha a rua *do Teixeira*, que então se prolongava mais do que hoje, e, atravez do que é hoje convento, ia desembocar á rua *do Moinho de vento,* e tinha a *dos Moiros,* que fazia angulo recto (como agora) com a travessa *de S. Pedro*, que ia dar na rua *da Rosa.*

O Senado mandou examinar a localidade, e, apesar de inclinado ao *sim,* viu-se influenciado pelo voto

do Vereador Matheus Mousinho, que optou pelo *não*. Os Arrabidos, dizia elle, teem praça de sobra para o seu convento e para a sua egreja, começando a edificar desde a portaria e pateo (que ainda lá está), e continuando para o nascente até á viella; não convindo á formosura do sitio que edifiquem até á rua *do Moinho de vento,* como de certo tencionariam.

El-Rei conformou-se com esta opinião (1).

Como disse, a edificação era apoucada. Marcos Rodrigues Tinoco visinho d'esses Frades Arrabidos, possuia umas casas ahi, apenas separadas d'elles pela insignificante travessa; deixou-lh'as em testamento. O 2.º Marquez, empenhado em favorecer a fundação paterna, requereu a concessão do terreno da dita travessa. O Rei por decreto de 16 de Julho de 1680 mandou consultar a Camara, que deu então parecer favoravel, tomando os Frades o quarteirão todo, ampliando o seu edificio, e construindo a egreja (2).

D. Verissimo de Lancastre, Cardeal, Arcebispo de Evora, fallecido a 13 de Dezembro de 1692, mandou fazer no adro um jazigo para si; quando se concluiu entrou n'elle, e disse para os Religiosos que o acompanhavam aquillo do Psalmista:

«Eil-a para todo sempre a minha morada; hei-de n'ella habitar, visto havel-a escolhido» (3).

(1) *Elementos.*, T. VII, pag. 327.
(2) *Elementos*, T. VIII, pag. 401.
(3) *Hæc requies mea in sæculum sæculi; hic habitabo quoniam elegi eam* — *Psalm.*, 131, 15.

Assim o conta o illustrado auctor do *Gabinete historico* (1), e diz mais a diante que, tendo o jazigo sido collocado no adro, ficou dentro no recinto do templo, á entrada, pelas obras de reconstrucção subsequentes a 1755, por se haverem accrescentado a este mais quatorze palmos para o alpendre. O lettreiro epigraphico achava-se já no tempo d'esse auctor inteiramente gasto, e nem se conheciam as lettras; mas elle se encarregou de nos dizer que podiam os curiosos achar o texto a pag. 562 da 2.ª Parte da *Chronica da Provincia da Arrabida,* e 299 do T. XI da *Historia Genealogica* (2).

Foi o celebre engenheiro Manuel da Maia, quem fez a casa do capitulo (3); e el-Rei D. João V quem custeou a edificação dos dormitorios; resistiram ao terremoto (4).

Sobre a porta do carro havia uma estatua de S. Pedro, por Machado de Castro (5); onde estará hoje?

De um quadro de Pedro Alexandrino, n'esta egreja, representando S. João em prédica na montanha, diz Raczynski, sempre severo, que, a ser d'esse artista, é melhor trabalho que a maioria dos d'elle. O painel do altar mór não é mau, mas tudo mais não lhe merece mencionado (6).

---

(1) T. V, pag. 49.
(2) Frei Claudio da Conceição — *Gab. hist.,* T. V, pag. 52.
(3) Id. — Ibid. T. XVI, pag. 223.
(4) Id. — Ibid., T. XI, pag. 314.
(5) Cyrillo — *Mem.,* pag. 265.
(6) *Les Arts en Portugal,* pag. 291.

Convento de S. Pedro de Alcantara em 1833
(segundo Luiz Gonzaga Pereira)

«Esta egreja e convento padeceu grande ruina em o dia do terremoto — conta uma testemunha coeva;

— porque tudo que se diz convento da fundação, principiando do frontispicio da egreja, dormitorios, portaria, sacristia, casa do capitulo, menos o claustro, refeitorio, *de profundis*, e cosinha, tudo se prostrou e destruiu, com todos os livros e coisas pertencentes ao côro, e com a perda de bastantes pessoas. Acham-se presentemente accommodados os Religiosos em varias cellas e casas do mesmo convento da reedificação moderna; e a egreja no sitio onde era a portaria do carro, debaixo de uma grande abobada, accrescentando-se uma barraca em um pateo, que faz capella, côro, e sacristia; e aqui se fazem os actos da communidade e funcções ecclesiasticas, em quanto se não conclue a reedificação fundamental» (1).

A minha *Narração* manuscripta narra: (2)

«A egreja dos Religiosos Capuchos Arrabidos de S. Pedro de Alcantara cahiu inteiramente, e matou um Religioso leigo. De seculares morreram muitos, especialmente mulheres, por ser então o maior concurso d'ellas».

Restaurou-se e concluiu-se o edificio como hoje o vemos.

*

Do bello livro, já citado a pagina 281 do meu vo-

---

(1) J. B. de Castro — *Mappa*, freg. da Encarnação.
(2) Pag. 31.

lume I, em que o snr. Victor Ribeiro compendiou com muito trabalho e raro criterio a historia complexa da *Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, vou extratar, com a devida venia, a descripção do templo actual de S. Pedro de Alcantara:

«A entrada da egreja — diz o snr. Ribeiro — faz-se sob uma galilé de tres arcos. A' mão esquerda, tambem debaixo da galilé, abre a portaria do Recolhimento; á direita outra porta dá accesso á riquissima capella dos Lancastres.

«O edificio foi delineado conforme os rigores da Ordem. As paredes lateraes estão cheias de confessionarios mettidos na parede. A egreja é pequena, mas bonita, e bastante rica em bellezas artisticas. Foi restaurada em 1878. Por esta occasião foi encarregado da decoração principal do tecto da egrejá, cujo effeito de ornamentação a claro-escuro ainda hoje se admira, o habil artista decorador Pierre Bordes, que por muitos annos trabalhou em Lisboa, onde falleceu, deixando muitas obras do genero decorativo, por elle executadas, ou feitas sob a sua direcção, entre as quaes sobresaem principalmente as do templo da Memoria em Belem, e as pinturas da galeria que circumda a escada dos Paços do Municipio, em Lisboa (1).

«Ha na egreja de S. Pedro de Alcantara — con-

---

(1) Vide o livro do snr. Picotas Falcão *O Municipio de Lisboa e as casas da sua Camara*, pag. 107 e seg. (Nota do snr. Ribeiro.) E o auctor da *Lisboa antiga* accrescenta, sem temer que o taxem de exagerado: o livro do snr. Picotas Falcão é

tinua o snr. Ribeiro — cinco capellas: a primaria, ou principal, com duas adjacentes, no topo da egreja, e duas nas paredes lateraes. A principal tem a Imagem de Nossa Senhora, e as de S. Francisco e S. Domingos; as duas capellas immediatas são de Santo Antonio e S. José, e as lateraes de S. Pedro e S. Francisco, servindo esta de capella do Santissimo. As imagens são dignas de attenção, sendo a mais bella a do Padroeiro.

«Dos quadros, além do retabulo, notam-se dois grandes paineis nas paredes lateraes; um, de auctor desconhecido, representando a Virgem em gloria; e o outro, original de Antonio Quillard, representando a Santissima Trindade coroando a Virgem. Quillard, discipulo de Watteau, natural de París, veio para Lisboa, contratado por D. João V, como pintor de flores, mas deixou muitos trabalhos em differentes generos, quadros, tectos, e pinturas nos coches regios de gala. Era tambem gravador e desenhador da Academia. Morreu em 1733.

«Na parede da esquerda, junto á tribuna, admira-se um grande quadro, que devia ter sido magnifico, e representa S. João Baptista prégando no deserto, sendo o Santo pintado por Pedro Alexandrino, um dos nossos mais celebres pintores.

«Em 1878, por occasião da restauração da egreja, esteve tambem ali o habil restaurador snr. Joaquim

---

um bello estudo, que dá muita gloria a quem o escreveu. Hei-de no futuro referir-me largamente a essa obra difficil e segura, que tanto abona a laboriosidade e o zelo do seu esperançoso compillador.

Prieto, limpando, contratelando, e arranjando varios quadros, que enumera no orçamento pela seguinte forma:

«Um quadro grande do côro, attribuido a Sampayo;

«Treze quadros do côro, com assumptos allusivos á vida de S. Pedro de Alcantara, dos quaes foram alguns contratelados;

«Um do altar do Santissimo, que foi contratelado;

«Quatro dos altares lateraes, os tres grandes paineis a que nos referimos, quatro da capella mór, dois dos quaes se achavam bastante deteriorados, assim como a parte superior do grande quadro de Pedro Alexandrino; e finalmente o quadro do camarim, representando S. Pedro de Alcantara em gloria, attribuido a Cyrillo Wolkmar Machado, muito repintado, e outro menor, que o completa.

«Restaurou ao todo vinte e sete quadros. Em 1885 contratelou e restaurou mais dois quadros da capella mór, e outros......»

*

Passa o snr. Ribeiro a enumerar os retratos dos Prelados illustres da Ordem, antigamente conservados, como em galeria, na chamada sala dos Bispos. Quando foi Provedor o conhecido Joaquim Antonio de Aguiar, mandou-os retirar d'ali. Era logico: Frades... nem pintados. Aquelles bons homens, virtuosos, honrados, tolerantes, offuscavam-n-o. Oh! *liberaes!...*

*

Abstenho-me de continuar com transcripções do notavel livro do snr. Ribeiro, bom em absoluto, optimo como estreia. Elle que apresente ao leitor curioso as sepulturas, e descreva os pormenores do edificio. Gloria a quem assim emprega as suas faculdades.

E' de crer que o Provedor actual, o snr. Antonio Augusto Pereira de Miranda, tenha avaliado o que merece o livro d'este zeloso empregado da casa, e em nome do estabelecimento que dirige lhe tenha dado provas claras, espontaneas, inequivocas, de que sabe apreciar um livro d'aquelles. Se honra o auctor, honra muito mais o seu assumpto. Como chefe, o snr. Miranda comprehende-o de certo.

CAPITULO XLII

Da alameda e do jardim de S. Pedro de Alcantara disse já muito o meu mestre Vilhena Barbosa (1). Se o leitor o consultar verá confirmado o rifão que principia: *Em casa cheia...*

No emtanto, sempre accrescentarei algumas bagatellas.

*

Essa grandiosa muralha, principio de uma enorme mãe de agua ali projectada pelo Governo d'el-Rei D. João V, para abastecer por meio de uma arcaria colossal (como a de Alcantara) os Bairros orientaes de Lisboa, ficou para ali limitando um recinto de terra e pedregulhos, que servia de monturo á visinhança.

«A muralha de S. Pedro de Alcantara — escreve

---

(1) *Estudos hist. e arch.* — e *Arch. Pitt.*, T. V, pag. 193 e seg.

um bom informador — era um deposito de animaes mortos. Os moradores das ruas subjacentes requereram em 1822 para que se impedisse o lançamento de animaes mortos pela muralha a baixo, o que causava um cheiro insupportavel» (1).

No taboleiro superior costumava certa Irmandade realisar uma feira, ou arraial; em 1821 já a Policia não a auctorisou, «allegando o Corregedor do Bairro alto, não só o pouco lucro que aquella corporação tirava, mas que a muralha estava embaraçada com bastante madeira e pedra, e que trabalhavam lá os cordoeiros» (2).

Quando o quartel da Policia foi, como logo explicarei, ali proximo, no palacio dos Ludovices, os soldados encarregaram-se de limpar, desembaraçar, e terraplanar o sitio, o que deu a ideia de ahi fazer um jardim.

As cavalhariças das companhias de cavallos eram n'uns barracões, no sitio exacto, hoje terraplanado, que faz fundo ao taboleiro superior do jardim de S. Pedro de Alcantara, e deita sobre os empinados quintaes dos predios da rua *das Taipas*.

*

Era este jardim sitio muito valído de S. M. a Im-

---

(1) Tinop (João Pinto Ribeiro de Carvalho) — *Lisboa de outros tempos*, T. II, pag. 77.

(2) Id., ibid., pag. 76.

peratriz D. Amelia de Beauharnais, Duqueza viuva de Bragança, como diz em 1840 um jornal lisbonense escripto em francez:

«Sua Majestade a Imperatriz — palavras do articulista — gosa excellente saude assim como sua Augusta Filha. Honrou com a sua presença o Real Theatro de S. Carlos sexta feira 6 do corrente, e vai frequentes vezes ao Passeio de S. Pedro de Alcantara, ao qual Sua Majestade é especialmente affeiçoada» (1).

Era então este Passeio, como todos ainda o conhecemos, um lindissimo ponto entre os mais lindos de Lisboa. Dividia-se, e divide-se, em duas partes: a alameda superior, e o jardim propriamente dito. Em cima um bosque de frondosas arvores, muito varrido, dominando uma das vistas mais dilatadas e pittorescas de Lisboa, e orlado de uma rua larga cheia de boas casas. Em baixo um jardim á antiga, com ruas de buxo muito aparado, arbustos, um tanque maior com cascata, e outro pequenino com repucho. Bustos de marmore adornavam as ruas tapisadas de fina areia. Ainda lá estão.

Recinto do maior agrado, e que parecia afastado de Lisboa muitas leguas, pelo seu silencio e ar bu-

---

(1) *S M. l'Impératrice jouit d'une excellente santé, ainsi que son Auguste Fille. Elle honora de Sa Présence le Théatre de S.t Charles, vendredi le 6 du courant, et va souvent à la promenade de S. Pedro d'Alcantara, que Sa Majesté affectionne particulièrement.*

L'Abeille, de 15 de Novembro de 1840.

colico; sitio muito dilecto do Cupido *platonico,* para quem a conversação e um passeio em commum satisfazem todas as ambições. Viam-se pares affectuosos conversando, e dando largas aos seus devaneios na contemplação da Baixa e dos morros orientaes. O peor foi que o parapeito de pedra tentou os suicidas, e muitos casos tristes de allucinados, attrahidos pelo abysmo, se contaram ao publico em varias partes de policia.

«O snr. Conselheiro Agostinho da Silva — diz em 1862 Vilhena Barbosa no indicado sitio do *Archivo Pittoresco* — que muitos annos se encarregou obsequiosamente da direcção d'este Passeio, foi quem conseguiu leval-o ao estado em que se acha, sem grande dispendio do Municipio. Hoje é um dos mais agradaveis passeios da Cidade, muito concorrido nas tardes e noites de verão. D'ali se gosa a vista de grande parte de Lisboa e do Tejo, pois fica a 73 metros sobre o nivel do rio.

«A muralha, na sua maior altura, que deita para a rua *das Taipas,* tem 20 metros; por isso tenta os que perdem o amor á vida, e d'ali a baixo se teem lançado muitos infelizes, mormente depois que se fecharam os Arcos das aguas livres pelo mesmo motivo» (1).

*

Em Junho de 1852 foi discutida largamente em sessão da Camara Municipal uma proposta do Ve-

---

(1) Foi Castilho, na sua *Revista Universal Lisbonense,*

reador Ayres de Sá Nogueira, para se collocar uma grade na muralha d'este jardim inferior a fim de evitar os suicidios. Foi rejeitada, mas não conheço os fundamentos da rejeição (1).

Ayres de Sá, que os conhecia, e não se deu por vencido (porque a valentia não se mostra só nos campos de batalha, onde seu irmão, o Marquez, tanto se distinguiu) requereu em 7 de Julho de 1856, que, na forma das propostas por elle feitas *já mais de uma vez*, se mandasse collocar uma grade na muralha para evitar a continuação dos suicidios, ou se mandasse fechar o Passeio (2). Parece que uma tão importante proposta devia ser logo discutida e attendida. Não o entendeu assim a Camara, e reservou-a para ser discutida n'outra sessão.

*

N'isto a opinião publica sobresaltou-se, e coadjuvou o benemerito Ayres de Sá. Em sessão de 23 de Julho recebeu a Camara um officio do Governador Civil de Lisboa, remettendo copias das representações dos Administradores dos Bairros alto e do Rocio, sobre a vantagem da collocação da grade sem demora para evitar os suicidios, que se tornavam epidemicos. A Camara entendeu ainda dever adiar

---

quem encetou e proseguiu com tenacidade a grande campanha contra a estrada aberta por cima dos Arcos. Venceu felizmente.

(1) *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L. em 1852*, pag. 43.

(2) *Ann. do Mun. de Lisb.*, n.º 8, pag. 58.

o assumpto, e resolveu ficasse a discussão *para occasião opportuna* (1).

Até que emfim, em 22 de Setembro d'esse anno, se mandou fazer a grade (2).

Mandou-se fazer, sim, mas não se fez.

Quatro annos andados (isto parece fabula), em 18 de Julho de 1861 o Governador Civil officiava á Camara ponderando-lhe a necessidade da grade de resguardo (3).

O Vereador Nuno José Severo de Carvalho apresentou, em reforço a esse officio, em sessão de 15, proposta para se collocar sem demora o malfadado gradeamento (4).

Passou tempo; a grade, já feita, não se collocava. Em sessão de 5 de Abril de 1864 o Vereador Cesar de Almeida propôz aos seus collegas que se não posesse a grade em S. Pedro de Alcantara; e a Camara apoiou unanimemente esse parecer (5).

Entendo, como toda a gente, que na Camara de Lisboa tem havido sempre homens talentosos e sizudos; o que não percebo é o que actuou n'elles para essa resolução *unanime*. Não quero offender as suas memorias; limito-me a dizer que não percebo.

Mas a grade a final (não sei ao certo o anno) pôz-se, e lá está; com o que, se frustraram os suicidios, que eram horrivelmente frequentes, e amotinavam o senso commum; não só pelo que repre-

---

(1) *Ann. do Mun. de Lisb.*, 1856, n.º 9, pag. 67.
(2) *Ann. do Mun. de Lisb.*, 1856, n.º 13, pag. 99.
(3) *Arch. Mun. de Lisb.*, 1861, n.º 82, pag. 648.
(4) *Arch. Mun. de Lisb.*, 861, n.º 82, pag. 651.
(5) *Arch. Mun. de Lisb.*, n.º 224, pag. 1788.

sentavam em olvido e menoscabo da lei religiosa, mas pelo que lavravam como exemplo e suggestão.

Triumphou o honrado Ayres de Sá; exultem os seus manes.

A grade custou 516$000 réis, paga em Novembro de 1866 (1).

*

N'aquelle sitio da alameda superior, desde o parapeito do Passeio até um chafariz que ali houve, defronte d'essa copada e chilreada alameda, pelo sitio onde tinham sido os barracões da cavallaria da Policia, concedeu a Camara, em Junho de 1851, licença ao Asylo de mendicidade para collocar e alugar cadeiras aos transeuntes, que nas noites de verão eram numerosos (2). Não me lembro d'isso, e creio que as phalanges da moda não animaram a ideia.

Passados poucos annos, desejou a Sociedade promotora das Bellas-Artes em Portugal levantar ahi um elegante edificio para as suas exposições annuaes. O sitio era bem escolhido, central, desafogado, com luz do norte, e todos os mais requisitos. Em sessão da Camara de 22 de Novembro de 1866 o Vereador Vaz Rans apresentou proposta no sentido indicado. A Camara mandou informar a sua repartição technica (3).

---

(1) *Arch. Mun. de Lisb.*, 1866, n.º 360, pag. 2909.

(2) *Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L.* em 1851. pag. 15.

(3) *Arch. Mun. de Lisb.*, 1866, n.º 362, pag. 2922.

Não sei o resultado; vejo porém que nada se fez. Não ha ahi esse projectado pavilhão de Bellas-Artes, mas em compensação ha um terreiro inutil. Paciencia.

Pois não ficava ali tão bem, ao topo da alameda superior, um bonito pavilhão envidraçado no tecto, com bons salões e boa luz, com uma bella frontaria adornada de estatuas e medalhões de grandes artistas, convidativo a todo o publico, e exposição perenne de obras de profissionaes e de amadores?

Nada mais util e interessante do que o certame dos talentos. Essas mesmas salas adornadas de quadros celebrariam de vez em quando concertos, conferencias, recitações, leituras. Tudo isso prende, estimúla, civilisa.

O mais difficil estaria, me parece, em começar.

CAPITULO XLII

A alameda superior tambem foi aformoseada em 1863 com uma grade. Tomou a empreitada d'ella Antonio Candido da Encarnação, serralheiro, pelo preço de 86 réis cada kilogramma de ferro, em 28 de Maio do dito anno (1).

Ahi algures desejou o talentoso Verissimo Alves Pereira se collocasse, para uso e regalo do publico, uma meridiana de sua invenção, que, pelo toque de uma grande campainha, annunciasse o sol no zenith. Para isso officiou á Camara em 27 de Novembro de 1866 (2). Em sessão de 13 de Dezembro seguinte a meza apresentou em sessão o parecer favoravel da repartição technica, e resolveu comprar a meridiana ao inventor por 36$000 réis, e colloca-la. Não me lembro de a ter visto (3).

---

(1) *Arch. Mun. de Lisb.*, 1863, n.º 180, pag. 1436.
(2) *Arch. Mun. de Lisb.*, 1866, n.º 363, pag. 2930.
(3) *Arch. Mun. de Lisb.*, 1866, n.º 365, pag. 2946.

*

O prospecto que se gosa d'este jardim para a banda do nascente é dos mais formosos, dos mais extensos, dos mais accidentados e grandiosos, que o forasteiro pode admirar. E' o pano de fundo mais pittoresco da Capital, e parece estheticamente calculado para a impressão artistica.

Apresento ao estudioso a reproducção de uma lithographia portugueza, assignada por *Sousa e Barreto* (que não sei quem eram). Sahiu em Março de 1845; representa a Cidade de então, mas (com algumas differenças) ainda hoje nos mostra nas suas linhas geraes a vista actual.

Nos bonitos primeiros planos negreja o arvoredo da quinta dos Marquezes de Castello-Melhor, que todos vimos devastar, e em cujo sitio se erguem hoje o *Avenida Palace Hotel,* a monstruosa estação pseudo-manuelina do caminho de ferro, etc. O palacio, desenho de Fabri, e que n'este momento (Março da 1903) pertence por compra ao snr. Marquez da Foz, e está sendo banalisado e deturpado com uma serie de lojas ao rez da rua, esse fica encoberto. A' esquerda da estampa, em baixo, abre-se o largo *do Passeio publico* (hoje praça *dos Restauradores);* lá vai, a caminho do Rocio, uma das antigas seges de boleia. Logo a diante rompe-se o Rocio, onde avulta o theatro em construcção. Espreita-nos a fachada de S. Domingos; lá no fim, na extrema direita, recortam-se as torres da Sé, e d'ahi vai-se levantando o amphitheatro dos sitios de S. Christovam, S. Lourenço, e Costa do Castello,

Vista tirada do jardim de S. Pedro de Alcantara em 1845

desde a bateria até á muralha da antiga torre e porta de S. Lourenço. A linha recta da Outra-banda do rio equilibra as linhas montuosas do quadro, e responde com a nota azul do Tejo ao verde do bosque e ao claro-escuro da casaria.

Repito: é um lindo trecho da paizagem lisbonense; não o pude omittir no meu cosmorama.

*

Uma fonte antiga jorrava as suas refrigerantes lymphas ahi ao-pé; era da Camara, por ter esta comprado a agua, o terreno, e o telheiro que a abrigava (1).

Ahi se construiu por 1740 um chafariz novo, que, não sei por que motivos, attrahiu as satyricas quatorze chicotadas de um Soneto anonymo (2).

---

(1) Cartorio da C. M. de L.—Livro 1.º de compras, fl. 182.

(2) A fls. 115 do cod. mss. M-3-40 da Bibl. Nac. de Lisboa intitulado *Sonetos a varios assumptos* escriptos no anno de 1740. Communicação do meu velho amigo o Dr. Xavier da Cunha. Foi nomeado *Segundo Conservador* da Bibliotheca por decreto de 18 de Novembro de 1886, depois de concurso, e não em virtude do compadrio. Pela reforma perpetrada pelo decreto de 29 de Dezembro de 1887 ficou classificado como *Conservador*. Pela nova reforma de 24 de Dezembro de 1901 foi qualificado *Primeiro Conservador*. E ultimamente, por decreto de 27 de Novembro de 1902, foi elevado a *Director* do mesmo estabelecimento. A nomeação do Dr. Xavier da Cunha foi applaudida de todos. Em quanto viamos, pelas ultimas reformas, entrarem empregados, altos e baixos, pela janella, sem concursos, sem habilitações technicas, e sem precedentes, este novo Director entrou de cabeça erguida,

Como as obras em Lisboa nunca sabem correr pela posta, só em 8 de Setembro de 1745 começaram as cinco bicas d'esta nova *Fontana di Trevi* a correr e a satisfazer a gallegagem (1). Era, diz o auctor d'onde tiro essa noticia, defronte da egreja do convento de S. Pedro de Alcantara, «no grande terrapleno que ali se ampliou» (o terreiro tão justamente ambicionado pela Sociedade promotora das Bellas Artes); e a agua vinha encanada desde o chafariz de Campolide.

*

O lindo tanque actual, collocado ahi ha poucos annos, pertenceu á quinta Real da Bemposta.

*

Logo a diante do convento de S. Pedro de Alcantara, na esquina septentrional da travessa *da Estrella,* todos conhecemos um palacete moderno de sobreloja e 1.º andar muito alto, pertencente ao snr. Marquez da Praia e de Monforte, e onde morou alguns annos o fallecido Conselheiro Anselmo José Braamcamp, honrado homem, chefe do partido chamado progressista. Ahi teve esse illustre Ministro um incendio, na madrugada de 4 de Julho de

---

entrou pela porta, entrou em virtude de um concurso documental, oral, e escripto, entrou munido de alta instrucção profissional, e dando desde o principio toda a garantia do bom desempenho do seu cargo.

(1) Castro — Mappa — T. III. pag. 157, freg. da Encarnação.

1880, em que perdeu todas as suas ricas alfaias, mandando salvar primeiro que tudo, em quanto foi tempo, os papeis officiaes; no que, deu mais uma prova da sua abnegação.

Entre as irreparaveis perdas devo mencionar, com muita pena, um retrato grande, corpo inteiro, de seu notavel avô José Francisco Braamcamp de Almeida Castel Branco, pintado por Sequeira. Perda lamentavel para a Arte nacional!

Já me referi a essa pintura na pag. 73 d'este volume.

*

A proxima travessa *da Estrella* tem uma nobilitação: ahi morou, e ahi falleceu, a grande e sympathica Luisa de Aguiar Todi, no 1.º de Outubro de 1833, segundo diz José Ribeiro Guimarães na biographia da *diva*. Se o nome da travessa não fosse anterior, poderia um lyrico applicar-lh'o desde aquelle anno: ali raiou, ali teve o seu occaso, uma verdadeira Estrella das artes scenicas.

*

Pouco a cima, já na rua do Moinho de Vento (hoje *de D. Pedro V*, não se sabe bem porquê) esquina da rua *da Rosa*, encontrava-se o palacete abarracado, e de singelissima apparencia, da familia Salema, com uma ermida sobre a dita rua *da Rosa*. Ignoro a fundação de ambas. Tudo desappareceu

por 1883, se não me engano, alargando-se a rua, e rolando-se de casas novas.

Já porém esta sensata ideia de alargamento reinava em 1880. Em 5 de Julho o Vereador Alves instou pela conclusão (1).

Uma noticia interessante reclama aqui o seu cabimento.

No palacio hoje n.os 70 a 92 morou o Conde Raczynski, Ministro de Prussia em Lisboa, chegado a esta Capital a 13 de Maio de 1842, segundo colhi no jornal *L'Abeille* (2).

N'essa casa pois reuniu elle os numerosos apontamentos para as suas importantes obras de critica artistica dedicadas a Portugal.

O tecto de uma das salas era pintura de João Thomaz da Fonseca, nascido em 1754, pae do distinctissimo artista Antonio Manuel da Fonseca, fallecido em fins de 1890 (3).

Quanto aos trabalhos do Conde A. Raczynski, direi, sem presumpções a juiz, o que penso.

Gósto dos dois livros d'elle consagrados a nós: as Cartas, e o Diccionario. Tenho-os lido, manuseado, e até annotado para meu uso. Lisonjeia o nosso patriotismo ver como um estrangeiro estuda os nossos costumes, esquadrinha os nossos haveres, examina as nossas producções, com seriedade, com gravidade sempre distincta, e auxiliado de estudos previos perfeitamente dirigidos. Não nos caricatu-

---

(1) *Arch. Mun. de Lisb.*—1880—pag. 388.

(2) De 1 de Junho seguinte. E dil-o elle proprio.

(3) Raczynski—*Dictionn.*

rou; não aproveitou a nossa hospitalidade para nos insultar de torna viagem.

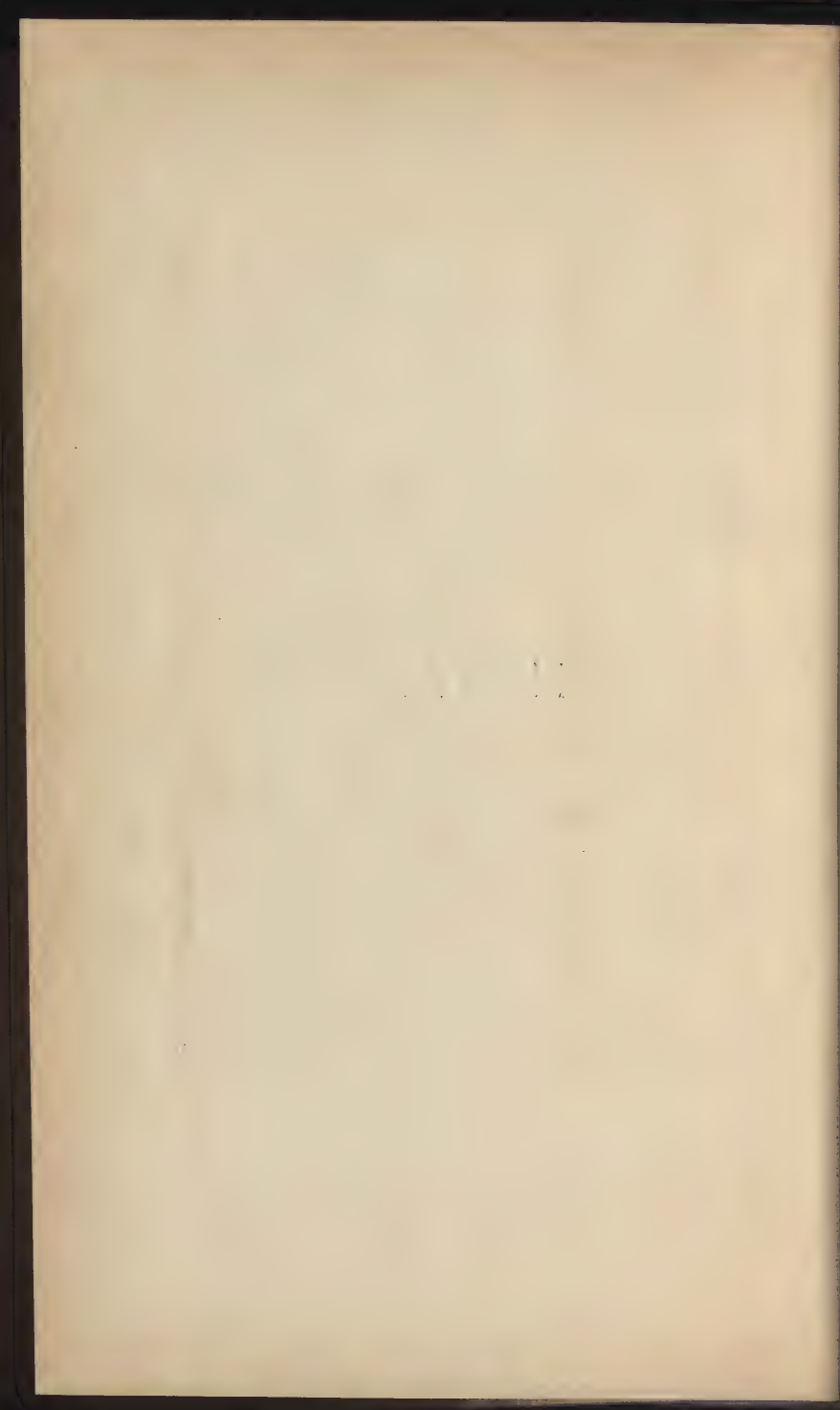
Não sei o que fosse em Portugal o papel politico d'este diplomata. A julgar pelo que investigou no campo artistico, admiram-se os altos predicados do investigador. Devia ser um laborioso e incançavel sujeito! Pelo muito que pesquizou no nosso campo artistico, então quasi por desbravar, dir-se-hia ter vindo á Peninsula, commissionado pelo seu Governo, para estudar as nossas Artes; e vê-se não ter perdido tempo, nem occasiões de se illustrar. O seu prologo é datado de 6 de Dezembro de 1843, quando havia apenas anno e meio que o auctor se achava entre nós, isto é, n'um mundo novo, entre costumes extranhos, entre gente em geral pouco bem informada. E' pasmoso o que a actividade e a sagacidade conseguiram em tão pouco tempo.

Serve essa circumstancia para desculpar levezas nas apreciações, altibaixos de critica, fluctuações de opinião, reconsiderações, severidades injustas. Ninguem faria mais do que fez Raczynski; e os seus livros são, depois dos serios mas incompletos estudos de Wolkmar Machado e Taborda, o que temos melhor no genero, como conjuncto.

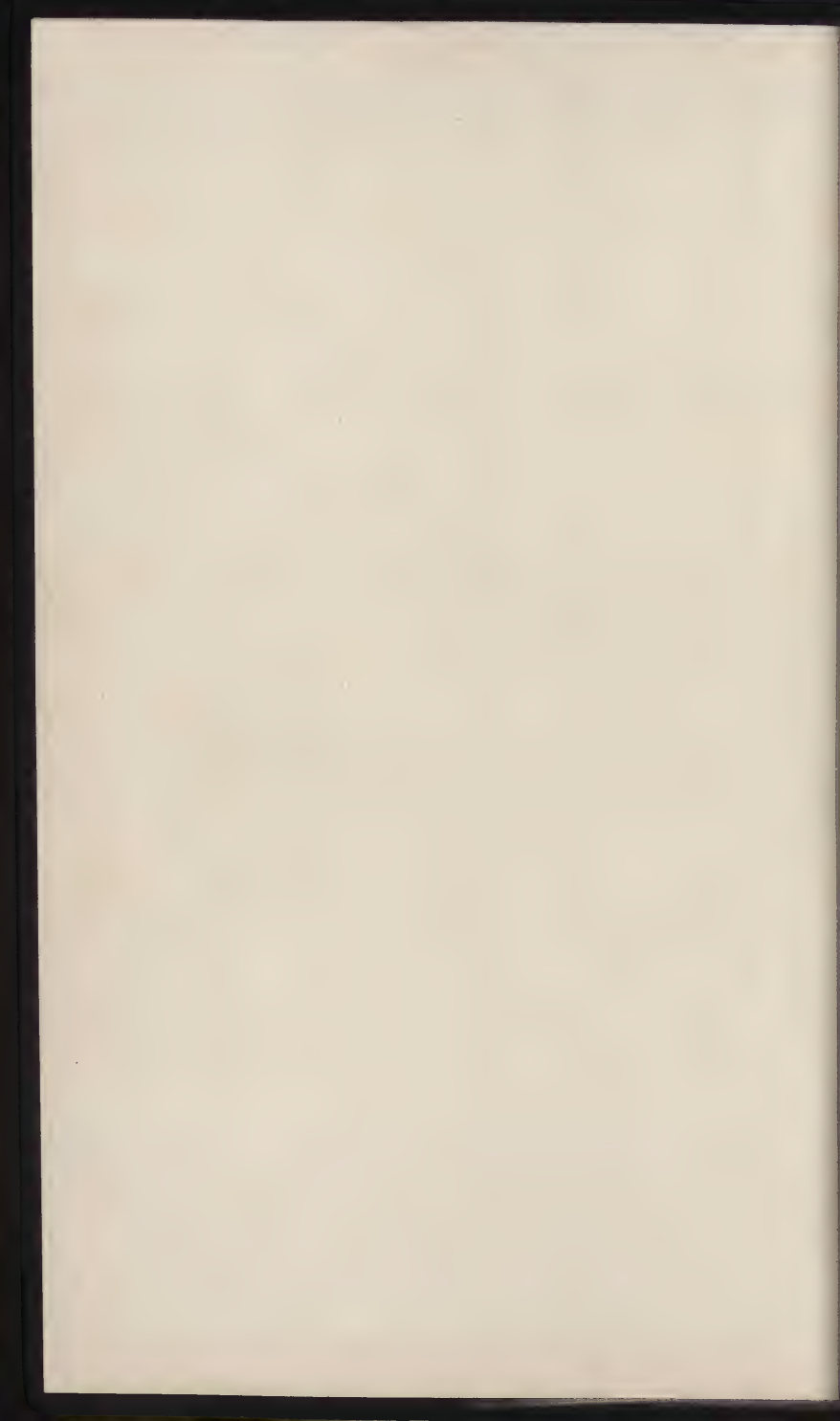
Se este escriptor tem a embocadura feliz para julgar assumptos de pintura, falta-lhe, porém, quanto a mim, um certo calor, sem o qual o julgamento nos não impressiona. Raczynski observa, mas raramente contempla; os seus periodos acabam no tom peremptorio do ponto final, e nunca vibram como o ponto de admiração. Temperamento, ou estudo; não sei decidir.

Raczynski é guia valioso, mas não infallivel. Sabe muito, mas creio que sente pouco. Ora em Arte o sentimento é muitissimo, se não é quasi tudo.

Não pareça isto que digo acintosa critica ás suas criticas. Reconheço affoito o que nos deu, e lhe ficâmos devendo; reconheço e assignalo, a medo e de passagem, as suas faltas, ou isso que como tal se me figura; e, a despeito d'essas leves maculas, reconheço tambem, e digo-o bem alto, que os livros do Conde Raczynski foram, sempre que se trata de apreciações artisticas, um dos subsidios melhores das minhas pesquizas.

FIM DO VOLUME III

Nossa Senhora da Gloria

Para o leitor intercalar na pag. 286 do volume I

Nota I. — Pag. 58

Anselmo José da Cruz Sobral

«Anselmo José da Cruz tinha viveza, e sabia do commercio; porém o que elle sabia melhor era distribuir dinheiro com liberalidade em todas as occasiões que se lhe offereciam de promover o seu interesse. Já disse como elle entrou no Contrato do Tabaco, conservando-se chefe do mesmo emquanto foi vivo, não obstante ter sido obrigado por vezes a largar quinhões a outros validos, como Quintella, João Ferreira, e Jacintho Fernandes Bandeira; quinhões que estes dois ultimos transferiram a seus herdeiros, assim como Machado e Caldas aos seus, e o mesmo Anselmo a seu genro Braamcamp.

«Além da administração do referido Contrato do Tabaco, pela qual lhe eram abonados annualmente para cima de 100:000 cruzados, a titulo de despezas occultas, de que não era obrigado a dar conta, fazia um grande commercio particular, emquanto os irmãos estiveram no Erario, por meio de cuja influencia obtinha promptos pagamentos de tudo o que mettia por si, ou por interpostas pessoas, nos Arsenaes Regios; e o mesmo lhe acontecia com os trigos que mandava vir de fora, achando no Terreiro preferencia de logares, e mais prompta sahida.

«Como, por fallecimento de Joaquim Ignacio, recahisse a Inspecção das Obras publicas em Anselmo José da Cruz, veio

este a ser encarregado da obra do Convento do Coração de Jesus, no sitio da Estrella, que ouvi ter custado 5 milhões de cruzados; e pelo zelo que mostrou no desempenho d'esta obra lhe fez a Rainha N. S. a mercê da Carta do Conselho, e de todas as madeiras que ficaram, e haviam servido aos andaimos, e que eram tantas, que no tempo se disse terem quasi chegado para a construcção das numerosas propriedades de casas que elle edificou, e formam o grande quadrado isolado entre o Chiado, rua de S. Francisco e rua Nova do Almada.»

Ratton — «Recordações».

Nota II. — Pag. 69

Prussia e Hollanda

Apontamentos offerecidos ao meu amigo o sr. Visconde de Castilho

«Frederico Guilherme, o grande Eleitor, visitou aos quatorze annos as universidades *hollandezas*. Viu ahi o que pode um povo valente e firme, apesar de pequeno, debaixo de um governo sabio. Os *Hollandezes* tinham-se libertado do jugo hespanhol, e agricultura, commercio e industria floresciam entre este povo extraordinariamente trabalhador. O Satthalder, futuro sogro de Frederico Guilherme, estimava muito o joven Principe, pelo seu genio consciencioso e applicado.

«Em 1640, aos vinte annos de edade, tomou este posse dos seus estados, entre elles o Ducado de Clèves, fronteiriço á *Hollanda*, e encorporado aos estados de Brandenburgo pelo Eleitor João Sigismundo (1608-1619.) Encontrou tudo n'uma situação desgraçada, devida principalmente á guerra dos trinta annos. O bem-estar material estava profundamente desorganisado; districtos inteiros completamente arruinados; o Condado de Ruppin, por exemplo, de 32 milhas quadradas, tinha só quatro miseraveis aldeias; Berlim tinha seis mil habitantes; e em Prenzlau, cidade de setecentas casas, havia só cem habitadas. A moralidade e a educação do povo tinham padecido muito com aquella horrorosa guerra.

«Tratou o novo Eleitor primeiramente de levantar a agricultura. *Hollandezes* chamados por esse Principe, e auxiliados por elle, estabeleceram-se nas margens do Havel, nas planicies do Odor e do Warthe. Eram mestres na arte de enxugar pantanos, e aproveital-os á cultura; a sua forma do tratamento das vaccas tornou-se modelo. A nobre esposa do Eleitor, Luisa Henriqueta de Oranje, Princeza *hollandeza,* estabeleceu em Oranienburg uma lavoira modelo.

«Para levantar o commercio mandou Frederico Guilherme construir o canal a que deu o seu nome, trabalho de seis annos, em que devem tambem ter-se empregado *Hollandezes.*

«Estabeleceu na costa occidental africana — Guiné — uma colonia, e mandou construir nove naus, de vinte a quarenta canhões. Tanto na construcção como no manejo dos navios empregou certamente *Hollandezes,* e entrou sem duvida em contrato com Portugal. O porto de Emden, separado da *Hollanda* só pelo pequeno golpho de Dollart, era o emporio do commercio com o ultramar.

«Falleceu Frederico em 1688.

«Durante os reinados de seu filho Frederico (1.º Rei em Prussia desde 1701), amador e protector de artes e sciencias, em que os *Hollandezes* eram eximios, e de seu neto Frederico Guilherme I (1713-1740), excellente administrador e organisador, não terão perdido a influencia na novél Monarchia Prussiana os *Hollandezes* attrahidos pelo Grande Eleitor.

«Frederico II, o Grande (1740-1786), que se viu a braços com a primeira guerra da Silesia (1740-1742), mal tinha subido ao throno, e pouco depois com a segunda guerra da mesma Silesia (1744-1745), tinha onze annos de paz antes de começar a guerra dos sete annos. Este grande Rei attrahiu ao seu serviço muitos estrangeiros notaveis; tinha mesmo um fraco pronunciado, e muitas vezes demonstrado, para com as pessoas e coisas estrangeiras. *(Vide Goethe Da minha vida,* Livro VII, e XI).

«Creio que estes apontamentos deixam adivinhar por que em 1750 um *Hollandez* era Ministro de Prussia em Lisboa.

OTTO HUMMEL.»

Nota III. — Pag. 225

Bocage

O retrato de Bocage aqui reproduzido tem historia.

Passava eu na manhan de 3 de Abril de 1889 pela rua do Vigario, em Alfama, vindo da estação de Santa Apollonia, pois morava na quinta de S. Bento, nos Olivaes, quando reparei em que, ao fundo da miseravel loja de um predio, na qual trabalhava um pobre velho sapateiro, pendia de um prego uma gravura esfarrapada. Olhei, e vi Bocage! Não resisti, entrei, e perguntei ao velho por quanto me quereria vender aquelle retrato.

—Vender eu isso? tinha que ver! então de que vale esse farrapo?

—Vale pouco para V.m.cê, pelo estado a que o deixaram chegar; mas para mim vale, por ser a figura de um grande Poeta. V.m.cê sabe o que é um Poeta?

—Sei, meu senhor; é um homem que bota cantigas.

—Sim, pouco mais ou menos.

—Este sujeito, dizem que era muito divertido.

—Era, e muito infeliz tambem. Faz-me dó vel-o mal estimado, até depois de morto, e desejo compral-o.

—Pois não o compra, não senhor; se o quer leve-o, que a mim tanto se me dá como se me deu.

Rudeza franca, de quem quer sinceramente obsequiar, e ignora as formulas banaes.

E eu pensava com Lafontaine:

... le moindre grain de mil
Ferait bien mieux ton affaire.

Insisti, mas o bom homem venceu, e obrigou-me a levar a gravura. D'ahi a dias tornei a passar, e offereci ao deslumbrado offerente uma porção de estampas vulgares, coloridas com muito encarnado, azul, e verde, que o deixaram satisfeitissimo do presente, e a mim tambem.

Lavei o meu pobre Manuel Maria, já sem margens, purifi-

quei-o segundo as regras da restauração das gravuras (arte em que sou eximio), *espelhei-o* n'outro papel grande, dei a tudo, com caffé, um tom antigo, e de outra egual gravura da Bibliotheca tive arte de copiar os dizeres que faltavam, e que são estes:

A' esquerda: *Henrique Jozé da Silva del.* A' direita: *Francisco Bartolozzi R. A. sculp.* Em baixo: MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE. *Dedicada ao Ill.mo e Ex.mo Sñr. Antonio de Araujo d'Azevedo Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra Por seu Obrigadissimo, e mais atento servidor Henrique Jozé da S.a*

Agora este retrato authentico do grande Bardo, devidamente estimadissimo, pende (entre muitos outros *intellectuaes)* na parede do meu escriptorio.

Habent sua fata...

Quem o vê, jura que é um bonito exemplar, cuidadosamente conservado, da celebre gravura; ufano-me com a minha pericia em concertar farrapos. Tambem, é a unica prenda de que me orgulho.

Com tudo que succedeu, e conto aqui, folgou a sombra de Elmano, folgou a de Henrino, folgou a de Bartolozzi, folgou o sapateiro, e folgo eu.

NOTA IV.—Pag. 226

BARTOLOZZI

O retrato de Bartolozzi tambem merece duas palavras.

A figura do grande artista pintada por P. Violet, foi gravada em cobre pelo notavel Jacques Bouilliard; primorosamente tratada, no conjunto e nos pormenores. E' apenas o busto em perfil, farta gravata, casaca á Directorio, e cabelleira com rabicho, cujas fitas pretas destacam no fundo, emmoldurado n'uma ellipse muito singela. A ellipse firma-se n'uma base, em que se vê um baixo-relevo allegorico. Vou tentar interpretal-o.

A' esquerda, sobre um colchão de nuvens jaz o Tempo, meio adormecido. Varios Genios da Arte erigiram um obelisco em honra de Bartolozzi, onde um lhe está escrevendo o nome; os brados dos companheiros acordam o desdenhoso Tempo, a quem um apresenta o monogramma do artista, e parece dizer-lhe: «Surge! levanta-te! não o esqueças! é elle! é Bartolozzi.» Aquelles trazem corôas; aquell'outro ostenta na mão a serpe enroscada, symbolo da Eternidade, e firma-se sobre tres volumes de gravuras do mestre, aos quaes se encosta uma mulher meditando, com a palheta na mão. Uma Nympha lança agua ás mãos de outra Nympha, como mostrando a pureza da intenção moral do artista verdadeiro.

Na parte inferior da gravura lê-se:

A' esquerda: *P. Violet. Pinx.*[t]; á direita: *J. Bouilliard. Sculp.*[t]. Ao meio: FRANCISCUS BARTOLOZZI | *Florentiæ natus 25.*[a] *die 7.*[bris] *1728* | *Publish'd 1.*[st] *Jully 1797 by J. Bouilliard. London. A Paris chez l'Auteur, rue S.*[t] *Thomas d'Enfer, Division des Thermes, N.º 23 & 720.*

D'esta gravura me offereceu em 17 de Abril de 1903 o meu velho amigo Julio Carlos Mardel de Arriaga um esplendido exemplar, trocando-o pela minha copia á penna; bilha de azeite... a d'elle; bilha de leite... a minha.

Traços firmes, leves, claro-escuro bem entendido, e muito vulto.

A respeito de grande mestre, Florentino pelo berço, Portuguez pela campa, e cujas obras, revelando consumada mestria, tão bellas são no relevo e na *côr*, diz Cyrillo ter sido discipulo de Wagner (o não menos illustre José Wagner, nascido em Thalendorf em 1705, domiciliado em Veneza, auctor de chapas de primeira ordem reproduzindo Paulo Veronez, Bento Lutti, Carlos Vanloo, Antonio Balestra, Sebastião Ricci, etc.), ter passado a Londres em 1762, ter sido contratado para Lisboa em 1802 por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, e ter regido cá uma aula de gravura.

A certidão obituaria, de que me transmittiu copia, a meu pedido, o meu bom e respeitavel amigo o Rev.[do] Padre João Adelino Monteiro Vacondeus, actual Prior encommendado de Santa Isabel, resa assim:

«Santa Isabel.

«Do liv. 9.º dos obitos da freguesia de Santa Isabel de Lisboa consta a fl. 48 o seguinte termo:

«Em os sete dias do mez de Março de mil oito centos e quinze annos, na rua de Santa Quiteria d'esta freguesia de Santa Isabel falleceu com os Sacramentos Francisco Bartolozi casado com Luzia Bartolozi ficou-lhe hum filho e foi sepultado, digo e fez testamento na nota do Tabalião Isidoro Manuel de Passos ficou por seu testamenteiro Francisco Thomaz Mendanha foi sepultado no Carneiro d'esta Igreja de que fiz este termo. O C.[or] José Glz. Ferr.[a] — A' margem do assento lê-se a lapis *celebre gravador*, o que julgo ser da lettra do D.[r] J. Maximo, meu antecessor. — E nada mais contem o referido termo. — Lisboa, Santa Isabel, 19 de Abril de 1903.— O Prior — João Adelino Monteiro Vacondeus.»

Pergunto:

1.º — Onde pára hoje esse cartorio do tabellião Passos?

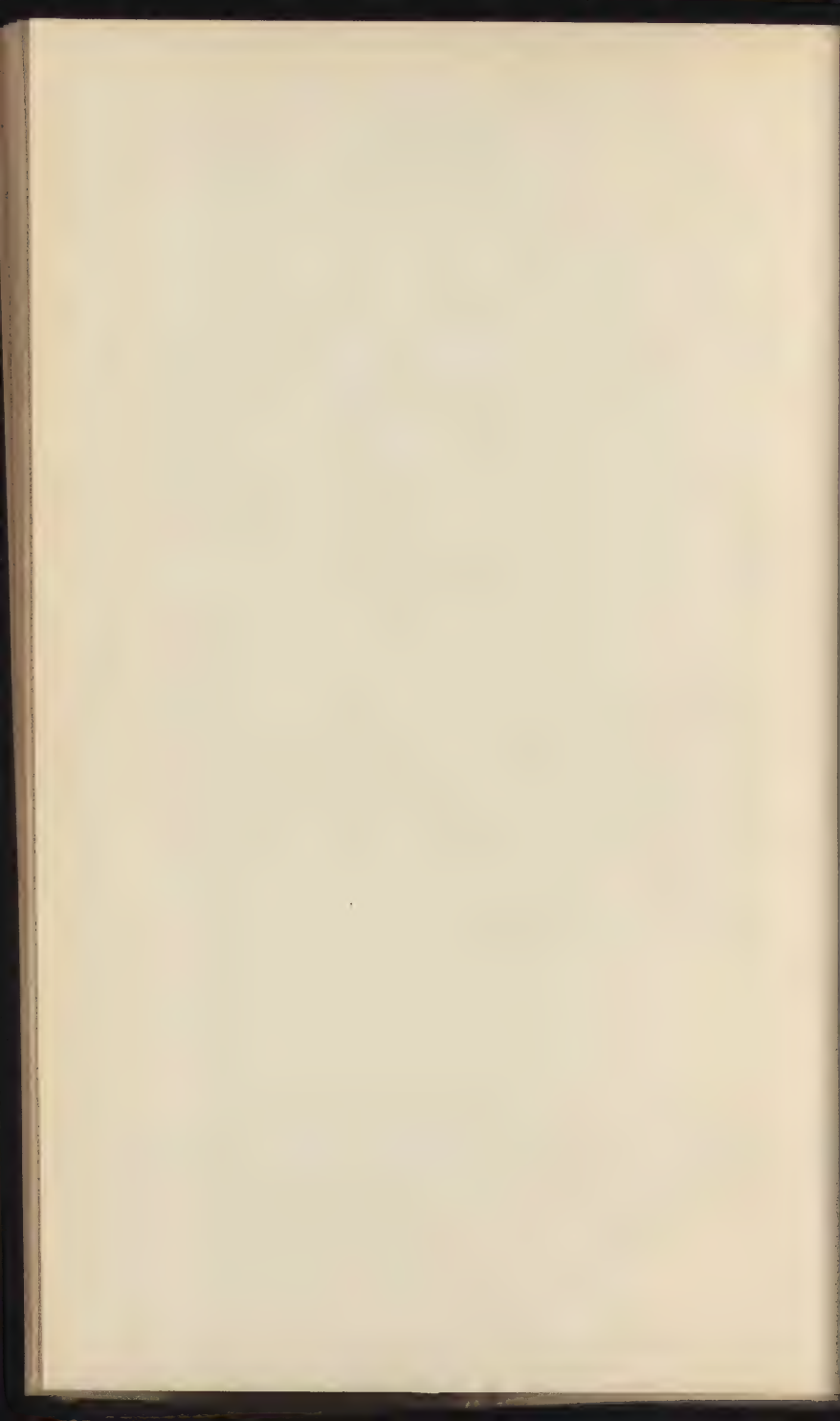
2.º — Não seria interessante conhecer as ultimas vontades do honrado e benemerito gravador?

3.º — Luzia Bartolozzi era italiana, ou portugueza?

4.º — Que fim levou?

5.º — Que nome teve o filho d'esse matrimonio? até que annos viveu? que fez n'este mundo?

6.º — Quem era o Mendanha, certamente amigo intimo, a quem coube a testamentaria?

Oxalá possa alguem esclarecer-me!

RESENHA

DAS

ILLUSTRAÇÕES D'ESTE VOLUME

José Corrêa da Serra, Secretario da Academia Real das Sciencias.

Pag. 96 — O Duque de Wellington. Reproducção da grande gravura em cobre que precede o livro raro intitulado *Campaigns | of the | British Army | in | Portugal | under the command of | General the Marquis of Wellington, | K. B....* London — 1813 — Fol. max. A dita gravura traz na parte inferior, á esquerda: *Painted and engraved by H. Lévêque.* Em baixo: *Field Marshal Arthur Duque of Wellington. | Duke of Ciudad Rodrigo in Spain, Duke of Victoria in Portugal, etc. — Pub.d 1815 for the Proprietor by Mess.rs Colnaghi et C.a*

Pag. 117 — Vista da quinta da Mitra, ao Poço do Bispo, tomada da estrada ao ir de Xabregas. Photogravura de um desenho do habilissimo artista o snr. Roque Gameiro, pelo mesmo obsequiosamente offerecido á *Lisboa antiga*, que muito lh'o agradece.

Pag. 124 — Vista do Paço da Ribeira em Lisboa, no seculo XVIII; photogravura de uma grande gravura em cobre. Em baixo lê-se: *Prospectus Fori Palatini Ulissippone — Vue de la Place du Palais a Lisbonne.* Não tem nome do gravador. Pertence á collecção Olisiponiana de J. de C., e foi-lhe offerecida em 4 de Março de 1887 pelo Dr. Xavier da Cunha. Vê se a chegada de cinco coches de gala ao torreão do paço, em cujo andar nobre ficava a sala de recepção para os Embaixadores estrangeiros.

Pag. 138 — Horatio Justus Perry — reproducção de uma photogravura publicada n'um periodico illustrado de Boston (Estados Unidos da America do Norte).

Pag. 154 — D. Pedro de Sousa Holstein, 1.° Conde de Palmella, e depois Duque da mesma villa; reproducção de um desenho a lapis por J. de C. A figura em farda diplomatica ostenta a Cruz e a Commenda de Christo, a Gran-Cruz e a placa de Carlos III.

Pag. 157 — Palacio dos Duques de Palmella no Calhariz, em Lisboa. A' esquerda vê-se ao longe o cunhal do palacio Sobral. Desenho a tinta da China por J. de C.

Pag. 194 — *O S. Jezus dos impossiveis. Venerase esta Imag. na Ermida da Ascenção sita na Calsada do Combro.* Photogravura de uma gravura em cobre sem nome do autor.

Pag. 195 — *Ascensão do Senhor.* Quadro que existiu na sua Ermida na Calçada do Combro. Reproducção de uma lithographia assignada *Menna — Off. R. de S. Paulo N.° 5.*

Pag. 199 — *Sr. Jezus do Patrocinio prezo á Coluna que se venera na Igreja de N. Snr.a das Merces.* Photogravura de uma má gravura em cobre assignada Debrie.

Pag. 200 — Imagem de Nossa Senhora das Mercês na sua capella da rua Formosa.

Pag. 204 — Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.° Conde de Oeiras e 1.° Marquez de Pombal. Photogravura do busto do grande homem segundo a celebre gravura que representa a expulsão da Companhia.

vura em cobre, assignada *P. E. 1866 — Estamparia, Rua do Ouro, 6, Lx.ª*

Pag. 268 — Egreja do convento de Nossa Senhora da Divina Providencia, dos Clerigos Regulares Theatinos, na actual rua dos Caetanos, tal como era em 1833 segundo desenho de Luiz Gonzaga Pereira. Copia por J. de C.

Pag. 282 — *N. S. de Jesus. A quem diante desta Imagem rezar huma Ave M.ª conc. o Em.º S.r Card. Patriarcha 40 dias de Indulgencias.* — Gravura em cobre assignada *Queiroz fez.*

Pag. 284 — Frontaria da egreja do convento de Jesus, sobre o largo do mesmo nome. Reproducção da *Mnemosine Lusitana.* Vê-se o antigo adro, com o engraçado feitio que tinha. Pouco obstruia, ou nada, aquella praça pouco concorrida, mas demoliram-n-o. A gravura é assignada *P. A. Cavroé copiou, Fon.ca Filho esculp.*

Pag. 286 — Retrato do Doutor Antonio de Sousa de Macedo. Reproducção de um desenho á penna por J. de C. no estylo das antigas gravuras.

Pag. 287 — Aspecto geral da egreja de Jesus, com uma parte do edificio do convento, hoje Academia Real das Sciencias. Ao fundo vê-se o Recolhimento da Ordem Terceira. Reproducção de photographia tirada talvez da cerca.

Pag. 301 — Nossa Senhora da Conceição. Pintura a oleo de auctor desconhecido, e que, segundo os entendedores, mais parece uma boa *copia* do que um *original.* Foi comprado este quadro no leilão que fez a Academia Real das Sciencias, em 1864 (pouco mais ou menos) por J. de C., como recordação do Padre Mestre Frei José Mayne. Custou 6$000 réis. O quadro mede na sua maior altura metro e meio, sobre noventa centimetros, aproximadamente. Como a reproducção photographica não sahiu nitida, houve necessidade de a retocar; mas a pessoa que o fez não viu o original, e por isso esta estampa deixa de representar com verdade o lindo rosto da Senhora, que é de notavel formosura no quadro a oleo.

Pag. 308 — Imagem de *Santo Antonio, o pobre. Venera-se no Convento de N. Snr.ª de Jesus.* Reproducção de gravura em cobre assignada *João Cardini f.*

Pag. 312 — A Rainha D. Maria II em 1835, photogravura de uma lithographia por Mauricio José Sendim. O original acha-se rodeado de emblemas e figuras allegoricas, que n'esta reproducção se supprimiram. Sua Majestade tinha então 16 annos.

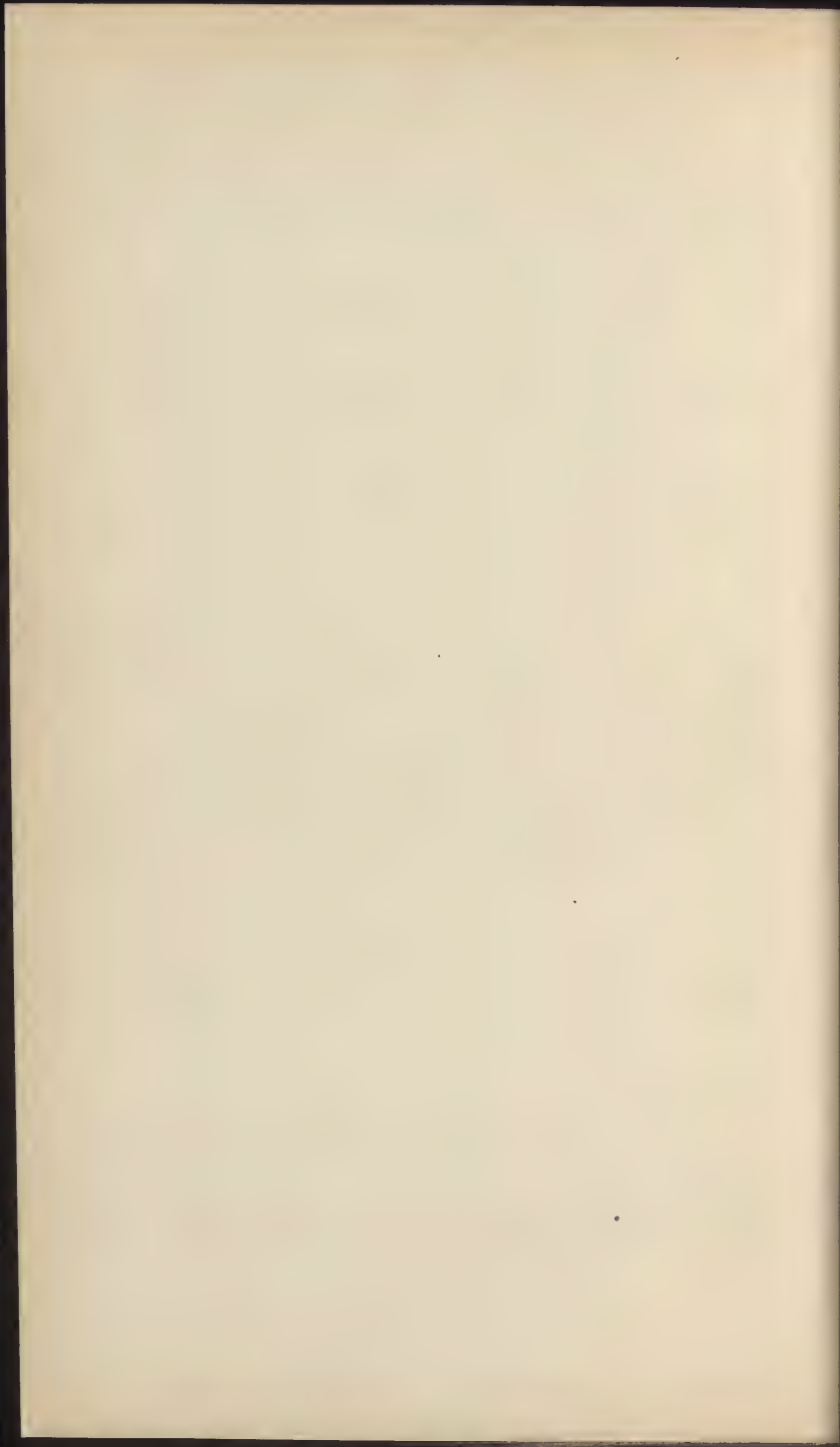
Pag. 336 — Frontaria do antigo Hospicio dos Clerigos pobres na rua de S. Pedro de Alcantara, tal como era em 1833. Copia a tinta da China por J. de C. do desenho por Luiz Gonzaga Pereira conservado na Bibliotheca Nacional.

Pag. 340 — Retrato do Conde de Cantanhede, 1.º Marquez de Marialva, reproducção de uma phototypia, que (além de outras) o nosso illustrado Consul em Liorne, o sr. Antonio de Portugal de Faria, mandou tirar do quadro original existente em Florença na Galeria *degli Uffizzij,* e dos quaes teve a extrema bondade de me en-

viar a collecção, brinde que muito lhe agradeço. Ao fundo lê-se: *M: de Marialva;* à direita percebem-se as Armas dos Meneses.

Pag. 345 — Frontaria da egreja e convento de S. Pedro de Alcantara tal como era em 1833. Copia por J. de C. do desenho de Luiz Gonzaga Pereira conservado na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Pag. 360 — Vista de uma parte de Lisboa tirada da alameda superior do jardim de S. Pedro de Alcantara. Reproducção de uma bella lithographia grande, por *Sousa e Barreto lithographos,* publicada em Março de 1845, e cujo annuncio se encontra na *Revista Universal Lisbonense,* T. IV, pag. 435.

Para o leitor intercalar no volume II, a pag. 268: Reproducção da Imagem de Nossa Senhora da Gloria, ainda hoje venerada no altar mór da capella da Gloria, que pertenceu aos Condes de Lumiares.

INDICE

D'ESTE VOLUME III

A

O CONVENTO DA TRINDADE EM 1833

(segundo Luiz Gonzaga Pereira)

Gravura que deve ser collada a pag. 367 do volume 1.º d'esta obra. A' esquerda vê-se o cunhal do actual largo *da Trindade* sobre a rua *Larga de S. Roque*. A' direita vê-se a egreja do mosteiro. Entre esta e a segunda pilastra da cantaria, a contar da do canto, rompeu-se a actual rua *Nova da Trindade*, que leva ao largo de S. Roque. O portal em frente do espectador deve ser da portaria.

B

D

E

F

G

H

I

J

N

O

P

R

S

T

U

V

W

Z

NOVO RETOQUE AO VOLUME I

A respeito de Manuel de Andrade, administrador do prazo da Cabeça de Clerigo, e mencionado a pag. 43, accrescentarei o seguinte:

Manuel de Andrade era filho legitimo de Manuel Gonçalves (ou Gonçalves de Andrade), e de Maria de Andrade; neto paterno de Francisco de Andrade Manuel, e de sua mulher Maria Vaz; materno de Manuel Fernandes Velho e de sua mulher Leonor de Andrade, todos da villa de Monsanto; christão velho dos quatro costados, sem raça de moiro, judeu, ou mulato; pertencia a uma das principaes familias da villa, e no seu sangue havia Juizes, Vereadores, Almotacés, Irmãos da Misericordia, etc.

Tudo consta de uma inquirição de testemunhas, cuja traslado foi passado por Domingos Pires de Mendonça, Tabellião publico do judicial e notas de Monsanto em 26 de Fevereiro de 1735.

RETOQUES AO VOLUME II

Pag. 258

Bernardo de Vasconcellos e Sousa não foi Conde de Castello Melhor, mas sim filho do 2.º Conde.

Pag. 103

A respeito do palacio do pateo do Thorel, hoje desapparecido o transformado, occorre-me o seguinte:

Já no tempo d'el-Rei D. João V encontro em Portugal gente com esse appellido francez (derivado talvez do italiano *Torelli);* a saber:

José Antonio Thorel, filho de Marcos Antonio Thorel, e de D. Joanna Francisca da Cunha. — 3 de Setembro de 1723 (Torre do Tombo, Habilitações na Ordem de Christo, Lettra I, Masso 102, n.º 36).

Francisco Xavier da Cunha Thorel, provavelmente irmão do antecedente, e Protonotario Patriarchal da santa Egreja de Lisboa. Bilhete para pagar os novos direitos da carta de Conselho — Ajuda 8 de Junho de 1779 (Torre do Tombo, Documentos

do Ministerio do Reino, Decretos, pasta 32, n.º 26; communicação do meu amigo José Ramos-Coelho).

Francisco Antonio Thorel e seu irmão *João Caetano Thorel*, creados Cavalleiros na Ordem de Christo. O pae e os avós paternos eram francezes, naturaes de Rouen; não apparecem mencionados no requerimento dos supplicantes, que allegam que, havendo difficuldade em fazer as inquirições em França, desejam dispensa d'ellas. Foi-lhes concedida por despacho de 23 Novembro de 1728. (Torre do Tombo, Habil. na O. de C. — F. 34, 30). Os requerentes affirmam acharem-se habilitados pelo Patriarchado de Lisboa e pelo Desembargo do Paço.

No palacio do pateo do Thorel habitou o Dezembargador do Paço Francisco de Abreu Pereira de Meneses, e ahi falleceu. Nas tardes de 30 e 31 de Mrio de 1815 havia de proceder-se ao leilão dos seus moveis, e das bestas das suas carroagens (*Gazeta de Lisboa*, n.º 123, de 27 de Maio de 1815). O leilão continuava a 6 de Junho, e ahi se viam *trastes preciosos e antigos*, e livros. *Gazeta*, n.º 131, de 6 de Junho de 1815).

Este palacio pertenceu a familia Sanches de Baêna; ahi morava em 1737 o infeliz D. Luiz Francisco d'Assis Sanches de Baêna; e, muitos annos depois, foi aforado pelos herdeiros d'elle á familia dos Mendoças, por 200$000 réis, quantia que antes do aforamento pagavam de aluguer.

Além de outros predios, já referidos na 1.ª edição dos outros volumes da *Lisboa antiga*, possuiam os Sanches de Baêna em Palma de cima, junto a Lisboa, a quinta e ermida de Nossa Senhora de Naza-

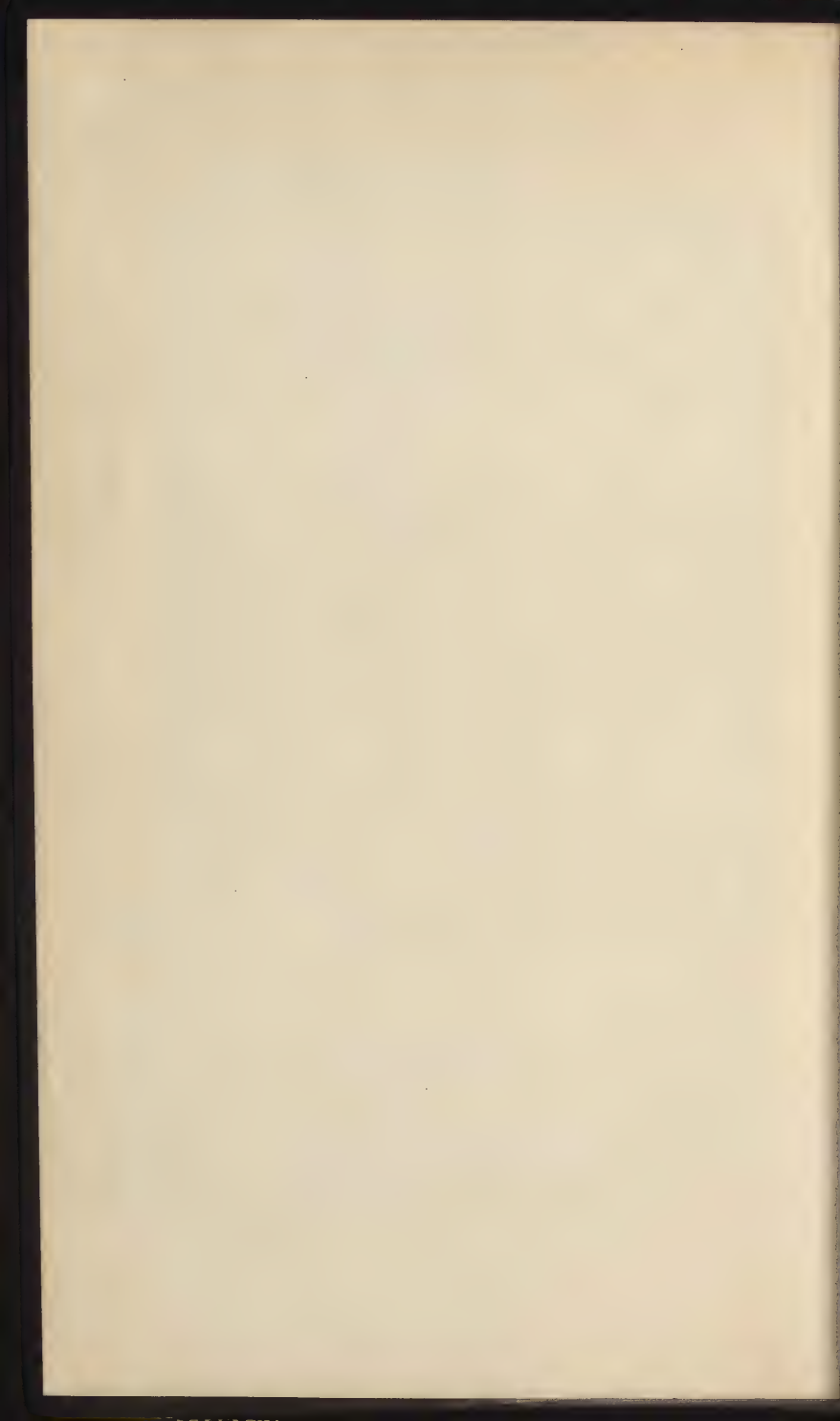
reth, cabeça de um morgado instituido por Bento de Baêna Sanches, irmão segundo do Doutor e Desembargador do Paço João Sanches de Baêna. Tinha este vinculo por absoluta condição usarem os seus successores os appellidos e armas de Sanches, Baêna, e Farinha, o que cumpriram, até á extincção dos morgados, os paes e avós de D. Francisco de Assis e Almeida, que ha poucos annos ainda possuia esta quinta dos seus descendentes, por elle comprada depois de ter sahido da linha dos representantes. Era casado D. Francisco com a respeitavel e virtuosa senhora D. Carlota Ferreira, e teem numerosa e illustre descendencia.

O muito notavel João Sanches de Baêna, um dos *restauradores* de 1640, é hoje representado pelo meu dilecto amigo o Visconde de Sanches de Baêna.

Pag. 105

André Rodrigues da Costa Barros foi Familiar do Santo Officio (Torre do Tombo, Familiares, M. 8, 136); ahi deve encontrar-se, se a alguem interessar conhecel-a, a sua descendencia.

Pag. 244

A filha de João da Nova chamava-se *Joanna de Alvim*, como se vê na pag. 245, e não *Leonor*, como sahiu por engano a pag. 244.

RETOQUES AO VOLUME III

Pag. 37

Joaquim Ignacio da Cruz Sobral falleceu a 25 de Maio de 1781.

Pag. 32

Em vez de *Repiio, se o não disse já,* leia-se: *Repito, se o disse já.*

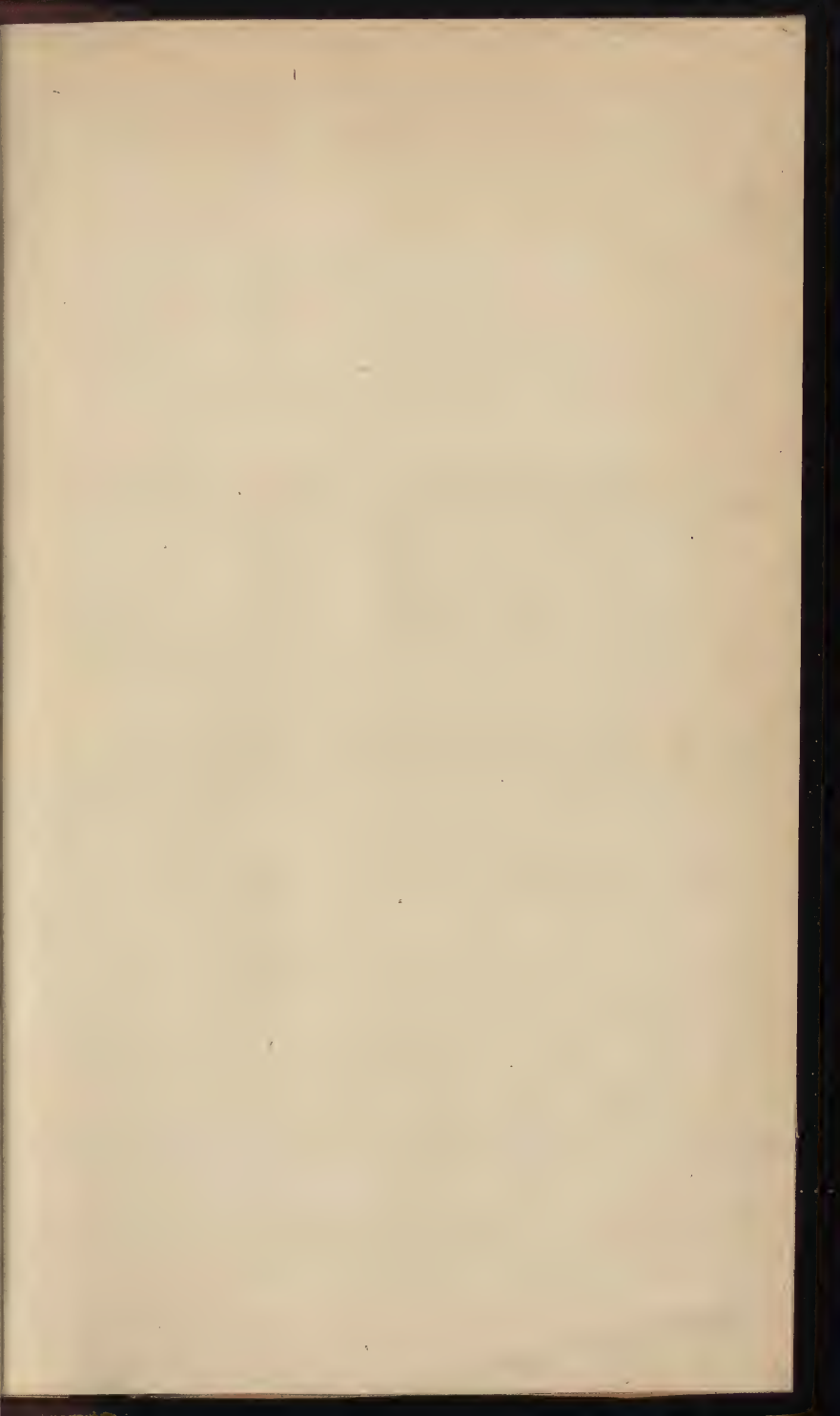
Pag. 85

O 3.º Conde de Ficalho, Francisco de Mello, falleceu a 19 de Abril de 1903; homem de elevados dotes intellectuaes, que empregou sempre em bem do seu Paiz, como Lente da Escola Polytechnica, Par do Reino, Gentil-homem, Mordomo mór, Conselheiro de Estado, e Embaixador; servidor honrado e dedicadissimo de seus Reaes Amos. A sua morte, sentida de todas as classes, deixou nas phalanges aristocraticas um vacuo difficil de preencher. Paz á sua alma, e honra á sua memoria.

Pag. 99

Em vez de *Ernesto Jorge,* leia-se *Ernesto George,* que é a graphia d'esse appellido allemão.

ERRATA

Pag. Lin.
370 — 19 — Onde se lê: *Salt-halder* — Leia-se: *Statthalder*.
371 — 4 — Onde se lê: *Odor* — Leia-se: *Oder*.

Ao leitor

O volume IV conterá as seguintes materias:

Palacio dos Ludovices – Policia antiga — Guarda Real da Policia — Diogo Ignacio de Pina Manique, Intendente geral — Estudo d'essa singular personalidade — Nomes das ruas e numeração dos predios — João Domingos Bomtempo, esboço historico-biographico — Palacio do Conde de Soure – Theatro do Bairro alto — A Rainha da Gran-Bretanha, D. Catherina de Bragança — Os Condes de Soure — Paço da Rainha na Bemposta — Largo do Metello – Palacio da snr.ª Marqueza de Pomares – Convento das Carmelitas descalças nos Cardaes de Jesus — Altos da Cotovia, e praça do Principe Real O Erario — Casa do Noviciado da Companhia, Collegio dos Nobres, Escola Polytechnica — O Pombal — Imprensa Nacional — Fabrica das sedas — Palacio Palmella – Chafariz e largo do Rato — Fabrica de loiça — Convento das Trinitarias do Rato — Antigas desordens no Bairro alto — Fogos suspeitos vigiados pela Policia — Limpeza da Cidade Venda a retalho — Vendeiros e vendeiras — Os pregões lisbonenses Illuminação publica desde o tempo antigo atè hoje — Vehiculos variadissimos — O porvir de Lisboa — Conclusões.